

tome a sério os seus dislates” (pág. 34).

Análise – Eis alguns exemplos da Campanha Católica Antiespírita! Não estamos criticando a Igreja; o que censuramos são as idéias falsas espalhadas sobre a humanidade em nome de Deus, da religião e da moral. Como concordar com a Igreja Católica que, em seu nome, usou de tão desonestos argumentos e sofismas?

Texto – “Experiências de Ectoplasma de William Crookes – Insuficiência de precauções (pág. 99). Indício de fraudes nas experiências de Crookes com Florência Cook (pág. 103). As experiências de Crookes destituídas de todo valor científico (pág. 110). As nossas suspeitas encontramos-las na obra de um grande impugnador do Espiritismo, e que é, ao mesmo tempo, um grande prestidigitador. Refirimo-nos ao livro “Espiritismo e Senso Comum”, do jesuíta mexicano Carlos Maria de Herédia, o qual, nas suas conferências teórico-práticas sobre o Espiritismo, conseguiu desiludir muitos, reproduzindo, por meio da arte de prestidigitação, os fenômenos espíritos, em público e em particular. (...) Tendo-se iniciado nas melhores exhibições de sua arte, encontrou ele um meio efficacíssimo para descobrir as imposturas e desautorizar as superstições do Espiritismo” (pág. 126).

Análise – Vejam a que ficam reduzidos os argumentos sacerdotais de Carlos Maria de Herédia – mágico e prestidigitador, que se baseou nas opiniões de outro mágico – Houdine – para escrever as “fraudes espíritas” que servem agora para Palmés acusar de fraudulentas as pesquisas de Sir William Crookes! Crookes fez suas pesquisas e as publicou nos dois veículos de publicação da SPR, antes de 1884; depois, a Comissão de Sábios repetiu suas experiências e atestou sua realidade. Agora, em 1931, na Espanha, Palmés tenta desacreditar tais pesquisas, com o livro do jesuíta mexicano. Eu, pessoalmente, prefiro acreditar em William Crookes e naquela Comissão de Sábios, que fizeram todas as experiências, do que em um sacerdote adestrado para a campanha antiespírita.

Nós vimos, em 2.5.3. “D”, que Herédia não foi nenhuma autoridade científica para “desmascarar o Espiritismo”; que ele fundamentou sua opinião no livro de Houdine. Portanto, nem Houdine, nem Herédia, nem Palmés tinha autoridade científica e imparcialidade para tentar denegrir as pesquisas e as imagens de pesquisadores sérios. Ora, se com suas mágicas e prestidigações, Houdines e Herédia conseguiram imitar alguns dos fenômenos espíritos, não quer dizer que os fenômenos verdadeiros não existam.

Texto – “A Telequinésia deve significar um grupo de fenômenos de movimentos de objetos à distância, sem que neles intervenha qualquer contato de pessoa que acredita movê-los (pág. 159). Mas, movem-se realmente as mesas? Não se pode duvidar disso; de outra sorte, como se explicaria que o desengano já não houvesse acabado com essas práticas? E, antes de tudo, parece-nos incontroversível, que ocorrem movimentos de mesas, produzidos por contato inconsciente, não só sem significado algum, como também, às vezes, com significado que responde às perguntas dos que intervêm na experiência. Por si só, este aspecto do fenômeno basta para explicar a crença supersticiosa de muitos que, pouco conhecendo daquilo que a Psicologia ensina sobre as atividades do inconsciente, e ignorantes em absoluto do que se pode chegar, por mero automatismo psicológico, acabam ficando convencidos

de que as mesas lhes respondem às perguntas” (pág. 162).

Análise – Ora, se telequinésia significa “movimento à distância”, como acreditar em “movimento por contato inconsciente”? Não ensinara Herédia, às pág. 202 de “Fraudes Espíritas”, que “os movimentos das mesas, por contato, são efetivos, mas podem ser explicados pela contração muscular de quem sobre a mesa põe a mão”? Não catalogou o cardeal esses fenômenos como poderes dos anjos? Afinal, eram anjos, contato inconsciente ou automatismo psicológico?

Texto – “A escrita automática” um automatismo que funcione simultaneamente com a consciência do “eu” normal, explica satisfatoriamente os fatos (da criptestesia e da lucidez telepática)” (pág. 211).

Análise – O mestre Herédia havia definido “automatismo” como “um fenômeno praticado inconscientemente e sem a intervenção da vontade”; mas, agora, o discípulo Palmés inventa um “automatismo que funciona simultaneamente com a consciência”. Sic! Ora, isso já não seria automatismo. Como se vê, os membros da Campanha Antiespírita arrolam termos técnicos e truques lingüísticos para encobrirem a sua impossibilidade de reconhecer a realidade da comunicação dos espíritos.

Dizer, porém, que “escrita mediúnica” é “escrita automática”, é emitir um ponto de vista ridículo, sem qualquer amparo científico. Isso não esclarece a natureza daquela força ou inteligência produtora do fenômeno estudado.

Texto – A primeira coisa que a um leitor imparcial ocorre, é ser Allan Kardec um dos maiores impostores que jamais tenha existido no mundo. Não vemos outro testemunho, senão o do próprio Allan Kardec, em quem havemos de crer, só pela sua palavra, sem outras provas, a não ser os livros em que semelhantes revelações são expostas; todas as comunicações foram obtidas por intervenção dos médiuns de numerosos médiuns; (...) e todo médium é essencialmente falaz, visto que, em razão de sua própria mediunidade, se acha veementemente, irresistivelmente inclinado à fazer trapaças e a falsear todas as coisas” (pág. 273).

Análise – “Assim Falava Zaratustra: para o sábio, tudo é sábio; para o tolo, tudo é tolo”. Na impossibilidade de criticar o conteúdo moral da Doutrina dos Espíritos, Palmés passa a denegrir a imagem do seu codificador e dos médiuns que com ele trabalharam. Ora, isto é um expediente tanto injusto quanto desonesto. Cada ser humano possui suas próprias virtudes ou defeitos, e a generalização é perigosa. Uma árvore se conhece pelos frutos, e as qualidades morais de Allan Kardec podem ser avaliadas pela Doutrina que ele codificou. Suas obras básicas nos mostram que Kardec não foi nenhum impostor, mas um benemérito da humanidade!

Texto – “Desde logo, o Espiritismo nega, em absoluto, toda a ordem sobrenatural e tudo quanto se refere aos dogmas cristãos da Trindade Divina, da Redenção pela Cruz, da Divindade de Nosso Senhor, das penas eternas e da existência do purgatório: embora admita o livre arbítrio e a responsabilidade dos próprios atos, negam os prêmios e castigos eternos, que consistiriam em condições mais favoráveis ou desfavoráveis nas encarnações sucessivas” (pág. 281).

Análise – Não se impressionem os leitores com as palavras de Palmés. Há 35 anos, eu também me deixava levar pelos argumentos do padre espanhol. Era evidente que os ensinamentos trazidos pelos espíritos desencarnados iriam se opor a velhos

ensinamentos religiosos e teológicos. Todavia, não existe sobrenatural, nem milagres, nem redenção, nem penas eternas, nem os “mistérios” e “absurdos” em que acreditávamos até há bem pouco tempo atrás.

Não é verdade que o Espiritismo nega a existência do purgatório, que é aqui mesmo na Terra. Não há, porém, nem céu nem inferno eterno, porque o espírito é apenas um aluno matriculado na escola das experiências, que adquire nas encarnações sucessivas. Depois que os homens deturparam as palavras atribuídas a Jesus, era indispensável que uma “nova Revelação” baixasse à Terra, para colocar cada coisa em seu devido lugar.

Texto – “Absurdos e incongruências da doutrina arbitrária do perispírito (pág. 311). Ela é cientificamente arbitrária (pág. 311). Inutilidade da hipótese do perispírito para explicar os fatos acerca da constituição do homem (pág. 314). Impossibilidade extrínseca do perispírito (pág. 318). E, com isso, chegamos ao ápice do absurdo: o perispírito seria, na realidade, uma substância material, coisa a que evidentemente se segue o maior absurdo contra o próprio Espiritismo, qual seja o de um Espiritismo sem espírito — os espíritas se precipitando no materialismo” (pág. 317).

Análise – Pamés está misturando, em um só pacote, espírito e perispírito. Ora, o prefixo “peri” indica “ao redor de, em volta de”, e perispírito significa, justamente, um elemento misto, que une o espírito ao corpo físico e através do qual o espírito pode comandar o corpo. O perispírito nem é puramente espiritual, nem puramente material, é um elemento semimaterial, quintessenciado e fluídico. Ensinou o cardeal Lépiciér que, “sendo uma substância puramente espiritual, não pode a alma estar contida num envoltório, por mais sutil que imaginemos essa matéria, e não pode estar contida nem governar qualquer corpo físico”. Pois bem, o perispírito é esse elemento de ligação entre a alma e o corpo. Sem ele, a alma jamais exerceria controle sobre o corpo físico. O perispírito circunscreve a alma, dando-lhe contornos próprios com características de individualidade masculina ou feminina; dá-lhe individualidade e identificação.

Aliás, sequer a própria alma é completamente imaterial. Na resposta à pergunta 82, do Livro dos Espíritos, eles mesmos responderam: se a alma é imaterial? “Imaterial não é bem o termo; incorpórea seria mais exato. Fique sabendo que, sendo uma criação de Deus, a alma deve ser alguma coisa. Nós dizemos que a alma é imaterial, porque ela difere de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria, Mas a matéria existe em estado que ignora; e pode ser tão sutil que nenhuma impressão vos cause aos sentidos, contudo será sempre matéria”.

Experiências científicas feitas pela Dr^a Elisabeth Kübler Ross e pelo Dr. Raymond Moody Jr., juntamente com dezenas de outros pesquisadores sérios, têm nos mostrado que existe um “segundo corpo” que sobrevive à morte, conservando as características que a pessoa tinha em vida, inclusive diferenciação de sexo. Ora, sem um elemento intermediário, de uma substância sutil, a alma não poderia atuar sobre o próprio corpo físico. Sua união, porém, é puramente acidental, e não há possibilidade nem necessidade da ressurreição de um corpo, já apodrecido e corroído pelos vermes sepulcrais. A Igreja não pode admitir a existência do perispírito, do contrário teria de admitir a possibilidade da aparição dos mortos. Só com esse “segundo corpo” pode a alma

mostrar sua existência, sobrevivência, individualidade e identificação. Fora disso, a morte representaria – realmente – o fim de tudo.

Texto – “Dissensão entre os espíritas sobre a reencarnação. Com efeito, uns dizem que a reencarnação é lei geral para todos os espíritos, ao passo que outros a entendem somente para os mais imperfeitos, que têm de cumprir, na Terra, uma grande missão” (pág. 327).

Análise – Ora, se há divergência de conhecimentos e de lógica entre os próprios espíritos, que são seres humanos desencarnados, por que não poderia haver também entre os vivos? É nas obras básicas da codificação, porém, que Palmés deve procurar se instruir, pois a opinião individual de quem quer que seja, não é doutrina espírita. Os espíritos ensinaram que a encarnação é necessária para a evolução dos espíritos, que vão progredindo até que não mais precisam reencarnar, passando a viver em corpos fluídicos etc. Enquanto não satisfizerem à lei do progresso e da evolução, todos os espíritos reencarnarão. Não há discordância entre o Espiritismo britânico e o Espiritismo brasileiro, pois Espiritismo é o “conjunto de ensinamentos dos espíritos” e se encontra nas bases da codificação. Ou acredita-se nos ensinamentos dos espíritos ou não se acredita. Só há uma “Doutrina dos Espíritos”, a codificada por AK.

Texto – “A doutrina da reencarnação é uma pura fantasia, destituída de toda prova (pág. 332). Ela não se demonstra; faltam-lhe argumentos experimentais. Ela não se prova pela experiência dos mortos. O leitor já sabe o que deve fazer com as pretensas comunicações dos espíritos, através dos médiuns. Porque, de um lado, estes testemunhos são entre si contraditórios em relação não só aos pormenores, como também quanto à realidade da reencarnação; e, de outro lado, para que elas tivessem algum valor, seria mister que soubéssemos de quem são, isto é, seria mister que a chamada “identificação dos espíritos” fosse um fato comprovado cientificamente, coisa que, como demonstramos, ele ainda não o foi até o presente” (pág. 333).

“Porém, a doutrina da Reencarnação não só não é a única, nem mesmo a melhor, como também é uma suposição absurda, portanto, incapaz de explicar os fatos da diversidade dos homens, porque, conforme nos dizem as ciências biológicas modernas, explicam-se pela herança fisiológica. E as de ordem moral, constituintes nas diversidades de conduta, boas ou más, e nas virtudes e nos vícios, explicam-se pela maneira mais natural e mais satisfatória, pelo exercício do livre arbítrio” (pág. 336).

Análise – A reencarnação nem é fantasia, nem destituída de provas, nem absurda. Ela se prova tanto pela experiência dos vivos quanto pela dos mortos. Através da Parapsicologia, a reencarnação já foi demonstrada convenientemente, seja pela “regressão às vidas passadas”, seja pela “memória extracerebral”, seja pela “fotografia do espírito”, seja pelas transcomunicações “instrumentais e mediúnicas”. Além do mais, a reencarnação é perfeitamente admissível pelo raciocínio e pela razão, por ser mais compatível com a existência de Deus, do que os postulados da teologia dogmática.

Há inúmeras maneiras de se identificar um espírito comunicante, pelos seus parentes e amigos. Sem dificuldade, qualquer pai, mãe, filho ou cônjuge saberá identificar o ser amado, embora isso pareça impossível a um sacerdote presumivelmente celibatário. A Igreja jamais poderia admitir a reencarnação, pois ela coloca em

“xeque-mate” a crença da “redenção pelo sangue de Jesus”, o “perdão dos pecados, pelo sacerdote”, o “inferno eterno”, o “sofrimento vicário”, o “valor das indulgências”. Só a reencarnação nos faz crer que, realmente, Deus é soberanamente justo e sábio, e trata com igualdade todos os seus filhos e criaturas.

Ora, não é competência da Biologia afirmar que “a diversidade dos caracteres humanos resulta da herança fisiológica”; toda dedução e conclusão são de competência da Filosofia. Afiançar que as diferenças existentes obedecem às leis da matéria, seria confessar que Deus não detém o governo universo, ou que suas criaturas estão sujeitas ao acaso. É evidente que existe o livre-arbítrio. Mas, sem se admitir uma vida anterior e, portanto, a reencarnação, onde e quando teria a alma abusado do seu livre-arbítrio, para nascer agora cega, aleijada, idiota?

Sem a justiça da reencarnação no universo, sequer teríamos elementos para acreditar na justiça, sabedoria e bondade de Deus! Com a unicidade da existência, sequer poderíamos estranhar que houvesse tanto cepticismo, tanto materialismo e indiferentismo moral. A negação da reencarnação tem produzido milhões de ateus e hipócritas!

Texto – “Falsidade da doutrina da reencarnação. Os reencarnacionistas não podem explicar a ignorância das existências anteriores.” (pág. 339).

Análise – Eis a tecla preferida pelos antirreencarnacionistas: o propalado problema do “esquecimento do passado”, como se fosse um obstáculo decisivo e intransponível contra a Reencarnação. Ora, o problema do “esquecimento do passado” desaparece imediatamente, desde que a vida seja enfocada à luz do todo, sob o ângulo das vidas sucessivas. A visão em conjunto nos mostra que o ser humano não deve e não pode se lembrar das experiências passadas, sob pena de fracassar na existência atual. O esquecimento é, na maioria das vezes, indispensável para a reabilitação da alma caída em desajuste. A lembrança a impediria de recapitular, com êxito, as experiências fracassadas, ressarcir os prejuízos causados; seria um empecilho, um entrave à vitória do espírito.

Em “O Livro dos Espíritos”, pergunta 166, os mentores espirituais ensinam que “a alma que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, sofre a prova de uma nova existência”; a cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante, na senda do progresso. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade de provas na vida corporal (perg. 168). “O Dogma da Reencarnação se funda na justiça de Deus: o bom pai sempre deixa aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento” (perg. 171); “as nossas diversas existências corporais não se verificam todas na Terra; vivemo-las em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras, nem as últimas; são das mais materiais e das mais distantes da perfeição” (perg. 172).

Sobre o “esquecimento do passado”, os Espíritos nos ensinam, também no “Livro dos Espíritos”: “Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado, como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido do seu passado, ele é mais senhor de si” (perg. 392). “Gravíssimos inconvenientes teria o nos lembrarmos das nossas individualidades anteriores. Em certos casos, humilhar-nos-ia sobremaneira. Em outros, nos exaltaria o orgulho,

peando-nos, em conseqüência, o livre-arbítrio. Para melhorarmos, dá-nos Deus exatamente o que nos é necessário e basta: a voz da consciência e os pendores instintivos” (perg. 394).

A própria vida social nos mostra, diariamente, que “o esquecimento do passado” é uma providência sábia, justa e indispensável: quando um cidadão comete uma infração penal, mesmo depois de ter sido processado, condenado e cumprido a pena, encontra dificuldades intransponíveis para se readaptar à sociedade de onde saiu. Se for um crime hediondo, como furto, drogas etc. por exemplo, mesmo depois de quite com a justiça terrena, a sociedade não o acolhe. Ele é rejeitado, humilhado, injuriado e, muitas vezes, nem consegue um novo emprego com que possa se manter honestamente. Algumas vezes, a própria família o rejeita e o marginaliza. Imagine o que nos aconteceria se nos lembrássemos de nossas existências anteriores, com nossos débitos e créditos? Sem dúvida, não teríamos condições de conviver com aqueles a quem ofendemos ou por quem fomos ofendidos. E a reencarnação perderia a sua finalidade maior, que é a conciliação dos desafetos.

No livro “Ação e Reação”, o espírito André Luis ensinou que “um diamante só é lapidado por outro diamante; seria um absurdo pretendêssemos que Deus enviasse um anjo de luz para nos punir onde erramos”. É no convívio diário com nossos credores ou devedores que vamos mostrar nossa vitória ou derrota diante dos propósitos firmados antes do nascimento. Segundo André Luis, “o pretérito fala em nós como gritos de credor exigente, amontoando sobre nossas cabeças os frutos amargos da plantação que fizemos... Laços de afetividade mal dirigidos cadeias e aversões aprisionam-nos ainda a companheiros encarnados e desencarnados, muitos deles em desequilíbrios mais graves e constrangedores do que os nossos”. Se nos lembrássemos do passado, de nossos débitos e créditos, a aguçar-nos a vaidade, o orgulho, o ódio ou a humilhação, o desprezo e a marginalização como poderíamos vencer as recapitulações?

Texto – “Absurdos que logicamente se seguem da doutrina de reencarnação. Porque, se verdadeira fosse a doutrina da reencarnação, dever-se-ia admitir que cada um dos homens, atualmente existentes, teria sido muitas outras coisas antes de chegar a ser o que é” (pág. 342). “Porque, segundo os reencarnacionistas, o homem não é mais do que o espírito que habita um corpo humano, e este espírito seria exata e numericamente o mesmo que teria habitado, por muito tempo, no corpo de um animal. E o absurdo seria ainda maior, se se admite, como de fato admitem não poucos reencarnacionistas, ser possível a um espírito que atualmente constitui um homem, pegar uma penalidade de sua má conduta, ocupar outra vez o corpo de um animal” (pág. 343).

Análise – Palmés fingiu ignorar a diferença entre reencarnação progressiva e metempsicose, ou desconhece as obras básicas da Doutrina dos Espíritos. São os próprios espíritos superiores quem nos orientam não existir a metempsicose, ou reencarnação da alma no corpo de um animal, pois o espírito não retrograda: uma vez atingido o estágio da humanização, ele não regride jamais. Não é a opinião, porém, de um ou de outro, encarnado ou desencarnado, que constitui a Doutrina dos Espíritos, e sim o conjunto dos seus ensinamentos, que se encontram nas obras básicas. É lá que

devemos tirar nossas dúvidas.

No livro “Gênese”, os espíritos afirmam, a diferença entre o “habitante” e a “habitação”. A própria ciência já demonstrou que os atuais corpos superiores são resultados das mudanças, transformações e evoluções dos corpos inferiores. Filósofos espiritualistas do Além Túmulo ensinaram que também a alma ou princípio espiritual está sujeita à Lei da Evolução. No seu começo, aquele princípio inteligente e espiritual, em incubação, envergou corpos inferiores e, com sua própria evolução, foi melhorando os corpos (ou habitações da alma).

O corpo não passa de um envoltório, uma habitação, destinado a receber o espírito. “Desde então, pouco importa a sua origem e os matérias que entraram na sua composição” (202/212). Quanto à origem da alma, deixemos de lado a questão da origem, por enquanto insolúvel; consideremos o espírito, não em seu ponto de partida, mas no momento em que, manifestando nele os primeiros germes do livre-arbítrio e do senso moral, o vemos desempenhar o seu papel humanitário” (202/220).

Texto – “Absurdos que os espíritos não podem evitar. O coração se rebela contra a reencarnação. (...) Se, pois, sois conseqüentes com as vossas doutrinas, precisais admitir que vossos filhos não são vossos filhos; se, por lhes proporcionares o corpo em que eles estão encarnados, eles são vossos; pela razão de antes de serem vossos, eles foram de outros pais, talvez muito diferentes de vós, de outras pátrias, de outras nações, de outras raças. Viúvos e viúvas espíritos: já não penseis mais nos vossos cônjuges, que tanto amastes neste mundo. O espírito daquele que foi vosso esposo, ou daquela que foi vossa esposa, já não guarda a menor lembrança de vós; segundo as vossas doutrinas, eles voltarão talvez a este mundo para se encarnarem de novo e, quando encarnados, não saberão mais nada do que com eles se passou quando estavam convosco; e outros serão os homens e as mulheres que lhes desfrutarão o seu amor e felicidade” (pág. 343).

Análise – Causa estranheza observar um sacerdote, presumivelmente celibatário, fazendo semelhante chantagem emocional. Palmés demonstrou ignorar as ligações afetivas entre os cônjuges e entre pais e filhos. Qualquer marido, qualquer mulher, qualquer pai ou mãe sabe que a lógica e o bom-senso repelem semelhante hipótese de um sacerdote. Provavelmente, as falsas idéias que fazem alguns sacerdotes sobre o relacionamento do Criador com a Criatura sejam devidas ao celibato sacerdotal. Impedidos de se casar ou constituir famílias, eles não podem entender a afetividade que une o Pai Celeste com seus filhos.

Para Divaldo Pereira Franco, “a morta não mata o amor; não consegue separar duas almas que se amaram na Terra; como não consegue também desvencilhar as dolorosas vinculações do ódio”.

2.5.4. A CNBB e a Campanha Antiespírita no Brasil

A) Pronunciamentos e decisões da CNBB

Desde o século XIX, as proibições e condenações do Espiritismo, feitas pelo

Santo Ofício, foram cumpridas também no Brasil: em 1889, o Monsenhor Silvério Gomes Pimenta, Governador do Bispado de Mariana, em uma Carta Pastoral, denunciava: “pior mil vezes do que a seca e a fome é o Espiritismo, o qual não é mais do que um culto prestado ao demônio” (50/18).

Em 1915, a Pastoral Coletiva do Episcopado do Norte (Bahia) concluiu “não ser lícito promover ou assistir às sessões espíritas, pois seria um verdadeiro ato de superstição, condenado pela Igreja: “É ilícito expor-se a um perigo para a vida sobrenatural e para a salvação, porque esta nefanda doutrina do Espiritismo tantas almas têm arrastado à heresia e privado do céu” (32/16).

Em 1948, a antiga Pastoral de 1915 foi revisada e assinada pelos Bispos, passando a chamar-se “Constituição Eclesiástica do Brasil”; e o seu art. 66 determinava que “toda e qualquer participação, sob qualquer pretexto, é gravemente proibida”; e insistia nas pregações freqüentes contra a heresia espírita”.

A partir de 1950, em cumprimento das decisões anteriores, tanto do Santo Ofício quanto do Episcopado Brasileiro, o movimento antiespírita tomou proporções gigantescas: foram publicados os livros “Espiritismo no Brasil” e “Reencarnacionismo no Brasil”, ambos de Boaventura Kloppenburg. O Secretariado Nacional em Defesa da Fé e da Moral (SNDFM), através de sua Editora Vozes, de Petrópolis, RJ, iniciou uma nova fase de publicações das séries “estudos, apologética e cadernos” Vozes em Defesa da Fé e da Moral. Entre os cadernos examinados o Caderno Vozes em Defesa da Fé e da Moral nº 01- Por que a Igreja Condenou o Espiritismo?; Caderno 04 – A Psicografia e Chico Xavier; Caderno 06 – Livro Negro da Evocação dos Espíritos; Caderno 08 - Resposta aos Espíritos todos são de autoria de Boaventura Kloppenburg.

Em 1953, com o objetivo de desencorajar, previamente, a comemoração do 1º Centenário do Espiritismo, que ocorreria em 1957, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) se reuniu em agosto, em Belém do Pará. Ela determinou “ao recém criado SNFM que, através de sua “seção antiespírita”, “articulasse uma campanha, em nível nacional, contra o Espiritismo”. Os textos daquelas decisões foram transcritos no livro “Ação Pastoral Perante o Espiritismo”.

Em 1955, a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, reunida no Rio de Janeiro, concluiu, no seu título VII, que “encarece, com particular interesse que: a) nos Seminários Maiores e nos Institutos Teológicos se estabeleçam cursos sobre as heresias atualmente disseminadas; b) sejam também devidamente instruídos os catequistas e leigos, formando-os com profundo sentimento de defesa e propagação da fé católica. Não é necessário que cada dirigente de curso se torne um “especialista na matéria, porque a Editora Vozes está lançando uma série de Estudos e de Cadernos, na coleção “Vozes em Defesa da Fé e da Moral”. O material ali acumulado oferece dados e informações mais do que suficientes”.

Em 1950, a “Biblioteca Apologética, da Editora Vozes, publicou o livro “O Católico Perante a Bíblia”, de frei Aduino Palmas, OFM, no qual ele enfatiza categoricamente: “O Espiritismo, inimigo declarado da Bíblia, é então a chama mais ignominiosa à nossa presente cultura no mundo, mesmo quando o apelidam bombasticamente de “Alto Espiritismo” ou de “Espiritismo Científico”, para se furtarem às leis do país. A difusão da Bíblia Católica é, conseqüentemente, uma poderosa e eficaz

arma de combate ao Protestantismo intruso e ao Espiritismo degradante” (57/62).

Foi em 1960, no Uruguai, que o jesuíta Oscar Quevedo publicou o seu livro “A Face Oculta da Mente”, que foi logo traduzido para o Português e se incorporou ao acervo didático e de propaganda católica para o combate ao Espiritismo no Brasil.

Análise – Aqui está bem claro que a Igreja está se referindo às antigas práticas bíblicas de necromancia (ou evocação dos mortos), magia, adivinhação etc. Ora, não há “alto nem baixo” Espiritismo, porque só há um Espiritismo, que é a Doutrina codificada por Allan Kardec, entre 1857-1968. Se o sufixo “ismo” indica “doutrina, ensinamentos”, Espiritismo significa “doutrina dos Espíritos, ensinamento dos Espíritos”, e só existe um. Misturar animismo ou sincretismo religioso com a Doutrina dos Espíritos é um expediente falso e injusto.

Sinopse do texto de “O Espiritismo no Brasil”, 1950

Texto – “A causa da difusão do Espiritismo no Brasil: a massa de sangue negro, que corre na veia de uns 33% de nossa população. Este fator favorece principalmente, mas não exclusivamente, à difusão umbandista” (pág. 33). “A deslealdade: Eis aí um velho princípio de propagação formulada por Allan Kardec: “Cumpre-nos façamos compreensíveis. Se alguém tem uma convicção bem firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, é necessário que lhe tiremos esta convicção, mas pouco a pouco” (pág. 41). “A religião mais cômoda: o catolicismo é inflexível em seus princípios morais; exige sujeição e obediência nas questões essenciais, e oferece uma sombria perspectiva de condenação depois da morte, aos que morrerem em estado de pecado. O Espiritismo é mais liberal; não tem princípios firmes e obrigatórios; não exige representação externa; nega o inferno e apresenta oportunidade de novas encarnações. É, pois, uma religião menos embaraçosa, menos exigente, mais fácil e mais cômoda” (pág. 42).

Análise – Vejam como, em 1950, a Igreja ensinava a seus fiéis, impedindo-os de entrarem em contato com os ensinamentos dos Espíritos Superiores. Kloppenburg foi atribuir a Allan Kardec um ensinamento que ele jamais faria. Ora, aquela frase não consta de nenhuma obra do codificador. O padre blefou!

O que se lê nos ensinamentos de Kardec, em “O que é o Espiritismo?”, é exatamente o contrário: “O Espiritismo se dirige aos que não crêem ou duvidam e não aos que têm fé ou a quem essa fé é suficiente; ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisso é conseqüente com os princípios de tolerância e liberdade de consciência que professa. Acolhei, com solicitude, os homens de boa-vontade; ofereci a luz aos que a procuram, porque com os que não crêem, não sereis bem sucedidos; não façais violência à fé de ninguém; ponde a luz em evidência, para que a vejam quem quiser; mostrai os frutos da árvore e daí de comer aos que têm fome, e não aos que se dizem saciados” (200/36).

Poderia o leitor, que leu os cap. 2.3.3. e 2.3.4., dizer que a Doutrina dos Espíritos é mais cômoda, mais fácil? A possibilidade de novas reencarnações levaria alguém a permanecer na ignorância, na maldade e no sofrimento? Na realidade, o Espiritismo nem é mais fácil, nem mais cômodo, não isenta as pessoas da responsabilidade moral.

Texto – “Explicação dos fenômenos espíritas: as alucinações (pág. 82); o automatismo (pág. 91); o transe (pág. 100); a sugestão e os reflexos condicionados (pág.

107); a percepção extra-sensorial (pág. 117). A realidade dos fenômenos da Telepatia são incontestes: segundo o Dr. Shefer, professor de Psicologia da Universidade de Heidelberg, os fenômenos de telepatia estão sobejamente comprovados. Segundo C. Carington, “as provas da realidade do fenômeno são agora tão decisivas, que somente a ignorância dos resultados experimentais pode explicar o ceticismo” (pág. 117).

Análise – Seguindo as pegadas do seu mestre Herédia, também Kloppenburg preferiu o caminho mais fácil, mais cômodo, embora anticientífico e ridículo, qual seja, o de negar os fenômenos mediante o simples emprego de termos abstratos e pseudo-científicos (alucinação, automatismo, transe, sugestão, reflexos condicionados, PES, telepatia, clarividência etc.). Ora, isso não nega nem confirma sejam os espíritos desencarnados os agentes dos fenômenos. “Substantivo é uma palavra que se usa para dar nomes às coisas, simples ou compostas, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias”, sem determinar-lhe as causas, nem as origens, nem a natureza, nem o seu agente produtor. Chamar os fenômenos espíritas de alucinação, automatismo, transe, PES, talento do inconsciente etc. é um expediente tão tímido quanto superficial; é um engodo para iludir leigos.

Carece à ciência convencional de competência para dizer que os fenômenos estudados sejam devido à alucinação, ao automatismo etc. e não provocados pelos espíritos desencarnados. À ciência compete apenas descrever aquilo que examina, sem tirar conclusões, que pertencem ao campo da Filosofia. Ora, arrolar a percepção extra-sensorial para negar a influência e comunicação das entidades invisíveis, não nega – antes confirma – a possibilidade de serem tais fenômenos produzidos por inteligências fora do corpo, ou espíritos.

Já em 1918, no seu livro “A Nova Revelação”, Sir Arthur Conan Doyle informa que, depois de ter lido “A Personalidade Humana”, de Frederico Mayer, chegou à seguinte conclusão: se a mente pode atuar e se comunicar com outra mente, independente do tempo e do espaço, como acontece na Telepatia, é que a mente não depende do corpo físico; e se ela não depende do corpo físico, não há razão para que deixe de influenciar e de se comunicar com a mente encarnada, mesmo depois que a primeira já se encontrar fora do corpo físico. Ele conclui que este princípio filosófico explica a comunicação entre desencarnados e encarnados.

Texto – “Pensamos, sobretudo, nas experiências do Padre Carlos Maria de Herédia, SJ. Cabe-lhe o grande mérito de ter desmascarado a fraude dos fenômenos objetivos de efeitos físicos explorados e mistificados pelo Espiritismo. Persuadiu-se, porém, da existência do que ele chamou de “verdadeiros fenômenos metapsíquicos, e que é exatamente o que depois veio chamar-se “fenômeno ESP, ou simplesmente Telepatia”.

Análise – Naquela nossa análise sobre o texto de Herédia, confessamos não ter encontrado o livro “Espiritismo e Senso Comum”, mas apenas o “Fraudes Espíritas”, publicado em 1930. A cremos em Boaventura Kloppenburg, temos que admitir que, em 1930, Herédia havia mudado de idéia em muitas de suas “pesquisas científicas”. Nas pág. 249, ele chega a conclusões radicalmente contrárias às mencionadas por Kloppenburg. “Se o leitor estiver convencido de que (...) são fenômenos naturais, pertencentes ao domínio da Psicologia Experimental, da Fisiologia, da Patologia e da

Psicanálise; e se tiver capacitado de que é o arquivo número três, e das impressões inúmeras nele acumuladas (...) talvez até chegue a suspeitar de não haver tais fenômenos metapsíquicos, mas serem manifestações da mente inconsciente do médium” (48/249).

O autor de “Em Busca da Matéria Psi” registra que, “a partir de 1920, substituíram o nome de Metapsíquica por Parapsicologia” (186/04). Ao que parece, nem Herédia, nem Kloppenburg sabiam disso.

Texto – A atuação do demônio no espiritismo.

1) **A Tese do Cardeal Lépiciér**, em “O Mundo Invisível”, em 1921: “Os fenômenos espíritas devem ser atribuídos aos espíritos malignos que, em todos os tempos, têm procurado entrar em comunicação com o gênero humano, de várias maneiras, e que, nos tempos modernos, têm se esforçado por substituir, pelos fenômenos em questão, os antigos expedientes”.

2) **A tese de Herédia, em “Fraudes Espíritas**: “A sentença que sustenta ser o diabo a causa ordinária e constante de todos os fenômenos metapsíquicos verdadeiros, quando provocados pelos médiuns, baseia-se em argumentos que não provam a tese, pelo que deve ser considerada uma teoria cientificamente inadmissível” (276).

3) **Outras teses católicas** – Tese semelhante à de Lépiciér pode ser encontrada também em outros católicos: Tanquérey, por exemplo, formulou a seguinte proposição: “Os fenômenos de magnetismo, de espiritismo e hipnotismo, os quais põem a descoberto coisas ocultas, são diabólicos” (pág. 277).

Diretrizes do Magistério Eclesiástico:

1) Conforme documento da Santa Sé, é admitida a intervenção diabólica direta no Espiritismo; 2) É pecado de heresia querer aplicar meios puramente naturais com o fim de obter efeitos naturais e prenaturais; 3) A Igreja admite a realidade dos fatos maravilhosos e de origem prenatal e oficialmente os reconhece como tais; 4) A Igreja não proibiu o Espiritismo ou outras práticas afins, por supor nelas a presença ou atuação do demônio (pág. 279). Os motivos que a levaram a isso, segundo a Encíclica de 1856, são: por causa da mentalidade supersticiosa; por causa do perigo de perversão da fé; por causa do perigo de escândalo (pág. 280). 5) A tese acima mencionada, de Lépiciér, de Tanquérey e outros, a qual postula ser o diabo a causa ordinária e constante dos fenômenos metapsíquicos verdadeiros, peca, a nosso ver, contra a prudentíssima norma da Igreja. 6) Aquilo que, no século passado, se denominava “magnetismo” e “hipnotismo” pode ser licitamente provocado, ainda mesmo no caso de haver dúvidas acerca da preternaturalidade de seus efeitos (pág. 281). A possibilidade de atuação diabólica provocada (pág. 282). Nossa afirmação não deve ser entendida no sentido de que negamos qualquer atuação do demônio no Espiritismo (pág. 288).

Análise – Agora, em quem podemos acreditar? Qual foi, realmente, o posicionamento oficial da Igreja? Quem é a autoridade competente da Igreja para falar, em seu nome, contra o Espiritismo? Afinal, a Igreja admite ou não admite serem os fenômenos espíritas produzidos pelo demônio? Quem estava falando, verdadeiramente, em nome da Igreja: o Santo Ofício, o papa Leão XIII, o papa Benedito XV, o cardeal Lépiciér, Herédia, Palmés, Taguérey ou Boaventura Kloppenburg?

B) Sinopse de “Ação Pastoral Perante o Espiritismo”

Conforme esclareceu o próprio autor, tal livro é “um manual de orientação e um roteiro para os sacerdotes e diretores de cursos de orientação católica”. Antes de fazer seus comentários, Boaventura Kloppenburg transcreveu todas as decisões e determinações da CNBB, tomadas naquela reunião de 1953, em Belém do Pará:

Texto – “Na primeira reunião ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada nos dias 17/20 de agosto de 1953, em Belém do Pará, os Cardeais e Arcebispos, “representando todo o Episcopado Nacional”, depois de terem maduramente estudado o problema criado pelo Espiritismo no Brasil, concordaram em fazer as seguintes declarações.

I - Considerando que a natural religiosidade do povo brasileiro (...) conduz a não poucos desvios doutrinários, dos quais o mais perigoso no momento é o Espiritismo; considerando que o Espiritismo não nega apenas uma ou outra verdade de nossa Santa Religião, mas todas elas, tendo, no entanto, a cautela de fazer-se cristão, de modo a deixar a impressão erradíssima de ser possível conciliar catolicismo e espiritismo, resolvemos:

1) Reafirmar os artigos 65, 66 e 1194, da Ação Pastoral Coletiva, de 1915, do Episcopado Brasileiro, revista e reassinada pelos Srs. Bispos em 1948, e pedir aos Exmos. Ordinários que apliquem os aludidos artigos na circunscrição eclesiástica;

2) Determinar ao recém-criado Secretariado Nacional de Defesa da Fé e da Moral (SNDFN) que, através de sua seção antiespírita, articule, em plano nacional, e nos moldes por nós indicados, uma campanha contra o Espiritismo (49/09).

3) Medidas a adotar – A CNBB determina ao SNDFM publicar, na Revista Eclesiástica Brasileira e no Comunicado Mensal, os art. 65, 66 e 1994, da Pastoral Coletiva de 1915;

Art. 65 – “O Espiritismo é o conjunto de todas as superstições e astúcias de toda incredulidade moderna e que, negando a eternidade das penas do inferno, o sacerdócio católico e os direitos da Igreja Católica, destrói o Cristianismo. Os espíritas devem ser tratados, tanto no foro interno como no externo, como verdadeiros hereges e fautores de heresia, e não podem ser admitidos à recepção dos sacramentos, sem que, antes, reparem os escândalos dados, abjurem o Espiritismo e façam uma profissão de fé”;

Art. 66 – Os Revmos. Párocos e confessores instruem e repreendam os fiéis que pensarem ser lícito freqüentar as sessões espíritas, por não terem nunca ouvido coisas torpes ou ímpias, pois é clara e decisiva a resposta do Santo Ofício a este respeito: “Toda e qualquer participação, sob qualquer pretexto, é gravemente proibida” (22-04-1917); e lhes declarem que “todos os escritos, jornais, revistas e livros espíritas são proibidos” (cânon 1399);

Art. 1194 – Mandamos que, em todos os Seminários, se preparem os alunos, nas aulas de Teologia e Apologética, para o combate oficial contra o Espiritismo e demais erros;

4) Instrução aos fiéis – Pregações freqüentes sobre a heresia espírita. Inclusão de um capítulo especial sobre o Espiritismo em todos os textos do Catecismo: formação doutrinária e segura dos catequistas, dos militantes de ação católica, dos

membros de Associações Religiosas, tornando-os aptos a refutarem as acusações que os espíritas fazem contra a Igreja; curso intensivo sobre o Espiritismo, nos Seminários Maiores;

5) Outras sugestões – Exigir de todos os membros de Associações Religiosas um juramento antiespírita. Maneira prática de agir: seguirá um esquema de pregação sobre a heresia espírita e o projeto de juramento antiespírita, a exigir-se dos membros de associações religiosas (49/23).

II – Atendendo à inclinação pronunciada do povo para uma religiosidade miraculosa – Medidas a adotar – Intensificação da instrução religiosa; esclarecimento sobre o pecado de magia, as superstições e os sentidos dos sacramentos; aproveitamento das devoções populares para instruir o povo; proibição expressa, nas festas dos santos explorados pelo Espiritismo, de tudo o que leva à superstição (distribuição ou venda de “respostas de santos”; distribuição de “medidas de imagens”, conhecidas como “medidas de Santos”; incremento à devoção do Divino Espírito Santo, do Senhor Bom Jesus, a Nossa Senhora, aos Anjos e às Almas do purgatório, como antídoto das superstições espíritas).

Critério e moderação na venda e bênção de estátuas e quadros de santos, máxime de São Jorge, São Cosme e Damião; atuação junto às fábricas desses produtos, para que se submetam às leis elementares da arte (...) e às prescrições da Igreja.

Divulgação, ao alcance do povo, da Sagrada Liturgia, levando o povo a rezar mais e a cantar mais, como nos tempos apostólicos; alerta, junto aos responsáveis, sobre o mal físico, psíquico e moral, causado pela prática do Espiritismo, bem como para o art. 284 do Código Penal Brasileiro, que proíbe fazer diagnósticos, receitar remédios ou fazer passes; divulgação, entre o povo, da proibição de evocar os mortos, salientando que se trata de uma proibição divina (Deut-18:10-12; Paralip.10:13; IV Reis-17:17 etc.), e eclesiástica (Sagrada Congregação do Santo Ofício, em 04-08-1856) e abril de 1937” (49/24).

Maneira prática de Agir – Indicará ainda as providências oportunas, junto às autoridades policiais, quanto à violação do art. 284 do Código Penal Brasileiro.

III — Atendendo que muitos procuram o Espiritismo em busca de remédios, ou chégam à heresia através de obras sociais espíritas, medidas a adotar: suscitar obras sociais católicas ou de inspiração católica, que antecipem a obras similares mantidas pelo Espiritismo, ou que lhes contrabalancem a eficácia, caso tenha cabido ao Espiritismo a iniciativa; atuar junto ao Conselho Nacional de Serviço Social e junto aos Senhores Congressistas, mostrando a incongruência de manter o art. 284 do CPB e atribuir subvenções a instituições espíritas que, a pretexto de caridade, vão promover o exercício ilegal da Medicina. Esclarecer os católicos sobre as penalidades para os que contribuírem, com dinheiro ou com trabalho, para as obras heréticas.

IV – Atendendo à necessidade de arrancar ao Espiritismo a máscara de Cristianismo, medidas a adotar: Levar todos os católicos à informação segura e insofismável de que é impossível ser, ao mesmo tempo, católico e espírita; denunciar como espíritas todas as instituições que o sejam, apesar de trazerem nomes cristãos” (49/23).

Análise – Eis, em suas próprias palavras, a maior deflagração de guerra, de ódio e de separatismo, que a CNBB lançou contra a Doutrina dos Espíritos, no Brasil. Foi na qualidade de congregado Mariano e de Legionário de Maria que eu recebi, há quarenta anos atrás, esses ensinamentos da Igreja Católica. A bem da verdade, eu confesso que nunca comprei “medidas de santos”, nem me foi imposto um juramento antiespírita por escrito; eu fiz o meu juramento lendo um texto escrito, perante toda a Igreja, em festa solene. Milhões de outros católicos sofreram, como eu, os efeitos morais e religiosos daquela Campanha.

Evidentemente, daquela data em diante, todas as pregações religiosas, todos os seminaristas, todos os sacerdotes, todos os dirigentes de sociedades religiosas, todos os jornais e livros vibravam uníssonos, em sintonia com as decisões da CNBB. Todos os sacerdotes, formados no Brasil a partir daquela data, foram instruídos e condicionados a tal posicionamento da Igreja no Brasil.

Como entender que aquela geração de fiéis fervorosos e devotos tenha se convertido nesse cepticismo, hipocrisia, imediatismo e irresponsabilidade moral que presenciamos hoje?

Em seguida, vamos transcrever alguns comentários feitos por Boaventura Kloppenburg, sobre as decisões da CNBB, em 1953:

Texto – “O que não lhes permitimos (aos espíritos) é continuar a semear, desembaraçadamente, a dúvida, a suspeita, a incredulidade, a superstição e até a idolatria. É contra isso que reagimos. Queremos acabar com a confusão católico-espírita, delimitar os campos, separar os católicos-espíritos: ou católicos, ou espíritos” (49/17). “Não desconhecemos nem subestimamos os perigos protestantes. O Comunismo é uma ameaça internacional. O indiferentismo arrasta consigo inúmeras almas. Devemos estar prevenidos e munidos contra eles. No entanto – afirmam os Bispos – no momento, o Espiritismo é o mais perigoso” (49/17). (Por isso). “todos os escritos, jornais, revistas e livros do Espiritismo são proibidos. As obras de Allan Kardec foram condenadas pelo Santo Ofício, por Decreto Especial de 20-04-1864, e postas no “Índice dos Livros Proibidos”.

Análise – Quem leu aquela pequena síntese dos capítulos 2.3.3 e 2.3.4., já deve estar imaginando o prejuízo moral que esta campanha antiespírita da CNBB já produziu sobre a mente dos católicos brasileiros. E todo o clero brasileiro, daquela data em diante, passou a bater, uníssono, na mesma tecla antiespírita.

Texto – “(...) de maneira que saibam e compreendam que praticar o Espiritismo e aderir às suas doutrinas significa deixar de ser Cristão” (49/104). “Nossa atividade deverá ser de defesa, não de ataque. Esta norma é de grande valor psicológico. Se colocarmos o Espiritismo em estado de vítima e cairmos impiedosamente sobre ele, podemos estar certos de que grande parte dos ouvintes começará a sentir uma espécie de indignação contra nós, e de compaixão e de simpatia pelo Espiritismo. É uma questão de sentimento, é verdade, mas não queiramos ignorar uma situação de fato. Por isso, podemos e devemos explorar este aspecto em nosso favor” (49/105).

“Somos realmente os atacados, a vítima (...) nossa atitude é de legítima defesa: defendemos a Divindade de Cristo, atacada pelos espíritos; defendemos o depósito da revelação Divina, injuriado pelos necromantes e magos do século XX (...)

Permanece fiel na execução das determinações do Episcopado: os espíritas devem ser tratados como verdadeiros hereges. Aí está tudo: o dever dos Bispos será cumprido; o poder legislativo falou claramente. Toca agora ao executivo agir; e o executivo somos nós, padres do clero secular e regular, todos quantos trabalham na cura das almas. Mas numa execução uniforme, decidida e firme, sem transação e sem contemporização” (49/106).

Análise – Eis aí a maneira católica de “curar as almas”! Há quarenta anos, todo o clero, instrutores e dirigentes de cursos teológicos e apologéticos do Brasil vêm ensinando semelhantes lições. Até que ponto essa campanha “anticientífica e anticristã” é responsável pelo cepticismo, pela hipocrisia, pelo materialismo e imediatismo do homem religioso de hoje? É lamentável a estagnação mental e moral da civilização neste final de milênio.

Texto – “Curso de orientação (...) Mandamos que, em todos os seminários, se preparem os alunos, nas aulas de Teologia e de Apologética, para um combate ao Espiritismo e demais erros”. Não é necessário que cada dirigente de cursos se torne um “especialista na matéria”. A Editora Vozes está lançando uma série de “Estudos” e de “Cadernos” da coleção “Vozes em Defesa da Fé e da Moral”. O material ali acumulado nos oferece dados e informações mais do que suficientes” (49/107).

Análise – Depois destas revelações, que credibilidade merecem os livros publicados contra o Espiritismo, a partir de 1953?

Texto – “As proibições bíblicas. Também a Igreja, divinamente autorizada, falou em 1856, 1917 e 1953. Por isso, para não cair nos laços traiçoeiros do Espiritismo, é justo que se proibam as sessões espíritas. Inutilidade da evocação dos espíritos: não é apenas rigorosamente interdito, por lei divina e eclesíastica, evocar os mortos, mas também é perfeitamente supérflua qualquer tentativa, mesmo supondo que os médiuns realmente falem com os espíritos do outro mundo — suposição ainda não demonstrada cientificamente – jamais poderemos identificar os espíritos que vêm nos dar notícias e instruções” (49/163). (...) Pois os espíritos não se apresentam com “carteira de identidade”, nem permitem exigir a identificação; e não só os espíritos inferiores, galhofeiros, costumam dar nomes e identidades falsas” (49/165).

Análise – Como poderia ter a Igreja condenado em 1856 a Doutrina dos Espíritos, que só foi revelada entre 1857-68? Não surgiu, pela primeira vez, na história da humanidade, a palavra “Espiritismo”, em 1857, com “O Livro dos Espíritos”?

É verdade que espíritos bons e maus, sábios e ignorantes, sérios e galhofeiros se comunicam com os vivos; mas isto vem provar unicamente que os espíritos nada mais são do que os homens desencarnados, carregando ainda sua bondade ou maldade, sabedoria ou ignorância. E foi no “Livro dos Médiuns” que os próprios espíritos deixaram os ensinamentos sobre as relações entre mortos e vivos, sobre o desenvolvimento e exercício da mediunidade, sobre os empecos e dificuldades do Espiritismo Experimental. É lá que devemos nos instruir. Porém Kloppenburg demonstrou ignorá-lo completamente, pois chegou a exigir “carteira de identidade dos espíritos”!

Texto – “Orientação sobre a fenomenologia espírita (49/170). Diante da fenomenologia espírita, devemos evitar cair em dois extremos igualmente fáceis e bastante comuns entre os católicos: o extremo esquerdo, de dizer que tudo é fraude e trapaças;

e o extremo direito, de afirmar que tudo é obra do demônio: a) não negamos a existência de fraudes, principalmente na produção dos assim chamados fenômenos espíritos de efeitos físicos (telequinésia e ectoplasmia); b) não negamos a existência do demônio ou sua atuação sobre os homens; c) existem, entretanto, no homem, à sua disposição, forças naturais capazes de causar efeitos surpreendentes e maravilhosos” (49/171).

“Conclusão – De duas, uma: ou o fenômeno é produzido por uma força natural do homem (no caso, do médium), ou se trata realmente de efeitos causados espontaneamente por um agente extramundano. Na primeira suposição, estamos diante de uma fraude, fazendo o médium o simples papel de prestidigitador; na segunda suposição, estamos diante de uma superstição propriamente dita” (49/171).

“Posicionamento da Igreja perante a fenomenologia: 1) Por seu magistério oficial, a Igreja nunca se pronunciou sobre a verdade histórica, nem sobre a natureza, nem sobre a causa dos fenômenos mediúnicos ou próprios do Espiritismo, por isso: a) nenhuma das várias interpretações propostas sobre a natureza e a causa dos fenômenos mediúnicos, nem mesmo a interpretação espírita, foi censurada, rejeitada ou condenada oficialmente pela Igreja. O que a Igreja condenou, e com muita razão, foram as doutrinas e práticas supersticiosas do Espiritismo; por exemplo, a Doutrina da Reencarnação, a prática da necromancia ou evocação dos mortos; b) não corresponde à verdade dizer que a Igreja endossou oficialmente a interpretação que vê nos fenômenos mediúnicos, uma intervenção preternatural do demônio; c) jamais a Igreja vedou o estudo ou a investigação científica dos fenômenos mediúnicos; d) o que a Igreja fez, faz e continuará fazer, por ser a sua missão específica, é recordar os mandamentos divinos, que proíbem evocar os mortos” (49/176).

“Conclusão – Autênticos ou não, os fenômenos espíritos não merecem nossa atenção; isto é evidente no caso de não serem autênticos. E dado que o sejam (autênticos), lidamos com o demônio. É preciso que renovemos a nossa fé na existência de Satanás, e no seu interesse em procurar nossa ruína. (...) Irmãos, pelo amor de Deus, pelo amor de nossas almas, lembrai-vos daquele grave compromisso que assumistes na solene hora do batismo; recordai-vos daquele juramento que fizestes, de renunciar a Satanás, às suas seduções e às suas obras” (49/185).

Análise – E agora, José? Afinal, a Igreja já condenou ou não o Espiritismo? Já se pronunciou, ou não, oficialmente contra ele? Quem é a autoridade da Igreja pra falar oficialmente em seu nome? Por que a Igreja condena o Espiritismo? Ela admite, ou não, a teoria diabólica? Qual, afinal, o posicionamento oficial da Igreja?

Acaso o leitor se lembra do compromisso que assumiu no dia do seu batizado? Façam os leitores o seu próprio julgamento!

C) Sinopse de “O Reencarnacionismo no Brasil”

Texto – “A Doutrina Espírita: desde o mineral até o homem (51/18). Não há condenação definitiva; não há união substancial, mas apenas transitória e, por isso, acidental, entre o corpo e a alma (...) O Espírito alcança a perfeição pelos próprios méritos. A natureza de Cristo: Cristo não era Deus” (51/28).

Análise – Como eu já disse, se fosse para a humanidade continuar acreditando nas mesmas lendas do Antigo Testamento, nos mesmos conceitos teológicos criados

através de milênios, não haveria motivos para que Deus enviasse o “Espírito da Verdade” ou “Consolador Prometido”. E se ele foi revelado aos homens, necessariamente ele deveria contraditar alguns ensinamentos convencionais. Porém, quem leu os capítulos 2.3.3, 2.3.4 e 2.3.5., deve ter notado que ele se baseia na lógica, na razão e na justiça divina. O Livro dos Espíritos foi publicado dois anos antes que Charles Darwin publicasse “As Origens das Espécies”. A não ser os Espíritos Superiores, que tinham uma visão panorâmica dos dois mundos, quem ousaria publicar. no Livro dos Espíritos”, tão impactantes revelações?

E de Darwin até nossos dias, as ciências evolucionárias já demonstraram que a vida começou com os micro-organismos, que foram se adaptando e evoluindo, até se transformarem nos corpos humanos da atualidade. Kardec ressaltou a diferença entre “o habitante e a habitação”, entre o corpo animal e o ser pensante, demonstrando que ambos evoluem até atingir o estágio humano. As ciências vieram comprovar aquilo que os Espíritos ensinam desde 1857.

Ora, também a Filosofia nos leva a pensar que Deus não condena eternamente seus filhos, a um inferno de fogo, por uma falta cometida num átimo da eternidade. Não há sofrimento vicário, isto é, não há sofrimento de um em benefício de outrem. Não há redenção, cada filho de Deus tem de evoluir, pelos seus próprios esforços.

Ora, se a união fosse substancial, a alma somente sobreviveria com o seu próprio corpo ressurgido da tumba! Que prêmio, porém, seria esse à alma vitoriosa precisamente com aquele corpo deteriorado e apodrecido no túmulo? A lembrança de milhões de vermes que transitaram através do seu corpo, no túmulo, não repugna à alma glorificada?

Quem crê na união substancial, tem que crer na ressurreição da carne; e quem crê na ressurreição não pode admitir o perispírito.

São os próprios espíritos quem nos ensina que Jesus não era Deus. E, no livro “Obras Póstumas”, Kardec havia demonstrado que, nos textos neotestamentários, não se prova a divindade de Jesus, mas demonstra-se, que Jesus era diferente de Deus.

Texto – Os argumentos em favor da reencarnação: 1) O argumento especificamente espírita; 2) o argumento histórico; 3) o argumento cristão; 4) o argumento patrístico; 5) o argumento psicológico; e 6) o argumento filosófico.

Sobre o argumento especificamente espírita, Kloppenburg o rejeita, alegando que os espíritos não merecem credibilidade, portanto não provam a reencarnação. Sobre o argumento histórico, ele afirma não ser verdade que os antigos acreditavam na reencarnação. Sobre o argumento cristão, ele nega que Jesus tenha ensinado ou feito qualquer menção à reencarnação, pois teria falado do inferno e das penas eternas. A respeito do argumento patrístico, ele negou que os primeiros padres da Igreja aceitassem ou acreditassem na reencarnação. Sobre o argumento psicológico, ele diz que não existem “idéias natas, nem crenças prodígios, nem inteligências precoces”. Finalmente, sobre o argumento filosófico em favor da reencarnação, Kloppenburg afirma que não há necessidade de muitas vidas, pois, ao final da presente vida, o destino eterno das almas já fica definitivamente decidido.

Análise – Não era de se esperar que Kloppenburg, ou qualquer membro da

Campanha Antiespírita, aceitasse a idéia de reencarnações sucessivas, que derrubariam quase toda a teologia católica: a existência de penas eternas, do inferno sem fim, do demônio, a união substancial, o juízo final e a ressurreição da carne.

É verdade que Jesus falou sobre “o inferno”, em “fogo inextinguível, onde o fogo não se apaga e o verme não morre”. Entretanto, como já vimos, antigamente a palavra “inferno” significava tão somente “mundo dos mortos, mansão dos mortos, sepultura, lugar da escuridão”, para onde iam todos os mortos, santos ou ladrões, sábios ou ignorantes.

Texto – “O método reencarnacionista de castigar, por mais que eles apelem precisamente à razão e à justiça divina, é irracional, indigno do homem, cruel e clamorosamente injusto. Nem mesmo os seres irracionais são punidos assim, porque também neles se procura, quando possível, associar o castigo ao erro cometido. Primitivos, em verdade, os reencarnacionistas. Primitivos e cruéis. Cruéis e injustos” (51/168).

Análise – Eis novamente o propalado problema do “esquecimento do passado”, sobre o qual já argumentamos em 2.3.3.B. para onde remetemos o leitor. Não podemos jamais nos esquecer que, em 1955, Kloppenburg escreveu este livro como encomenda feita pela reunião da CNBB, de 1953. Por isso, seus argumentos não possuem respaldo filosófico, nem científico, nem origem divina.

O “Evangelho Segundo o Espiritismo” mostra as “causas anteriores” e as “causas atuais” das misérias e sofrimentos humanos. A reencarnação é o único motivo para melhorarmos, tornarmos altruístas e solidários com outrem; ao passo que a crença na unicidade da vida, na condenação eterna, no perdão dos pecados, acaba nos tornando egoístas e obrigando-nos a pensar somente na nossa “salvação eterna”. Sem a reencarnação, teríamos de concluir que Deus não detém o governo do mundo, nem o futuro de suas próprias criaturas.

Texto – “A lei do Karma. Muito embora a palavra “karma” não se encontre nas obras do codificador, é uma palavra recebida da Teosofia. Também os teosofistas defendem a reencarnação (...) Ela é a rigorosa aplicação da “lei da causalidade física para o mundo moral”(...) A lei do karma é, pois, a lei sem exceção, que rege o mundo inteiro, desde o átomo invisível e imponderável até os astros; e esta lei consiste em que toda causa produz seu efeito, sem que nada possa impedir ou desviar o efeito, uma vez que posta a causa”. A lei do karma é cega, automática, não-inteligente, exatamente como as leis físicas; o que fez, está feito, e terá inevitavelmente suas conseqüências, sem possibilidade de perdão, nem de redenção, nem de indulgências” (51/172).

“A lei do karma nega a liberdade do homem; (...) a liberdade é apenas aparente. Na realidade, o homem é impelido pela força cega e inexorável do karma. (...) Justino Mendes mostra as conseqüências funestas da lei do karma: “Então, quando um homem mau persegue o seu semelhante; quando o ladrão furta; quando o capanga mata, é apenas um instrumento da justiça divina. (...) Segue-se que, se matamos, se roubamos, se torturamos o próximo, não fazemos nada de mal. É apenas porque ele

o mereceu em outras encarnações. O outro ajudou-o a pagar o que ele devia. Quando um amigo traiçoa o outro, rouba-o, deixa-o na miséria, deveria ser abraçado por ele, em lágrimas de gratidão. Não lhe podia fazer um bem maior. E depois, ele já tinha mesmo que passar por isso... Ele o teria merecido em outras encarnações” (51/175).

“A lei do karma, de fato, não nos faz progredir na virtude. É um jogo constante de vai-vem. Ação produz reação; e reação produz nova ação; a nova ação, uma nova reação, e isso infinitamente. E a isso chama de progresso? Progresso sim, mas horroroso progresso na senda do crime” (51/176).

Análise – De um sacerdote que se baseou em um jesuíta, que se baseou em um prestidigitador para rechaçar a Doutrina dos Espíritos, não poderíamos esperar coisas melhores. Ora, confessando não ter encontrado a palavra “karma” nos livros da codificação, Kloppenburg mostra que deve ter lido todas as obras básicas da codificação do Espiritismo. Tanto maior, portanto, é a sua responsabilidade ao disseminar sofismas e torcer a verdade.

Vejamos o que o espírito André Luis escreveu, no livro “Ação e Reação”: “O Carma, expressão vulgarizada entre os hindus que, em Sânscrito, quer dizer “ação”, a rigor designa “causa e efeito”, de vez que toda ação ou movimento deriva de uma causa ou impulso anterior. Para nós, “carma” expressará a conta de cada um, englobando créditos e débitos que, em particular, nos digam respeito. Por isso mesmo, há contas dessa natureza não apenas catalogando e definindo individualmente, mas também povos e raças, estados e instituições”.

“Convém lembrar – continua André Luis – que o Governo da Vida possui igualmente o seu sistema de Contabilidade, a se lhe expressar no mecanismo da Justiça Indefinível. Se, no círculo das atividades terrenas, qualquer organização precisa estabelecer um regime de contas para basear as tarefas que lhe falem à responsabilidade, a Casa de Deus, que é todo o Universo, não viveria igualmente sem ordem. A Administração Divina, por isso mesmo, dispõe de sábios Departamentos para relacionar, comandar e engrandecer a vida cósmica, tudo pautando sob a magnanimidade do mais amplo amor e da mais criteriosa justiça” (213/87).

“Em assunto da Lei da Causa e Efeito, é preciso não olvidar que todos os valores da vida, desde a mais remota Constelação à menor partícula sub-atômica, pertencem a Deus. O Espírito, seja onde for, encarnado ou desencarnado, na Terra ou noutros mundos, gasta em verdade, os recursos de que se vale para efetuar a própria sublimação no conhecimento e na virtude (213/88). Dessa maneira, é fácil perceber que, após conquistarmos a coroa da razão, de tudo se nos pedirá conta no momento oportuno, mesmo porque não há progresso sem justiça na aferição dos valores” (213/91).

“Cada planta produz na época apropriada, segundo à espécie a que se ajusta; e cada alma estabelece, para si mesma, as circunstâncias felizes ou infelizes em que se encontre, conforme as ações que praticar, através de seus sentimentos, idéias e decisões, na peregrinação evolutiva.. Com o tempo, a alma desabrocha ao sol da Eternidade, crescendo em conhecimento e virtude, floresce em beleza e entendimento e frutifica em amor e sabedoria. Mas a alma humana é uma consciência formada, trazendo em si as leis que governam a vida e, por isso, já dispõe, até certo ponto, da faculdade com que influi na genética, modificando-lhe as estruturas, porque a consciência responsável

herda sempre, de si mesma, ajustada às consciências que lhe são afins. Nossa mente guarda consigo, em germe, os acontecimentos agradáveis ou desagradáveis que a surpreenderão amanhã” (213/91).

“Nas esferas primárias da evolução, o determinismo pode ser considerado irreversível: é o mineral obedecendo às leis invariáveis da coesão; é o vegetal respondendo aos princípios organogênicos; mas, na consciência humana, a razão e a vontade, o conhecimento e o discernimento entram em função nas foças do destino, conferindo ao Espírito as responsabilidades naturais que deve possuir sobre si mesmo.” (213/92).

“Mas da Justiça ninguém fugirá, mesmo porque a nossa consciência, em acordando para a santidade da vida, aspira resgatar, dignamente, todos os débitos de que se onerou perante a Bondade de Deus. Assim é que, se claudicamos nessa ou naquela experiência indispensável à conquista da luz, que o Supremo Senhor nos reserva, é necessário que nos readaptemos à justa recapitulação” (213/93). “Nossas manifestações contrárias à lei divina, que é o Bem de todos, são corrigidas em qualquer parte. Há, pois, expiações no céu e na Terra” (213/95); “mas há dívidas que, por sua natureza e extensão, exigem de nós várias existências ou ramagens na carne terrestre, para o respectivo resgate” (213/96).

Texto – “O sentido cristão do sofrimento. Vivemos num “vale de lágrimas” (213/181). O sofrimento como castigo do pecado (213/183). Mas o pecado sozinho não é causa adequada e suficiente do sofrimento (213/184). O sofrimento como prova da virtude (213/185). O sofrimento como prêmio da redenção (213/189). O sofrimento como causa do prêmio eterno. O sofrimento como exigência da solidariedade” (213/190). O raciocínio do filósofo não só não postula vidas anteriores para explicar as desigualdades, os sofrimentos, as misérias, mas descobre, na solução dos reencarnacionistas, muitas contradições, impossibilidades, absurdos, crueldades e injustiças que a tornam inaceitável, irracional e extremamente primitiva” (213/212).

Análise – A Terra nunca foi um “vale de lágrimas”, mas um educandário para almas dos filhos de Deus. É a própria alma que, graduando-se, passa de um ano escolar para outro, de um educandário para outro mais adiantado. Na opinião de Kloppenburg, a redenção humana foi negociada com as criaturas humanas, em troca das misérias e sofrimentos; o prêmio eterno não é distribuído gratuitamente por Deus, mas barganhada pelo sofrimento de seus próprios filhos.

Para nós, o filósofo verdadeiro, aquele que dispõe de liberdade e independência para pensar com a própria cabeça, vê na reencarnação a mais justa, sábia e coerente explicação para as diversidades físicas, morais e intelectuais que se observam no mundo. É por isso que em todos os tempos e lugares, entre todas as religiões e filosofias conhecidas, o homem pensante já via na reencarnação a indispensável explicação para o mundo.

D) Sinopse dos Cadernos Vozes em Defesa da Fé e da Moral

1) Caderno nº 1 — "Por que a Igreja Condenou o Espiritismo"

Texto – O cânon 1241 proíbe aos espíritas falecidos a Missa Ezequial ou de sétimo dia. O Cânon 1000 estabelece que “os católicos estão proibidos de se casar com adeptos do Espiritismo” (30/10). Segundo o cânon 765§2º, os espíritas não podem ser padrinhos de batismo e se, não obstante, forem convidados e admitidos, serão

inválidos (os batismos); e, conforme o cânon 295§ 2º, “o mesmo vale para os padrinhos de crisma”.

Excomunhão é a censura pela qual alguém é excluído da comunidade dos fiéis. O cânon 2260 estatui que “o excomungado não pode receber os sacramentos”. Finalmente, o cânon 2262 prescreve que “o excomungado não participa das indulgências, dos sufrágios e das preces públicas da Igreja” (30/11).

“As proibições divinas de evocar os mortos: O Espiritismo é a continuação da magia e da necromancia dos tempos idos. Já no Antigo Testamento existem testemunhos de consulta aos mortos, praticada pelos hebreus. Apenas os nomes mudaram: hoje se diz espiritismo, macumba, umbanda, macumbeiro, pai-de-santo, o que então era mago, pitonisa, adivinho, bruxa ou feiticeira. O Espiritismo moderno, portanto, é a magia ou necromancia da antiguidade. Ora, consta dos textos, insofismáveis, claros, repetidos, enérgicos do Antigo Testamento, que Deus proibiu tais práticas” (30/15).

Análise – Quanta confusão! Que efeito produziria em um espírita a proibição de receber sacramentos? Nenhum, naturalmente. No meu tempo de católico, ensinavam para a gente que “o excomungado vai direto para o inferno”. E isso me causava pavor. Eu fugia mais do inferno do que o diabo da cruz! Hoje, porém, eu vejo que as coisas não eram bem daquela maneira.

Uma coisa é difícil de entender: como arrolar provas do Antigo Testamento, mostrando que, naqueles tempos, os hebreus se comunicavam com os espíritos, e hoje se nega a comunicação deles? O desmentido não está nas próprias páginas da Bíblia? Ora, já nos tempos do Antigo Testamento, como em todos os tempos e lugares da humanidade, o ser humano sempre evocou os mortos e manteve contato com os mesmos. Entretanto, necromancia (ou evocação dos mortos), magia, adivinhação, encantamento, descobrimento das coisas futuras etc., não é Espiritismo (ou Doutrina revelada pelos Espíritos). Portanto, Deus não condenou o Espiritismo!

Conforme o próprio Kloppenburg, no Caderno 06, pág. 05, “no Espiritismo devemos distinguir, nitidamente, entre o aspecto doutrinário e o lado prático. A prática do espiritismo consiste substancialmente na evocação dos mortos ou espíritos. Já a doutrina dos Espíritos é o resultado da codificação das mensagens recebidas mediante a evocação. A prática, em sua essência, é sempre a mesma. Como doutrina, o Espiritismo é muito recente e vem do século passado (com Allan Kardec); como prática é antiqüíssimo, e o encontramos entre muitos povos antes da era cristã” (32/05).

Ora, os fenômenos anímicos ou manifestações dos espíritos, sendo uma coisa perfeitamente natural, têm existido em todos os lugares e em todos os tempos – inclusive estão registrados nas páginas do Antigo Testamento. Porém isso nunca foi Espiritismo. Toda a razão do sucesso da Campanha Antiespírita no globo surge desta confusão armada na mente dos fiéis. A Igreja tentou uma analogia impossível: o fenômeno anímico, com a doutrina revelada para explicar os antigos fenômenos.

Em verdade, já vimos que “aquele personagem bíblico não era Deus”, portanto ele sequer proibiu as antigas práticas necromânticas; e ninguém, utilizando o Seu nome, poderia ter proibido o Espiritismo. Está nisso um dos maiores embustes engendrado pelas religiões do nosso século. A Campanha Antiespírita tem retardado, consideravelmente, a evolução moral e espiritual do gênero humano.

2) Sinopse do Caderno 04 – "A Psicografia e Chico Xavier"

Neste caderno, o próprio autor informa que ele é exatamente a transcrição do capítulo VIII do livro "O Espiritismo no Brasil".

Texto – "No "Livro dos Médius", o codificador do Espiritismo passa em revista 13 diversos sistemas excogitados para aplicar às mesas girantes... Mas, do ponto de vista científico, Allan Kardec, na realidade, não é autoridade competente para ser citada ainda hoje. Depois dele, nossos conhecimentos progrediram muito. E ele mesmo – pois era indiscutivelmente inteligente – não reeditaria hoje suas obras" (31/09).

Análise – Sem dúvida, depois de Kardec todos os ramos da ciência progrediram consideravelmente; entretanto, todos eles caminham para a prova da sobrevivência da alma e de sua comunicação com os vivos. Kloppenburg emitiu um ponto de vista pessoal, subjetivo e profissional. E Kardec ainda está e estará atualizado, porque seus ensinamentos foram recebidos dos Espíritos Superiores.

Texto – "A escrita automática é, de fato, capaz de revelar coisas e dados que nem o médium, nem os presentes podem saber. Mas, também aqui, a Psicologia Moderna (ou, se preferirem, a Parapsicologia, a Metapsíquica) podem vir em nosso auxílio. Já falamos da PES e dos fenômenos psi-gamma" (31/17).

Análise – Mais uma vez Kloppenburg deu um apelido científico a uma coisa que não pode ou não quer admitir; entretanto, chamar "escrita mediúnica ou psicografia" de "escrita automática" não resolve o problema de sua origem inteligente. Não reconheceu o cardeal Lépiciér, em "O Mundo Invisível", a realidade objetiva do fenômeno espírita e atribuiu ao demônio a sua produção? Por que, agora, Kloppenburg rejeita aquele posicionamento da Igreja? Ora, se o fenômeno pode ser explicado por uma ciência, não compete a outra explicá-lo; além do mais, a Parapsicologia é a mesma Metapsíquica que mudou de nome.

Texto – "A psicografia apresentada por Allan Kardec: Ele divide os médiuns em 3 categorias: a) médiuns mecânicos; b) médiuns semimecânicos; c) médiuns intuitivos. Estranha psicologia! Não deixou nenhum lugar para o dinamismo inconsciente (31/22). Seria o caso de mandar todos os espíritos às favas e pedir que nos deixem em paz e tranquilidade. Escrevo uma página hoje; releio amanhã; corrijo o pensamento – e eis que me proclamam médium psicógrafo do tipo intuitivo. Fechem-se todos os Tratados de Psicologia do século XX" (31/23).

Análise – Quantas idéias e pensamentos contraditórios lhe vêm à mente, ao mesmo tempo. Não se podendo atribuí-los todos à sua própria mente, temos de admitir a possibilidade de que sejam emitidos por outras inteligências externas. Foi assim que nos ensinaram os Espíritos Superiores, e isto está mais conforme à razão.

Se o senhor acha que "os espíritos devem nos deixar em paz", milhões de outras pessoas, que se aprofundaram nos ensinamentos deles, não pensam da mesma forma. Para eles e para nós também, foi uma felicidade que Deus tenha mandado o "Consolador".

Texto – "Nosso maior psicógrafo – O Sr. Francisco Cândido Xavier é, sem dúvida, atualmente, o médium mais famoso do Brasil. Nasceu em Pedro Leopoldo-MG, em 1910, mas mudou-se para Uberaba, em 1958, onde vive até hoje (31/28). Sua fecunda produção de obras literárias, em estado de transe, não é problema para quem conhece a Psicologia (31/36). Nem mesmo as famosas receitas, dadas (ilegal-

mente) pelo conhecido médium, provam a sua origem espiritual... Não é preciso receber espíritos de outro mundo para formular receitas assim tão polivalentes; basta ser esperto e – desculpem – descarado” (31/37).

Análise – Todas as pessoas que conhecem Chico Xavier sabem que ele não é “descarado” e nem “esperto”, mas um benfeitor público.

Texto – “Uma fantasia psicografada – O Nosso Lar, de André Luis: as necessidades fisiológicas, a fome, a verdura, uma manada de seres animais etc... Queremos lembrar aos leitores que se trata da descrição da vida do espírito, depois da morte, e não de coisas da terra” (31/45).

Análise – Eu não sei como um crente na ressurreição da carne imagina a vida depois da morte, sem admitir a existência de um “segundo corpo” e um ambiente semelhante ao nosso. O “Nosso Lar”, de André Luís, é uma descrição do mundo espiritual, feita por um espírito que enxerga através dos dois mundos. Onde pretendia que ficasse o “segundo corpo”? O Espiritismo ensina que, para além do nosso plano físico, existem mundos paralelos e até semelhantes ao nosso, cada qual segundo às necessidades do espírito.

3) Sinopse do Caderno 06, "O Livro Negro da Evocação"

Texto – “É divinamente proibido evocar os espíritos. A prática do espiritismo é antiqüíssima... No espiritismo devemos distinguir, nitidamente, entre o aspecto doutrinário e o lado prático. A prática do espiritismo consiste substancialmente na evocação dos mortos ou espíritos. Já a doutrina dos Espíritos é o resultado da codificação das mensagens recebidas mediante a evocação... Como doutrina, o Espiritismo é muito recente e vem do século passado (com Allan Kardec); como prática é antiqüíssimo, e o encontramos entre muitos povos antes da era cristã” (32/05).

“A Bíblia relata, desde o Antigo Testamento, a evocação dos espíritos” (32/07). De tudo isso, podemos coligir a certeza absoluta de que o mandamento divino, de não evocar os espíritos, jamais foi revogado” (32/12). “Deus, autor da vida e criador do homem, teve, com certeza, razões para proibir, com tanta severidade, a necromancia e a magia. Quais teriam sido estas razões? O texto sagrado não o diz. Mas, assim como pelos frutos se pode conhecer a árvore, do mesmo modo não será difícil descobrir a malícia intrínseca da evocação dos espíritos, observando as más consequências que desta prática decorrem...” (32/17).

Análise – Já foi demonstrado que “aquele personagem” bíblico não era Deus, portanto, ele não poderia ter proibido o costume de necromancia, magia e adivinhação: e muito menos proibir a “Doutrina dos Espíritos”, que só seria codificada no século XIX dC. Aqui, o próprio Kloppenburg mostra a diferença essencial entre o fenômeno anímico, que existia naqueles tempos bíblicos, e a Doutrina espírita. Porém não há “alto e baixo” espiritismo, “espiritismo latino” e “espiritismo anglo-saxônico”, porque o Espiritismo é um só: a Doutrina dos Espíritos.

A Doutrina ensinada pelos Espíritos veio ao mundo no momento exato de suas maiores necessidades. Era o cumprimento das promessas de Jesus.

Texto – “Os efeitos que a diuturna prática da evolução dos espíritos produz sobre a saúde do corpo e da alma do necromante. Enviamos, a alguns médicos psiquiatras do Rio de Janeiro a seguinte carta: “Tomamos a liberdade de interrogar a opinião de

V. S^{as}, pedindo-lhes a fineza de, baseado em suas observações experimentais, responder-nos aos quesitos que se seguem: 1) É, sob o ponto de vista psicológico e médico, aconselhável promover o desenvolvimento das faculdades “mediúnicas” e provocar os “fenômenos espíritas? 2) O médium, ainda o mais “desenvolvido”, pode ser considerado um tipo normal e são? 3) Que pensa V. S^a das práticas popularizadas nos centros espíritas, com a supracitada finalidade? 4) Que idéia faz V. S^a do Espiritismo, como fator de loucura e de outras perturbações patológicas e nervosas? 5) É aconselhável, ou até urgente, uma medida pública de profilaxia contra a proliferação dos centros espíritas, como nocivos à saúde publica?” (Boaventura Kloppenburg, 1955 (32/18).

Análise – O que faria um médico católico, ciente das decisões da CNBB, em 1955, preocupado em não se comprometer perante a Igreja e, ao mesmo tempo, desmantelar o “exercício ilegal da Medicina”? E, como a Igreja já havia misturado, em um único recipiente, as antigas práticas bíblicas de necromancia, os cultos do sincretismo religioso brasileiro com Doutrina dos Espíritos, não foi difícil aos médicos prestarem sua colaboração às decisões da CNBB.

O leitor vê, porém, que as perguntas, formuladas por Kloppenburg, são daquelas que já trazem, em si mesmas, a resposta esperada e desejada. Quem ousaria se pronunciar contra os quesitos e contra a CNBB?

Eis algumas respostas:

1) O prof. J. Alves Garcia respondeu que “o aspecto mais grave, a meu ver, foi a prática ilegal da Medicina com receituário epistolar e de preparados farmacêuticos de diversos tipos, a doentes a quem eles seriam contra-indicados” (32/19).

Análise — Acredita o leitor que, numa cidade como o Rio de Janeiro, poderia um médico sair examinando os pacientes e afirmar que os remédios lhes seriam contra-indicados?

2) O prof. José Lemos Lopes (20-02-54, antes de receber as perguntas de Kloppenburg), opinou que “a freqüência às sessões espíritas se encontra amiúde entre os fatores predisponentes e desencadeantes das psicoses e das reações psicopatológicas” (32/21).

Análise — Nós não podemos saber se ele se referia às sessões espíritas, conforme ensinadas no “Livro dos Médiuns”, ou se referia às sessões anímicas praticadas pelo sincretismo religioso da Umbanda, Quimbanda e Candomblé, bastante disseminadas naquela cidade. Conquanto muito respeitáveis e piedosas as práticas religiosas daqueles nossos queridos irmãos, elas não se regem pela Doutrina dos Espíritos.

3) O Dr. Luis Robaldino Cavalcanti respondeu: “São convenientes medidas que viessem evitar a prática das atividades mediúnicas e terapêuticas, por se tratar de contravenção penal, proibida por leis sanitárias, que só reconhecem ao médico, com diploma, o direito de tratar de pessoas doentes” (32/32).

Análise – Como se percebe, o ilustre médico estava mais preocupado em combater o exercício ilegal da medicina, do que com a verdade científica.

4) O Dr. Francisco Franco respondeu: “O médium se torna um neurastênico, um autômato, um visionário, um abúlico, anticâmara da esquizofrenia, um indivíduo perigoso para si e para a sociedade. O Espiritismo é o maior produtor de insanos que perambulam pelas ruas, enquanto grande percentagem enche os manicômios e casas de saúde” (32/23).

Análise – Vê o leitor alguma seriedade e respeitabilidade científica no depoimento desse médico? A mim, parece que ele estava mais preocupado em agradar a CNBB.

5) O Dr. Floriano Peixoto Azevedo opinou que “o chamado médium desenvolvido, na minha opinião, já é um insano”.

Análise – Ele demonstrou ignorar, o conteúdo dos ensinamentos trazidos pelos Espíritos Superiores, e que nunca leu o “Livro dos Médiuns”.

Texto – Das páginas 31 a 45 do referido Caderno 06, Boaventura Kloppenburg coloca em relevo algumas respostas que lhe foram favoráveis .

1) o Dr. Miguel Osório de Almeida testemunhou que “O Espiritismo é, pode-se dizer, sem exagero, uma verdadeira fábrica de loucos” (32/31).

2) Do livro do Dr. Xavier de Oliveira, o padre transcreveu: “a proporção que cabe ao Espiritismo, como fator de alienação mental, de feição puramente religiosa, é de muito, muitíssimo, cem vezes, mil vezes superior a de todas as outras seitas reunidas e atualmente praticadas em todo o mundo; depois da sífilis e do álcool, é o Espiritismo, nesta atualidade, o maior fator de alienação sobre nós. Estas pessoas enlouqueceram só e exclusivamente pelo Espiritismo” (32/33). O “Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec é a cocaína de debilitados nervosos que se dão à prática do Espiritismo. É barato, está ao alcance de todos, por isso mesmo leva mais gente, muito mais, aos hospícios, do que a “poeira do diabo”, “a coca maravilhosa” (32/34).

3) Aos médicos entrevistados, Kloppenburg atribui as seguintes respostas: “O Espiritismo é uma das causas predisponentes mais comuns da loucura” (A. Austregésio); “é uma verdadeira fábrica de loucos” (H. Roxo, J. Moreira, M. O. de Almeida); “as práticas espíritas avolumam proeminentemente a população dos manicômios” (J. Dutra). Raramente o indivíduo era alienado antes do Espiritismo” (H. Roxo, 32/41); “o Médium não pode ser considerado como tipo normal e são” (D. Araújo, O. M. Andrade); “Nunca vi um médium que fosse indivíduo normal; é quase sempre um desequilibrado” (H. de Melo); “os médiuns devem ser considerados indivíduos nevropatas próximos da histeria” (A. Austregésio, 32/43); “concorre para a alucinação” (J. Dutra); “predispõe para a loucura”.

Análise – “Não vá o sapateiro além das sandálias”. Ninguém deve ser responsável pelos excessos em seu favor; entretanto, a Igreja não poderia ter permitido a publicação de testemunhos tão suspeitos e apaixonados. Desde aquela reunião da CNBB, realizada em 1953, vêm alguns médicos e pseudo-cientistas injustificando a Doutrina dos Espíritos, enquanto a Igreja se fundamenta neles para completar a difamação. O próprio leitor deverá avaliar a credibilidade e o respeito que merecem semelhantes depoimentos.

Texto – “O Espiritismo, ou evocação dos mortos, além de ser tempo perfeitamente perdido (como se viu na primeira parte), é contrário ao mandamento divino (como se viu na segunda parte), e prejudicial, pernicioso, perigosíssimo para a saúde do corpo e da alma dos praticantes e dos assistentes (como se viu na terceira parte); por isso, contrário à Ordem Pública e, conseqüentemente, inconstitucional” (32/45).

Análise – Imagine o estrago mental, moral e intelectual que esses ensinamentos de Kloppenburg e daqueles “doutores” devem ter causado à mente dos católicos brasileiros!

4) Sinopse do Caderno 08, "Resposta aos Espíritas" (Kloppenburg)

Texto – “Irrracional é a posição dos espíritas, que negam um fato tão evidente,

porque como tal é garantido pela autoridade divina. Irracional é a exigência dos espíritas, quando proclamam, como Allan Kardec, que “é preciso que a razão possa tudo analisar, tudo elucidar, antes de nada aceitar” (33/07).

Análise – Chamar o Espiritismo de irracional, precisamente pela sua racionalidade e cientificismo, é ignorar o significado da palavra empregada, se não for um engodo para iludir os simples.

Texto – “A Infalibilidade do papa – Não dizemos que o papa, sempre que fala, é infalível. Ele pode errar e já tem errado. Segundo à doutrina da Igreja, o papa só é infalível quando se realizam, conjuntamente as 4 condições seguintes: 1) É necessário que ele fale, não como uma pessoa particular, mas oficialmente, como Pastor e Mestre Supremo de todos os cristãos; 2) que ele fale sobre coisas relativas à fé e à moral, e não sobre questões puramente científicas ou disciplinares; 3) que ele fale à Igreja toda, inteira, e não a uma nação ou diocese, ou a uma pessoa particular; 4) que ele tenha a intenção manifesta de decidir, definitivamente, uma certa questão de fé ou de moral, querendo obrigar a igreja universal a aceitar a sua decisão. Só assim, realizadas simultaneamente todas estas 4 condições, diremos que o sucessor de Pedro é e deve ser infalível, por assistência pessoal de Deus. Faltando qualquer uma das 4 condições, já não há garantia de infalibilidade” (33/29).

Análise – Naquele famoso discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no I Concílio Vaticano, contrariamente à decretação da Infalibilidade do Papa, Strossmayer demonstrou que os papas anteriores já haviam errado, por isso a infalibilidade não poderia começar a existir a partir daquele momento.

Texto – “E agora, um conselho aos nossos espíritas (...) no dia em que nos apresentarem um único caso provado (mas provado mesmo), em que o papa errou, usando daquelas suas supremas atribuições apostólicas de governar a Igreja de Cristo e de confirmar os irmãos na fé, deixaremos imediatamente o nosso burel de franciscano, para então abraçar, entusiasticamente, o cepticismo absoluto, que seria para nós o único refúgio aceitável, pois estamos inteiramente persuadidos da justeza da conclusão a que chegou no fim de sua vida, o incrédulo Agostinho de Thierry, quando confessou: “Vejo, pela história, a necessidade manifesta de uma autoridade divina e visível, para o desenvolvimento da vida do gênero humano. Ora, tudo quanto existe fora da Igreja Católica é sem autoridade. Portanto, a Igreja Católica é a autoridade que procuro, e a ela me submeto” (33/29).

Análise – Jamais tivemos qualquer interesse em saber se a Igreja já errou ou não, se o papa é ou não infalível, nem se o Kloppenburg é franciscano. Porém eu gostaria de me esforçar o suficiente para convencer Kloppenburg a mudar de idéia, a abandonar esta absurda e ridícula idéia de “abraçar o cepticismo absoluto”. Isso seria uma demonstração clara da incerteza de sua crença. Com isso, o Sr. estaria dando uma prova de acreditar mais na teologia do que na sua própria mente; mais no papa do que em Jesus; mais na Igreja do que em Deus! Não, meu bom padre, nunca mais diga uma asneira desta!

E) Sinopse de “A Face Oculta da Mente”, Quevedo, 1960

Texto – “Os fenômenos parapsicológicos têm sido assinalados em todos os povos e em todas as épocas” (60/18). O objeto da parapsicologia é sempre o mesmo, embora

seus fenômenos tenham sido atribuídos às mais diversas causas, inclusive sobrenaturais, como espíritos, lavas astrais, maatmas, fadas, gnomos etc.; que foi o Espiritismo que deu ensejo a que alguns sábios dedicassem ao estudo dos fenômenos maravilhosos; que, em 1870, um sábio conhecido no campo da Química, Sir William Crookes, fez suas pesquisas e comunicou os seus resultados perante a Sociedade Dialética de Londres; que, em 1905, nasce uma nova ciência: a Metapsíquica, de Richet, que se interessava pelos estudos do Espiritismo”.

Análise – Quevedo não negou os fenômenos, nem atribuiu fraude, prestidigitação, alucinação, nem o que quer que fosse, mas os atribuiu todos ao campo da Parapsicologia. Para ele, os fenômenos existiram sempre, apenas a interpretação popular é que lhes atribuiu a origem sobrenatural.

Texto – “É inegável que alguns radiestesistas, cartomantes, adivinhos, médiuns etc. e mesmo pessoas comuns têm êxito no conhecimento de “coisas ocultas”. Pomos de parte os truques, as casualidades, as sugestões etc. e só trataremos das “adivinhações” autênticas. A Hiperestesia (de “hiper”, sobre, e “estesia”, sensação) significa “exaltação das sensações”; e é hiperestésico quem capta e pode manifestar estímulos mínimos. As pessoas que manifestam, com alguma frequência, estes fenômenos e, por extensão, outros fenômenos extra-normais, são chamados “sensitivos”, reservando-se o nome de “metagnomo” para as que manifestam os fenômenos “paranormais” (60/41).

“O problema da “visão dos cegos de nascença” (60/45). “A hiperestesia visual pode ser observada em muitos neuropatas, vendo pequenos objetos distantes, como se usassem óculos” (60/46). A visão “dermo-óptica”, observada em alguns sensitivos, é tão perfeita e tanto a distância como é a visão retiniana... Já em 1920, Faringoule afirmava que tínhamos “olhinhos por todo o corpo” (60/52). Muitos conhecimentos “extraordinários”, pressentimentos etc., têm origem na hiperestesia.

“Em resumo – Somos capazes de perceber, por meio de nossos sentidos (ao menos inconscientemente), estímulos mínimos e, inclusive, exagerá-los” (60/57). “Não somente a alma pensa, mas também o corpo”. (60/62).

“A Psicologia moderna e a Parapsicologia formularam a existência de movimentos, involuntários e inconscientes, que acompanham todas as idéias ou imagens (...). Podemos dizer que pensamos, sentimos e que imaginamos com todo o corpo” (60/65).

Análise – Quevedo admite que há adivinhações autênticas, mas que podem ser explicadas por Hiperestesia (ou exaltação das sensações). Entretanto, já vimos que palavras como “alucinação, automatismo, transe, hiperestesia etc.” não esclarecem a origem nem a inteligência produtora do fenômeno. Só há dois princípios no universo – o princípio inteligente ou espiritual e o princípio material; e Quevedo atribui à matéria aquela inteligência autora dos fenômenos estudados. Acredita o leitor que a “matéria inerte” pode pensar? Acredita que “vemos por todo o corpo”? Como entender um sacerdote da Campanha Antiespírita Internacional possa apoiar-se em teorias tão materialistas para negar a existência e comunicação dos espíritos?

Texto – “Exemplo de animais que respondem “inteligentemente”. O cavalo russo Hans, ao qual se ensinou a fazer diversas operações aritméticas: adições, subtrações, até extração de raiz quadrada foram feitas. A pergunta era feita verbalmente, e o cavalo respondia, batendo o pé no chão um determinado número de vezes, segundo

fosse o resultado do problema” (60/67). A Comissão científica, depois de metódico estudo, declarou que o fenômeno era simplesmente devido à percepção hiperestésica, por parte do cavalo, dos movimentos inconscientes realizados pelo seu dono e pelos assistentes... Assim, não há de se estranhar que tanto o cavalo, como o prof. Pfuns com seus aparelhos, respondessem inclusive a perguntas que não foram formuladas verbalmente, mas apenas pensadas” (60/68).

“O cavalo Muhamet – Experiências conduzidas com o mais severo controle científico concluíram: o melhor calculador não poderia encontrar, tão rapidamente, a raiz quadrada de 456.776, ou a raiz cúbica de 15.276, como os cavalos faziam em certas ocasiões, diante do Dr. Claparède. O Dr. Maeterlinck ficou surpreendido ao comprovar que, uma vez em que o cavalo Muhamet não respondeu, era porque o número que lhe propunham não tinha raiz quadrada exata” (60/70).

Análise – Diante dessas informações de Quevedo, eu me pergunto: se toda a teoria católica – antievolucionista – nega a existência, nos animais, de um princípio latente de inteligência, como pôde Quevedo concluir que “os animais respondiam inteligentemente?”. Se não se admitir que o animal possua um “princípio inteligente” em evolução, ensaiando para o estágio da “humanidade”, essa capacidade de “pensar” estaria na matéria.

Texto – “E o cavalo Berto, velho e cego?... A cegueira, mormente de nascença, não impede a visão... Foram também famosas uma gata chamada Dayse e os cachorros Rolf, Lola, Zou, Awa etc. Já na mesma época do cavalo Hans, uma cadelinha chamada Nora conseguiu rivalizar-se com o cavalo”.

“Resumo – Por hiperestesia, os animais podem chegar a captar, indiretamente, certos pensamentos de uma pessoa, dar respostas e perguntas inclusive muito difíceis e até mesmo quando não chegam a ser formuladas... Podem também alguns homens captar o pensamento dos semelhantes por Hiperestesia” (60/75).

Análise – Para Quevedo, os animais possuem a faculdade de captar pensamentos alheios inconscientes, mesmo à distância; mas apenas alguns homens possuem essa faculdade. Ora, por que teria Deus concedido mais faculdades e poderes aos seres irracionais do que à sua obra prima, que é o homem? Aliás, a comunicação do pensamento e dos sentimentos, à distância, foi por ele chamada de Telepatia. E a telepatia levou Conan Doyle a concluir que “se a mente não depende do corpo, nada impede que, depois de deixar o próprio corpo, a mente possa manifestar-se por intermédio de outro corpo físico”.

Texto – “O Cumberlandismo – Nem tudo o que se exhibe é ilusionismo. A prova se baseia nos movimentos involuntários e inconscientes, correspondentes aos pensamentos da testemunha, em cuja mão o ilusionista segura. (60/76). E o cumberlandismo, ou adivinhação por contacto, como se vê, pode dar preciosas indicações aos médiuns espíritos, na hiperestesia do transe... Muitas revelações feitas por hipnotismo, por exemplo, podem explicar-se por cumberlandismo, sem necessidade de se recorrer a conhecimentos paranormais” (60/80).

“A Hiperestesia Indireta, ou leitura sensorial do pensamento – Interessa-nos, especialmente, a “adivinhação” sem contacto. É possível, a certa distância, captar a linguagem fisiológica, mímica, isto é, os reflexos externando idéias, de modo que se

possa, indiretamente, como que “ver o pensamento” de outra pessoa? Isso seria *cumberlandismo* sem contacto (60/80). O Dr. Schotrelus, assim como antes dele outros eminentes doutores, chegaram como ele, à conclusão de que os fenômenos da “visão sem ajuda dos olhos corporais” é incontestável” (60/83).

Análise – Na opinião pessoal de Quevedo, hiperestesia seria a percepção e a leitura, mesmo inconsciente e sem contato, de estímulos mímicos provocados por alguém; e *cumberlandismo* seria aquela percepção, mas por contato. Teriam os argumentos de Quevedo sido suficientes para convencer os estudiosos de que os fenômenos de incorporação, vidência, clarividência, audiência, pressentimentos, xenoglossia, psicografia, ectoplasmia, fotografia da autora, fotografia dos espíritos etc. sejam produzidos por “hiperestesia” ou mesmo por “*cumberlandismo*”?

Quevedo apenas conseguiu confundir seus leitores, com a adoção de termos pseudocientíficos para impressionar leigos no assunto.

Texto – “Muito conhecida se faz a menina Ilga, de Trapene, na Letônia: aos 8 anos, ela tinha um linguajar de uma criança de 2 anos de idade; nunca aprendeu a ler nem calcular; mas, em 1935, com 9 anos de idade, ela lia qualquer parágrafo, em qualquer língua, inclusive em Latim, e resolvia problemas matemáticos, contanto que sua mãe estivesse em sua presença... Na realidade, a menina não lia no papel, mas apenas sentia o que sua mãe lia. Ela foi examinada por especialistas (60/85). É a conclusão parece-nos acertadíssima: “não se trata de telepatia, a não ser de maneira esporádica”; mas sim de hiperestesia indireta do pensamento, especialmente de natureza auditiva. Ilga percebia os “cochichos involuntários” de sua mãe... cochichos esses que passavam imperceptíveis às testemunhas, por não serem sensitivas” (60/86).

Análise – Todos possuem faculdades mediúnicas, de uma ou de outra modalidade.. Entre os diversos tipos de médiuns, Kardec mencionou, os “médiuns sensitivos”, como sendo as pessoas que possuem capacidade de sentir a presença dos espíritos; e “médiuns excitantes”, aqueles cuja presença é capaz de desenvolver ou fazer manifestar, em outra pessoa, suas faculdades mediúnicas. Daí, podemos concluir que aquilo que Quevedo chama de “hiperestesia indireta do pensamento” seja o que Kardec chama de “mediunidade sensitiva”, e que a mãe de Ilga fosse uma “médiun excitante”.

Ou acredita o leitor que Ilga, ainda uma criança, e com incompleto desenvolvimento físico e mental, pudesse aprender alguma coisa, inconscientemente? Como poderia um cérebro ainda incapaz de aprender conscientemente, aprender inconscientemente?

Para nós, nem hiperestesia, nem *cumberlandismo* negam a existência de faculdades mediúnicas no ser humano, nem que as mentes incorpóreas possam continuar atuando sobre as mentes de um corpo vivo.

Texto – “A pantomnésia – O inconsciente se lembra de tudo o que viu quando ainda era um bebê. O nosso inconsciente não se esquece de nada, porque guardam-se, no psiquismo, antigas lembranças de que o consciente já esquecera completamente” (60/99).

“Um jovem, ao chegar a um lugar “onde nunca estivera”, conhecia tudo perfeitamente. Impressionado, pesquisou, descobrindo que, quando era uma criança de poucos meses, fora levado àquele lugar... O inconsciente arquivara todos os detalhes, e agora, na presença do lugar, se lembra de tudo. Podemos nos lembrar até daquilo que jamais poderia

perceber o nosso consciente: lembranças e sensações hiperestéricas (60/101).

“A pantomnésia (do grego “mnésia”, memória e “panton”, de todas as coisas) permite lembrar de tudo (60/108). Se alguns fenômenos podem explicar-se por memória do inconsciente, evidentemente não devemos recorrer a outras explicações mais “misteriosas”, como os fenômenos paranormais, e muito menos a outras explicações extraterrenas ou reencarnacionistas. E, provavelmente, todos somos pantomnésicos” (60/109). Muitas das chamadas intuições ou inspirações são, em todo ou em parte, lembranças do que ouvimos, lemos, pensamos, em ocasiões anteriores, mas que passam sempre desapercibidas” (60/110).

“Em resumo – Os atos psíquicos, provavelmente todos os atos psíquicos normais, ordinários, paranormais, conscientes e inconscientes, arquivam-se, para sempre, na memória inconsciente... Em Parapsicologia, a memória do inconsciente se chama “pantomnésia, a memória de tudo, que nada esquece” (60/112).

Análise – Para mim, isto nunca foi análise científica, nem séria, nem respeitável. Como poderia a mente inconsciente de um bebê, que não possui ainda o desenvolvimento cerebral suficiente para aprender no estado consciente, aprender inconscientemente? Lembremo-nos, ainda, de que o cardeal Lépicier atribuiu aos anjos, bons e maus, o poder de simular aquele fenômeno de uma pessoa descrever um local onde não estivera antes; mas agora Quevedo o atribui à “memória do inconsciente”. Quem expressava a opinião da Igreja: cardeal Lépicier ou Quevedo?

E a palavra “mnésia” significa tão somente “memória”, sem revelar a sua origem e causa; do mesmo modo que “amnésia” significa falta de memória, esquecimento; como “anamnésia” indica “falta de esquecimento”; como “pantomnésia” designa “lembrança de tudo”; mas nenhum desses substantivos esclarece a causa nem a origem do fenômeno. O mesmo ocorre com substantivos tais como automatismo, alucinação, transe, PES, Telepatia etc.. É anticientífico pretender esclarecer um enigma apenas rotulando-o com nomes elegantes, mas inexpressivas.

Texto – “A Xenoglossia – O Inconsciente, a melhor escola de línguas. Um jovem aprendeu 4 línguas diferentes em apenas 4 dias... O inconsciente poliglota. Falar uma língua estrangeira, sem tê-la aprendido foi chamado por Richet de xenoglossia (do grego “xenos”, estrangeiro, e “glossia”, falar) (60.113). Mas a fraude é a primeira explicação” (60/113).

Num caso citado, Quevedo garantiu: “supondo que aquela senhora já conhecesse o alfabeto grego, o esforço da memória não seria grande, desde que as frases foram escritas em pequenas “doses” em diversas ocasiões. Era fácil que as fosse aprendendo. E, se a senhora não conhecia as letras gregas, para aprendê-las necessitava, no máximo de uma hora... Quanto ao significado das frases, no Dicionário Byzantium e Coromelas encontrava certamente o significado depois das frases gregas... Nestas condições, era facilímo estudar, para cada sessão, algumas frases curtas e, inclusive, aplicá-las às circunstâncias, principalmente se se escreve espontaneamente, e não em resposta a perguntas feitas” (60/114).

“O Dr. Fournou se fingiu espírita para poder investigar, com plena liberdade, o assunto de Helena Smith, que deu mostra de xenoglossia fraudulenta, por fraude inconsciente, isto é, sem a vontade deliberada e consciente do engano. Ele chegou a conclusão clara e indiscutível de que tudo era fraude, inconsciente, mas fraude! Todos

os dados, personagens, acontecimentos históricos a que ela se referiam, provinham de um livro francês (a única língua que ela se conhecia), muito raro em Genebra, publicado em 1828. A frase árabe tinha sido incluída por um médico, na dedicatória com que oferecia o livro a um amigo... Quanto às palavras em Sânscrito, comprovou-se que Helena folheara antes uma gramática de sânscrito (60/115). A fraude, talvez inconsciente ou menos responsável, explica muitos casos de xenoglossia aparente” (60/117).

Análise – Quem já estudou, ainda que superficialmente, o grego, o latim, o alemão, não pode acreditar nas facilidades imaginadas por Quevedo. Nem ele próprio, inteligente, culto e erudito, seria capaz de aprender, mesmo conscientemente, uma língua estrangeira com tanta facilidade e rapidez. E como admitir a “fraude inconsciente”? Na linguagem vulgar, fraude significa “engano a alguém, malogro, abuso de confiança, coisa ilícita”; na linguagem jurídica, para se configurar uma fraude, é necessário o “animus fraudandi” (a vontade de fraudar, a vontade de enganar). Como, pois, admitir uma “fraude inconsciente”?

Texto – “Laura e a xenoglossia – Laura era filha do Juiz Edmonds, o Presidente do Senado e membro da Corte Suprema de Justiça de Nova Iorque. Laura conhecia (além do inglês, sua língua natal) apenas rudimentos do francês. E o Juiz Edmonds explica: “O fato sucedeu na presença de 08 a 10 pessoas, todas elas instruídas e inteligentes. Não tínhamos jamais visto o Sr. Evangelides; ele nos foi apresentado por um amigo, naquela mesma tarde. Como pôde Laura falar e compreender o grego, língua que nunca ouvira?”

Laura nunca ouvira falar o grego? O pai o afirma, mas, em Nova Iorque, quanto tempo precisa o inconsciente de ouvir falar o grego, ou talvez ouvir só como sensações inconscientes para aprendê-lo, de modo a formular algumas frases com sentido, dentro de uma conversação? No caso de Laura e semelhantes, a explicação por hiperestesia (ou telepatia do inconsciente excitado) é muito provável; mais ainda, é impossível que não se dê, alguma vez, xenoglossia por este meio” (60/126).

“Laura anunciou, em grego, que o filho do Sr. Evangelides acabava de morrer. Ninguém sabia ainda. Posteriormente, confirmaram-se as declarações de Laura... Parece-me muito mais provável que o Sr. Evangelides, inconscientemente, captasse a morte do filho. Evidentemente, há muito maior motivo para se estabelecer uma relação telepática entre pai e filho, ou parentes assistentes à agonia, do que entre esses e Laura. Mas o pai, não sendo metagnomo, só inconscientemente capta a desgraça. Laura capta a notícia do inconsciente do Sr. Evangelides. É lógico pois que, do inconsciente do Sr. Evangelides, ela captasse as expressões em grego. Claro que Laura, por hiperestesia indireta do pensamento, ou inconsciente excitado, não captou toda a língua grega, de modo que pudesse falá-la independentemente das circunstâncias. Captou só as frases que vinham ao acaso, estando elas associadas ao inconsciente do Sr. Evangelides, às perguntas ou idéias que tinha no inconsciente. E, assim, Laura podia conversar automaticamente em grego, na presença do Sr. Evangelides. Pouco interesse tem se entendia o que dizia ou o que lhe perguntavam” (60/127).

Análise – Já viu o leitor tamanha aberração do pensamento humano? No caso de Ilga, Quevedo negou terminantemente a telepatia e se desculpou com “hiperestesia indireta do pensamento” ou “cochichos involuntários e inconscientes da mãe”. Aqui, ele arrola, em seu auxílio, a Telepatia e dá-lhe também o nome de “hiperestesia por

inconsciente excitado”. Não seria mais lógico admitir-se que, através de uma mente desencarnada – ou mesmo diretamente por telepatia – tenha Laura captado a notícia, sem necessidade de buscá-la no inconsciente do Sr. Evangelides?

A evocação da telepatia, não nega a possibilidade da comunicação dos espíritos; pelo contrário, vem reforçar sua possibilidade: se uma mente pode atuar, à distância, sobre outra mente, é porque a mente não depende do próprio corpo para se manifestar a outras mentes. E se pode fazê-lo enquanto está encarnada, por que não poderia fazê-lo depois de desencarnada?

Texto – “Um caso de xenoglossia foi observado pelo Dr. Gadelho, de Palermo. Trata-se de uma jovem de 17 anos, Ninfa Filitude, que era siciliana e padecia de uma forte crise de histeria, com sonambulismo espontâneo. No primeiro dia, ela assegurava ser grega, escrevia com letras gregas, mas frases em italiano. É de se notar que ela desconhecia, em absoluto, o grego... No segundo dia, falava corretamente o francês que, em estado normal, só conhecia rudimentos. No terceiro dia, falava em inglês que, normalmente, falava muito mal e com sotaque siciliano, seu dialeto natural. No quinto dia, porém, passada a crise, recobrava o dialeto siciliano e se esquecia, por completo, dos assombrosos progressos feitos em grego, em francês, em inglês e em italiano”

“Mas desconhecia absolutamente o grego?... Consta que, pouco antes da crise, ela estava folheando uma gramática grega. Pouco tempo é necessário para aprender o vocabulário grego, inclusive inconscientemente...” (60/129).

Análise – Eis o procedimento “científico” com que o jesuíta Quevedo pretende provar que “os mortos não se comunicam, nem influenciam os vivos, e não há xenoglossia”. Quem me dera poder aprender uma língua estrangeira tão fácil e rapidamente!

Texto – “Mistura xenoglóssica – Falam-se várias línguas, um dia numa língua, outro dia em outra língua. Às vezes, porém, a xenoglossia apresenta um aspecto muito diferente: empregam-se várias línguas, misturando-as na mesma conversação, ou até numa única frase. Tal é, por exemplo, o caso de Alfredo, o menino de 7 anos, o maior dos conhecidos “endemoninhados irmãos Pausini”. Uma tarde, ao voltar de uma sessão espírita, desequilibrado e psiquicamente intoxicado, entrou espontaneamente em transe e começou a falar uma mistura de grego, de latim e de francês (e ele era italiano), até citar, de cor, compridas passagens da “Divina Comédia”... O caso se explica por simples pantomnésia” (60/139).

“A Xenoglossia misturando línguas não impede, às vezes, a inteligência da frase: as palavras empregadas pertencem a várias línguas, conservando, no conjunto, um sentido inteligível, segundo às circunstâncias do momento e da conversa... Alguns desses casos podem atribuir-se à pantomnésia e ao talento do inconsciente (em última análise, à telepatia). Se, pois, para um caso concreto, não basta a explicação por pantomnésia, pela hiperestesia indireta do pensamento etc... ainda deverão excluir positivamente a explicação por todos os fenômenos considerados causas possíveis” (60/138).

Análise – Que autoridade científica possuem estes argumentos de Quevedo? Em 1960, ele estava ciente das determinações da CNBB, feitas em 1953, por isso nega, a qualquer custo, a influência e comunicação dos espíritos, bem como a faculdade mediúnica.

Texto – O talento do inconsciente — "Um gênio desconhecido. O inconsciente é mais inteligente do que o consciente" (60/140). "Dormindo, somos mais inteligentes do que acordados". Erick Fromm concluiu que "os sonhos, produzem-se operações intelectuais superiores às que realizamos acordados" (60/142). Muitas pessoas se espantam com esta classe de fenômenos do talento do inconsciente, realizados nas sessões, por médiuns em transe... Sabem eles quantos dados capta e armazena o inconsciente, mesmo de uma pessoa inculta? É o desconhecimento das possibilidades do inconsciente que levou muitas pessoas a atribuir tais fenômenos às manifestações do além" (60/145).

Análise – Foi a equipe do Dr. Banerjee, da Universidade de Jaipur, na Índia, que substituiu o termo "reencarnação" por "memória extra-cerebral", indicando tudo aquilo que se encontra no inconsciente sem ter passado, nesta existência, pelo consciente. Aquilo que Quevedo chama de "talento do inconsciente" é a famosa "memória extra-cerebral".

Os espíritos superiores nos ensinam: durante o sono reparador das fadigas do corpo físico, o espírito humano se torna mais livre e menos sujeito às influências da matéria e do meio-ambiente; desse modo, pode entrar em contacto com encarnados e desencarnados. Durante este curto período de liberdade da alma, ela revive importantes experiências, lembra-se do passado, prevê o futuro.

Texto – "As aparições dos mortos – A difusão do Espiritismo provavelmente é a causa de que o inconsciente adota este tipo de dramatização, dada à tendência que tem o inconsciente de adaptar-se ao meio-ambiente (60/152). Em geral, todas as elucubrações do inconsciente se prestam à superstição (60/153). Os resultados do automatismo simulam, da mais perfeita maneira, as comunicações do "além-túmulo"; não sendo, na realidade, mais do que o funcionamento do inconsciente de faculdades ordinárias" (60/153).

"Resumo – Não só o inconsciente pode fazer tudo o que o consciente faz, mas inclusive supera o consciente em inteligência... A este conjunto de notáveis qualidades, chamamos "talento do inconsciente" (60/156). As aparições dos mortos são fenômenos naturais; não há comunicação entre os vivos e os mortos, mas entre os vivos (e entre os mortos)" (60/366).

Análise – Depois de conceder tantos poderes, tanto automatismo, tantos recursos independentes da participação do espírito, vem agora Quevedo afirmar que "o inconsciente se adapta muito facilmente ao meio-ambiente"! De que meio ambiente terão os médiuns tirado idéias tão heterodoxas e opostas ao ambiente comum? A verdade é que, usando termos pseudo-científicos, como automatismo, alucinação, hiperestesia, pantomnésia, cumberlandismo, talento de inconsciente, o jesuíta Quevedo não conseguiu provar coisa alguma! Um sacerdote profissional, consciente das determinações da CBNN, dificilmente terá liberdade e independência para pensar com sua própria mente!

2.5.5. Uma Análise Racional e Filosófica da Campanha

A) Os falsos fundamentos

Inequivocamente, a Igreja se apoiou em bases falsas, em fundamentos inconsistentes, para perpetrar e executar a campanha antiespírita.

Ora, quem acredita que aquele personagem bíblico fosse Deus; que a Bíblia seja fiel à palavra de Deus aos seres humanos; que Moisés escreveu os cinco primeiros livros bíblicos; que Deus proibiu “o espiritismo”, 34 séculos antes dele ser revelado ao mundo, não poderia tirar uma conclusão diferente daquela!

B) Síntese da Campanha Internacional

Eis os principais posicionamentos do Santo Ofício e da Igreja:

1) Posicionamento do Santo Ofício – O Santo Ofício proibiu e condenou o Espiritismo, sob a alegação de que “é ilícito, é imoral, é atentatório aos bons costumes, é escandaloso, é perigoso para a salvação da alma e põe o indivíduo em contacto com o demônio”.

2) Posicionamento do cardeal Lépicier – Pare ele, a Igreja admite a realidade objetiva dos fenômenos espíritas, como dimanando, em muitos casos, dos espíritos do outro mundo, e não mero resultado de fraude ou de prestidigitação; querer marcar todos os fenômenos com o labéu de desonestidade, é um processo altamente anticientífico. Ele defende a “teoria diabólica”, que atribui os fenômenos espíritas à atuação dos anjos maus (ou demônios).

3) Posicionamento do Jesuíta Herédia – Apesar de chamar seu livro de “Fraudes Espíritas”, ele admite os fenômenos como reais, mas explicados por teorias falsas. Para ele, a maioria dos fenômenos e comunicações metapsíquicas ou são fraudulentas ou têm causas naturais. E ele se propôs a analisar somente os fenômenos metapsíquicos, e não os fenômenos espíritas; apenas os provocados, e não os espontâneos.

Entretanto, ele foi descaracterizando todos os fenômenos, um por um, até chegar à conclusão de que não são metapsíquicos, logo, não merecem ser analisados. Sobre a ectoplasmia, ele citou o livro do mágico e prestidigitador Houdine, e concluiu que não existem o ectoplasma, nem as fotografias espíritas, porque tudo é obtido fraudulentamente. Sobre a telequinésia, ele alegou que os fenômenos ainda não são provados, além do mais, pertencem ao campo da Psicologia Experimental, do automatismo, da fala mediúnica, do transe e possui outras causas puramente naturais, sem nenhuma participação dos desencarnados.

Ele atribuiu a produção dos “fenômenos inteligentes” ao “terceiro arquivo”, e finalizou dizendo que os leitores mesmos podiam concluir “não existirem os fenômenos metapsíquicos, mas serem todos eles resultados do terceiro arquivo, que a Psicologia Experimental e a Patologia explicam muito bem”. Depois, ele negou a “teoria diabólica”, chamando-a de contraproducente e anticientífica. E, sem ter examinado os “fenômenos espíritas”, mas apenas os “metapsíquicos, chegou à conclusão “contra os espíritas e não contra os metapsíquicos, que a comunicação entre os vivos e os mortos ainda não é uma coisa cientificamente comprovada”.

4) Posicionamento do padre Palmés – Ele começou a chamar a Metapsíquica de uma “falsa ciência e como que uma careta de papelão, ou um disfarce de pano”. Acusou as experiências de William Crookes de fraudulentas. Depois, garantiu que os movimentos das mesas e objetos, à distância, são sem significado, e que a Psicologia

ensina serem eles devidos ao automatismo do inconsciente. Sobre a criptestesia, ele alegou que “um automatismo que funcione simultaneamente com o consciente do eu pessoal o explicará” e negou a sua origem espiritual.

Palmés negou a teoria da reencarnação, qualificando-a de fantasiosa e indemonstrável; que ela não se prova nem pela experiência dos vivos e nem pela dos mortos, porque “os espíritos não apresentam uma carteira de identidade”. Ele acusou Allan Kardec de ser “um dos maiores impostores que jamais tenha existido; porque todo médium é irresistivelmente inclinado a fazer trapanças e a falsear todas as coisas”. Negou a existência do “perispírito”, chamando a sua crença de “anticientífica, filosoficamente inadmissível, inútil, arbitrária e intrinsecamente impossível”.

Para eles, as divergências existentes no mundo se explicam pelas ciências biológicas, como heranças fisiológicas, e pelo exercício do livre-arbítrio. Para ele, “o esquecimento do passado” torna inútil a reencarnação.

C) Síntese da Campanha Antiespírita no Brasil

1) Posicionamento e opinião de Boaventura Kloppenburg

1.1. – No Livro “O Espiritismo no Brasil”, ele alegou “deslealdade” no método de Allan Kardec para converter os não-espíritas, mas atribuiu a Kardec um ensinamento que não consta de suas obras e é totalmente contrário à doutrina. Depois, Kloppenburg acusou o Espiritismo de ser “uma religião mais cômoda, menos embaraçosa, porque nega a eternidade das penas do inferno e acena com a possibilidade de novas reencarnações”. Negou os fenômenos espíritas, chamando tudo de “automatismo, alucinação, transe, sugestão, reflexos condicionados, percepção extra-sensorial”, embora informando que a “telepatia e a clarividência já estão suficientemente comprovados em laboratórios”.

Depois, ele afirmou que “A Igreja nunca se pronunciou oficialmente sobre nenhuma das 3 teorias que tentam explicar os fenômenos, nem proibiu o estudo do Espiritismo; que “nenhuma das 3 teorias é adotada ou rejeitada pela Igreja”; que “o que a Igreja fez, faz e fará, é proibir a evocação dos mortos e a mentalidade supersticiosa dos espíritas.”

1.2 – No Livro “Ação Pastoral Perante o Espiritismo”

Kloppenburg transcreveu, na íntegra, todas as decisões e recomendações da CNBB, sobre a Campanha Antiespírita do Brasil, e fez seus comentários, destinados aos sacerdotes e dirigentes de cursos. Ele escreveu que “mesmo que um dia fosse demonstrada a evocação dos espíritos, não teríamos certeza da identificação dos espíritos”. Depois, ensinou que “devemos evitar cair nos 2 extremos perigosos: o de dizer que tudo é fraude e o de afirmar que tudo é o demônio”. Para ele, “ou os fenômenos são provocados por um agente extramundano e, nesse caso, estaríamos diante de uma superstição; ou realmente os fenômenos seriam produzidos por uma força natural do próprio médium, e estaríamos diante de uma fraude”.

Segundo ele, “a Igreja nunca se pronunciou, oficialmente, nem sobre a história, nem sobre a natureza, nem sobre a causa dos fenômenos; que nenhuma interpretação foi endossada nem censurada pela Igreja; o que a Igreja condenou foi as doutrinas supersticiosas do Espiritismo, como a reencarnação, a necromancia”; e que “não é verdade que a Igreja vê, nos fenômenos espíritas, uma intervenção do demônio”. Na

sua opinião, “autênticos ou não, os fenômenos espíritas não merecem a nossa atenção: se forem autênticos, estamos lidando com o demônio; se forem falsos, estaremos lidando com uma superstição”. Ao encerrar, ele implorou aos católicos que renovássemos “a nossa fé na existência de Satanás” e pediu “pelo amor de Deus”, que nos lembrássemos “daquele grave compromisso, assumido na hora do batismo, de renunciar a Satanás”.

1.3. – No Livro “Reencarnacionismo no Brasil

Kloppenburger rejeitou, um por um, todos os seis argumentos utilizados em favor da crença na reencarnação. Alegou que a evocação dos espíritos ainda não está cientificamente comprovada. Para ele, a Igreja não admite que as almas progredam depois da morte, porque a há penas e gozos eternos. Chamou a reencarnação de “injusta, primitiva, irracional, cruel, pois não nos lembramos dos crimes que cometemos e pelos quais estamos agora sendo punidos”. Na sua opinião, o mal tem origem no mau uso da liberdade”, mas não explicou onde e quando, antes de ser criada para esta existência, tenha a alma abusado de sua liberdade, para merecer nascer num corpo deficiente”.

Depois, ele explica a existência do mal sobre a Terra com consequência do pecado. Entretanto, parece que muda de idéia e fala em “o pecado sozinho não é a causa dos sofrimentos”, porque o sofrimento existe como “preço da redenção humana, como prêmio eterno, como prova da virtude, como exigência da solidariedade”. E conclui que “a reencarnação seria contraditória, absurda, cruel, injusta, inaceitável, irracional e extremamente primitiva, por causa do “esquecimento do passado”.

1.4. – No Caderno 01 – Porque a Igreja Condenou o Espiritismo

Aqui, Kloppenburg afirmou que o “Espiritismo é a continuação da magia e da necromancia dos tempos idos. Já no Antigo Testamento existem testemunhos de consulta aos mortos, praticada pelos hebreus. Apenas os nomes mudaram: hoje se diz espiritismo, macumba, umbanda, macumbeiro, pai-de-santo, o que então era mago, pitonisa, adivinho, bruxo ou feiticeiro. Portanto, o Espiritismo moderno, é a magia ou necromancia da antiguidade; e que Deus proibiu tais práticas” nas páginas do AT”. (30/15).

1.5. - No Caderno 04 – A Psicografia e Chico Xavier

Aqui, Kloppenburg criticou as primeiras refutações feitas por Allan Kardec aos sistemas inventados para explicar os fenômenos espíritas. Alegou que “sob o ponto de vista científico, Allan Kardec não é autoridade para ser citada ainda hoje; que, depois dele, nossos conhecimentos progrediram muito; e ele mesmo não reeditaria suas obras, porque era indiscutivelmente inteligente”.

Ele admitiu o fenômeno a que chamou de “escrita automática”, mas garantiu que também a Psicologia ou a Metapsíquica podem vir em nosso auxílio, inclusive a PES e os fenômenos psi-gamma. Criticou a divisão da mediunidade psicográfica, ensinada pelos espíritos, e concluiu, sem reverência, que “seria o caso de mandar os espíritos às favas e pedir que nos deixem em paz”!

Sobre o famoso médium psicógrafo, Francisco Cândido Xavier, – Kloppenburg fez seu próprio julgamento: “Sua fecunda produção de obras literárias, em estado de transe, não é problema para quem conhece a Psicologia; não é preciso receber espíritos de outro mundo, para formular receitas, tão polivalentes dadas (ilegalmente); basta

ser esperto e – desculpem – descarado”. Finalizando, ele chama o livro “Nosso Lar”, do espírito André Luis, de “uma fantasia psicografada”, por causa de sua descrição do mundo espiritual.

1.6 - No Caderno 06 – O Livro Negro da Evocação dos Mortos

Ele afirmou novamente que “a prática do espiritismo é antiquíssima; que, no Espiritismo devemos distinguir nitidamente entre a prática e a doutrina; que a prática consiste na evocação dos mortos e existe até no Antigo Testamento; que a parte doutrinária é coisa diferente, e muitas vezes, essencial, que vem do século passado (com Allan Kardec); mas que Deus proibiu, nas páginas do Antigo Testamento”.

Ele afirmou ter enviado, em 1955, aos médicos psiquiatras do Rio de Janeiro, uma carta-questionário, indagando a opinião deles sobre “os males físicos e mentais que a prática do Espiritismo e o desenvolvimento mediúnico possam causar às pessoas”. Ele transcreveu algumas respostas provindas de médicos daquela cidade. Alguns, como se percebe, aproveitaram-se da oportunidade para demonstrar que estavam ao lado da CNBB, ao mesmo tempo em que combatiam “o exercício ilegal da medicina, o receituário gratuito, a distribuição de remédios e a aplicação de passos magnéticos”, que eram proibidos por lei.

Alguns deles confundiram o “sincretismo religioso de Umbanda, Quimbanda e Candomblé” com a doutrina e os ensinamentos “dos Espíritos Superiores”. Outros raiaram pela intolerância religiosa, chegando a exorbitar o seu campo científico e profissional, dando opiniões puramente teológicas.

1.7 – No Caderno 08 – "Resposta aos Espíritas"

Neste opúsculo, ele acusou o Espiritismo de irracional, porque, conforme ensinou Allan Kardec, “é preciso que a razão possa tudo analisar, tudo elucidar, antes de nada aceitar”. Em seguida, ele expôs as quatro condições indispensáveis para que a Igreja considere infalível o papa. Depois, lançou um desafio aos espíritas, para que apresentassem um único caso provado em que o papa errou usando daquelas quatro condições, porque ele prometia abandonar o seu burel de franciscano, para assumir o cepticismo absoluto, “o único refúgio aceitável”, na sua opinião.

2) Posicionamento de Oscar Quevedo

No livro “A Face Oculta da Mente”, Uruguai 1960

Quevedo ensina que “os fenômenos existem, desde todos os tempos e lugares, mas – devido à ignorância do povo – eles foram atribuídos às mais diversas causas, inclusive sobrenaturais, como os espíritos, maatmas, demônios etc.; mas que são fenômenos puramente naturais, são fenômenos parapsicológicos. Segundo ele, a “visão dos cegos de nascença” ou “visão dermo-óptica”, é explicada pela teoria de Faringoule, pela qual “temos olhinhos em todo o corpo”. Ele aceitou, como verdadeira, aquela teoria materialista, segundo a qual “não somente a alma pensa, mas também o corpo”. Para ele, a Psicologia Moderna e a Parapsicologia ensinam que “pensamos, sentimos, imaginamos com todo o corpo”.

Aceitou como cientificamente provada a teoria de que “os animais respondem inteligentemente”, e citou diversos casos de cavalos, cachorros e até gatos, que respondiam inteligentemente e podiam extrair raiz quadrada e cúbica de elevadíssimos números, sendo um dos animais completamente cego. Segundo ele, o cumber-

landismo, ou adivinhação por contacto, explica o caso dos médiuns espíritas na hiperestesia do transe. Depois, invocou a hiperestesia indireta, ou leitura sensorial do pensamento, para negar a mediunidade e a comunicação dos espíritos, afirmando que “a visão, sem a ajuda dos olhos corporais, é coisa incontestável”.

Sobre a xenoglossia, ele sustentou que as mostras estudadas são produzidas por hiperestesia indireta do pensamento; e arrolou o substantivo “pantomnésia” para tentar explicar aquilo que o médium fala durante o transe mediúnico, afirmando não ser devido a espíritos, mas a “lembranças de tudo o que já aprendeu, consciente ou inconscientemente”. Embora o cardeal Lépiciér tivesse identificado a capacidade humana de falar uma língua estrangeira sem nunca tê-la aprendido, bem como a capacidade de descrever lugares onde nunca estivera estado antes, como poderes dos anjos, agora Quevedo discorda dele e afirma que “são lembranças arquivadas na mente inconsciente”, mesmo quando aquele conhecimento foi adquirido por uma criança de poucos meses.

Na opinião de Quevedo, a fraude – consciente ou inconsciente, com ou sem participação da vontade do médium – é a primeira explicação para a xenoglossia.

No caso de Laura, a filha do Juiz Edmonds, que transmitira, em grego, a notícia da morte do filho do Sr. Evangelides, Quevedo professa que Laura captara a notícia da própria mente do Sr. Evangelides e, assim, mesmo sem conhecer o grego, pôde manter com ele um diálogo em grego.

Em seguida, ele admitiu a realidade da mistura xenoglósica, de diversas línguas, em um mesmo discurso ou até mesmo em uma única frase, com sentido inteligente dentro da conversação. Em sua opinião “científica”, quando uma pessoa fala uma frase composta de uma palavra em uma língua, outra palavra em outra língua, e outra em uma terceira língua, “isto se explica pelo talento do inconsciente, ou pantomnésia”, e só em último caso deve ser atribuído à telepatia”. Com isso, ele julgou ter explicado, satisfatoriamente, o caso de uma criança de sete anos, que falava, durante quatro dias, quatro línguas diferentes, e depois as esquecia completamente. Na sua opinião, “muitos dados podem ser captados pelo inconsciente, mesmo de uma criança, ou de uma pessoa inculta; mas que, ignorando tudo isso, algumas pessoas atribuem esses fenômenos à manifestação do além”. Finalizando, ele conclui que “não há comunicação dos mortos, nem aparições, nem comunicação entre os vivos e os mortos”.

D) Incoerências e Contradições da Campanha Antiespírita

Enquanto o Santo Ofício alegava serem os fenômenos provocados por demônios, por serem ilícitos, imorais, escandalosos e atentatórios aos bons costumes, além de perigosos para a salvação da alma, e o cardeal Lépiciér atribuía todos eles à atuação dos anjos bons ou maus; enquanto o cardeal afirmava que “a Igreja admite a realidade objetiva dos fenômenos vistos no Espiritismo”, o padre Herédia já dizia que todos eles são fraudes e prestidigitação; e outros, ainda, os atribuía à alucinação, ao automatismo, à hiperestesia, à pantomnésia, ao cumberlandismo, à PES, ao terceiro arquivo, ao talento do inconsciente ou ao consciente excitado.

Por que tanta incoerência, contradição e desencontro entre os motivos apresentados pela Igreja, para negar a influência e comunicação dos espíritos? Afinal, a Igreja já se pronunciou, ou não, oficialmente, sobre o Espiritismo? Ela o condenou e o

proibiu, ou não? Quem é a autoridade competente da Igreja para falar contra a Doutrina dos Espíritos Superiores? Será o Santo Ofício, o papa Benedito XV, o cardeal Lépiciér, Herédia, Palmés, Quevedo ou Kloppenburg?

A Igreja foi coerente com sua teologia, quando negou a existência do “perispírito” ou “segundo corpo”; se ela admitisse o “perispírito”, teria, necessariamente, de admitir, também, a possibilidade da comunicação e aparição dos mortos; e seria obrigada a julgar dispensável a teoria da “união substancial”, e negar “a ressurreição da carne”.

E) Em busca da Verdade, por Allen Kardec

No “Livro dos Médiuns”, Allan Kardec escreveu que: “O Espiritismo é toda uma ciência e uma filosofia. Quem, pois, seriamente queira conhecê-lo, deve, como primeira condição, dispor de um estudo sério e persuadir-se de que não pode, como nenhuma outra ciência, ser aprendido a brincar. Ele se entende a todas as questões que interessam à Humanidade; tem um imenso campo, mas o que principalmente convém, é encará-lo pelas suas conseqüências. Forma-se, sem dúvida, a sua base, a crença nos Espíritos, mas essa crença não basta para fazer de alguém um espírita esclarecido, como a crença em Deus não é suficiente para fazer, de quem quer que seja, um teólogo” (199/35).

“Os métodos de convencimento – No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva; não constitui o ponto de partida. (...) Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma. Ora, como pode o materialista admitir que, fora do mundo material, vivem seres espirituais...? Que, exteriormente à sua pessoa, há Espíritos, quando não acredita ter um dentro de si mesmo?” (199/36).

“Todo ensino metódico tem de partir do conhecido para o desconhecido. Ora, para o materialista, o conhecido é a matéria. Parti, pois da matéria, e tratai, antes de tudo, de convencê-lo que nele alguma coisa existe que escapa às leis da matéria. Numa palavra: primeiro, que o torneis espírita, cuidai de torná-lo um espiritualista.... Falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de ter uma alma, é começar por onde se deve acabar, porquanto não lhe será possível aceitar a conclusão, sem que admita a premissa. Assim, pois, antes de tentarmos convencer um incrédulo, mesmo por meio de fatos, cumpre-nos certifiquemos se ele crê na existência da alma, na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade após a morte. Se a resposta for negativa, falar-lhe dos Espíritos seria perder tempo” (199/36).

As diversas classes de materialistas e incrédulos:

1) “**Primeira classe, os materialistas por sistema.** Entre os materialistas, importa distinguir duas classes: colocamos na primeira os que o são por sistema. Nesses, não há duvida; há negação absoluta, raciocinada a seu modo. O homem, para ele, é simples máquina, que funciona enquanto está montada, e que se desarranja; e que, após a morte, só resta a carcaça. Quando dizemos que a dúvida cessa para os incrédulos diante de uma explicação racional, excetuamos os materialistas extremados, os que negam a existência de qualquer força e de qualquer princípio inteligente, fora da matéria. A maioria deles se obstina, por orgulho, na opinião que professam, atentos que o amor próprio lhes impõe persistir nela. E persistem, não obstante todas as provas em contrários, porque não querem ficar por baixo. Com tal gente, nada há que fazer; ninguém mesmo deve se iludir pelo falso tom de sinceridade dos que dizem “fazei que eu veja, e acreditarei”. Outros são mais francos ainda e dizem, sem reboço:

“Ainda que eu visse, não acreditaria” (199/37).

2) **“Segunda classe, os materialistas por indiferença** ou por falta de coisa melhor. É muito mais numerosa do que a primeira, porque o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural. Essa classe compreende os que o são por indiferença, por falta de coisa melhor, pode-se dizer. Não o são deliberadamente, e o que mais desejam é crer, porquanto a incerteza lhes é um tormento. Há neles uma vaga intuição do futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado com cores tais, que a razão deles se recusa a aceitá-lo. Daí, a dúvida e, como consequência, vem a incredulidade... Se lhes apresentardes alguma coisa racional, aceitam-na pressurosos. Esses, pois, podem nos compreender, visto estarem mais pertos de nós, por certo, do que eles próprios o julgam” (199/38).

“Aos primeiros, colocai-vos no terreno em que eles se encontram, e provaí-lhes, primeiramente, que as leis da Fisiologia são impotentes para tudo explicar: o resto virá depois. Mas de outra maneira se passam as coisas, quando a incredulidade não é preconcebida, porque então a crença neles não é de todo nula: há um gérmen latente, abafado pelas ervas, e que uma centelha pode reavivar. É o cego, a quem se restitui a visão e que se alegra por tornar a ver a luz: é o naufrago a quem se lança uma tábua de salvação” (199/38).

3) **“Terceira classe – os incrédulos de má vontade.** São os incrédulos que, mesmo espiritualistas, pelo menos de nome, são tão refratários quanto aqueles. Referimo-nos aos incrédulos de má-vontade. A esses muito aborreceria o terem de crer, porque isso lhes perturbaria a quietude nos gozos materiais. Temem deparar com a condenação de suas ambições, do seu egoísmo e das vaidades humanas com que se felicitam. Fecham os olhos para não ver, e tapam os ouvidos para não ouvir. Lamentá-los é tudo o que se pode fazer” (199/38).

4) **“Quarta classe – Os incrédulos por interesse ou má-fé.** Os que compõem esta quarta classe sabem muito bem o que devem pensar do Espiritismo, mas ostensivamente o condenam por motivos de interesse pessoal. Não há o que dizer deles, como não há o que fazer. O puro materialista tem, para o seu engano, a escusa da boa-fé; possível desenganá-lo, provando-se-lhe o erro em que labora. Mas, no outro, há uma determinação assentada, contra a qual todos os argumentos irão chocar-se em vão. O tempo se encarregará de lhes abrir os olhos e de lhes mostrar onde estavam seus verdadeiros interesses – porquanto, não podendo impedir que a verdade se expanda, ele será arrastado pela torrente, bem como os interesses que ele julgava salvar” (199/39).

5) **“Quinta classe – os incrédulos por decepção.** Ainda aí, o que há é resultado de incompleto estudo do Espiritismo e da falta de experiência. Aquele a quem os Espíritos mistificam, geralmente são mistificados por lhes perguntar o que eles não devem ou não podem dizer; ou porque não se acham bastante instruídos sobre o assunto, para distinguir da impostura, a verdade. Muitos só vêem no Espiritismo um meio de adivinhação, e imaginam que os Espíritos existem para predizer a sorte de cada um. Ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não perdem ocasião de se divertirem à custa dos que pensam desse modo. É assim que anunciarão marido às moças; aos ambiciosos honras, heranças, tesouros ocultos etc. Daí, muitas vezes, desagradáveis decepções, das quais, entretanto, o homem sério e prudente

sempre sabe preservar-se” (199/40).

6) “Sexta classe – os incrédulos incertos – Uma classe muito numerosa, a mais numerosa de todas, é a dos incertos. São, em geral, espiritualistas por princípio. Na maioria deles, há uma vaga intuição das idéias espíritas, uma aspiração de qualquer coisa que não podem definir. Não lhes falta ao pensamento senão serem coordenados e formulados. O Espiritismo lhe é como um traço de luz: a claridade que dissipa o nevoeiro. Por isso mesmo, o acolhem pressurosos, porque ele os livra da angústia da incerteza” (199/40).

“Qual o melhor meio de convencimento?” – Os meios de convencimento variam extremamente, conforme os indivíduos. O que persuade uns, nada produz em outros. Este se convenceu observando algumas manifestações materiais; aquele, por efeito da comunicação inteligente; o maior número deles, pelo raciocínio. Para a maioria dos que não se preparam pelo raciocínio, os fenômenos matérias quase nenhum peso têm. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, quanto mais se afastam das leis conhecidas, maior oposição encontram – e isso por uma razão muito simples: é que todos somos levados naturalmente a duvidar de uma coisa que não tem sanção racional” (199/42)

Os juízos precipitados são perigosos – No livro “O que é o Espiritismo?”, Kardec escreveu que: “Nisso, como em todas as coisas, são sempre perigosos os juízos precipitados, porque eles podem ser desmentidos pelos fatos que ainda não se observaram. Os incrédulos querem que os fatos obedeçam à sua ordem; mas a Espíritos não se pode dar ordens: é preciso esperar pela boa-vontade deles. Não basta dizer: mostrai-me tal fato e eu creerei; é necessário ter-se vontade de perseverar, deixar que os fatos se produzam espontaneamente, sem pretender forçá-los ou dirigi-los; aquele que mais desejais, será, talvez, precisamente o que não obtereis. Virão, porém, outros; e o que quereis se apresentará quando menos o esperardes” (200/87).

Como os incrédulos vêem os fenômenos – No “Livro dos Médiuns”, Kardec informou que “cada um considera o fenômeno do seu ponto de vista, e o explica a seu modo: o materialista o atribui a uma causa puramente física ou a um embuste; o ignorante e o supersticioso, a uma causa diabólica ou sobrenatural, ao passo que uma explicação prévia produz o efeito de destruir as idéias preconcebidas, e o de mostrar, senão a realidade, pelo menos a possibilidade das coisas que, assim, são compreendidas antes de serem vistas. Ora, desde que se reconheça a possibilidade de um fato, três quartos da convicção estão conquistados” (199/42).

Os incrédulos inconveníveis – “Com relação ao que não se convenceu nem pelo raciocínio, nem pelos fatos, a conclusão a tirar-se é que ainda lhe cumpre sofrer a prova da incredulidade. Deve-se deixar à Providência o encargo de lhe preparar circunstâncias materiais favoráveis. Não faltam os que anseiam pelo recebimento da luz, para que se esteja a perder tempo com os que a repelem” (199/43).

A quem se dirige o Espiritismo? – Em “O que é o Espiritismo?”, o codificador ensinou que “o Espiritismo se dirige aos que não crêem ou que duvidam, e não aos que têm fé e a quem essa fé é suficiente: ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisso é conseqüente com os princípios de tolerância e liberdade de consciência. Não façais violência à fé de ninguém. (...) Ponde a luz em

evidência, para que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e deles daí de comer aos que têm fome, e não aos que se dizem saciados” (200/36).

“Dirigi-vos, portanto, aos de boa-vontade, cujo número é maior do que se pensa; e o exemplo de suas conversões, multiplicando-se, mais do que simples palavras, vencerá as resistências. O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos; consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais – essa a sua missão. É nisso também que encontrará satisfação real. O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela força mesma das coisas, porque torna felizes os que o professam. Quando o ouvirem repercutir em torno de si mesmos, ou entre seus próprios amigos, os que o combatem por sistema compreenderão o insulamento em que se acham, e serão forçados a calar-se ou a render-se” (199/43).

“Como e por onde começar?” — Para quem quer aprender, não é possível fazer um curso de Espiritismo Experimental, como se faz um curso de Física ou de Química. Nas ciências naturais, opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade, tendo-se quase sempre a certeza de poderem regular-se os efeitos. No Espiritismo, temos de lidar com inteligências que gozam de liberdade e que, a cada instante, nos provam não estarem submetidas aos nossos caprichos. Cumpre, pois, observar, aguardar os resultados e colhê-los de passagem. Daí o declararmos abertamente que, quem quer que se blasone de os obter à vontade, não pode deixar de ser um ignorante ou impostor” (199/43).

“Vigilância e seriedade nas pesquisas – Há mesmo qualquer coisa de ilógico em supor-se que os Espíritos venham exibir-se e submeter-se a investigações, como objeto de curiosidade. Portanto, pode suceder que os fenômenos não se dêem quando mais desejados sejam, ou que se apresentem numa ordem diversa da que se queira. Para serem obtidos, preciso se faz a intervenção de pessoas dotadas de faculdades especiais, e que estas faculdades variam ao infinito, de acordo com as aptidões dos indivíduos... mister seria ter-se, sempre às mãos, uma coleção completa de médiuns, o que absolutamente não é possível” (199/44).

“O melhor é começar pela teoria – O meio, aliás muito simples, de se evitar este inconveniente consiste em começar pela teoria. Aí, todos os fenômenos são apreciados e explicados, de modo que o estudante venha a conhecê-los, a lhes compreender a possibilidade a saber em que condições podem produzir-se e quais os obstáculos que pode encontrar. Então, qualquer que seja a ordem em que se apresentem, nada terão que surpreenda. Este caminho ainda oferece outra vantagem: a de poupar uma imensidade de decepções, àquele que queira operar por si mesmo. Precavido contra as dificuldades, ele saberá manter-se em guarda e evitar adquirir experiências à sua própria conta” (199/44).

“Quantas pessoas que, desde quando começamos a nos ocupar com o Espiritismo, não vindo ter-se conosco, e quantas delas vimos se conservarem indiferentes ou incrédulos diante dos fatos mais positivos, e só posteriormente se convenceram, diante uma explicação racional: quantas, enfim, que se persuadiram, sem nunca terem visto, unicamente porque haviam compreendido! Falamos, pois, por experiência, o melhor método de ensino é o de dirigir aquele ensino, antes à razão do que aos olhos. Esse o método que seguimos em nossas lições, e pelo qual somente temos que nos felicitar” (199/45).

Necessidade de um estudo prévio – “Ainda outra vantagem apresenta o estudo

prévio da teoria: a de mostrar, imediatamente, a grandeza do objetivo e o alcance desta ciência... Temos notado sempre que os que crêem antes de haverem visto, apenas porque leram e compreenderam, longe de se conservarem superficiais, são, ao contrário, os que mais refletem. Dando maior atenção ao fundo, do que à forma, vêem na parte filosófica a principal, considerando como acessórios os fenômenos experimentais propriamente ditos. Declaram então que, mesmo se esses fenômenos não existissem, ainda ficaria uma filosofia que só ela resolve problemas até hoje insolúveis; que só ela representa a teoria mais racional do passado do homem e do seu futuro. Ora, como é natural, preferem uma doutrina que explica, às que não explicam, ou explicam mal” (199/45).

“Os fenômenos e as manifestações não são o mais importante. Poder-se-ia abstrair das manifestações, sem que a Doutrina deixasse de subsistir. As manifestações corroboram e confirmam, porém não lhe constituem a base essencial. O observador criterioso não as repele; grande número de pessoas, antes de ouvirem falar das manifestações, já tinham intuição desta Doutrina, que não fez mais do que lhe dar corpo, conexão às idéias” (199/45). “Mas os que começam pela teoria não se privam do objeto das observações práticas. Pelo contrário, não só não lhes faltam os fenômenos, como ainda os de que eles dispõem, maior peso têm aos seus olhos, do que os que pudessem vir a operar-se em sua presença. Referimo-nos aos copiosos fatos de manifestações espontâneas. Singularmente se enganaria, quanto à nossa maneira de ver, quem supusesse que aconselhamos se desprezem os fatos. Pelos fatos foi que chegamos à teoria” (199/46).

“Dizemos apenas que, sem o raciocínio, eles não bastam para determinar a convicção que uma explicação prévia, pondo termo às prevenções, e mostrando que os fatos em nada são contrários à razão, dispõe o indivíduo a aceitá-los... Em dez pessoas, completamente novatas no assunto, que assistem a uma sessão de experimentação, das mais satisfatórias, nove delas sairão sem estar convencidas, e algumas, mais incrédulas ainda do que antes, por não terem as experiências correspondido ao que esperavam. O inverso se dará com as que puderam compreender os fatos, mediante antecipado conhecimento teórico. Para essas pessoas, a teoria constitui um dos meios de verificação, porque sabem em que condições os fenômenos se produzem, e que não se lhes deve pedir o que não podem dar” (199/46).

“O caminho mais correto para aprendizagem – Aos que queiram adquirir essas noções preliminares pela leitura de nossas obras, aconselhamos que as leiam na seguinte ordem: 1) “O que é o Espiritismo?”; 2) “O Livro dos Espíritos”; 3) “O Livro dos Médiuns”; 4) A “Revue Spirite” etc. Isto pelo que nos diz respeito. Os que desejam tudo conhecer de uma ciência, devem, necessariamente, ler tudo o que se acha escrito sobre a matéria, ou – pelo menos – o que haja de principal, não se limitando a um único autor. Devem ler os prós e os contras, tanto as críticas como as apologias; devem inteirar-se dos diferentes sistemas, a fim de poderem julgar por comparação. Trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos na fileira. Não nos cabe ser juiz e parte, e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz. Toca ao leitor separar o bem do mal, o verdadeiro do falso” (199/48).

3.0.0. TERCEIRA PARTE

confronto textual (análise)

3.1.0. O Texto Atual do Antigo Testamento Bíblico

3.1.1. Os 5 Primeiros Livros Bíblicos (ou Pentateuco)

Introdução ao Estudo do Antigo Testamento

Hermenêutica é o nome da ciência que ensina a interpretação de uma legislação, buscando descobrir, no texto, a intenção do legislador; exegese é o processo de interpretação de textos, mas preferentemente aplicado aos textos bíblicos. Para interpretar um texto bíblico, deve o exegeta considerar duas fases importantes: a) a fase da tradição oral; b) a fase do documento já escrito.

No livro “O Católico Perante a Bíblia, frei Adauto Palmés ensinou que “a Tradição Oral é a Bíblia não escrita; ao passo que a Bíblia é a tradição oral levada à escrita”. Na nossa opinião, para entender a fase da tradição oral, o intérprete deve atentar para os ensinamentos da Cabala; e para os textos escritos, deve-se valer principalmente da Lingüística e da Lógica.

Francisco Valdomiro Lorenz escreveu um livro intitulado “Cabala – a Tradição Esotérica do ocidente”, que foi publicado pela Editora Pensamento, de SP. Na introdução, ele informa que “Cabala é a tradição oculta ou esotérica dos hebreus. Conforme afirmam os rabinos, Enoque a ensinou ao patriarca Abraão, e este a transmitiu oralmente a seus filhos e netos. Moisés a sabia e, por isso, prevendo a sorte que aguardava o seu livro e as falsas interpretações que se lhe iam dar, no decorrer dos tempos, confiou as chaves da sua obra a homens seguros, cuja fidelidade tinha sido comprovada”.

“Na época em que viveu Moisés, o templo de Tebas (Capital do reino) continha os arquivos sacerdotais da extinta raça vermelha ou Atlântica e os da Igreja de Ram, cuja sede era na Índia”. É admitido pelos ocultistas que os livros de Moisés foram escritos em caracteres Vattam, e que, mais tarde (no século VI antes de Cristo), Esdras os substituiu pelos caracteres hebraicos quadrados”.

“A alma humana é imortal, mas não atinge a felicidade celeste, que provém da união com Deus, senão quando se tornou perfeita. Isto não é possível no estado atual do homem, por causa da demasiada materialidade do seu corpo. A alma humana é, por isso, obrigada a viver em outros corpos: reencarna para se purificar” (op. cit.-67). “Cada mundo tem seu Gan-Eden (paraíso), seu Nohar Dinur (rio de fogo para a purificação da alma) e seu Gei-Hinam (geena, para castigo infernal)” (idem – 71).

Para a Cabala, “os elementos fogo, ar, terra e água, são habitados por seres espirituais, aos quais se dá o nome de elementais. Os que habitam o fogo se chamam Salamandras; os que habitam o ar, se chamam Silfos; os que habitam a água se chamam Ninfas ou Ondinas; e os que habitam a Terra se chamam Gnomos e Pigmeus”

(154/74). “A Cabala acredita na existência e comunicação dos espíritos com os vivos: todos os homens são dotados de clarividência e de faculdades mágicas, porém, em graus diferentes” (154/76). “A Cabala conhece a comunicação com os mortos. É proibido evocá-los (o que constitui a necromancia); mas o mago pode entrar em união com as almas dos mortos por meio do jejum, das preces e fumigações. (...) Pode também entrar em comunicação com os espíritos superiores da natureza para, deles, receber instruções e sabedoria” (154/77).

“As letras do alfabeto hebraico são todas consoantes; assim, a letra Aleph não representa a vogal A, mas o hálito que acompanha qualquer vogal” (154/23). Mas para as operações cabalísticas é necessário observar só as letras alfabéticas, sem os pontos vocálicos, porque estes foram introduzidos somente no VI século antes da era cristã” (154/25). Além do mais, não podemos nos esquecer de que o hebraico deixou de ser língua falada por volta do século IV aC, subsistindo apenas na liturgia e nos documentos escritos – daí, a dificuldade em se traduzir do hebraico para o grego.

“Na passagem dos textos hebraicos para o grego, houve necessariamente alterações do sentido inicial: o grego não possui letras correspondentes às letras hebraicas “tsade, koph e shin” (154/22).

E não podemos desprezar as informações históricas de que: o papiro foi descoberto no Egito, cerca de 3.000 anos AC, mas era de uso exclusivo dos faraós; que nos tempos de Moisés, só havia tijolos de barro, casca de árvores e tábuas de pedra para escrever; que segundo o Êxodo, “Deus escreveu, em duas lâminas de pedras, as dez palavras do Testamento”; que o pergaminho só foi inventado, em Pérgamo, cerca do ano 200 aC; que, nos tempos de Jesus, ainda não havia papel, e que ele mesmo não deixou sequer uma palavra escrita; que o papel foi invenção chinesa, do ano 1000 dC, mas não teve uso imediato, só se expandindo na Europa depois da invenção da imprensa metálica, que se deu em 1.440 dC, por Guttenberg. Além disso, sabemos que foi no Concílio de Trento (1545 – 1563) que a Igreja decidiu, por votação da maioria, qual era a Bíblia oficial e quais os livros que a compõem, para ser aceita como escrita por Deus e inspirada pelo Espírito Santo.

Vejamos, a seguir, alguns textos escolhidos para nossa análise:

A) Texto do Livro Gênese

Texto - Gênese – I:1), No princípio, Deus criou o céu e a Terra, 2), e o espírito de Deus movia-se sobre as águas. 7) (...) separou as águas que estavam por cima do firmamento (...) 16) E Deus fez dois luzeiros: o luzeiro maior, que presidisse o dia, e o luzeiro menor, que presidisse as noites: e (fez também) as estrelas. 26) (...) façamos o homem à nossa imagem e semelhança (...) 27) E Deus criou o homem à sua imagem.

Bíblia Comparada: No vs-16 diz a Vulgata Latina: “o luzeiro menor, para que presidisse as noites e as estrelas (luminare minus ut praecesset nocti et stellis)”.

Análise – No século XVI, o vice-reitor da Universidade de Cambridge chegou à conclusão, pelos cálculos bíblicos, de que Deus criou o mundo, às 9:00 horas do dia 23 de outubro no ano 4.004 aC (68/17); e esta é, até hoje, a data geralmente aceita pelas crenças bíblicas para a criação do mundo.

Allan Kardec orientou que “a fim de compreendermos certas passagens do livro Gênese, faz-se indispensável nos coloquemos no ponto de vista das idéias cosmogô-

nicas da época eu ele reflete; e que, segundo uma crença muito antiga, a água era tida como princípio primitivo, o elemento gerador das coisas, pelo que Moisés não falou da criação da água, parecendo que ela já existia. Mas, tida a Terra como formada no meio das águas, era preciso insulá-la. Imaginou-se, então, que Deus fizera o firmamento, isto é, uma abóbada sólida, para separar as águas de cima das águas que estavam sobre a Terra” (200/230).

“Moisés partilhava das mais primitivas lendas sobre a cosmogonia. Como os de seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste, sem alegoria nem antiguidade, como neste texto: “Deus disse: Faça-se o firmamento no meio das águas. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento, das águas que estavam por cima do firmamento” (202/217).; eis porque Moisés diz que “o espírito de Deus era levado (ou boiava) sobre as águas” (202/241).

“Um dos pontos mais criticados do Gênese – informa Kardec – tem sido o da criação do sol depois da luz... Ora, segundo Moisés, então só havia plantas e animais, os quais – contudo – não teriam podido crescer e multiplicar-se sem o calor solar. Há, pois, um anacronismo na ordem que Moisés estabeleceu para a criação do sol. Mas o sol não é o princípio da luz universal; é apenas uma concentração do elemento luminoso ou fluido que, em dadas circunstâncias, adquire as propriedades luminosas. Esse fluido, que é a causa, haveria necessariamente de preceder o sol, que é apenas um efeito” (202/229).

“O erro provém da falsa idéia de que o universo começou com a Terra. Daí, o não compreenderem que o sol pudesse ser criado depois da luz. É falsa essa asserção, no fazer crer que a Terra tenha sido criada antes do sol. Estando sujeita a este último, pelo seu movimento de translação, a Terra houve de ser formada depois dele. É o que Moisés não podia saber, pois ignorava as leis da gravitação” (202/230). “Em face dos progressos da Física e da Astronomia, é insustentável semelhante doutrina. Entretanto, Moisés atribuiu aquelas palavras ao próprio Deus. Ora, visto que elas exprimem um fato notoriamente falso, de duas uma: ou Deus se enganou na narrativa que fez de sua obra, ou essa asserção não é divina. Não sendo admissível a primeira, forçoso é concluir que Moisés apenas expressou suas próprias idéias” (202/231).

É evidente que, admitindo Moisés (ou alguém em seu nome) a hipótese da criação do mundo em seis dias, não lhe ocorreu qualquer idéia de transformação nem evolução. Ele acreditava que Deus fizera o mundo, prontinho e acabado, durante seis dias, e descansou no sétimo dia.

“Ao dizer que a criação foi feita em seis dias – indaga Kardec – teria Moisés querido dizer dias de 24 horas, ou períodos de duração indeterminada? E ele próprio conclui que a primeira hipótese é a mais provável, por ser este o sentido própria da palavra “iom”, do hebraico, traduzida por “dia”; além disso, a referência à tarde e à manhã, como limitação de cada um dos seis dias, nos leva à conclusão de que ele pretendia falar em dias comuns” (202/228).

“Mas, cada um dos seis períodos não corresponde, de maneira rigorosa, como supõem muitos, a cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável se verifica na sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma (com pequenas diferenças) e no aparecimento do homem por último” (200/231). “Sobre alguns

pontos, há, sem dúvida, notáveis concordâncias entre a Gênese mosaica e a doutrina científica; mas fora um erro acreditar que basta que se substituam os seis dias de 24 horas por seis períodos indeterminados, para tornar-se completa a analogia (202/238)”. Não menor erro seria acreditar que, afora o sentido alegórico de algumas palavras, o Gênese e a ciência caminham lado a lado; como se vê, na realidade, uma é simples paráfrase da outra” (202/239).

Texto - Gênese – II-1, Assim, foram acabados o céu e a terra (...) 2) E Deus descansou no sétimo dia (...) 3) porque nele tinha cessado de toda a sua obra. 5) Não tinha (ainda) feito chover sobre a terra (...) 7) O Senhor formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto o sopro da vida, e ele tornou-se alma vivente. 17) (...) não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque, em qualquer dia em que comeres dele, indubitavelmente morrerás. 22) E da costela de Adão, formou (...) uma mulher (...) 23) Adão disse (...) Ela se chamará Virago, porque do varão foi tomada.

Bíblia Comparadas – Diz a Bíblia protestante, vs-5, “toda a planta do campo, que ainda não estava na terra, e toda erva do campo, que ainda não brotava; porque o Senhor ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homens para lavrar a terra”.

Análise – Segundo Lorenz, a Cabala admite que “Eloim disse: Faremos Adão (ou o reino hominal, a humanidade) à nossa imagem refletida” (pág. 92); “que Adão não é um homem de sangue, carne e ossos, mas um homem espiritual e universalmente concebido, um ser universal; e que Aisha (a mulher universal) é a faculdade criadora que realiza suas concepções, fazendo-se passar da potência do ato, por meio da vontade” (pág. 100).

O mundo – mesmo a Terra – não foi criada em apenas seis dias, há uns 6.000 anos atrás. Os fatos científicos, estudados pela Astronomia, pela Geologia, pela Biologia etc., já estão sobejamente comprovados – e ninguém, que seja razoável, poderá continuar acreditando na interpretação literal das narrativas bíblicas.

Kardec ensinou que o quadro do universo, tirado do nada, em alguns dias, por um só ato da vontade do Criador, era para tais espíritos o sinal mais evidente do poder de Deus. Se houvesse criado o universo pela lenta e gradual ação das leis da Natureza, Deus lhes houvera parecido menos poderoso... Mas ele houve com mais acerto dizendo que “Deus formou o homem do limo da terra. O termo hebraico “haadam” (homem), do qual se compõe Adão, e o termo “haadama” (terra), tem a mesma raiz. E a ciência mostra, com efeito, que o corpo humano se compõe de elementos tomados à matéria inorgânica, ou – por outra – do limo da terra” (202/245).

Interpretado literalmente, o vs-17 nos levaria à conclusão de que Deus não pretendia que o homem vivesse eternamente, e nem conhecesse a diferença entre o bem e o mal. Por isso, até hoje, muitos pregadores religiosos afirmam que, “se Adão e Eva não tivessem experimentado do fruto proibido, não haveria nem morte, nem sofrimento, nem dor”. Eis o inconveniente de se interpretar literalmente palavras e idéias relacionadas com o conhecimento humano de 3.500 anos atrás!

Por que teria Deus prometido ao primeiro casal que, se comessem do fruto proibido, eles morreriam indubitavelmente – e embora tenha comido dele, o casal não morreu imediatamente? Seria aquela promessa falsamente atribuída a Deus? Teria ele mudado

de idéia ou não pôde cumprir a promessa feita? E se Deus tivesse punido, imediatamente, de morte o primeiro casal, o que teria acontecido? Começaria Deus tudo de novo?

Texto - Gênesis – III:1, Mas a serpente disse à mulher (...) 4) Vós de nenhum modo morrereis, 5) (...) em qualquer dia em que comerdes dele, se abrirão os vossos olhos, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal. 7) E comeram do fruto (...) 14) E o Senhor disse à serpente (...) és maldita entre todos os animais e bestas da terra; andarás de rastro sobre o teu peito, e comerás terra (...) 15) Porei inimizade entre ti e a mulher (...) Ela te pisará a cabeça (...) 16) Disse (...) à mulher: multiplicarei os teus trabalhos, e (especialmente os de) parto. Darás a luz com dor os filhos (...) 17) E disse a Adão (...) a terra será maldita por tua causa; tirarás dela o sustento com o trabalho penoso todos os dias da tua vida. 18) Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. 20) E Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque era ela a mãe de todos os viventes. 22) E (Deus) disse: Eis que Adão se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal; agora, pois, expulsemo-lo do paraíso, para que não suceda que (...) coma da árvore da vida e viva eternamente. 23) (...) lançou-o fora do paraíso (...) e pôs diante do paraíso (...) Querubins brandindo uma espada de fogo, para guardar o caminho da árvore (da vida).

Análise – Principalmente para aqueles que não acreditam na teoria da transformação e evolução das espécies, deve parecer estranho encontrar uma serpente, em pleno Jardim do Éden, com conhecimentos superiores ao do primeiro casal humano. Para esses, uma serpente jamais falará, sempre andarás de rastros, e se alimentará como se alimenta na atualidade; mas, pelo texto bíblico, aquela serpente possuía mais conhecimentos do que o primeiro casal – não sabemos se por ter sido criada superior a eles, ou por ter antes provado também do “fruto proibido”. Alguns pregadores religiosos da atualidade chegam a afirmar que “aquela serpente era o próprio demônio em pleno paraíso”!

Pela inteligência do texto, a serpente estava certa: Adão e Eva comeram do fruto proibido, descobriram que estavam nus, mas não foram mortos, sendo que Adão chegou aos 800 anos de idade. Porém como conciliar a hipótese teológica do demônio como nascido daquela “rebelião dos anjos” e ser um encontrado, no paraíso, imediatamente após a criação do ser humano?

Pelo texto, parece que Deus acreditava indispensável expulsar o primeiro casal do paraíso, para que ele não comesse também da “árvore da vida eterna” e, assim, vivesse eternamente. Entretanto, falando a mesma linguagem da serpente, Deus a ameaçou, mas do paraíso expulsou apenas o primeiro casal. A nosso ver, as ameaças divinas feitas à serpente não lhe devem ter causado preocupação: afinal, ela já andava de rastros, já era temida por todos e alimentava-se das mesmas coisas com que continuou sendo alimentada.

E as ameaças feitas a Eva, que resultado podem ter produzido? Até então, Eva nada fazia, não tinha habitação, nem ocupação, nunca vira alguém dar à luz; portanto, não deve ter entendido as ameaças “divinas”. A rigor, ela pensava que seria imediatamente morta, como punição à sua desobediência, e sequer deve ter prestado atenção à condenação feita por Deus. Igualmente, as promessas feitas a Adão não produziram qualquer intimidação:

a Terra nunca se tornou maldita, nem estéril, e nunca deixou de produzir com abundância. E as ameaças feitas a Adão não se cumpriram, até os dias atuais.

O padre Matos, no rodapé de fls. 21 de sua Bíblia, escreve que “a voz e o ruído de uma pessoa que passeava pelo paraíso, era de um anjo, que representava Deus em forma humana” (04/21).

No capítulo 1-23, Adão havia posto em sua mulher o nome de “Virago, porque do varão foi tomada”; entretanto, aqui, em III-20, o padre Matos traduziu: “pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes”. Qual dos dois textos é divino e merece respeitabilidade? Ora, se Adão e Eva foram os últimos seres da criação – todos os seres animados e inanimados já existiam quando Eva foi criada, e teríamos de admitir o nascimento dos filhotes antes de sua própria mãe!

Do vs-22, conclui-se que o escritor bíblico acreditava na existência de vários deuses; aliás, o Antigo Testamento é teologicamente politeísta. Porém, com quem falava Deus, usando o verbo no plural? Segundo padre Matos, “Adão se tornou como um de nós”, significa “uma referência à Santíssima Trindade e, ao mesmo tempo, uma ironia, tornou-se semelhante ao demônio”.

Conforme os vs- 23 e 24, depois de ter amaldiçoado o primeiro casal e a serpente, Deus colocou os primeiros fora do paraíso, protegendo a árvore da vida eterna com um Querubim armado com uma espada de fogo! O texto não pode ser mais infantil.

Texto - Gênesis – IV:8, (...) E Caim matou Abel. 11) Agora, pois (disse o Senhor), serás maldito sobre a terra (... 12) Quando a cultivares, ela não te dará os seus frutos; serás vagabundo e fugitivo sobre a terra. 15) Qualquer que matar Caim será castigado sete vezes mais. E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que não o matasse ninguém que o encontrasse. 16) E Caim, tendo-se retirado (...) andou errante sobre a terra, e habitou no país que está ao nascente do Éden. 17) E Caim conheceu sua mulher, a qual (...) deu à luz Henoc. E edificou uma cidade que chamou Henoc. 23) E Lamec disse a suas duas mulheres (...) eu matei um homem. 24) Caim será vingado sete vezes, mas Lamec será vingado sete vezes sete. 25) Então, Adão conheceu outra vez sua mulher, a qual deu à luz (...) Set, em lugar de Abel, que Caim matou.

Análise – Os dois filhos de Adão e Eva levaram uma vida solitária, não possuíam amigos e não tinham a quem vender o produto de seus trabalhos. E quando decidiram ofertar o produto de seu trabalho a Deus, o Senhor aceitou os produtos pecuários de Abel, rejeitando os produtos agrícolas de Caim, por isso Caim matou seu irmão. Entretanto, aquele “personagem bíblico” colocou em Caim um sinal para que ninguém o matasse. Ora, segundo a cronologia bíblica, só havia então Adão e Eva, seus próprios pais. Seria admissível que eles o confundissem com outrem e o matassem? E por que Adão e Eva haveriam de acreditar na existência de outras pessoas, fora de sua própria linhagem?

Até aqui, porém, Caim ainda estava vivo, e ainda não foi punido nem uma vez, nem sete vezes mais. E, misteriosamente — não sei como, nem de onde o escritor “inspirado” arranja uma mulher para Caim; este constrói uma cidade (não sei para quem morar), ganha um filho e lhe põe o nome de Henoc.

Depois disso, aparece Lamec, que também recebe duas mulheres! Sic! E, pelo texto, conclui-se que Caim ainda estava vivo. Mais tarde, e somente agora, Adão e Eva voltam

a coabitar, tendo-lhes nascido Set, em lugar de Abel, que Caim matara. E já estaríamos na quarta geração. Como poderia, em pleno século XX, um cérebro amadurecido acreditar na cronologia bíblica acima descrita?

Ora, é evidente que, sem se admitir que tanto os seres vivos elementares, quanto os seres humanos, tenham surgido simultaneamente de diversas fontes e em diversos pontos do globo, o texto bíblico se torna ridículo e ofensivo à inteligência humana. O autor protestante de “A Bíblia e a Ciência Moderna” tentou suprimir o impasse, ao informar que “como era natural naqueles tempos, Caim deve ter casado com suas próprias irmãs”. Mas esta hipótese é absurda e patética, tendo-se em vista que é a própria Bíblia que afirma só agora terem Adão e Eva recebido Set em lugar de Abel, que Caim havia matado.

Texto - Gênesis – V:4, E, depois (...) com 800 anos, (Adão) gerou filhos e filhas. 17) (...) e toda a vida de Matusalém foi de 969 anos, e morreu. E Noé, tendo 500 anos de idade, gerou Sem, Cam e Jafet. 23, e todo o tempo da vida de Henoc foi de 365 anos; 24- E andou com Deus e desapareceu, porque Deus o levou.

Análise – Não é razoável admitir-se que alguém possa viver 800 anos dos nossos, e muito menos ainda que, com tão avançada idade, seja capaz de gerar filhos e filhas; mas, segundo o texto, foi só agora que Adão e Eva tiveram filhos e filhas, além dos três anteriormente mencionados.

Na interpretação esotérica, isto é cabalística, da cronologia de Moisés, os nomes próprios daquelas gerações designam aqui períodos característicos da humanidade, e não de indivíduos (pág. 107). E, sobre o vs-24, o padre Matos Soares escreve: “estas palavras mostram que Henoc não morreu, mas foi levado por Deus para fora do mundo” (04/24). E mesmo tendo vivido 969 anos, também Matusalém morreu, porque é uma lei natural que “tudo o que vive biologicamente, também biologicamente vai morrer”. Não nos esqueçamos jamais dessa verdade: tudo na vida é passageiro. Só a eternidade permanece impassível e imutável.

Texto – Gênesis - VI:2, Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram-nas por suas mulheres (...) 3) E Deus disse: o meu espírito não permanecerá para sempre no homem (...) e os seus dias serão 120 anos. 4) Naquele tempo havia gigantes sobre a terra (...) Os filhos de Deus tiveram comércio com as filhas dos homens, e elas geraram filhos (...) 5) Deus (...) vendo a malícia dos homens (...) 6) arrependeu-se de ter feito o homem (...) 7) e disse: exterminarei da face da terra os homens (...) 13) e disse a Noé (...) 14) Faze uma arca de madeira aplainada (...) 15) (...) o comprimento da arca será de 300 côvados, a largura de 50 côvados, e a altura de 30 côvados. 17) (...) tudo o que há sobre a terra será consumido. 22) Fez, pois, Noé, tudo o que Deus tinha ordenado.

Análise – Que filhos de Deus seriam aqueles? Se eram seus filhos, como se atribui também a Jesus, não seriam eles os “primogênitos”? Seriam seres humanos, vindos de outras regiões do globo, ou eram apenas seres espirituais desencarnados? Porém como poderia um ser espiritual, imaterial, gerar filhos de um organismo feminino? Ao que tudo indica, este texto bíblico derivou-se de antigas lendas e tradições vindas da Lamúria e da Atlântida. A Teosofia descreve a 3ª raça, a Lemuriana, como de pessoas verdadeiramente gigantes.

Aristóteles já admitia, dois milênios antes da Teoria da Evolução, que os homens da antiguidade deveriam ser necessariamente de maior porte e estaturas mais elevadas dos que os atuais, pois, do contrário, não teriam sobrevivido.

Ao que parece, foi deste texto que o erudito alemão Erick Von Däniken começou juntar argumentos e provas para sua tese de que “no passado, o planeta foi visitado por inteligências provindas do Cosmo, e que os homens primitivos as tomaram por deuses”.

Segundo o “Dicionário Bíblico”, de Smith, as dimensões da arca eram literalmente faraônicas: 133 metros de comprimento, 22 metros de largura e 13 de altura. Para nós, uma obra quase impossível de ser executada por um homem de 500 anos e seus 3 filhos, em épocas tão remotas. Houve porém vários dilúvios parciais e regionais, em pequena parte da Mesopotâmia, influenciando todas as mitologias, todas as religiões e literaturas religiosas.

Allan Kardec mostrou que o “dilúvio bíblico, também conhecido pela denominação de “o grande dilúvio asiático”, é fato cuja realidade não se pode contestar. Deve tê-lo ocasionado o levantamento de uma parte das montanhas daquela região, como o do México (202/179). O dilúvio asiático foi evidentemente posterior ao aparecimento do homem na Terra, visto que a lembrança dele se conservou pela tradição de todos os povos daquela parte do mundo, os quais o consagraram em suas teogonias (202/180); mas é igualmente posterior ao grande dilúvio universal, que assinalou o início do atual período geológico (200/181).

Texto – Gênesis – VII:6, E tinha Noé 500 anos (...) quando as águas do dilúvio inundaram a terra. 7) Noé entrou na arca com seus filhos, sua mulher e a mulher de seus filhos (...) 8) E também dos animais puros e impuros, e das aves e de tudo o que se move sobre a terra (...) 11) (...) abriram-se as cataratas do céu; 12) e caiu chuva sobre a terra durante 40 dias e 40 noites. 19) (...) todos os mais elevados pontos que há sob o céu, ficaram cobertos. Tudo o que respira e tem vida sobre a terra, tudo morreu. 24) E as águas cobriram a terra durante 150 dias.

Gênesis – VIII:2, Fecharam-se as fontes (...) e as cataratas (...) 3) E as águas (...) se retiraram de cima da terra, e começaram a diminuir, depois de 150 dias. 6) E, tendo-se passado 40 dias, abriu Noé a janela (...) soltou um corvo, 7) o qual saiu e não tornou mais, até que as águas secaram sobre a terra. 8) Mandou também uma pomba depois dele (...) 9) E ela, não encontrando onde pousar o pé, tornou a vir a ele para a arca (...) 14) No 2º mês, no dia 27, a terra ficou seca. 18) Saiu, pois, Noé (...) edificou um altar (...) e tomando de todos os animais e de todas as aves puras, ofereceu-os em holocausto sobre o altar. 21) (...) recebeu o Senhor um suave odor, e disse: não amaldiçoarei mais a terra (...) Não tornarei, pois, a ferir todos os seres que fiz.

Bíblia Comparadas – Diz a Bíblia protestante, VIII:2, cerraram-se também as fontes do abismo, e as janelas do céu, e a chuva do céu se deteve; a Good News informa, no VIII:4, o bote ficou sobre a montanha de Ararat; a Bíblia em espanhol, VIII-07, “Noé soltou um corvo, o qual saiu, estava indo e vindo, até que as águas secaram sobre a terra”.

Análise – Qual teria sido o critério utilizado por Noé, para diferenciar uns animais

dos outros, como, por exemplo: a cobra macho da cobra fêmea, os animais unicelulares, os de organização inferiores, uma espécie da outra, um gênero do outro, uma família da outra, bem como os animais puros dos impuros? E por que teria Deus punido todos aqueles animais, todos aqueles seres vivos, inclusive os vegetais e os animais irracionais, quando fazia a punição dos pecados humanos? E qual seria a experiência de alguém ver aqueles milhões de peixes e animais marinhos morrendo afogados? Atualmente, já são conhecidos oito pontos geográficos mais altos do que a montanha de Ararat? Não se assemelha muito esta história bíblica àquela lenda, vinda da Babilônia, em que “os deuses se juntaram, como moscas, para apreciar o cheiro das oferendas”, e prometeram nunca mais cometer uma loucura daquelas? E, afinal, qual ave ficou indo e vindo: era um corvo, ou uma pomba?

Texto – Gênesis – IX-13, Porei o meu arco nas nuvens, e ele será o sinal da aliança entre mim e a terra. 14) (...) o meu arco aparecerá (...) 16) (...) eu o verei, e me lembrarei da aliança eterna (...) 28) Ora, Noé viveu ainda 150 anos depois do dilúvio.

Análise – Por que, novamente, teve aquele “personagem bíblico” de colocar um sinal para não se esquecer da promessa feita? Acredita o leitor que fosse realmente Deus? Teria ele se esquecido de que já fixara, em 120 anos, a idade limite para os seres humanos? Ora, uma entidade que se esquece das coisas, ou se arrepende do que tem feito não pode ser Deus. Logo, ou aquele personagem bíblico não era Deus, ou o texto é falso.

Texto – Gênesis – X-1, (...) dos filhos de Noé – Sem, Cam e Jafet (...) nasceram filhos depois do dilúvio. 5) Destes saíram os (habitantes) das ilhas das nações em suas (diversas) regiões, cada um segundo à sua língua.

Análise – Segundo os crentes bíblicos, este dilúvio teria ocorrido no final do III milênio aC, e todas as atuais pessoas descenderiam daqueles oito sobreviventes ao dilúvio universal. Como se explicaria, então, a existência de brilhantes civilizações na Suméria, na Acádia, na Babilônia, no Egito, na China e na Índia, por volta do IV milênio antes de Cristo? E se a confusão das línguas ocorreu, mais tarde, quando o povo falava uma só língua, como se justifica esta informação do escritor bíblico? Desse modo, o texto bíblico está em contradição com a Etnografia (porque não explica a origem das diversas raças), com a História (porque não explica a existência daquelas brilhantes civilizações), logo, não pode ter origem divina.

Texto – Gênesis – XI-1, Ora, a terra tinha só uma língua (...) 4) (...) os homens disseram: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cimo chegue até ao céu (...) 5) E o Senhor (...) 6) disse: Eis que são um só povo e têm todos a mesma língua; e começaram a fazer esta obra, e não desistirão do seu intento, até que o tenham executado. 7) Vinde, pois, desçamos e confundamos de tal sorte a sua linguagem, que um não compreenda a voz do outro. 8) E assim, o Senhor os dispersou daquele lugar para todos os países da terra, e cessaram de edificar a cidade.

Bíblia Comparadas – A Good News informa, no vs-06, é justo o começo do que estão fazendo (...) (mas) (...) senão, eles serão capazes de fazer qualquer coisa que quiserem”.

Análise – A contradição deste texto com o de Gen-X:5 é flagrante e incontestável. “A Palavra Escrita e sua História”, de Hernani Donato, registra que a confusão das

línguas nada teve a ver com castigos divinos, mas foi um problema surgido pela diversidade dos caracteres utilizados na escrita, em seus começos, quando utilizada por diferentes povos; os motivos locais, levados à escrita, dificultavam sua compreensão e adoção por povos de outras raças e religiões. Além disso, o leitor também já viu que aqueles “ziggurats”, “torres de Babel”, “lugares altos”, “torres de degraus” eram locais destinados à descida dos deuses do céu, para falarem com os homens, como nos mitos de quase todas as crenças e culturas pré-mosaicas. Sem dúvida, foi delas que se originou, na Bíblia, a lenda da “torre de Babel”.

Acredita o leitor que Deus confundiria a linguagem humana para que os homens não se entendessem uns aos outros e deixassem de construir uma torre, até atingir os céus? Por que aquele personagem bíblico não desejava o entendimento e a confraternização dos povos? Já que o verbo está no plural “desçamos e confundamos”, com quem falava Deus? Haveria muitos deuses?

Em 1887, na Polônia, um dos gênios da confraternização universal, chamado Lázaro Luiz Zamenhof, publicou sua língua artificial – o Esperanto – constituída de 16 regrinhas fáceis, regulares e sem exceção, para facilitar a compreensão entre os povos do planeta. Cada pessoa aprende apenas sua língua e mais o Esperanto, que é, pelo menos cinqüenta por cento mais fácil do que qualquer outra língua nacional. Entre aquele personagem bíblico e o gênio polonês, eu sou forçado a colocar o Criador do Esperanto em primeiro lugar.

Texto – Gênesis – XV:1, (...) falou o Senhor a Abraão, numa visão (...) 5) (...) olha para o céu e conta, se podes, as estrelas (...) Assim será a tua descendência. 13) (...) a tua descendência será peregrina numa terra não sua, e será reduzida à escravidão, e afligida durante 400 anos. 16) Mas, à quarta geração, (os teus) voltarão para aqui (...).

Análise – Nem ainda hoje, com seis bilhões de habitantes, poderíamos afirmar que a descendência de Abraão recebeu cumprimento daquela promessa divina. E, como veremos no livro Êxodo, os descendentes de Jacó (ou Israel), eram descendentes daquelas setenta pessoas que ali entraram com Jacó, e nunca foram escravos naquele país, pois também eram egípcios de nascimento. Segundo nossa estimativa, naquele capítulo, os hebreus não permaneceram 400, nem 430 anos no Egito, mas apenas uns 150 anos, no máximo.

Texto – Gênesis – XIX-1, (...) chegaram dois anjos a Sodoma (...) 4) (...) mas os homens da cidade (...) cercaram a casa. 5) (...) onde estão aqueles homens que entraram na sua casa, ao cair da noite? Faze-os sair para que os conheçamos. 7) Saiu Lot e disse: não queirais fazer este mal. 8) Tenho duas filhas, que ainda são virgens; eu vo-las trarei: abusai delas como vos agradar, contanto que não façais mal algum a esses homens (...) 13) (...) (um anjo disse): nós vamos destruir este lugar (...) o Senhor nos enviou para que os exterminássemos. 14) Lot (...) falou a seus genros, que estavam para casar com suas filhas (...) Levantai, saí deste lugar, porque o Senhor destruirá esta cidade (...) 15) Ao amanhecer, instavam os anjos com Lot (...) 17) (...) e puseram-nos fora da cidade (...) não olhes para trás, e não pares em parte alguma nos arredores deste país; mas salva-te no monte, para que não pareças com os outros. 22) não poderei fazer nada enquanto tu lá não tiveres entrado(...) 23) E o sol se levantava sobre a terra, quando entrou em Segor. 24) Fez, pois, o Senhor, por parte do Senhor,

chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo (caindo) do céu; 25) e destruiu estas cidades e todo o país e todos os habitantes da cidade, e toda a verdura da terra. 30) E Lot (...) retirou-se para o monte (...) e habitou uma caverna, e as duas filhas com ele (porque temia ficar em Segor). 31) E a mais velha disse à mais nova: Nosso pai está velho, e na terra não ficou homem algum com quem possamos nos casar (...) 32) Vem, embriaguemo-lo com vinho, e durmamos com ele para (...) conservar a linhagem de nosso pai. 33) Deram, pois, a beber vinho a seu pai de noite; e a mais velha entrou, e dormiu com o pai; ele, porém, não sentiu quando ela se deitou, nem quando se levantou. 35) (...) (no dia seguinte) a filha mais nova entrou e dormiu com ele; e nem então ele sentiu quando ela se deitou, nem quando se levantou. 36) E as duas filhas de Lot conceberam de seu pai. 37) A mais velha deu a luz Moab... 38) A mais nova também deu à luz (...) Amon.

Análise – Se eu contasse esta história a alguém, sem mencionar sua fonte literária, provavelmente questionaria minha sanidade mental, senão minha seriedade. Não a inventei, porém: ela está contida nas páginas do chamado “livro de Deus”. Que exemplo de irresponsabilidade e imoralidade deixou o “Santo Lot” para os atuais pais de família! Mesmo antes de saber que os dois visitantes eram anjos, Lot franqueou suas “duas filhas virgens” à lascívia daqueles sodomitas. Que respeito e consideração mereceria um sogro assim, por parte daqueles que iriam se casar com suas filhas?

Sodoma e Gomorra se situavam próximas uma da outra? Teria sido o mesmo anjo que destruiu as duas cidades? Alguém acredita, atualmente, em “fogo caindo do céu” e que a mulher de Lot tenha se convertido em uma estátua de sal? A história acima narrada pode chocar o bom gosto literário e o pudor dos leitores, mas a culpa não é nossa.

Em “Eram os Deuses Astronautas”, o erudito alemão Erick Von Däniken sugere que a destruição de Sodoma e Gomorra tenha sido provocada por uma explosão atômica, feita por extra-terrestres, já que, nos tempos de Lot, nenhum instrumento humano poderia ter produzido semelhante explosão.

Texto – Gênesis – XX:2, (...) Mandou, pois, Abimelec, rei de Gerara, buscá-la. 3) Mas Deus apareceu de noite, em sonhos, a Abimelec, e lhe disse: Eis que morrerás, por causa da mulher que roubaste, porque ela tem marido. 4) Ora, Abimelec não a tinha tocado. 6) E Deus disse-lhe: sei que procedeste com um coração simples; por isso, te preservei de pecar contra mim, e não permiti que a tocassem. 7) (...) Se, porém, não quiseres restituí-la, sabes que morrerás indubitavelmente (...) 14) Tomou, pois, Abimelec ovelhas e bois, e escravos e escravas, e deu-os a Abraão; e restitui-lhe Sara, sua mulher. 15) E disse-lhe: esta terra que está diante de ti, habita-a como te agradar. 17) E, orando Abraão, Deus sarou Abimelec e as mulheres, e as suas escravas e deram (novamente) a luz. 18) Porque o Senhor tinha tornado estéreis todas as mulheres da casa de Abimelec, por causa de Sara.

Análise – Pelo texto, conclui-se que já havia muito tempo que Sara se encontrava com o rei de Gerara, do contrário, não se poderia afirmar que as mulheres do reino haviam se tornado estéreis. Porém, se Deus havia preservado Abimelec de tocar Sara, por que teve ele de punir precisamente as mulheres do reino com a esterilidade? Acredita o leitor que o fato acima narrado tenha acontecido? Na nossa opinião, lendas e fábulas como estas, encontradas no chamado “Livro de Deus”, são responsáveis por grande parte do

cepticismo, pelo materialismo, pelo indiferentismo moral do homem atual.

Texto – Gênesis – XXII:2, E Deus lhe disse: Toma Isac, teu (único) filho, a quem amas, e o oferecerás em holocausto (...) 6) Tomou, (Abraão) a lenha do holocausto, e pô-la sobre Isac (...) levava nas mãos o fogo e o cutelo (...) 9) E chegaram (finalmente) ao lugar que Deus tinha designado (...) E tendo ligado Isac, pô-lo no altar, sobre o feixe de lenha. 11) E eis que o anjo do Senhor gritou do céu (...) 12) (...) não lhe faças mal algum; agora conheci que temes a Deus, e não perdoaste o teu único filho por amor de mim. 13) Abraão (...) viu um cordeiro preso pelos chifres entre os espinhos, e (...) ofereceu em holocausto. 16) (...) diz o Senhor: porque fizeste tal coisa (...) 18) te abençoarei, e multiplicarei a tua estirpe como as estrelas do céu e como as areias do mar (...).

Análise – Pelo que conheço do caráter e personalidade dos seres humanos de meu tempo, posso garantir que dificilmente alguém se portaria, hoje, como teria feito Abraão. É difícil acreditar que alguém oferecesse, em holocausto, seu filho único. Uma pessoa de vida real, de carne e osso, tentaria adiar, o quanto possível, o holocausto de seu próprio filho; usaria todos os meios, orações e recursos para se inteirar se realmente se tratava de Deus e se aquele sacrifício era inevitável. Acredita o leitor que Deus tivesse realmente feito tal exigência?

Texto – Gênesis – XXIX-2, E (Labão) fez as bodas (...) 23) E, à noite, introduziu sua filha Lia na câmara de Jacó, (em vez de Raquel) (...) 24) E Jacó, tendo ficado com ela toda a noite, segundo o costume, viu pela manhã, que era Lia. 26) Labão disse: no nosso país não é costume casarem-se as mais novas primeiro. 27) Acaba a semana destas núpcias e dar-te-ei também a outra, pelo trabalho que me prestarás durante outros 7 anos. 28) Acomodou-se (Jacó) à proposta, e passada a semana, casou-se (também) com Raquel. 31) Mas o Senhor, vendo que ele desprezava Lia, tornou-a fecunda, permanecendo estéril a irmã.

Análise – Sem dúvida os costumes vão mudando com o tempo; entretanto, eu não consigo admitir que, mesmo sendo primo das duas moças, sobrinho do futuro sogro e ter trabalhado ali durante sete anos, pudesse Jacó ter confundido sua amada Raquel com a prima Lia. Isto nunca aconteceu em parte alguma do globo, nem jamais acontecerá. Na verdade, o tio de Jacó obteve, com aquele artifício, um trabalhador gratuito por quatorze anos, além de casar suas duas filhas; mas o escritor bíblico atribuiu a um castigo de Deus a esterilidade de Raquel e a fertilidade de Lia. Acredita o leitor?

Texto – Gênesis – XXX:4, (Raquel) deu-lhe a escrava Bala por mulher. 9) Lia (...) deu a seu marido sua escrava Zelfa. 37) Jacó, tomando varas verdes de choupo e de amendoeiras (...) tirou-lhes parte das cascas (...) (no lugar) onde as varas tinham sido descascadas, apareceu o branco; e onde tinham ficado intactas, permaneceram verdes; e isso causou (nas varas) uma variedade de cores. 38) E pô-las nos canais (...) para que, quando os rebanhos fossem beber (...) concebessem olhando para elas. 39) E aconteceu que, no mesmo calor do coito, as ovelhas olhavam para as varas, e davam à luz cordeiros manchados e variegados e pintados de diversas cores. 40) (...) e tudo o que era branco e negro, pertencia a Labão, e o resto a Jacó (...) 43) E ele tornou-se extremamente rico, extraordinariamente rico, e teve muitos rebanhos e escravos.

Texto – Gênesis – XXXI:1, Jacó ouviu as palavras dos filhos de Labão: “Levou

Jacó tudo o que era de nosso pai e, enriquecido de seus bens, tornou-se poderoso”.

Bíblia Comparadas – As Bíblias em Espanhol, Italiano e Esperanto ensinam, no cap. XXX. vs-42, “quando vinham as ovelhas mais fortes, Jacó punha as varas diante das ovelhas; 43, porém, quando vinham as mais fracas, não as punhas; assim, as mais fracas eram de Labão e as mais fortes de Jacó”.

Análise – Eis aí os exemplos de honestidade deixados pelo patriarca Jacó, que mais tarde teve seu nome mudado para Israel, e do qual descendem os “filhos de Israel”!. No entanto, será que alguém, em plena era da Razão, pode acreditar que aquele expediente de Jacó, para ludibriar seu tio, tivesse mesmo dado resultados? Por que Jacó pôde ter quatro mulheres?

Texto – Gênese – XXXII:1, (... saíram-lhe ao encontro uns anjos (...) 28) (...) te chamarás Israel; porque, se contra Deus foste forte, quanto mais o será contra os homens! 30) E Jacó disse: Eu vi Deus, face a face, e minha alma foi salva/

Bíblia Comparadas – Diz a Bíblia em espanhol, vs-28, “porque lutou contra Deus e com os homens, e venceu-os”.

Análise – Ao que parece, tanto aquele anjo, quanto Jacó, acreditavam que ele tinha lutado contra o próprio Deus, e naquela corrente bíblica, que dizia ser impossível a um homem ver Deus e continuar vivo.

Texto – Gênese – XXXIV:14, Os filhos de Jacó, enfurecidos por causa do estupro de sua irmã (...) (partiram sobre os inimigos), 24) (...) e (foram circuncidados todos os varões daquele país estrangeiro). 25) E eis que, no 3º dia (...) os filhos de Jacó empunharam as espadas, entraram resolutamente na cidade; e mortos todos os varões, 26) trucidaram igualmente Hemor e Siquém, tirando (deles) a sua irmã Dian (...) 28) Tomaram (...) e devastaram tudo o que havia nas casas e nos campos, 29) e levaram cativos os (seus) filhos e (suas) mulheres.

Texto – Gênese – XXXV:5, O terror de Deus invadiu todas as cidades (...) e não se atreveram a perseguir os que se retiravam. 9) E Deus apareceu novamente a Jacó (...) 10) (...) o teu nome será Israel.

Bíblia Comparadas – A Bíblia protestante diz, no vs-29, levaram todas as suas fazendas e todos os meninos e as suas mulheres levaram presos, e despojaram-nos.

Análise – Quem ousaria atribuir ao furor divino a não resistência dos filhos de Siquém?

Texto – Gênese – XXXVII:24, E lançaram (José) numa cisterna velha, que não tinha água. 36) Os madianitas venderam José ao Egito, a Putifar, eunuco do faraó, general dos exércitos.

Bíblia Comparadas – A Vulgata Latina ensina, nos vs-36, venderam-no a Putifar, eunuco do faraó, chefe das milícias; as Bíblias em Espanhol e a The Bible, vs-36, venderam-no a Putifar, oficial do faraó, capitão da guarda.

Análise – Eunuco era, antigamente, uma pessoa castrada, ou a quem foram arrancados os testículos, e eram empregados em vigiar as mulheres de um harém. Entretanto, o eunuco que comprou José era general do exército, ou chefe da guarda de faraó e tinha uma mulher, a qual foi o pivô daquele episódio que levou José a dois anos de prisão no Egito.

Texto – Gênese – XXXVIII:11, (...) Judá disse a Tamar, sua nora: conserva-te

viúva na casa de teu pai (...) 24) Mas, três meses depois, foram dizer a Judá: Tamar, tua nora, fornicou, e vê-se que está grávida. E Judá disse: tira-a para fora, para ser queimada! 27) Mas, quando estava para dar à luz, apareceram dois gêmeos no ventre; e, na saída, um deitou fora a mão, na qual a parteira atou um fiô vermelho, dizendo: 28) Este sairá primeiro. 29) Porém (...) saiu o outro (...) 30) Depois, saiu o irmão, em cuja mão estava o fio vermelho (...).

Análise – Eis mais uma história trazida pelo chamado “livro de Deus”, que se eu contasse, sem mencionar sua fonte bíblica, provavelmente colocaria em dúvida minha seriedade, quando não minha própria integridade mental.

Texto Gêneses – XXXIX:1, José foi, pois, conduzido ao Egito, e Putifar egípcio, o eunuco do faraó e general do exército, o comprou dos ismaelitas, que o tinham levado. 5) E o Senhor abençoou a casa do egípcio, por causa de José (...) 19) (...) (mas) demasiadamente crédulo nas palavras de (sua) mulher, (o eunuco) irou-se em extremo; 20) e lançou José no cárcere, onde estavam detidos os presos do rei. Bíblias Comparadas – A Vulgata Latina diz, no vs-1, Putifar, eunuco do faraó e príncipe dos exércitos.

Análise – O texto deixa bem claro que Putifar, o eunuco, era o chefe ou príncipe dos exércitos do rei (ou faraó). Entretanto, inexplicavelmente, o escritor bíblico arranjou uma mulher para aquele eunuco. Já havia no Egito, muito antes de Moisés, a lenda de um estrangeiro que provocou a ira de um eunuco, por causa de sua mulher.

Texto – Gêneses – XLI-1, Dois anos depois, faraó teve um sonho (...) mas não havia quem lhe explicasse. 14) Imediatamente José foi tirado do cárcere (...) 25) (...) o sonho do rei refere-se a um só, respondeu José (...) 37) Agradou o conselho ao Faraó e a todos os seus ministros. 40) Tu governarás a minha casa e, ao mando de tua voz, obedecerá todo o povo; eu não terei outra procedência sobre ti além do trono (...) 43) (...) e José foi aclamado Superintendente de toda a Terra do Egito. 45) E mudou-lhe o nome, e chamou-o na língua egípcia de “Salvador do Mundo”. E deu-lhe por mulher Asenet, filha de Putifar, sacerdote de Heliópolis (...) 57) E todas as províncias vinham ao Egito, para comprar de comer.

Bíblias Comparadas – A Bíblia em Italiano ensina, no vs-45, “filha de Potifera, governador de On”; a Bíblia protestante e The Bible, vs-45, “filha de Pothiphar, sacerdote de On”.

Análise – Por que deveria José ser chamado de “Salvador do mundo”? E, afinal, seu sogro era sacerdote de On, governador de On ou governador de Heliópolis?

Texto – Gêneses – XLVI:1, Partiu, pois, Israel com tudo o que possuía, tendo imolado aí vítimas a Deus de seu pai Isac, 2) ouviu-o Deus numa visão, de noite (...) 4) Eu irei para lá contigo, e te reconduzirei de lá quando voltares (...) 6) (...) e foi para o Egito (...) 27) Todas as almas da casa de Jacó (ou Israel), que entraram no Egito, eram 70.

Análise – Como era costume naquele tempo, antes de ir, Israel ofereceu vítimas sangrentas ao seu Deus. E todos que entraram no Egito, com Israel, eram setenta pessoas.

Texto – Gêneses – L-2, Morreu Israel... José ordenou que embalsamassem o seu pai, 3) (...) e o Egito o chorou durante 70 dias. 25) Morreu (também) José, tendo completado 110 anos.

Análise – Chegamos ao final do livro Gêneses, e Moisés ainda não existia.

Portanto, se ele realmente escreveu os fatos do Gênese, tê-lo-ia feito muito depois dos fatos ali narrados. Vejamos, em seguida, se Moisés escreveu o livro Gênese e os outros quatro que lhe são atribuídos.

B) No Livro Êxodo

Texto – Êxodo – I-8, (...) levantou-se no Egito um rei que não conhecia José. 9) E disse ao seu povo (...) Israel é numeroso e mais forte do que nós. 10) Vinde, pois oprimamo-lo (...) para que ele não se multiplique mais ainda e não se una, pois, com os nossos inimigos (...) 2) E disse às parteiras (das hebréias) (...) Tudo o que nascer do sexo masculino, lançai-o no rio, e do sexo feminino, conservai-o.

Análise – No final do livro Gênese, Israel (ou Jacó) vai para o Egito com sua família e escravos, num total de setenta pessoas, atendendo ao convite de seu filho José, que então era Superintendente de todas as terras do Egito. Tendo em vista que, segundo o texto, “levantou-se no Egito um rei que não conhecia José”, presume-se que José ainda estava vivo. Provavelmente subiu ao trono um rei de oposição, que não apoiava ou não mais precisava de José. Entretanto, esse mesmo rei – nos tempos de José – afirmou que “Israel é numeroso e mais forte do que nós”; e foi ele próprio quem ordenou às parteiras (das hebréias) que matassem todo recém-nascido masculino.

Texto – Êxodo – II-1, Depois disso, um homem da família de Levi tomou para esposa uma mulher de sua estirpe, 2) a qual deu à luz um filho: (...) e o escondeu, pelo espaço de 3 meses. 3) Não podendo mais escondê-lo, tomou uma cesta de junco... e expô-lo no canavial, junto da margem do rio. 5) (...) a filha do faraó (...) mandou uma de suas criadas trazê-lo. 9) (...) Toma este menino e aleita-o; eu te darei a tua paga (...) e quando estava crescido, entregou-o à filha do faraó. 10) que o adotou por filho e pôs-lhe o nome de Moisés. (...) 11) (...) sendo Moisés já grande, saiu a visitar seus irmãos; e viu a aflição e um homem egípcio que maltratava um dos hebreus seus irmãos, 12) (...) e matando o egípcio, escondeu-o na areia. 15) O Faraó foi informado do acontecimento e procurava matar Moisés (...) 23) Muito tempo depois, porém, morreu o rei do Egito, e os filhos de Israel, gemendo debaixo do peso dos trabalhos, clamaram; e o seu clamor (...) subiu até Deus, 24) o qual (...) se lembrou da aliança que tinha feito com Abraão, Isaac e Jacó. 25) E o Senhor olhou para os filhos de Israel, e reconheceu-os (por seus filhos).

Análise – Os textos nos autorizam a pensar que, da chegada de Israel (ou Jacó) ao Egito, até o nascimento de Moisés, não teria se passado mais de setenta anos; que da chegada de Israel ao Egito até o início do êxodo não decorreram mais do que cento e cinqüenta anos. Pelo menos, podemos asseverar que José ainda vivia quando nasceu Moisés; e o próprio livro Êxodo afirma que, durante o êxodo (ou saída), os filhos de Israel levaram os ossos de José para serem sepultados na “terra prometida”.

Entretanto, se todos os filhos de Israel nasceram no Egito, daquelas setenta pessoas que ali entraram em Israel, como falar em escravidão? Como acreditar nas palavras do faraó, segundo o qual “Israel é numeroso e mais forte do que nós”? O que podemos afirmar é que todos os filhos de Israel nasceram no Egito, eram egípcios, e não foram escravos no país dos faraós. O livro “A Bíblia Disse a Verdade” afirma que – do vs-23 – “podemos pensar que se trata da morte do maior faraó. Tutmés III,

em 1447, aC, ou seja, 38 anos depois da fuga de Moisés” (pág. 106).

Texto – Êxodo-III:1, Ora, Moisés (...) chegou ao Monte de Deus, em Horeb, 2) e o Senhor lhe apareceu numa chama de fogo (que saía) do meio de uma sarça, e (Moisés) viu que a sarça ardia, sem se consumir. 6, (...) Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão (...) 7) (...) Eu vi a aflição do meu povo no Egito (...) 8) (...) descí para o livrar das mãos dos egípcios, e para os conduzir daquela terra para uma terra boa e espaçosa, (...) onde corre o leite e o mel, nas regiões do cananeu, do heteu, do amoreu, do heveu e do jebuseu. 10) (...) eu te enviarei a faraó, a fim de que tires o meu povo (...) 19) (...) o rei do Egito não os deixará sair (...) 20) (...) ferirei o Egito com toda a sorte de prodígios (...) depois disso, ele vos deixará partir.

Análise – O Monte de Horeb, no Sinai, ou “Montanha de Deus”, era um local usado para oferecer holocausto e adorar as divindades, e estava também associado às aparições e manifestações das forças invisíveis. Pelo texto bíblico, Moisés foi lá, para oferecer holocaustos, e Deus lhe apareceu numa chama de fogo.

O autor de “E a Bíblia tinha Razão” explica aquele fenômeno da sarça ardente, como sendo “uma grande erva, de 1 metro de altura, com películas oleoginosas, contendo um óleo tão volátil, que se evapora constantemente; e que, à aproximação da luz, causa uma inflamação súbita”; que, segundo Smith, “a chama do fogo muito bem poderia ser a rama vermelho-carmesim do visco em flor (*Loranthus Accaciae*), que florescia por toda a parte da terra santa e no Sinai; que, quando este visco está em plena formação, à noite, parece estar envolta em um fogo, devido às cores avermelhadas e ardentes” (op. cit. 123).

Através do texto, vimos que, depois de identificar-se a Moisés, como “o deus de seu país”, o Senhor afirmou ter descido (do céu), para ajudá-lo a tirar os israelitas do país do Egito e conduzi-lo para uma terra onde corre o leite e o mel, ocupada pelos cananeus, pelos hebreus, pelos amoreus, pelos heveus e pelos jebuseus. Ora, pelas palavras atribuídas a Deus, não resta qualquer dúvida de que os israelitas se encontravam dentro do país do Egito, e de lá seriam tirados por Moisés, para ocuparem a “terra prometida, onde corre o leite e o mel”. No entanto, como se verá, no livro de Josué, a terra prometida não foi entregue pacificamente aos israelitas; mesmo protegidos e guiados por “deus”, eles tiveram de tomá-la à força, expropriando seus proprietários e ocupantes.

Texto – Êxodo – IV:1, (...) Moisés disse: não me darão crédito, nem ouvirão a minha voz. 2) Disse-lhe, pois, (o Senhor) (...) pegue uma vara. 3) (...) deita-a no chão. Moisés deitou-a, e ela se converteu numa serpente, de sorte que Moisés fugiu. 4) (...) Estende a tua mão e pega-a pela cauda. Ele estendeu a mão e pegou-a, e ela se transformou numa vara. 5) (Assim farei) disse (o Senhor), para que creiam que te apareceu o Senhor Deus de teus pais (...) 6) (...) Mete a tua mão no teu peito. E, metendo-a no seio, tirou-a leprosa, (branca como a neve). Torna a meter, disse (o Senhor)... Tornou a metê-la e tirou-a de novo, e era semelhante à outra carne. 8) Se não te acreditarem (...) nem ouvirem a voz do primeiro prodígio, acreditarão nas palavras do segundo prodígio. 9) Se nem ainda acreditarem (...) toma água do rio e derrama-a por terra, e toda a que tiver tirado do rio, se converterá em sangue. 13) Arão, teu irmão levita, é eloquente (...) 16) Ele falará por ti ao povo (...) 19) Ora, o Senhor disse a Moisés, em Madian: Vai, volta ao Egito, porque morreram todos

aqueles que procuravam a tua alma. 20) Tomou, pois, Moisés sua mulher e os seus filhos e pô-los sobre um jumento, e voltou para o Egito, levando nas mãos a vara de Deus. 21) E o Senhor disse (...) Cuida de fazer, diante do faraó, todos os prodígios que eu pus na tua mão. Eu endurecerei o seu coração, e ele não deixará partir o povo (...) 24) E, quando (Moisés) ia pelo caminho, o Senhor se apresentou na pousada e queria matá-lo. 25) (...) Tomou Sêfora uma pedra acudíssima e circuncidou o prepúcio do seu filho (...) e disse: “Tu és para mim um esposo de sangue”. 26) E (o Senhor) o deixou, depois que ela disse (...) “esposo de sangue”. 30) E Moisés fez os prodígios diante do povo. 31) e o povo acreditou (...) E compreenderam que o Senhor visitara Israel.

Análise – Ora, o Senhor mesmo prometeu endurecer o seu coração para que ele não os deixasse sair. Acredita que Deus tenha tido qualquer participação nesta lenda bíblica? E por que, depois de armar Moisés até os dentes, Deus apareceu a Moisés e queria matá-lo? Por que se aplacou o Senhor, ao ouvir a expressão “sangue”? Acredita o leitor que aquele personagem bíblico era realmente Deus? – Eu não!

Nós sabemos que, desde milênios atrás, os homens sempre acreditaram em entidades espirituais invisíveis e visíveis, que influenciavam e se comunicavam com os humanos; entretanto, atribuíam às entidades benéficas o nome de “deuses”, e às maléficas o nome de “demônios”; mas, pelo texto, os Israelitas pensavam tratar-se do próprio Deus – a Divindade Suprema do Universo. E é sob este equívoco teológico que se fundamentam os alicerces da fé humana até os dias de hoje.

Texto – Êxodo-VI:1, E o Senhor disse (...) te constituí Deus do faraó; e Arão, teu irmão, será o teu profeta. 2) Tu lhe dirás tudo o que te mando; e ele falará ao faraó (...) 3) Mas eu endurecerei o seu coração e multiplicarei os meus (...) prodígios na terra do Egito. 4) (apesar disso), não vos ouvirá (...) 5) E os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando eu estender a minha mão sobre o Egito, e fizer sair do meio deles os filhos de Israel. 7) E Moisés tinha 80 anos, e Arão 83 anos (...).

Análise – Parece não haver dúvidas de que os filhos de Israel se encontravam dentro do Egito, na terra do Egito, e Moisés tinha apenas 80 anos quando começou a retirada do povo. Ora, se todos os filhos de Israel descendiam daquelas 70 pessoas, e se Moisés nasceu quando José ainda estava vivo, não viveram os israelitas no Egito mais do que 150 anos. Além disso, eles nasceram no Egito, eram egípcios, e não há motivos para que tivessem sido escravizados em seu próprio país

Texto – Êxodo – VIII – A 1ª praga – conversão da água em sangue – 10. Tendo, pois, Moises e Arão ido à presença do faraó, fizeram conforme o Senhor tinha ordenado; e Arão lançou por terra a vara diante do faraó e dos seus servos, e ela se converteu em serpente. 11) Mas o faraó chamou os sábios e magos, e eles fizeram também coisas semelhantes, por meio de encantamentos egípcios e de certos segredos. 12) E lançaram, por terra, cada um deles, as suas varas, as quais se converteram em dragões, mas a vara de Arão devorou a vara deles. 13) E endureceu-se o coração do faraó, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito. 15) Vai ter com ele pela manhã (...) 16) E lhes dirás (...) Eis que ferirei com a vara (...) a água do rio, e ela se converterá em sangue. 18) Os peixes (...) morrerão e os egípcios que beberem a água do rio terão que sofrer. 20) E Moisés e Arão fizeram (...) e ela se converteu em sangue. 21) E os peixes, que havia no rio, morreram (...) e os egípcios não podiam beber a água do rio.

e houve sangue por toda a terra do Egito. 22) E os magos fizeram coisas semelhantes com seus encantamentos; e o coração do faraó endureceu-se, e não os ouviu (...) 24) E todos os egípcios cavaram (...) para encontrar água potável, porque não podiam beber da água do rio. 25) E passaram-se 7 dias (...).

Análise – Poderá alguém acreditar, atualmente, que aquelas coisas tenham acontecido em algum lugar? Que Deus tenha tido alguma participação naquilo? E por que haveria Deus de matar também os peixes do rio? E, se os filhos de Israel, como vimos, moravam dentro do Egito, como obtiveram eles água potável? A nosso ver, o texto bíblico, como chegou aos nossos dias, não resiste a uma simples análise da razão, da lógica, nem do bom-senso.

O autor de “E a Bíblia Tinha razão” escreveu: “o Egito experimenta, até hoje, um fenômeno como aquele ali descrito, e que é denominado “O Nilo Vermelho”: às vezes, as aluviões dos lagos abissínios colorem a água do rio, sobretudo no seu curso superior, duma cor avermelhada, que dá a impressão de sangue”. Também Charles Potter, na “História das Religiões”, observa que “é aparente o caráter ingênuo desses relatos, ainda que se pudesse explicar como os mágicos conseguiram transformar em sangue o Nilo, quando “todas as águas já tinham sido convertidas em sangue” (pág.69).

Texto – Êxodo – VIII: a 2ª praga – as rãs – 1, O Senhor disse novamente a Moisés: Vai ter com o faraó e dirás (...) 2) eis que flagelarei com rãs todo o teu país. 3) o rio ferverá em rãs, e elas subirão, e entrarão na tua casa, e na câmara onde dormes, e sobre o teu leito. 6) Arão estendeu a sua mão sobre as águas do Egito, e as rãs saíram e cobriram a terra do Egito. 7) Os magos, porém, fizeram coisas semelhantes (...) 8) Faraó chamou Moisés e Arão e disse-lhes: Rogai ao Senhor que afasta as rãs de mim e do meu povo, e eu deixarei ir o povo (...) 12) (...) E Moisés clamou ao Senhor pelo cumprimento da promessa(...) 13) E o Senhor fez (...) e morreram as rãs das casas, e das granjas e dos campos. 15) Mas o faraó, vendo que lhe era dado alívio, endureceu o seu coração, e não os ouviu, como o Senhor tinha mandado.

Análise – Eis a que ficam reduzidos os fundamentos divinos e religiosos da Bíblia. Como acreditar que aquele personagem bíblico fosse a Divindade Suprema do Universo? Como acreditar que a Bíblia seja a fiel palavra de Deus aos homens? Servem, acaso, os textos bíblicos para fundamento da fé e da moral humana?

Por que aquele “senhor” bíblico era tão vulnerável aos pedidos e orações de Moisés? Seria o faraó quem ludibriava o deus bíblico, ou seria aquele personagem bíblico que, realmente, endurecia o coração do faraó para que ele não deixasse sair o povo?

Texto – Êxodo – VIII: A 3ª praga – os mosquitos – 16) E o Senhor disse a Moisés: Dize a Arão que estenda a vara e fere o pó da terra, e haja mosquitos em toda a terra do Egito. 17) Eles fizeram, e os mosquitos caíram sobre os homens e sobre os animais: todo o pó da terra se converteu em mosquitos sobre a terra do Egito. 18) E os magos fizeram dum modo semelhante, com seus encantamentos, para produzirem mosquitos, e não puderam; e os mosquitos existiam tanto sobre os homens, como sobre os animais; 19) Então, os magos disseram ao faraó: “O dedo de Deus está aqui!” Porém, o coração do faraó endureceu, e ele não os ouviu.

Bíblias Comparadas – A Bíblia protestante traduziu “moscas” em vez de “mosquitos”.

Análise – Eis a repetição das mesmas histórias anteriores: Deus ordena, os patriarcas produzem os prodígios, os magos conseguem imitá-los, e o faraó não deixa sair do Egito o povo de Israel. Desta vez, os magos não conseguiram imitar Arão e Moisés, mas o faraó se manteve inflexível e irredutível.

Texto – Êxodo – VIII – A 4ª praga – as moscas – 20, E o Senhor disse (...) apresenta-te ao faraó; (...) e lhe dirás (...) Deixai ir o meu povo (...) 21) Porque, se não deixares ir, eis que mandarei contra ti (...) todo o gênero de moscas, e as casas dos egípcios e toda a terra, onde eles se acharem, serão cheias de moscas de vários gêneros. 24) E o Senhor assim fez. E vieram moscas molestíssimas sobre as casas do faraó e dos seus servos, e sobre a terra do Egito; e a terra foi devastada por tais moscas. 25) E o faraó chamou Moisés e Arão (...) Ide e sacrificai ao Senhor (...) rogai por mim. 29) E Moisés (...) 30) (...) orou ao Senhor. 31) E ele fez o que Moisés tinha pedido, e tirou as moscas do faraó (...) não ficou uma só. 32) Mas o coração de faraó endureceu-se, nem ainda desta vez deixou ir o povo.

Análise – Novamente o mesmo refrão: Deus ordena, os patriarcas fazem os prodígios, o faraó se penitencia e pede para cessar as pragas; Moisés ora, e o Senhor suspende a praga; mas o Faraó já sabe que é fácil ludibriar o “deus de Moisés”, e não deixa sair o povo. Ou acredita o leitor que o faraó não deixava sair o povo, porque Deus endurecia o seu coração?

Texto – Êxodo – IX – A 5ª praga – A peste nos animais – 1, E o Senhor disse a Moisés: vai ter com o faraó e dize-lhe (...) 3) eis que minha mão será sobre os campos; e virá uma pestilância gravíssima sobre os cavalos, e jumentos, e camelos, e bois e ovelhas. 6) Ao outro dia, fez o Senhor o que tinha dito; e todos os animais dos egípcios morreram; mas dos animais dos filhos de Israel, não morreu nenhum. 7) E o faraó mandou ver; e nada estava morto do que possuía Israel. O coração do faraó, porém, endureceu-se e não deixou ir o povo.

Bíblia comparadas – A Bíblia protestante, vs-6, “e todo o gado egípcio morreu”.

Análise – Parece-me que, desta vez, o faraó não tentou enganar o “deus bíblico”; nem seus magos iriam imitar as pragas, matando os animais. Pelo texto, ficou claro que “todos os animais dos egípcios morreram”. Como teria aquela “peste” distinguido os animais dos egípcios, para poupar os dos filhos de Israel?

Texto – Êxodo – IX – A 6ª praga – as úlceras nos homens – 8, E o Senhor disse a Moisés e Arão: Tomai mãos cheias de cinzas de chaminé, e Moisés as lance no ar, diante do faraó. 9) E haja pó por toda a terra do Egito, donde resultarão, nos homens e nos animais, úlceras e grandes tumores por toda a terra do Egito. 10) E tomaram cinzas (...) e Moisés as lançou ao ar; e formaram-se úlceras e grandes tumores nos homens e nos animais. 11) E os magos não podiam ter-se de pé diante de Moisés, por causa das úlceras (...) 12) E o Senhor endureceu o coração de faraó, e (este) não os ouviu.

Análise – Como poderiam aquelas cinzas, lançadas no ar diante do faraó, terem-se estendido por todas as terras do Egito? E, se os filhos de Israel, como já vimos, se encontravam no país do Egito, como não foram eles atingidos pelas cinzas? O leitor percebe que algumas histórias bíblicas chegam a ser infantis e ridículas! Além do mais, se “todos os animais dos egípcios morreram”, com a 5ª praga, como poderia ter formado “úlceras nos homens e nos animais” agora?

Texto – Êxodo – IX – A 7ª praga – O granizo e o fogo – 13, E o Senhor disse a Moisés (...) tu lhe dirás (...) Deixai ir o meu povo, para que me ofereçam sacrifícios. 14) Porque, desta vez, mandarei todas as minhas pragas sobre o teu coração, e sobre os teus servos, e sobre o teu povo; para que saibas que não há quem seja semelhante a mim em toda a terra. 16) E com este fim te conservei, para mostrar em ti o meu poder, e para que o meu nome seja celebrado em toda a terra. 22) E o Senhor disse a Moisés: estende a tua mão para o céu, a fim de que chova granizo em toda a terra do Egito (...) 23) E Moisés estendeu a vara (...) e o Senhor despejou trovões, granizo, e raios, que se precipitaram sobre a terra. 24) E o granizo e o fogo caíram ao mesmo tempo, misturados. 25) E o granizo feriu, em toda a terra do Egito, tudo o que estava nos campos, desde os homens até os animais; e feriu todas as ervas do campo, e destroçou todas as árvores do país. 26) Só na terra de Gessem, onde estavam os filhos de Israel, não caiu granizo. 27) E o faraó mandou chamar Moisés e Arão (...) Eu pequei ainda desta vez (...) 28) Rogai ao Senhor, para que cessem os trovões e o granizo... e não caiu mais chuvas na terra. 34) O Faraó, porém, vendo que tinha cessado a chuva, o granizo e os trovões, aumentou o seu pecado; 35) e o seu coração, e os de seus servos, se obstinou e endureceu-se (...) e não deixou partir o povo.

Análise – Poderíamos, ainda, continuar afirmando que “a Bíblia tem Deus por autor”?” Imagine o leitor o granizo e o fogo caindo, misturados, ao mesmo tempo. E onde encontrou o escritor bíblico mais “animais”, se todos já tinham morrido na 5ª praga e, depois, castigados na 6ª praga? Como poderiam os filhos de Israel morar dentro do país do Egito, sem serem também atingidos pelo fogo e pelo granizo?

Texto – Êxodo – X – A 8ª praga – os gafanhotos – 1, (...) Vai ter com o faraó, porque eu endurecerei o seu coração e o de seus servos, a fim de operar neles os meus prodígios, 2) e para que tu contes a teus filhos e teus netos quantas vezes ferí os egípcios, e para que vós saibais que eu sou o Senhor. 3) E Moisés e Arão se apresentaram ao faraó (...) 4) Se ainda resistes, e não queres deixar ir, eis que amanhã mandarei gafanhotos sobre as tuas terras, 5) os quais cubram a superfície da terra, de sorte que dela não apareça nada, mas seja devorado o que escapou do granizo(...) 7) Mas os servos do faraó lhe disseram: Até quando sofreremos nós este escândalo? Deixai ir estes homens (...) Não vês que o Egito está perdido? 8) E tornaram a chamar Moisés e Arão à presença do faraó (...) E (ele disse): Ide e ofereci sacrifícios(...) 10) (...) eu deixarei ir o povo(...) 13) E Moisés estendeu a vara (...) e o Senhor mandou um vento abrasador durante todo aquele dia e noite; e quando foi manhã, o vento abrasador levou os gafanhotos, 14), que cobriram toda a terra do Egito. 15) (...) devastando tudo. Foi devorada a erva da terra (...) e os frutos das árvores, que o granizo tinha deixado, e não ficou nada verde (...) em todo o Egito. 16) Pelo que o faraó chamou Moisés e Arão a toda pressa, e disse-lhes: Eu pequei contra o Senhor, vosso Deus, e contra vós. 17) Mas agora perdoai-me, ainda desta vez, o meu pecado, e rogai ao Senhor vosso Deus que tire de mim esta morte. 18) E Moisés, tendo saído da presença do faraó, orou ao Senhor. 19) O qual fez soprar do poente um vento fortíssimo, e arrebatou os gafanhotos, e lançou-os no Mar Vermelho; não ficou um só em todos os limites do Egito. 20) Mas o Senhor endureceu o coração do faraó, e ele não deixou sair os filhos de Israel.

Análise – Aquele personagem bíblico se mostrou muito vaidoso e orgulhoso para que pudesse ser identificado como uma entidade pura e elevada, menos ainda como Deus. Entretanto, o escritor bíblico fez uma grande confusão: mediante a simples ameaça feita, o faraó ouviu o conselho dos seus magos e ordenou que Moisés partisse com os filhos de Israel, para oferecer sacrifícios a Deus. Apesar disso, diz o texto que Moisés estendeu a vara, e Deus despejou a praga de gafanhotos. Novamente o faraó chamou Moisés e Arão, pedindo-lhes perdão pelo seu pecado, Moisés orou, e o Senhor arrebatou os gafanhotos, lançando-os no Mar Vermelho. Todavia, consciente de que – facilmente – poderia ludibriar o “deus de Moisés”, o faraó mudou de idéia e não permitiu que o povo saísse do Egito.

Texto – Êxodo – X – A 9ª praga – as trevas – 21) E o Senhor disse a Moisés: estende a tua mão para o céu, e haja sobre a terra dos egípcios trevas tão espessas que se possam apalpar. 22) E Moisés estendeu a mão para o céu, e houve trevas horríveis em toda a terra do Egito, durante 3 dias. 23) Um não vai o outro, nem se movia do lugar em que estava; porém, em toda parte, onde habitavam os filhos de Israel, havia luz. 24) E o faraó chamou Moisés e Arão e disse-lhes: Ide, oferecei sacrifícios ao Senhor; fiquem somente as ovelhas e o vosso gado (...) 27) Mas o Senhor endureceu o coração do faraó, e este não quis deixar ir. 28) Faraó disse a Moisés: aparta-te de mim, e livra-te de me tornares a ver a face; no dia em que apareceres, morrerás.

Análise – Parece que o faraó realmente acreditava que os filhos de Israel tinham “um deus estrangeiro”, o qual poderia ser o agente daquelas pragas, embora algumas vezes já o tivesse ludibriado. Quando as pragas se tornavam insuportáveis, o faraó ordenava a Moisés que fosse oferecer sacrifícios e holocaustos, pedindo-lhe que retirasse aquelas pragas. Moisés orava, e “deus de Israel” se aplacava, suspendendo as pragas enviadas.

Porém já ouvira o leitor falar em “trevas tão espessas que se possam apalpar”? Já tivera notícias de trevas tão escuras que tornassem imobilizadas as pessoas? Será a Bíblia realmente a palavra de Deus?

Texto – Êxodo – XI – A predição da 10ª praga – 1) E o Senhor disse a Moisés: flagelarei ainda com uma praga o faraó, e depois disso ele vos deixará partir, e até vos constrangerá a sair. 2) Dirás isto ao povo: que cada homem peça ao seu amigo, e cada mulher à sua vizinha, vasos de prata e de ouro. 4) (...) diz o Senhor: à meia-noite, passarei pelo Egito; 5) e todo o primogênito morrerá na terra do Egito, desde o primogênito do faraó (...) até o primogênito da escrava (...) e até o primogênito dos animais. 6) E haverá, em toda a terra do Egito, um grande clamor, qual nunca houve antes, nem haverá depois. 10) Moisés e Arão fizeram, diante do faraó, todos os prodígios que estavam escritos. Mas o Senhor endureceu o coração do faraó, e ele não deixou partir os filhos de Israel de sua terra.

Análise – Eis aqui outra gafe do escritor bíblico: aqui se trata apenas da “predição da 10ª praga”, mas ele afirmou que “Moisés e Arão fizeram, diante do faraó, todos os prodígios que estão escritos”.

Texto – Êxodo – XII: A 10ª praga – a morte dos primogênitos – 1) O Senhor disse (...) 2) Este mês era para vós (...) o primeiro dos meses do ano. 3) Cada um tomará um cordeiro (...) 7) E tomarão o seu sangue e pô-lo-ão sobre as duas ombreiras e sobre a verga da porta de suas casas, em que hão de comer. 8) E nesta mesma noite comerão

came (de cordeiro) (...) 11) (...) porque é páscoa (isto é, a passagem) do Senhor. 12) E naquela noite, eu passarei pela terra do Egito e ferirei (de morte) todo primogênito da terra do Egito, desde os homens até os animais: e executarei (os meus) juízos sobre todos os deuses do Egito, Eu que sou o Senhor. 13) O sangue, porém, será para vós um sinal (em vosso favor), nas casas em que morardes, e eu verei o sangue (...) e não haverá em vós a praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito. 23) Porque o Senhor não permitirá que o exterminador entre em vossas casas e faça dano. 29) (...) à noite, o Senhor feriu todos os primogênitos da terra do Egito, desde o primogênito do Faraó (...) até o primogênito da escrava (...) e dos animais. 30) (...) e houve um grande clamor no Egito, porque não havia casa onde não houvesse um morto. 31) E os filhos de Israel partiram (...) perto de 600 mil homens de pé, afora os meninos. 40) Israel tinha morado no Egito (...) 430 anos. 51) E, naquele dia, o Senhor tirou da terra do Egito os filhos de Israel (...)

Análise – Medite bem o leitor e verifique a que ficou reduzido o texto bíblico. fundamento da nossa fé e moral ocidental. Entretanto, não se abespinhe, ao se lembrar de ter lido a Bíblia tantas vezes e não ter se deparado com sua fragilidade textual. Comigo também isso aconteceu. Não estou censurando-o; minha intenção é auxiliá-lo, como irmão de humanidade, e mostrar-lhe um roteiro para sair de alguns problemas e dificuldades colocados na nossa mente inexperiente e acostumada a guiar-se por opiniões alheias.

Ora, se a fé que nos impuseram enquanto éramos crianças, não pode submeter-se à análise da razão, da lógica e do bom-senso, é porque ela não é suficiente; e nós temos o direito de reexaminá-la, para dar uma dimensão mais espiritual à nossa vida.

Já aprendemos que foi em 153 aC que fixaram o início do ano em 1º de janeiro; portanto, o escritor bíblico não podia saber disso. Vimos, também, que – no Antigo Testamento – a páscoa significava “a passagem” do anjo exterminador sobre a terra do Egito, para matar todos os primogênitos; e foi durante o Cristianismo que a Igreja Católica transformou-a em “Páscoa da Ressurreição”, significando a passagem de Jesus, desta vida para a vida espiritual.

Diz o vs-31 que o faraó apressava-se com o povo de Israel, para que saísse da terra do Egito; entretanto, o vs-51 diz que foi Deus quem de lá tirou o seu povo. Nós já concluímos que entre a chegada de José ao Egito e o Êxodo não deve ter passado mais do que 150 anos. Logo, os israelitas não podem ter vivido no Egito 430 anos, como afirma o texto. Assim, não merece credibilidade o texto Gen-XIII:31, para o qual “os descendentes de Abraão ficaram 430 anos no Egito”.

Texto – Êxodo-XIII: 17, Ora, quando o faraó deixou partir o povo, Deus não os conduziu pelo caminho dos filisteus, que é (mais) vizinho, julgando que ele se arrependesse, se viesse levantarem-se em guerra contra eles, e o povo voltasse para o Egito. 18) Mas fê-los dar uma volta pelo caminho do deserto (...) 19) (...) junto ao Mar Vermelho (...) 21) E o Senhor ia adiante deles, para lhes mostrar o caminho, de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo.

Análise – Vejam que conceito ridículo faziam de Deus os homens daquela época: enquanto Deus permanecia, dia e noite, mostrando o caminho para aquela multidão de israelitas, o universo ficava sem o seu Diretor?

Texto – Êxodo – XIV: 5, Entretanto, foi anunciado ao rei dos egípcios que o povo

tinha fugido; e mudou-se o coração do faraó e de seus servos (...) 6) O Faraó, pois, mandou pôr os cavalos no seu carro e tomou consigo todo o povo. 7) E tomou 600 carros escolhidos, e todos os carros do Egito (...) 8) E o Senhor endureceu o coração do faraó (...) (o qual) foi ao alcance dos filhos de Israel (...) 9) e alcançaram-nos quando estavam acampados junto ao mar. 13) Moisés disse (...) Não temais (...) os egípcios que agora vedes, nunca mais os tornareis a ver. 13) O Senhor combaterá por vós (...) 15) O Senhor disse a Moisés (...) 16) E tu levantarás a vara, e estende a tua mão sobre o mar, e divide-o para que os filhos de Israel caminhem em seco, no meio do mar. 17) E os egípcios saberão que Eu sou O Senhor (...) 19) E o anjo de Deus, que caminhava na frente do acampamento (...) levantou-se e foi para detrás dele; e com ele (...) a coluna de nuvem, deixando a frente. 20) (...) e esta nuvem era tenebrosa (do lado dos egípcios) e tornava clara a noite (do lado dos israelitas) (...) uns e outros não puderam aproximar-se durante o tempo da noite. 21) E tendo Moisés estendido a mão sobre o mar (...) O Senhor, soprando, toda a noite, um vento forte e ardente, o retirou e secou e a água se dividiu. 22) E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar enxuto; porque a água estava como um muro, à direita e à esquerda deles. 23) E os egípcios, que os perseguiram, entraram atrás deles pelo meio do mar (...) 24) E já tinha chegado a vigília da manhã, eis que, olhando o Senhor para o acampamento dos egípcios (...) destruiu o seu exército, 25) e transtornou as rodas dos carros, e eles eram levados para o fundo (do mar). 27) Moisés, tendo estendido a mão sobre o mar, (este), ao romper da manhã, voltou para o lugar habitual; e, fugindo os egípcios, foram as águas sobre eles, e cobriram os cavalos de todo o exército do faraó (...) e não escapou um só deles. 31) E os israelitas viram os egípcios mortos sobre as praias do mar.

Bíblias comparadas – A Bíblia protestante ensina, no vs-25, tirou-lhes as rodas dos seus carros, e fê-los andar dificultosamente; 27. e o Senhor derrubou os egípcios no meio do mar; 31) e viu Israel a grande mão que o Senhor mostrava aos egípcios.

Análise – Afinal, “o Senhor tirou da terra do Egito os israelitas” (Êxodo-XII:51), “faraó deixou partir o povo” (XIII:17), ou o povo tinha fugido” (XIV:5)? Aqui transparece, claramente, a existência de diversas correntes teológico-literárias, de que falou Wellhausen. Acredita o leitor que uma multidão de aproximadamente 600 mil soldados, fora as crianças, tenha adentrado pacificamente o leito do mar, vendo uma parede de água à direita e outra à esquerda?

Como se percebe, o texto não pode ser verdadeiro; ele apenas retrata tradições e lendas antigas, que foram incorporadas à palavra escrita. Eram histórias acreditadas por povos antigos, como acontecidas, mas que não passavam de lendas.

Texto – Êxodo – XV-20, Ora, Moisés tirou Israel do Mar Vermelho e saíram para o deserto de Sur; e caminharam 3 dias no deserto, sem encontrarem água. 23) E chegaram a Mara (...) mas as águas eram salgadas. 25) Ele, porém, clamou ao Senhor, o qual lhe mostrou um pau; e tendo-o lançado nas águas, elas se tornaram doces.

Análise – E não podemos admitir que tenha havido um “milagre”, pois – segundo a teologia – o milagre é uma derrogação (total) ou ab-rogação (parcial) das leis da Natureza, competência exclusiva de Deus. Portanto, Moisés não teria competência para operar milagres.

Texto – Êxodo – XVI:1, E partiram de Elim (...) para o deserto de Sin (...) no 15º dia do 2º mês, depois que tinham saído do Egito. 2) E toda a multidão (...) murmurou

contra Moisés e Arão (...) 4) E o Senhor disse a Moisés: Eis que vou fazer chover para vos pães do céu. 13) Aconteceu, pois, de tarde, vieram codornizes que cobriram os acampamentos. 14) E, tendo coberto a superfície da terra, apareceu no deserto uma coisa miúda, e como pisada num almofariz, à semelhança de geadas, sobre a terra. 15) (...) Moisés disse-lhes: Este é o pão que o Senhor vos dará para comer. 19) (...) Ninguém deixe dele até (amanhã) de manhã. 20) (...) alguns conservaram até de manhã, e ele começou a ferver em vermes, e apodreceu; Moisés, pois, irou-se contra eles. 21) Cada um colhia de manhã o quanto podia bastar para o seu alimento: e quando o sol fazia sentir os seus ardores, o maná derretia. 22) Mas, no sexto dia, colheram eles o dobro daquele alimento (...) 27) E chegou o sétimo dia; e tendo saído alguns do povo, para apanhá-lo, não o encontraram. 31) (...) deu àquele alimento o nome de “maná”; e era como a semente do coentro branco, e seu sabor como o da farinha (amassada) com mel. 34) (...) E Arão pôs no tabernáculo, para ser conservado. 35) E os filhos de Israel comeram maná durante 40 anos, até chegarem a um país habitado; com esta comida se alimentaram até chegar ao (...) país de Canaã.

Análise – Quanta confusão em um único capítulo! Deus havia prometido enviar pães do céu”, mas o escritor descreveu as “codornizes” e depois o “maná”. Poderíamos acreditar que aquele “maná” tenha se conservado durante 40 anos, sem perecer também? Guardava também ele o “dia de descanso”?

De acordo com o livro “E a Bíblia Tinha Razão”, o que produz o famoso maná é a *Tamarix Mannifera*, uma espécie de tamareira; o referido pão cai do céu pela manhã, ao amanhecer, exatamente como o orvalho ou a geadas, e pende como gotas na erva, nas pedras e nos ramos das árvores. O autor cita G. Enrebborg, segundo o qual “o famoso maná não era outra coisa senão uma secreção das árvores e arbustos da tamareira, quando picadas por uma espécie de cochonilhas características do Sinai” (op. cit.- 115).

Eu nunca pisei em um deserto, mas acredito que nele não se podem encontrar tantas tamareiras, arbustos etc. para fornecer maná aos israelitas, durante quarenta anos.

Texto – Êxodo – XVII- 1, Tendo, pois, partido do deserto de Sin(...) acamparam em Rifaldim, onde não havia água para beber o povo. 2) O qual, murmurando contra Moisés, disse: Dá-nos água para bebermos(...) 4) E Moisés clamou ao Senhor(...) 5) E o Senhor disse (...) toma na tua mão a vara com que feriste o rio, e vai. 6) (...) ferirás a pedra, e dela sairá água (...) 8) Ora, Amelec veio e pelejava contra Israel em Rifaldim. 10) (...) E Moisés e Arão subiram ao cimo da colina. 11) E, quando Moisés tinha as mãos levantadas, Israel vencia; mas, se as abaixava um pouco, Amelec levava vantagem. 12), ora, os braços de Moisés estavam fatigados; Arão e Hur sustentavam-lhe os braços (...) 13) E Josué pôs em fuga a Amelec e a sua gente, e os passou a fio de espada.

Análise – Eis aqui outra história para impressionar leigos em geologia. Quem diz que de uma pedra se pode tirar água para tanta gente e tantos animais? E que influência teriam os braços levantados de Moisés contra os soldados de Amelec?

Texto – Êxodo – XIX- 1, No terceiro mês, depois da saída do Egito (...) chegaram ao deserto do Sinai. 3) Moisés subiu (para falar) a Deus. 9) E o Senhor lhe disse: brevemente virei a ti na escuridão duma nuvem, para que o povo me ouça quando te falo; e te creia para sempre. 10) (...) ao terceiro dia, o Senhor descera à vista de todo

o povo, sobre o Monte Sinai. 12) E tu (...) lhes dirás: guardai-vos de subir ao monte. 13) (...) será apedrejado ou transpassado de setas, quer seja uma besta, quer seja um homem, não viverá (...) 18) E todo o Monte Sinai fumegava, porque o Senhor tinha descido sobre ele no meio do fogo; e dele, como uma fornalha, se elevava fumo; e todo o monte causava terror. 19) (...) E Moisés falava, e Deus respondia em voz alta. 21) (...) Desce e notifica o povo... não suceda que, para ver o senhor passem os limites e pereça um grande número deles. 24) (...) os sacerdotes, porém, e o povo, não ultrapassem os limites, nem subam para ver o Senhor, não suceda que Ele os mate!

Análise – Já vimos que, se Moisés tivesse mesmo escrito o livro Êxodo, poderia tê-lo feito em vida; mas a forma de narração se refere a fatos já ocorridos, e contados na terceira pessoa. E alguns trechos citados não deixam dúvidas de não estar sendo escritos pelo próprio Moisés, mas por uma terceira pessoa.

Ora, por que ninguém podia ver Deus? Na minha opinião, havia um plano, feito entre Moisés e alguns outros da cúpula administrativa, segundo o qual Moisés falava com Deus pessoalmente, enquanto os demais colaboravam com seu silêncio, endossando a origem divina daquelas manifestações; no final, todos seriam recompensados. Estabelecido o plano, ninguém poderia subir ao monte, pois poderia descobrir que Moisés não falava pessoalmente com Deus. E a proibição de que nem os animais subissem o monte, também se explica: era arriscado que, à procura de um animal desgarrado, qualquer um do povo subisse o Monte e descobrisse o “plano secreto” de Moisés. Ao que nos parece, apenas Moisés, Arão, Nadab, Abiron, Abiú, Eleázar e Josué sabiam daquele plano e mantinham-no em segredo. Tanto é verdade que, Moisés morreu deixando a Josué a liderança do povo; Eleázar seria o intermediário entre Deus e Josué; ao passo que todos os demais receberiam suas recompensas, mas morreram antes da hora oportuna.

Texto – Êxodo – XX-2, Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão: 3) Não terás outros deuses diante de mim. 5) Não adorarás tais coisas, nem lhes prestarás culto; Eu sou o Senhor teu Deus, forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos, até à terceira geração daqueles que me odeiam, 6) e que usa de misericórdia, até mil gerações, com aqueles que me amam e guardam meus preceitos. 7) Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão (...) 8) Lembra-te de santificar o dia de sábado. 11) Porque o Senhor fez, em seis dias, o céu e a terra, e (...) descansou no sétimo dia; por isso, o Senhor abençoou o último dia de sábado e o santificou. 13) Não matarás. 14) Não cometerás adultério. 15) Não furtarás. 16) Não dirás falso testemunho contra o próximo. 17) Não cobiçarás a casa do teu próximo; não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertence. 18) Ora, todo o povo ouviu os trovões e o som de trombetas, e via os trovões no monte fumegante; e ficaram aterrorizados (...) 19) dizendo a Moisés: Fala-nos tu (...) não nos fale o Senhor, não suceda que morramos. 21) O povo, pois, ficou longe, e Moisés se aproximou da escuridão em que Deus estava. 22) E o Senhor disse a Moisés: dirás estas coisas aos filhos de Israel: vós vistes que eu vos falei do céu (...).

Bíblia comparadas – A Vulgata Latina diz, no vs-05, “na terceira e quarta geração”; e a Bíblia protestante, “até à terceira geração”.

Análise – Potter mostrou que os Dez Mandamentos, narrados em Êxodo XX, são um pouco diferentes desses do Êxodo XXXIV (166/74); que o código de Ex-XX:1-17 não poderia ter sido uma concepção do tempo de Moisés, pois o mesmo não está tão avançado em relação ao Código de Hamurábi, rei da Babilônia, de 2.124 aC, ou seja, oito séculos antes de Moisés (166/76); que todas as leis de Moisés eram ensinadas oralmente; que, embora possivelmente o profeta soubesse ler e escrever, uma obra escrita para as tribos hebraicas seria uma perda de tempo: que ele preparava, muito inteligentemente, suas numerosas leis em grupos de dez, para que sua gente lembrasse, dedo por dedo, ao citá-las; que ainda hoje é este o processo mais convincente para ensinar os “Dez Mandamentos às crianças” (166/77).

Segundo Êxodo – XIX:12-24, foi Deus quem proibiu todos de subirem ao monte para vê-lo, pois seriam exterminados. E em XX:18-22, o povo obedeceu, permanecendo de longe, enquanto que apenas Moisés via e falava com Deus. Portanto, não foi o povo que, amedrontado, pediu a Moisés que falasse pessoalmente com Deus, mas foi uma ordem dele próprio.

Temos notícias espirituais de que Moisés foi um grande médium e importante líder hebreu; através de suas faculdades mediúnicas, ele recebeu, do plano invisível, revelações que estão contidas nos chamados “Dez Mandamentos”; ele atribuiu a Deus tanto as revelações espirituais quanto as leis penais e civis. Será que podemos acreditar que Deus se encoleriza, se irrita, se enfurece, vinga seus inimigos nas 3ª e 4ª gerações?

Texto – Êxodo – XXI-1, Estas são as leis judiciárias que tu lhes proporás (...) XXIII:22) (...) Se fizerem tudo o que eu te digo, eu serei inimigo dos teus inimigos (...) 23) E o meu anjo (...) te introduzirá na terra, dos (...) os quais eu exterminarei.

Análise – Para serem obedecidas e respeitadas, também as leis judiciárias foram editadas em nome de Deus. Entretanto, ao longo do texto, poderemos ver que não tiveram origem divina, pois caíram em desuso com o abrandamento dos costumes humanos.

Texto – Êxodo – XXIV:1, (...) Sobe ao Senhor tu e Arão, Nabad e Abiú e os 70 anciões de Israel, e o adorareis de longe. 2) E só Moisés subirá ao Senhor; os outros não se aproximarão. 12 (...) e eu te darei as tábuas da pedra da Lei e os Mandamentos que escrevi para lhes ensinares. 15) Tendo Moisés subido, a nuvem cobriu o monte. 16) (...) e, no sétimo dia, Deus chamou Moisés no meio da escuridão 18) (...) e lá esteve 40 dias e 40 noites.

Análise – Eis aí mais uma evidência daquele “plano secreto” entre Moisés e os chefes dos Israelitas. Somente Moisés poderia ver e falar com Deus; nenhum dos outros poderia vê-lo, sem ser fulminado imediatamente. Entretanto, o próprio texto diz “te darei as tábuas de pedra da lei e os mandamentos que ESCREVI para lhes ensinares”. É o próprio “deus bíblico” quem confessa serem as tábuas escritas por ele; como, pois, atribuí-las a Moisés? Mas, se já estavam escritas, por que Deus e Moisés tiveram de ficar 40 dias e 40 noites lá no Monte?

Texto – Êxodo – XXV:1, E o Senhor falou a Moisés (...)) Estas são as coisas que deveis receber: ouro, prata e cobre. 8) E me farão um santuário, e eu habitarei no meio deles. 9) (devem fazê-lo) conforme em tudo ao modelo do tabernáculo que eu te mostrarei. (...) 11) Revesti-lo-ás de ouro puríssimo (...) e farás sobre ele uma coroa

de ouro (...) 12) quatro argolas de ouro (...) 13) e cobrirás de ouro. 17) (...) o propiciatório de ouro puríssimo (...) 18) dois querubins de ouro (...) 23) (...) uma mesa. 24) E cobri-las-ás de ouro puríssimo (...) 26) (...) quatro argolas de ouro (...) 28) (...) varais, que cobrirás de ouro (...) 29) (...) taças de ouro puríssimo (...) 36) (...) tudo de ouro puríssimo, trabalhado a martelo. (...) Cap. XXVI:6, Farás também cinco argolas de ouro (...) 19) quarenta bases de prata (...) 37) (...) com colunas de pau de cetim, revestidas de ouro, cujos capitéis sejam de ouro (...) Cap. XXVIII:1, Manda (...) Arão com seus filhos (...) para que exerçam, diante de mim, as funções do sacerdócio (...) 4) Estas são as vestes (...) o racional, o efod, o mando e a túnica (...) a tiara e o cingulo (...) 6) E farão o efod de ouro (...) 8) E o próprio tecido (...) seus labores serão de ouro (...) 13) Farás também ganchos de ouro. 14) E duas pequenas cadeias de ouro puríssimo (...) 15) O racional de ouro (...) 36) (...) duas lâminas de ouro puríssimo (...).

Análise – Todo aquele luxo, pompas e riquezas, mostradas nas igrejas da Idade Medieval e em algumas da atualidade, tiveram sua inspiração neste texto bíblico. E o escritor “sagrado” atribuiu tudo isso a uma exigência divina.

Texto – Êxodo – XXI:14, Guardai o sábado (...) aquele que o violar, seja punido de morte. 18) (...) o Senhor deu a Moisés duas tábuas de pedra do testamento, escritas pelo dedo de Deus.

Bíblias comparadas – A Bíblia em Espanhol diz simplesmente, no vs-14, “guardem o dia de repouso”.

Análise – Deus falava com Moisés, transmitindo-lhe seus mandamentos, e Moisés os repassava ao povo. Como fora prometido (em Êxodo-XXIV:12), agora (em Êxodo-XXXI:18) Deus “deu a Moisés as duas primeiras tábuas de pedra do testamento, escritas pelo dedo de Deus”. Ora, se os textos dizem que elas foram escritas por Deus, como atribuí-las a Moisés?

Jesus viria declarar, mais tarde, que “o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado”; portanto, o homem pode trabalhar nesse dia, sem estar violando a lei de Deus. O autor protestante de “Um Mundo Novo”, “foi através do Concílio de Laodicéia (264-84), que a igreja proibiu judaizar o dia de sábado”, promulgando que “os cristãos não devem judaizar o sábado, mas devem trabalhar nesse dia; e os que forem encontrados, judaizando o sábado, serão excomungados por Cristo” (63/101).

Texto – Êxodo – XXXII:1, Mas o povo, vendo que Moisés tardava em descer do Monte, juntou-se com Arão (...) faze-nos deuses (...) não sabemos o que aconteceu a Moisés. (...) 4) E ele (Arão) (...) mandou fundir (as arrecadas de ouro) e formou delas um bezerro fundido; (...) Estes são, ó Israel, os teus deuses que te tiraram da terra do Egito. 5) E Arão, vendo isto, erigiu um altar diante do bezerro (...) 6) (...) ofereceram holocaustos e hóstias pacíficas, e o povo se assentou para comer e beber. (...) 7) E o Senhor falou a Moisés (...) desce: o teu povo (...) pecou. 10) deixa-me, a fim de que o meu furor se acenda contra eles, e que os extermine (...) 11) Moisés, porém, suplicava (...) 12) (...) aplaque-se a tua ira, e perdoe a iniquidade do teu povo (...) Lembra-te de Abraão, de Isaac (...) 14) E o Senhor se aplacou (...) 19) E tendo Moisés se aproximado dos acampamentos, viu o bezerro e as danças; e, muito irado, atirou das suas mãos as tábuas e quebrou-as ao pé do monte. 20) E, pegando no bezerro, queimou-o e esmagou-o até o reduzir a pó, que espalhou na água, e deu de beber dele

aos filhos de Israel. 25) Vendo, pois, Moisés que o povo estava despido (...) 27) (...) disse-lhes: (...) Eis o que diz o Senhor: cada um cinja a sua espada ao seu lado (...) cada qual mate o seu irmão, e o seu amigo e o seu vizinho. 28) E os filhos de Levi fizeram o que Moisés tinha ordenado (...) e cerca de 23.000 homens caíram (mortos) naquele dia. 31) E voltando-se para o Senhor, disse-lhe: Rogo-te (...) ou perdoa-lhes esta culpa, 32) ou (...) risca-me do teu livro que escreveste. 33) E o Senhor respondeu-lhes: Eu risco do meu livro aquele que pecar contra mim. 34) Tu, porém, vai e conduze este povo (...) no dia da vingança, visitarei também teu pecado.

Bíblias comparadas – As Bíblias em Francês, em Esperanto, a Vulgata Latina e a Bíblia Protestante falam em “três mil homens”.

Análise – Por que Arão não foi punido por Deus nem por Moisés? Simplesmente porque ele também fazia parte daqueles planos e segredos de Moisés: e se fosse punido, ele poderia colocar em risco o segredo de que “Deus falava com os patriarcas”. Alguém consegue acreditar que Moisés tenha quebrado um bezerro de ouro, reduzido-o a pó, e espalhado aquele pó na água que os israelitas beberam?

Haverá algum leitor que acredite ter Deus dado a ordem para que os sacerdotes levitas matassem seus vizinhos? Por que o padre Matos Soares traduziu 23.000 mortos, enquanto as outras Bíblias falam em apenas 3.000? É evidente que, se o escritor bíblico foi inspirado, quando redigia o texto, o mesmo não aconteceu com o padre Matos, quando traduziu a Bíblia do Latim para o Português.

Texto – Êxodo – XXXIII: 1, E o Senhor falou (...) 2) eu enviarei o anjo para teu percursos, e expulsarei o cananeu, o amoreu, o heteu, o fereseu, o heveu e o jebuseu, 3) para que entres num país onde corre o leite e o mel (...) 5) E o Senhor disse (...) se eu vier uma só vez no meio de ti, exterminar-te-ei (...) 9) E logo que ele (Moisés) entrava no tabernáculo, a coluna de nuvem descia e parava à porta, e (o Senhor) falava com Moisés. 11) E o Senhor falava com Moisés, face a face, como um homem costuma falar com o seu amigo. (...) E o Senhor disse-lhe (...) 20) Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode me ver e viver. 23) (...) tu me verás pelas costas, mas o meu rosto não poderás ver.

Análise – Eis aqui vestígios da existência de diversas correntes teológicas da tradição oral: uma corrente acreditava que Deus falava, cara a cara, com os patriarcas; outra dizia que ninguém podia ver Deus e continuar vivo. Entretanto, em pleno Novo Testamento, a Epístola de São João, afirma que “ninguém jamais viu a Deus”! Em qual devemos acreditar?

Texto – Êxodo – XXXIV:1, (...) (o Senhor) disse: Corta duas tábuas de pedra, como as primeiras, e eu escreverei sobre elas as palavras que continham nas tábuas que tu quebraste. 3) Ninguém suba contigo, nem apareça alguma pessoa perto do monte; nem mesmo as ovelhas. (...) 28) Moisés, pois, estava ali com o Senhor, 40 dias e 40 noites; não comeu pão, nem bebeu água, e escreveu, nas tábuas, as 10 palavras da aliança. 29) E, descendo Moisés do Monte Sinai, trazia as duas tábuas.

Análise – É evidente que, não existindo, naquela época, outros materiais mais adequados para a escrita, Moisés só poderia ter escrito seus livros em tábuas ou lâminas de pedras. No entanto, os textos são visivelmente contraditórios e incoerentes: Em Êxodo-XXXI:18, “o Senhor deu a Moisés duas tábuas de pedra do testamento,

escritas pelo dedo de Deus”; mas elas foram quebradas por Moisés; já em Êxodo-XXXIV:28, teria sido Moisés quem “escreveu, nas tábuas, as 10 palavras da aliança”. Afinal, quem escreveu os Dez Mandamentos – Deus ou Moisés? E por que, enquanto Deus escrevia as duas primeiras tábuas, como quando Moisés escrevia as duas últimas, teriam gastado 40 dias e 40 noites? Teria o Universo ficado sem seu Diretor? E poderia uma pessoa sobreviver, durante 40 dias, sem comer e sem beber água?

Em 2.2.2.“A”, vimos que Moisés não pode ter escrito nenhum dos cinco livros bíblicos que lhe são atribuídos: 1) Ele não recebeu, nem de Deus nem de ninguém, qualquer ordem para escrever o que quer que fosse; 2) mesmo se recebesse de Deus tal ordem, não poderia tê-los escritos, pois não tinha tempo disponível, não dispunha de ambiente também; 3) não havia material próprio para a escrita. Ora, se, no Monte Sinai, teve Deus de escrever, em duas tábuas de pedra, as Dez Palavras do Testamento – como poderia Moisés ter escrito obras tão espessas, como os livros de Gênese Êxodo, Levítico, Número e Deuterônimo?

C) No Livro Levítico

Também o livro Levítico, conforme a Tradição Oral e o Magistério Eclesiástico, foi escrito por Moisés. Porém, o próprio nome do livro mostra que ele se refere aos “levitas”, classe sacerdotal dos descendentes de Levi, e diz respeito às coisas do santuário, da organização sacerdotal, dos rituais, dos cultos e oferendas – por isso, é razoável pensar que tenha sido escrito por um grupo de sacerdotes levitas.

Texto – Levítico – I:1), O Senhor chamou Moisés (...) 2) (...) quando alguém oferecer ao Senhor uma hóstia de quadrúpede, 9) (...) o sacerdote queimará essas coisas (...) em suave cheiro ao Senhor. Cap. II-09, queimará sobre o altar (...) em suavíssimo cheiro ao Senhor, Cap. III-22, se um príncipe pecar (...) 23) (...) oferecerá um bode (...) 31) (...) o sacerdote queimá-lo-á sobre o altar, em cheiro de suavidade para o senhor, e orará por ele, e lhe será perdoado o pecado. Cap. V-13, (...) a porção que restar, tê-la-á o sacerdote em donativo. 15) E se alguma pessoa pecar por erro, oferecerá pelo seu delito um carneiro (...) e juntará mais uma quinta parte, dando-a ao sacerdote.

Bíblias comparadas – A Bíblia protestante não faz referência alguma à “quinta parte”, que deveria ser acrescentada ao donativo e que pertenceria ao sacerdote. Entretanto, no cap. VII:8, “o sacerdote que oferecer a vítima em holocausto, terá a sua pele”.

Análise – Poderíamos, acaso, acreditar que os capítulos I, II, III, IV V e VI tenham tido uma origem divina? Não seria ela uma tabela de honorários sacerdotais”, editada em nome de Deus, para beneficiar os sacerdotes levitas? Alguns textos destacados acima nos levam a crer que aquela “entidade espiritual” era muito vocacionada a emanações, aos cheiros etc., e não poderia ser uma entidade espiritual pura nem evoluída.

Texto — Levítico – XIV: 16, E o (homem) que blasfemar o nome de Deus, seja punido de morte: todo o povo o apedrejará. (...) 17) O que ferir ou matar um homem, seja punido de morte. 18) O que ferir um animal, restituirá outro em seu lugar, isto é, animal por animal, 20) quebradura por quebradura, olho por olho, dente por dente: qual for o mal que tiver feito, tal será o que há de sofrer. Cap. XV:31. Ensinaréis, pois, aos filhos de Israel que se guardem da impureza, para não morrerem nas suas imundícies. Cap.XVII:3, Qualquer homem (...) que matar um boi, uma ovelha, ou

uma cabra, nos acampamentos ou fora deles, 4) e não apresentar, à porta do tabernáculo, em oferta ao Senhor, será réu de sangue (...) perecerá no meio do seu povo. 7) E nunca mais imolarão hóstias aos demônios (...).

Análise – Teria aquele próprio “deus bíblico” decretado a pena de morte para quem desobedecesse às leis de Moisés? No entanto, a “lex talionis” ou “lei da equivalente retaliação”, já existia na Babilônia, no Código de Hamurábi, há oito séculos antes. E fora Hamurábi quem substituiu a pena de morte por um pagamento em dinheiro. Isso nos autoriza a dizer que o “código levítico” não teve origem divina, mas sacerdotal, que se espelhou nas antigas tradições.

Ora, por que teria Deus proibido as oferendas, holocaustos e sacrifícios aos “deuses estrangeiros” ou “outros deuses”? Acaso acreditava ele na existência de outros deuses? Do texto podemos concluir que – se o fiel tinha de acrescentar 1/5 parte às oferendas feitas ao “Deus de Israel”, as citadas proibições não eram divinas, mas sacerdotais mesmo. Se fosse permitido que os fiéis oferecessem vítimas sangrentas, holocaustos e oferendas a outra entidade, que não o “deus de Israel”, a classe sacerdotal ficaria privada de seus honorários e da quinta parte obrigatória. E parece que este costume perdurou até o Novo Testamento, como se depreende do texto de Atos - 5:2, quando Ananias e sua esposa foram punidos, na presença de Pedro, por não terem dado ao templo a parte que lhe era devida pelas “leis do Senhor”.

Texto – Levítico – XVIII:3, Vós não procedereis conforme os costumes do país do Egito. (...) 21) Não darás nenhum dos teus filhos para ser consagrado ao ídolo de Moloc (...) 29) Todo aquele que cometer alguma destas abominações, perecerá. Cap. XXIX:4, Não vos volteis para os ídolos, nem façais para vós deuses fundidos (...) O 26) Não useis agouros, nem observeis sonhos. 31) Não vos dirijais aos magos, nem interroguéis os adivinhos.

Bíblia comparadas – Diz a Bíblia em Francês, vs-20, não observeis nem as serpentes, nem as imagens para fazer prognósticos; 31, não volteis para aqueles que evocam os espíritos, nem para os adivinhos; e The Bible, vs-31. não olheis para aqueles que têm espírito familiar.

Análise – Eis aqui todo o fundamento “divino” das proibições bíblicas de se contactar com os “espíritos desencarnados”, com “os deuses estrangeiros”, com os “magos adivinhos e médiuns”. Os sacerdotes levitas já deviam ter notado dois grandes motivos pelos quais não podiam permitir o intercâmbio com os “espíritos”, que também eram chamados de “demônios”, ou de “anjos”, ou de “deuses”: 1) os fiéis não deveriam se afastar da religião hebraica, porque possibilitaria a “sonegação” do pagamento da parte de “honorários sacerdotais”; 2) além do mais, algumas comunicações e ensinamentos vinham em total oposição à teologia de Moisés e dos levitas. Por isso, até hoje, as chamadas “religiões cristãs” do mundo inteiro tentam dificultar o intercâmbio entre o mundo dos encarnados e dos desencarnados, alegando que “Deus proibiu tais comunicações”. Na realidade, aquelas proibições nem são divinas, nem se referem à Doutrina ensinada pelos Espíritos Superiores.

Texto – Levítico – XX:2, Se algum homem (...) que habita em Israel, der de seus filhos ao ídolo de Moloc, será punido de morte; e o povo o apedrejará. 4) Porém, se o povo (...) não quiser matá-lo, 5) porei o meu rosto contra esse homem e contra a

sua família (...) 6) A pessoa que se dirigir a magos e adivinhos (...) eu porei o meu rosto contra ela, e exterminarei (...) 15) Aquele que pecar contra um animal, seja punido de morte; matai também o animal. 27) E o homem ou mulher em quem houver espírito pitônico, ou de adivinhação, sejam punidos de morte.

Bíblia comparadas – Diz a Bíblia em Francês, vs-6, a alma daquele que tiver um espírito familiar, seja punida de morte; vs-27, se um homem ou uma mulher tiver em si o espírito de um morto, ou um espírito de adivinhação, será punido de morte. A Bíblia em Espanhol, no vs-27, o homem ou mulher que evocar espíritos dos mortos e se entregar à adivinhação, seja morto. A Bíblia em Esperanto, no vs- 27, diz que o homem ou mulher, se for um bruxo, seja morto.

Análise – É evidente que não foi Deus quem fez semelhantes proibições bíblicas, mas o grupo de sacerdotes levitas, que viam sua profissão religiosa ameaçada por crenças e superstições das mais variadas origens e espécies. Moloc, por exemplo, como já vimos, era um “deus” cultuado pela religião fenícia. Temendo que o povo não punisse o infrator, Moisés usou um argumento psicológico infalível: o Senhor colocaria contra esse infrator e sua família o seu rosto. Se a religião não conseguisse dissuadir o infrator de seguir “deuses estrangeiros”, sua própria família o impediria, para evitar a ira de Deus! Embora processos de “adivinhação” tenham sido utilizados pelo próprio Moisés, em nome de Deus, ele proibia toda espécie de adivinhação, magia, bruxaria etc.

Ainda hoje, baseando-se nas “proibições bíblicas”, as religiões cristãs perseguem, proíbem, caluniam e difamam a comunicação das entidades espirituais com os vivos. Ora, a simples proibição bíblica de indagar dos mortos a verdade, é um motivo suficiente para nos levar a crer que, pelo menos naqueles tempos, eles se comunicavam com os vivos e lhes respondiam às perguntas. Ninguém cometeria a “simploriedade” de proibir uma coisa impossível. Se os espíritos se comunicavam naqueles tempos, e se as leis da Natureza não mudam, eles devem se comunicar até hoje. Na realidade, o objetivo único, era garantir a “quinta parte” das oferendas, que iam diretamente para os sacerdotes. Como punir de morte uma alma imortal?

Texto – Levítico – XXVI:1, (...) 3) Se andardes conforme meus preceitos (...) eu vos darei as chuvas nos seus tempos, 4) e a terra dará os seus produtos, as árvores se carregarão de frutos. 7) Perseguireis os vossos inimigos, e eles cairão diante de vós. 8) Cinco dos vossos perseguirão um cento dos estranhos, e cem dos vossos perseguirão mil deles; e os vossos inimigos cairão ao fio da espada diante de vós. 14) Se, porém, não ouvirdes (...) 16) (...) visitar-vos-ei prontamente com a indignância e com um ardor que vos cegue (...) 17) (...) caireis diante de vossos inimigos, e sereis sujeitos aos que vos aborrecem; fugireis sem que ninguém vos persiga. 18) Se ainda não me obedecerdes, acrescentarei o sétuplo aos vossos castigos (...) 20) e mandarei contra vós as feras do campo, que vos devorem, a vós e aos vossos gados (...) e os vossos caminhos fiquem desertos. 23) Se nem ainda obedeceres (...) vos ferirei 7 vezes mais (...) 25) e farei cair sobre vós a espada vingadora da minha aliança. E, se vos refugiardes nas cidades, lançarei a peste no meio de vós, e sereis entregues nas mãos dos inimigos. 27) Se ainda, depois disso, não me ouvirdes (...) 28) (...) procederei contra vós em furor inimigo, e vos castigarei com 7 pragas (...) 29) até ao ponto de comerdes a carne de vosso filho e de vossas filhas. 36) E aos que de vós ficarem,

porei o espanto nos seus corações, na terra dos inimigos; o ruído de uma folha volante os atarrará, e fugirão dela como de uma espada; cairão sem que ninguém os persiga.

Análise – Depois de reler, em sua própria Bíblia, os textos escolhidos por nós, medite bem o leitor e tire suas próprias conclusões. É isto o que nos ensinam há 2.000 anos, em nome de Deus! Na minha opinião, semelhantes “chantagens emocionais” produziram irreparáveis estragos na mente humana. Para mim, em nome de Deus, as religiões convencionais aplicaram, na humanidade religiosa, um processo de “lavagem cerebral” de conseqüências imprevisíveis. Este texto bíblico é uma agressão à dignidade do ser humano, além de ser uma blasfêmia ao nome de Deus!

Texto – Levítico – XXXVII:2, (...) um homem que fizer um voto, e prometer a Deus a sua alma, dará o preço, segundo à avaliação. 14) Se alguém fizer um voto de uma casa e a consagrar ao Senhor, o sacerdote a examinará (...) e ela será vendida pelo preço que ele tiver fixado. 15) Mas, se o que fez o voto, quiser resgatá-la, dará uma quinta parte sobre a avaliação (...) 21) Porque quando chegar o dia do Jubileu (cinquenta anos) (...) uma fazenda consagrada pertence por direito ao sacerdote.

Análise – Eis a continuação daquela “tabela de honorários sacerdotais”, que os levitas editaram, em nome de Deus.

D) No Livro números

Texto – Números – I-1, E o Senhor falou a Moisés (...) 22) Fazei o recenseamento de toda a Congregação dos filhos de Israel (...) 45) E todo o número (...) dos 20 anos para cima, dos que podiam ir à guerra, foi de (...) 46) seiscentos e três mil, quinhentos e cinquenta homens. 47) Os levitas, porém, não foram contados .

Análise – Sem dúvida, um grande exército para pegar nas armas e invejável fonte de contribuintes para com os “honorários sacerdotais”. Considerando o número de menores de vinte anos, dos que não foram contados por serem levitas, e o número de mulheres, o contingente total de hebreus, a peregrinar pelos desertos, deveria ultrapassar a um milhão de pessoas. E todas elas, sem exceção, teriam nascido no Egito, descendentes daquelas setenta pessoas que entraram com Jacó (ou Israel) no país dos faraós.

Texto – Números – II:1, E o Senhor falou a Moisés (...) 6) diz a aos filhos de Israel: se um homem ou uma mulher tiver cometido um pecado (...) 7) confessará o seu pecado e restituirá o capital, com a quinta parte a mais, àquele contra quem tiver pecado. 8) Se, porém não houver quem o receba, dá-lo-á ao Senhor, e pertencerá ao sacerdote, exceto o carneiro, que é oferecido para expiação (...) 9) Todas as primícias que os filhos de Israel oferecerem, pertencem também ao sacerdote, 10) e tudo o que é oferecido por cada um, para o santuário, se entregue nas mãos do sacerdote, será dele. Cap. III:47, Receberás 5 ciclos por cabeça (...) 48) E darás este dinheiro a Arão e seus filhos, como pagamento pelo preço dos primogênitos que são demais. 49) Tomou, pois, Moisés o dinheiro (...) pelos quais se pagava o resgate em lugar dos levitas, 50) pelos primogênitos dos filhos de Israel 1365 ciclos (...) 51) e deu-os a Arão e seus filhos, conforme a ordem que o Senhor tinha dado.

Análise – Os privilégios e direitos dos sacerdotes eram abundantes; toda oferenda era acrescida de 1/5 parte para o sacerdote; toda oferta para o tabernáculo era do sacerdote que a recebia, e “deus” não descia para receber as oferendas feitas; a pele do animal oferecido pertenceria ao sacerdote; tudo o que sobrasse dos sacrifícios e

oferendas também pertencia ao sacerdote; os bens avaliados e entregues pertenceriam aos sacerdotes; os que não fossem entregues, seriam pagos pelo preço da avaliação feita por eles; em caso de resgate do bem oferecido, iam para os sacerdotes tanto o preço da avaliação, como um acréscimo de 1/5 parte; todas as primícias oferecidas pertenciam aos sacerdotes; pelos primogênitos, o povo pagava o preço estipulado ao sacerdote; no jubileu, mesmo os bens imóveis oferecidos em doação, passariam a pertencer ao sacerdote, por direito. Não se poderia imaginar, naqueles tempos, uma profissão mais promissora e rendosa do que o sacerdócio.

Texto – Números – X:2, Faze para ti 2 trombetas de prata batidas ao martelo, 9) se saíres de vosso país para fazer guerra contra os inimigos que vos atacam. fazei soar incessantemente as trombetas, e o Senhor vosso Deus se lembrará de vós, para vos livrar das mãos de vossos inimigos.

Análise – O que entende o leitor por “quando saíres de vosso país para fazer guerra contra os inimigos que vos atacam”? Poderíamos, acaso, acreditar que Deus tivesse dado semelhante ordem? Ora, se há, em qualquer religião do mundo, um aspecto nocivo à paz, é o incentivo, em nome de Deus, para se fazer as chamadas “guerras santas”.

Texto – Números – XI:1, (...) (o povo) se queixava de fadiga. O Senhor irou-se (...) E o fogo do Senhor, aceso contra eles, devorou uma extremidade do acampamento. 2) (...) Moisés orou ao Senhor, e o fogo se extinguiu. 25) E o Senhor desceu das nuvens e falou-lhes; e tirando do espírito que havia em Moisés, deu dele aos 70 homens. E tendo repousado neles o Espírito, profetizaram e não cessaram mais (de o fazer). 31) E um vento mandado pelo Senhor, trazendo codornizes da outra banda do mar, arrebatou-as consigo e fê-las cair sobre os acampamentos, ao redor do campo, por tanto espaço quanto se pode andar num dia, e voavam pelo ar, à altura de 2 côvados sobre a terra. 32) (...) o povo apanhou todo aquele dia e noite (...). 33) Ainda as codornizes estavam nos seus dentes (...) quando a cólera do Senhor se acendeu contra o povo, e o feriu com uma grande praga.

Análise – Será que Deus se encoleriza, se ira, se vinga, se arrepende do que fez? Seria aquele personagem bíblico, tão colérico, irascível, inseguro e beligerante, realmente Deus?

Texto – Números – XIV:2, (...) murmuravam contra Moisés. (...) 3) Oxalá nós tivéssemos morrido no Egito; e Oxalá pereçamos neste vasto deserto (...) para não sermos passados à espada. 13) E Moisés orou. (...) 19) Perdoa, te suplico, o pecado deste povo. (...) 21) E o Senhor (...) Eu perdoo conforme o teu pedido. 22) Todavia, todos os homens que viram a minha majestade e os prodígios (...) 23) Não verão a terra que eu prometi (...) 29) Neste deserto ficarão estendidos os vossos cadáveres (...) desde os 20 anos para cima, e que murmuraram contra mim. 30) (...) exceto Caleb (...) e Josué. (...) 32) Os vossos cadáveres ficarão jazendo no deserto. 33) Os vossos filhos andarão, errantes no deserto, durante 40 anos; e pagarão a vossa infidelidade.

Bíblia comparadas – A Bíblia em Francês, vs-33, ensina que “quarenta anos no deserto, um para cada dia”.

Análise – Que justiça seria aquela, atribuída a Deus, que castiga os inocentes pelo crime de culpados? Naturalmente, aquelas palavras não podem ter origem divina.

Texto – Números – XV:32, (...) e encontrando um homem que apanhava lenha no

dia de sábado. 35) E o senhor disse a Moisés: este homem seja morto: e todo o povo o apedreje fora do acampamento. 36) (...) apedrejaram-no, como o senhor tinha mandado.

Análise – O que podemos pensar do conceito que fazia de Deus o escritor bíblico deste capítulo?

Texto – Número – XVI:1, (...) Coré. Datan e Abiron (...) 2) se levantaram contra Moisés, juntamente com outros 250 homens (...) 26) (...) Moisés disse ao povo: afastai-vos das tendas destes homens ímpios (...) 31) Logo que ele acabou de falar, fendeu-se a terra debaixo de seus pés, 32) e, abrindo sua boca, os tragou com suas tendas... 3) e desceram vivos ao inferno, e os cobriu a terra. (...) 35) Ao mesmo tempo, saindo um fogo do Senhor, matou os 250 homens que ofereciam incenso. 47) (...) Arão, correndo ao meio da multidão, e a quem já abrasava o incêndio, ofereceu incenso, 48) (...) rogou pelo povo, e a praga cessou. 49) Ora, os que pereceram foram 14.700 homens, afora os (...) perecidos na sedição de Coré.

Bíblias comparadas – A Bíblia protestante diz, no vs-33, desceram vivos ao sepulcro; a Bíblia em Francês, desceram ao século; The Bible, desceram ao buraco; e a Bíblia em Esperanto, desceram ao sheol.

Análise – Ora, as diferenças nas traduções nos mostram que “inferno” não significava, antigamente, lugar de condenação, mas apenas “morada dos mortos, sepultura, cova, lugares inferiores”.

Texto – Números – XVII:2, Fala aos filhos de Israel, e recebe deles uma vara de cada tribo. (...) 5) A vara daquele que eu escolher, dentre eles, florescerá; e, farei cessar os queixumes dos filhos de Israel. (...) 8) Voltaram no dia seguinte, e achou que tinha germinado a vara de Arão (que era) pela tribo de Levi, e que, aparecendo botões, tinham saído flores e se transformaram em amêndoas.

Análise – Não entendemos se “Deus” queria punir o responsável pela murmuração, ou se procurava um pretexto para enaltecer a classe dos sacerdotes levitas. Só sei que Arão não foi punido. Porém o mais incoerente é que, depois de proibir toda espécie de magia, de encantamento, do descobrimento da verdade etc. ele próprio faz uso deste expediente. Pode alguém, hoje em dia, acreditar que, de uma vara, possa germinar flores e frutos, de um dia para o outro?

Texto – Números – XVIII:14, Tudo o que os filhos de Israel derem por voto, será teu. 15) Tudo o que sair primeiro do seio de qualquer carne, que ofereçam ao Senhor (...) pertencer-te-á por direito (...) e pelo primogênito do homem, receberá o preço (da avaliação).

Análise – Temos aqui a continuação da “tabela de honorários sacerdotais”? Ora, isso nunca pode ter sido divino. Deus não mantém representantes remunerados, para distribuir suas bênçãos.

Texto – Números – XX:1, (...) chegaram ao deserto de Sin (...) 3) e, levantando-se em motim (...) 5) (...) não tem água para beber! 11) E Moisés, tendo levantado a mão, feriu diversas vezes com a vara o rochedo, e saíram dele águas copiosíssimas (...) bebeu o povo e os animais. 30) E toda a multidão, vendo que Arão tinha morrido, chorou por ele (...) durante 30 dias.

Análise – Bastam noções superficiais de geologia para compreendermos o

anticientificismo desta lenda. E como não existem milagres, podemos asseverar que o texto não é fiel. Um milagre seria a derrogação das leis da Natureza, uma competência exclusiva de Deus – logo, nem Moisés nem qualquer outro ser habitante do planeta Terra, teria competência para fazê-lo!

Texto – Números – XXI,3) O povo murmurava contra Moisés. (...) 5) Por que tu nos tiraste do Egito? (...) Falta-nos pão, não há água; a nossa alma está enfastiada deste alimento levíssimo. 6) o Senhor enviou (...) contra o povo, serpentes ardentes, causando chagas e mortes em muitos. 7) (...) E Moisés orou pelo povo. 8) E o Senhor disse: faze uma serpente de bronze e põe-na por sinal; aquele que, sendo ferido, olhar para ela, viverá. 9) E Moisés fez (...) e os feridos, que olhavam para ela, saravam.

Análise – O povo se queixava da fraqueza e Deus enviou “serpentes ardentes” contra ele, causando estragos. Moisés orou, o Senhor ensinou que ele fizesse uma serpente de bronze, colocou-a na frente do povo, e os que tinham sido ferido, olhavam para ela e saravam! Sic! Não é brincadeira não; isto está escrito nas páginas da Bíblia.

Texto – Números – XXII:20, Veio, pois, Deus a Balaão, de noite, disse-lhe (...) Levanta-te e vai com ele, mas com a condição de que faças o que eu te mandar. Mas Deus irou-se. E o anjo do Senhor se pôs no caminho, diante de Balaão. (...) 23) A jumenta, vendo o anjo que estava no caminho, com uma espada desembainhada, afastou-se do caminho. (...) 28) E o Senhor abriu a boca da jumenta, e ela disse: que te fiz eu? (...) 32) E o Senhor disse (a Balaão): Eu vim opor-me a ti, porque o teu caminho é perverso e contrário a mim, 33) e se a jumenta não tivesse desviado do caminho, eu teria te matado, e ela ficaria viva.

Análise – Eu gostaria de pedir aos leitores que confirmem minhas citações em sua própria Bíblia, e depois, raciocinem: para que um anjo armado de espada? Poderia alguém agir contra a vontade de Deus? E se Deus usou uma jumenta como intermediária, para falar com Balaão, por que não podem os espíritos se valer de médiuns para falar com os vivos?

Texto – Números – XXV: 1, Ora (...) o povo caiu em fornicção com as filhas de Moab; 2) e adoraram os deuses delas. 3) E Israel consagrou-se a Beelfegee. Então, irado, o Senhor 4) disse a Moisés: toma todos os príncipes do povo, e pendura-os em forcas, em face do sol, para que o meu furor se afaste de Israel. 9) E foram mortos 24.000 homens.

Análise – Os moabitas eram descendentes daquele Moab, filho incesto de Lot e sua filha, no dia da explosão de Sodoma e Gomorra. Pode o leitor acreditar que Deus tivesse qualquer participação nesta chacina aqui descrita?

Texto – Números – XXVII:12, E o Senhor disse a Moisés: sobe a este monte Abarim, e contempla de lá a terra que eu hei de dar aos filhos de Israel. 13) E depois. (...) irás para o teu povo (...) 14) Porque me ofendeste no deserto de Sin (...) e não quiseste me santificar diante daqueles por ocasião das águas. (...) 18) (...) Toma Josué. (...) 20) E tu lhe dirás os preceitos (...) para que toda a congregação o ouça. 21) (...) o sacerdote Eleázar consultará o Senhor, e à palavra deste, Josué sairá ou entrará.

Análise – Estamos nos aproximando da morte de Moisés: no entanto, ele ainda se encontra aquém do rio Jordão. Com sua morte, Josué e Eleázar receberão o seu quinhão, e as coisas continuarão no mesmo ritmo de antes: um dos patriarcas

continuará falando pessoalmente com Deus e, em seu nome, continuará a legislar e a governar o povo de Israel.

Texto – Números – XXXI:3, E Moisés disse logo: armem-se para (...) executar a vingança do Senhor sobre os Madianitas. 7) E mataram todos os varões. 9) E tomaram suas mulheres e seus filhinhos (...) e todos os seus bens, e saquearam tudo (...) 10) O fogo consumiu as cidades, as aldeias e os castelos. 14) E Moisés, irado contra o chefe do exército (...) 15) disse: por que poupastes as mulheres? 16) Não são elas que (...) seduziram os filhos de Israel e vos fizeram prevaricar contra o Senhor, com o pecado de Fegor, pelo qual também foi o povo castigado? 17) Matai, pois, todos os varões (...) e degolai as mulheres que tiveram comércio com homens. 18) Mas reservai para vós as (donzelas) e todas as mulheres vírgens. 32) Ora, a presa foi de 675 mil ovelhas; 33) 72 mil bois, 34) 61 mil asnos, 35) 32 mil pessoas do sexo feminino, que não tinham conhecido homens. 37) E foi dada metade aos que tinham ido ao combate. (...) Das 16 mil pessoas, foram reservadas 32 para os levitas, que velavam no tabernáculo do Senhor, como o Senhor tinha ordenado.

Bíblia comparadas – A Bíblia em Italiano diz, no vs-34, setenta e um mil asnos.

Análise – É evidente que aquela cena de vandalismo e de pilhagem não ocorreu às margens do Jordão, mas anteriormente. Houve, porém, um anacronismo, colocando este capítulo depois do anterior, que teria ocorrido mais tarde. Já viu o leitor alguém atribuir semelhante vandalismo, imoralidade e crueldade a Deus?

Como pretendemos que a humanidade religiosa tenha progredido moralmente, quando os fundamentos de sua fé em Deus e na moral se baseiam neste livro contraditório e incoerente?

Texto – Números – XXXII:13, E o Senhor, irado contra Israel, fê-lo andar errante pelo deserto durante 40 anos, até (...) extinta toda aquela geração.

Análise – Outro anacronismo histórico: se estes fatos realmente aconteceram, teriam sido antes daqueles mencionados no cap. XXVII, e há pelo menos 40 anos atrás.

E) Livro Deuteronômio

Deuteronômio é uma palavra grega que significa “segunda lei, repetição da lei”; logo, faz presumir que “a primeira lei” já estivesse escrita. Este livro se compõe de quatro discursos, proferidos por Moisés, aquém do Rio Jordão, pouco antes de sua morte, recordando ao povo tudo o que ocorreu, desde sua saída do Egito até aquele instante; portanto, é uma repetição das histórias anteriores. Porém todos os israelitas, maiores de 20 anos, que haviam saído do Egito, morreram nos desertos; evidentemente, só os menores de 20 anos estavam agora vivos para ouvir seus discursos. Nenhum deles poderia contestar ou desmentir Moisés.

Para Myer Pearman, autor de “A través da Bíblia, Livro por Livro”, a história abrange um período de dois meses, nas planícies de Moab, em 1451 aC (71/51); e também a tradição oral atribui a Moisés a autoria desse livro bíblico.

Texto – Deut – IV:12, E o Senhor falou do meio do fogo. Vós ouvistes a voz de suas palavras, mas não vistes figura alguma. Cap. V:5, Eu fui, naquele tempo, o intérprete e o mediador entre o Senhor e Vós (...) porque vós temestes aquele fogo, e não subistes ao monte. 23) Viestes ter comigo e dissestes. 25) (...) este grande fogo

nos devorará, porque se tornarmos a ouvir a voz de Deus vivo (...) como nós ouvimos, e possa viver?

Análise – Não foi precisamente isso o que ocorreu em Êxodo-XIX:12,13: foi o próprio Senhor quem proibiu todo o povo, com ameaças de morte, para que não subisse ao monte; e foi somente depois, conforme Êxodo-XX:18-22, que o povo, amedrontado por causa dos trovões e do monte fumegante, pediu a Moisés que ele mesmo falasse ao povo, e não Deus. Portanto, houve um equívoco de Moisés.

Texto – Deut – VII:1, Quando o Senhor teu Deus te tiver introduzido na terra (...) sete nações muito mais fortes do que tu, 2) e o Senhor tas tiver entregadas, tu as combaterás até ao extermínio. Não farás aliança com elas, nem as tratarás com compaixão, 3) nem contratarás com elas matrimônio (...) porque elas seduzirão teu filho para que não me sigas, mas sirvas antes a deuses estranhos, e o furor do Senhor (...) te destruirá logo. 5) (...) Deitai abaixo os alicerces, e quebrai as estátuas, e cortai os bosques e queimai as esculturas. 15) O Senhor afastará de ti todas as doenças (...) 22) Ele mesmo destruirá estas nações (...) pouco a pouco, a fim de que não se multipliquem contra ti as feras da terra.

Análise – Eis aqui um nocivo ensinamento: incentivar os pobres israelitas, sob a falsa pretensão da proteção divina, a praticar emboscada, sitiá-los, invadir, matar, incendiar e despojar os legítimos proprietários e ocupantes da “terra prometida”. No Livro de Josué, o leitor verá que a “terra prometida” não foi entregue por Deus aos filhos de Israel; mas mesmo contando com a ajuda do “exército do Senhor”, eles tiveram de praticar toda espécie de vandalismo, de tomar à força, com requinte de crueldade e imoralidade, as chamadas “terras prometidas”.

Texto – Deut – IX:11, (...) tu passarás hoje o Jordão, para te assenhoreares de nações muito mais grandes e mais poderosas que tu; de cidades grandes e muradas até o céu, 2) de um povo grande e de alta estatura, dos filhos de Enacim, que tu mesmo viste, aos quais ninguém podia fazer frente. 3) (...) teu Deus passará, ele mesmo, diante de ti, como um fogo devorador e consumidor, que os destruirá e arruinará, e os exterminará dentro de pouco tempo.

Análise -- Outro ignóbil exemplo de Moisés, incitando os filhos de Israel a destruir e a liquidar os verdadeiros ocupantes da “terra prometida”. Na falsa suposição de que Deus caminhava à frente de seu exército, só Deus sabe quanta crueldade e vandalismo cometeram os israelitas a toda aquela pobre gente. Meditando sobre os efeitos da “lei da causalidade física ou da Causa e Efeito”, eu chego a pensar que os atuais conflitos bélicos, que ainda ocorrem no Oriente Médio, têm causas e vinculações àquelas invasões de terras mencionadas no Velho Testamento.

Texto – Deut – XI:10, Porque a terra em que haveis de entrar para possuir não é como a terra do Egito, donde saístes, na qual, lançada a semente, se conduzem as águas para regar, como se faz nas hortas; 11) mas é uma terra de montes e de planícies, e que espera as chuvas do céu. 24) Todo o lugar em que vós puserdes o vosso pé, será vosso (...) 26) Eis o que ponho hoje diante de ti (...) 27) A bênção, se obedecerdes (...) 28) a maldição, se não obedecerdes.

Análise – Onde já se viu tamanha imoralidade e injustiça, em nome de Deus? Eu penso que ninguém, de juízo equilibrado, poderá dizer que Deus – a Divindade

Suprema do Universo – tenha tido qualquer participação nisso. Na ilusão de que tudo aquilo fora ordenado por Deus, e que ele mesmo conduzia o exército de Israel, aquele povo abandonou o medo, o bom-senso, o respeito, a justiça e a compaixão humana, e se lançou impiedosamente sobre os donos da “terra prometida”.

Texto – Deut: XV:5, Se ouvirdes a voz do teu Senhor (...) ele te abençoará (...) 6) tu emprestarás a muitos povos, e de nenhum receberás emprestado. Dominará muitas nações e nenhuma te dominará.

Análise – É lógico que, se semelhantes ordens e incentivos não viessem sob o nome de Deus, os filhos de Israel não teriam adquirido confiança em si mesmos para armar emboscadas, invadir, matar, incendiar, saquear e dividir os despojos.

Texto – Deut – XVII: 18, (...) depois (...) no trono do seu reino, escreverás para si, num livro, o Deuteronômio dessa lei, recebendo o exemplar da tribo de Levi.

Análise – Somente agora, pela primeira vez, “o Senhor” ordena os filhos de Israel a escreverem o Deuteronômio, entretanto, do outro lado do Jordão, quando estivessem no trono do seu reino. Ora, se este livro foi escrito antes de atravessar o Jordão, jamais poderia chamar-se Deuteronômio. E nunca poderia ser atribuída a Moisés, que morreu ali mesmo.

Texto – Deut – XVIII: 10, (...) Não se ache entre vós quem purifique (...) pelo fogo, nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem use malefício, ou indague dos mortos a verdade. 12) Porque o Senhor abomina (...) estas coisas e, por tais maldades, exterminará este povo à tua entrada. 20) Mas o profeta que (...) quiser dizer, em meu nome, o que não lhe mandei, ou falar em nome de deuses estranhos, será morto. 22) Terás este sinal: se o que aquele profeta predisse, em nome do Senhor não suceder, o Senhor não disse, mas o profeta (...) o inventou; por isso, não ó temerás.

Bíblia comparadas – A Bíblia protestante diz, no vs-10, nem adivinhos, nem prognosticadores, nem agoureiros, nem feiticeiros. A Bíblia em Francês, vs-10, ninguém que exerça a profissão de adivinho, de astrólogo, de agoureiro, de mágico.

Análise – Eis um indício de que o livro Deuteronômio é uma composição dos sacerdotes da tribo de Levi, conforme foi ordenado em Deut-XVII: 18; foram eles quem, no Levítico, em Números e em Deuteronômio instilavam um ódio mortal aos espíritos. Entretanto, quem poderá negar que os espíritos desencarnados se comunicam com os vivos? E se os israelitas daqueles tempos praticavam esses costumes, é porque eles já respondiam aos vivos.

O critério utilizado por “Deus” para distinguir o falso do verdadeiro profeta, é de uma ingenuidade marcante: se acontecer o que ele predisse, é porque o Senhor o mandou; se não acontecer, é porque o profeta inventou, por isso não precisa ser temido!

Texto – Deut – XX:2, E, quando aproximarem da batalha, o sacerdote falará (...) 3) (...) não temais, nem recueis, nem lhes tenhais medo. 4) porque o Senhor (...) está no meio de vós, e combaterá por vós. (...) Quem é medroso e de coração tímido? Vá e volte para casa, para que não faça ter medo aos corações de seus irmãos. (...) 10) Quando te aproximares de uma cidade, primeiro lhe oferecerás a paz. 11) Se eles aceitarem e te abrirem as portas, todo o povo que houver nela será salvo e te ficará sujeito, pagando tributos. 12) Mas, se não quiser aceitar as condições e começar a guerra contra ti, cercá-la-á, 13) (...) passarás a fio de espada todos os varões (...) 14) poupando as mulheres, os meninos e os animais (...) 16) Quanto àquelas cidades, porém, que te hão de ser dadas,

não permitirás que alguém fique vivo, 17) mas passá-la-ás todas ao fio da espada, isto é, o hetreu, o amorreu, o cananeu, o fereseu, o heveu, o jebuseu, assim como o Senhor (...) te mandou. 18) Para que não (...) vos ensinem a cometer todas as abominações (...) com os seus deuses, e venhais a pecar contra o Senhor.

Análise – Que estranha moral! Para aquele “Senhor bíblico” tudo era permitido, exceto o culto aos “deuses estranhos”. Quanto ao resto, nada ofendia a ele. Como ensinarmos, hoje, a paz e a fraternidade universal, se na Bíblia – o fundamento da fé ocidental – teria sido o próprio Deus quem ordenava a invasão e a matança? Ali, naquelas palavras bíblicas, se encontra a fonte de um grande número de crimes, invasões, guerras e atrocidades, que a chamada “civilização cristã” vem praticando nos dois últimos milênios.

Texto – Deut – XXIII:1, O eunuco (...) não entrará na Assembléia de Deus. 2) O bastardo (...) não entrará até a 10ª geração, 3) e os amonitas e os moabitas não entrarão jamais (...) mesmo depois da 10ª geração (...) 3) porque não quiseram sair para receber-vos, com pão e água no caminho, quando saístes do Egito. e porque conduziram contra ti Balaão (...).

Análise – Os moabitas e os amonitas eram filhos de Lot, com suas duas filhas “virgens”, naquele imoral episódio do dia da destruição de Sodoma e Gomorra. Entretanto, os motivos por que os proibia de entrar na Assembléia de Deus são injustos e infantis: por não terem eles alimentado, com pão e água, aquela multidão de 603 mil soldados, que saíram do Egito e perambulavam sem destino, pelos desertos.

Texto – Deut – XXVII:2, E, quando passado o Jordão, tiveres entrado na terra (...) 8) (...) escreverás todas as palavras desta lei.

Análise – Esta seria a segunda vez que o “Senhor” ordenou que escrevessem “a segunda lei, ou repetição da lei”, mas depois que tivessem atravessado o Jordão. Como chamar de Deuterônômio um livro, se as primeiras leis ainda não foram escritas, e se narra histórias antes da travessia do Jordão? E se Moisés morreu ali mesmo, antes de atravessar o Jordão, este livro, em hipótese alguma deveria ser-lhe atribuído.

Texto – Deut – XXVIII:1, Ponde em prática (...) os meus mandamentos. (...) 7) O Senhor fará sair na tua presença os teus inimigos (...) 11) (...) te fará cumular de todos os bens (...) 12) (...) dará, a seu tempo, a chuva à terra; e abençoará todas as obras de tuas mãos. 15) Porém, se tu não quiseres ouvir (...) virão sobre ti estas maldições (vs-16 até 68).

Análise – Por favor, confira em sua própria Bíblia, também as maldições feitas por “Deus” neste capítulo XVIII: 16-68. Não é isto um atentado à dignidade humana, e uma blasfêmia ao nome de Deus?

Texto – Deut – XXXIV-4, E o Senhor disse: Esta é a terra (...) Tu a viste (...) mas não entrarás nela. 5) E Moisés morreu ali (...) 6) e nenhum homem soube, até hoje, o lugar de seu sepulcro. 7) Moisés tinha 120 anos quando morreu. 8) E o choraram (...) durante 30 dias. 10) E não se levantou mais, em Israel, profeta como Moisés, que o Senhor conhecia face a face, 11) nem quanto a todos os prodígios e milagres.

Bíblias comparadas – A Bíblia protestante, vs-5,6, diz que o Senhor o sepultou, num vale, na terra de Moab, defronte a Bete-Peor, e ninguém tem sabido, até hoje, a sua sepultura.

Análise – Como atribuir a Moisés a autoria deste capítulo? Como pode alguém narrar acontecimentos posteriores à sua própria morte? Myer Pearmann, acha “provável que Josué tenha escrito o relato da morte de Moisés. Ele não escreveu nenhum dos livros do Pentateuco.

3.1.2 – De Josué ao IV Livro de Reis

A) No Livro de Josué

Texto – Josué – I-1, (...) o Senhor falou a Josué (...) 2) (...) passa este Jordão (...) entra na terra que eu darei (...) 3) Todo o lugar que pisar a planta de vossos pés, eu vo-la darei (...) 5) (...) como fui com Moisés, assim serei contigo (...) 18) Aquele que não (...) obedecer tudo o que mandares, seja morto. Cap.III-1, (...) chegaram ao Jordão, ele e os filhos de Israel, e aí se detiveram 03 dias. (...) 13) E logo que os sacerdotes que levavam a Arca do Senhor (...) puseram as plantas de seus pés na água do Jordão (...) 16) E as águas que vinham de cima, pararam num só lugar (...) e as que desciam, continuaram a correr para o mar do deserto (que agora se chama Mar Morto), até faltarem de todo. 17) (...) os sacerdotes (...) conservaram-se quietos, de pés sobre a terra seca, no meio do Jordão, e todo o povo ia passando pelo leito do rio, a pé enxuto. Cap, IV-18, E quando saíram (do Jordão) (...) e começaram a pisar a terra seca, tornaram-se as águas ao seu leito, e correram como costumavam antes.

Análise – Como se percebe, esta travessia do rio Jordão, feita por Josué, depois da morte de Moisés, foi diferente daquela que Moisés fez no Mar Vermelho: aqui, o escritor bíblico se lembrou das leis da gravidade, e dispensou aquela parede ou “muro de águas”, do lado de baixo. Conhecendo, porém, o caráter humano, como eu julgo conhecer, custa-me crer que uma multidão medrosa, indisciplinada e heterogênea de mais de 600 mil almas, tenha adentrado silenciosa e pacificamente o leito do rio Jordão. Era de se esperar um pânico coletivo e, talvez, histerismo em massa. Seriam as pessoas daquela época diferentes das atuais?

Texto – Josué – V:2, Então, o Senhor disse a Josué: faze facas de pedras e restabelece novamente a circuncisão entre os filhos de Israel. 3) E Josué fez. (...) 4) E a causa da segunda circuncisão é esta: todos os varões dentre o povo, que nasceu no deserto, 6) durante os 40 anos de marcha (...) 7) (ninguém os tinha circuncidado no caminho). 13) (...) (Depois) Josué, nos arredores da cidade de Jericó (...) viu, diante de si, um homem de pé, que tinha uma espada desembainhada. (...) 14) (...) Sou o príncipe do exército do Senhor, e agora venho (para vos auxiliar).

Análise – Embora a circuncisão fosse uma prática religiosa obrigatória, ainda não dispunham de instrumentos para fazê-la. Não temos elementos para acreditar em “exército do Senhor”, em “anjo armado de espada”.

Texto – Josué – VI:1– Deus manda Josué atacar Jericó. 2) E o Senhor disse a Josué: Eis que pus na tua mão Jerico e o seu rei, e todos os seus homens valentes. 3) Dai volta à cidade, vós todos os homens de guerra, uma vez por dia; assim fareis durante seis dias. 4) E, no sétimo dia, os sacerdotes tomem as sete trombetas (...) e

vão adiante da arca da aliança; e rodeareis sete vezes a cidade, e os sacerdotes tocarão as trombetas. 5) E, quando o som das trombetas se fizer ouvir mais demorado (...) e vos ferir os ouvidos, todo o povo levantará um grande clamor, e cairão os muros da cidade até os fundamentos, cada um entrará por aquele lugar que ficar defronte. 20) (...) caíram de repente os muros (...) e tomaram a cidade; 21) e mataram tudo o que nela havia, desde os homens até as mulheres, e desde as crianças até os velhos. Passaram também ao fio da espada os bois, as ovelhas e os jumentos.

Análise – Certo dia, liguei o aparelho de televisão e fiquei presenciando um pastor protestante pregando sobre “o milagre divino da queda dos muros de Jericó”, e perguntei a mim mesmo: por que o ser humano é tão crédulo e tão desacostumado de meditar sobre de sua fé?

Texto – Josué – VII-2, E Josué, enviando de Jericó homens contra Hai (...) 4) subiram 3 mil combatentes (...) 5) que foram batidos pelos homens da cidade de Hai, e caíram mortos 36 homens; e os inimigos os perseguiram (...) e mataram-nos enquanto eles fugiam pelas encostas. (...) 11) O Senhor disse a Josué: Israel pecou e violou o meu pacto; tomaram do anátema, e furtaram e mentiram, e esconderam-no entre as bagagens. 12) Israel não poderá ter-se diante dos seus inimigos, e fugirá deles, porque se manchou com o anátema; e eu não serei mais convosco, enquanto não exterminardes aquele que é réu desta maldade. 15) E aquele que se encontrar culpado desta maldade, será queimado com todas as suas coisas; porque violou o pacto do Senhor, e cometeu uma coisa detestável em Israel. 16) (...) (tiraram a sorte) e caiu a sorte sobre a tribo de Judá, 18) e, sorteados os indivíduos varões (...) descobriu ser Acan. (...) 19) E Josué disse a Acan: (...) confessa-me, e declara-me o que fizeste, não ocultes (...) 21) (e Acan confessou): Vi, entre os despojos, uma capa de escarlate muito boa e duzentos siclos de prata, e uma barra de ouro de 50 siclos; e, cobiçando, tomei (estas coisas) e as escondi (...) 22) Mandou, pois, Josué investigadores, os quais (...) acharam tudo escondido no mesmo lugar, e também o dinheiro. 25) (...) E todo Israel o apedrejou; e tudo que lhe pertencia foi consumido pelo fogo. 26) E juntaram sobre ele um montão de pedras. (...) E (com isso) apartou-se o furor do Senhor (...).

Análise – Eu não estou pedindo que o leitor confie na minha transcrição do texto bíblico; eu ficarei mais satisfeito se ele procurar, em sua própria Bíblia, o texto dos versículos acima destacados.

Que despojos teriam sido aqueles, se no vs-5, o próprio texto diz que “os inimigos os perseguiram e mataram-nos enquanto eles (os 3 mil combatentes) fugiam pelas encostas”? Como teria sobrevivido esse Acan? Será que, mesmo que escapasse ao fugir, tenha roubado dos soldados que os perseguiram? Por que usaram, para descobrir “coisas ocultas” precisamente um processo que, segundo a Bíblia, havia sido proibido pelo Senhor?

Como vimos nos textos anteriores, por ordem do “Senhor”, os filhos de Israel podiam fazer emboscada, invadir, saquear, pilhar, incendiar, matar, roubar e dividir os despojos, só não podiam consultar es espíritos ou “deuses estranhos”. Que justiça seria esta, que autoriza a morte de velhos, homens, mulheres e crianças, em nome de Deus? Espelhando-se nos textos bíblicos, tais como chegaram aos nossos dias, não era de se admirar que a humanidade se fizesse tão injusta, tão egoísta, tão odiosa, tão cruel e hipócrita!

Texto – Josué – VIII-1, E o Senhor disse a Josué (...) eu te entregarei nas tuas mãos o seu rei e o seu povo, e a cidade e o seu território. 2) E farás à cidade de Hai (...) como fizeste a Jericó (...) põe uma emboscada à cidade, por detrás dela. 12) Ora, ele tinha escolhido 5 mil homens; e os tinha posto de emboscada (...) 19) (...) tomaram-na e puseram-lhe fogo. 22) (...) nenhum se salvou de tão grande multidão. 24) Mortos todos aqueles que tinham perseguido Israel, (...) voltaram os filhos de Israel e destruíram a cidade. 25) Os que morreram naquele dia, entre homens e mulheres, foram 12 mil, todos da cidade de Hai. 27) Mas os animais e os despojos da cidade, eles os repartiram entre os filhos de Israel, como o Senhor tinha ordenado a Josué. 28) E este pôs fogo (ao resto da cidade) e reduziu-a para sempre a um montão (de ruínas), 29) e suspendeu, num patíbulo, o seu rei até à tarde, ao pôr do sol, quando Josué mandou que descessem o seu cadáver da cruz (...).

Análise – O texto é tão claro que dispensa qualquer comentário. Tire o leitor suas próprias conclusões sobre a credibilidade e o respeito que deve merecer.

Texto – Josué – X:5, Unidos, pois, os cinco reis (...) saíram com seus exércitos, e acamparam junto a Gabaão, sitiando-o. 8) E o Senhor disse a Josué “Não os temais, porque eu os entregarei nas tuas mãos. 10) E o Senhor os desbaratou à vista de Israel. (...) 11) E, enquanto eles fugiam dos filhos de Israel (...) fez o Senhor cair do céu pedras em cima deles até Azeva; e morreram muito mais pelas pedras de granizo, do que pelos golpes das espadas dos filhos de Israel. 12) Então Josué falou (...) Sol, não te movas de sobre Gabaão; e tu, lua, (não te movas) de sobre o vale de Ajalão. (...) Parou, pois, o sol no meio do céu, e não se apressou a pôr-se durante o espaço de um dia. 13) Não houve, nem antes nem depois, um dia tão longo, obedecendo o Senhor à voz de um homem (...) 26) Depois disso, Josué feriu-os e tirou-lhes a vida, e mandou-os pendurar em cinco forcas; e estiveram pendurados até à tarde. 29) De Maceda passou com Israel a Lebna, e combatia contra ela; 30) e o Senhor a entregou com seu rei nas mãos de Israel, e passaram a fio de espada a cidade e todos os seus habitantes; e não deixaram nela resto algum. E fizeram ao rei de Lebna como tinham feito ao rei de Jericó. 31) De Lebna, passou a Laquis (...) 32) E o Senhor entregou Laquis nas mãos de Israel (...) 34) E de Laquis passou a Eglom, e sitiou-a (...) 36) Passou depois (...) a Hebron (...) 37) e tomou-a e passou também a espada tudo o que encontrou. 38) Dali, voltou a Dabir, 39) tomou-a e destruiu-a, e passou a fio de espada o seu rei e a todas as cidades (...) não deixou nela resto algum.

Bíblias comparadas – Diz a Bíblia em Esperanto, vs-13, e o Sol permaneceu no meio do céu, não se apressou a descer, quase durante todo o dia.

Análise – Acreditando que tudo fora ordenado por Deus, os filhos de Israel partiam impiedosa e inescrupulosamente para cima dos povos mencionados; para conquistar a “terra prometida, onde corre o leite e o mel”, tiveram eles de usar a crueldade, a atrocidade, o vandalismo e todo requinte de desrespeito à vida humana.

O autor bíblico deste texto ainda acreditava que a terra era o centro do universo; que o sol girava ao redor da terra, subindo e descendo todos os dias; e que, para atender a voz de Josué, o Senhor parou o sol e a lua.

Texto – Josué – XI:5, Todos estes reis se juntaram, perto das águas de Meon, para combaterem contra Israel. 7) E Josué, com todo o exército (...) deu sobre eles. 8) E o

Senhor os entregou nas mãos de Israel (...) Passou todos à espada, de sorte que não deixou vivo um só, 9) e fez como o Senhor tinha ordenado: jarretou os seus cavalos, e pôs fogo às suas carroças. 10) E, voltando-se, logo tomou Asor e matou à espada o seu rei (...) E passou à espada toda a gente que ali morava; não deixou pessoa viva, mas devastou tudo até ao extermínio, e destruiu com um incêndio a própria cidade. 12) E tomou, feriu e devastou as cidades circunvizinhas (...) como lhes tinha ordenado Moisés, servo do Senhor. 14) E os filhos de Israel, depois de matarem todos os homens, repartiram entre si todos os despojos destas cidades e os gados. 15) Como o Senhor tinha ordenado a Moisés, seu servo, assim Moisés ordenou a Josué, e este cumpriu tudo; não omitiu uma só palavra de todos os mandamentos que o Senhor tinha dado a Moisés.

Análise – Quanta barbaridade cometida em nome de Deus! Usando o nome de Deus e de Moisés, Josué levou o seu povo a cometer os mais hediondos crimes. E aquela “terra prometida” não foi entregue por Deus aos filhos de Israel: eles tiveram de invadi-las e tomá-las à força, matando e expropriando seus ocupantes.

Texto – Josué – XIII-1, Estes são os reis que os filhos de Israel derrotaram, cujas terras possuíam da banda de além do Jordão (...) 24) (...) ao todo, 31 reis. Cap. XV:5, Como o senhor tinha ordenado a Moisés, assim fizeram os filhos de Israel, e repartiram a terra (de Canaã). Cap. XXI-41, E o Senhor deu a Israel toda a terá (...) 42) (...) nenhum dos inimigos ousou resistir-lhes (...). Cap. XXIV:29 (...) E morreu Josué com 110 anos. 32) Também os ossos de José, que os filhos de Israel tinham trazido do Egito, foram sepultados em Siquém.

Análise – De acordo com o chamado “Livro de Deus”, foi assim que “o Senhor entregou aos filhos de Israel a terra prometida”. Não fazia muito tempo que José do Egito tinha morrido, pois ainda carregavam seus ossos e o sepultaram junto com os de Josué.

B) No Livro de Juízes

Texto – Juízes – I-1, Depois da morte de Josué (...) 4) Judá subiu ao trono, e o Senhor entregou em suas mãos o fereseu; e mataram, em Besac, 10 mil homens. 6) E Adonibeze fugiu; mas, indo em seu calcance, apanharam-no e cortaram-lhe as extremidades das mãos e dos pés 7) (...) e levaram-no a Jerusalém, e ali ele morreu. 17) Depois, derrotaram o cananeu (...) e o mataram.

Análise – Mesmo contando com o “exercido do Senhor” e a garantia de que “o Senhor mesmo combateria por eles”, os filhos de Israel tiveram enormes dificuldades para derrotar o fereseu; e foi necessário uma ação conjunta de crueldade, violência e desrespeito à vida humana, para que eles cumprissem a “ordem do Senhor”.

Texto – Juízes – VIII:21, (...) Gedeão levantou-se e matou Zebes e Salmana, tomou (...) as lunetas, com que costumavam adornar os pescoços dos camelos do rei.

Bíblia comparadas – The Bible ensina, no vs-21, “tomou os ornamentos que havia no pescoço de seus camelos”. A Bíblia em Francês diz: “tomou os crescentes que estavam no pescoço de seus camelos”.

Análise – Vejam a Bíblia falando em “lunetas”, por volta de 1.200 anos aC. Ora, a luneta só foi inventada muito mais tarde, por volta de 1.609 dC, nos tempos de Galileu. De quem teria sido o equívoco: de “deus bíblico”, dos copistas ou dos tradutores?

Texto – Juízes – XIV-5, Sansão (...) foi a Tamata (...) apareceu um leão novo e feroz. (...) 6) Mas o espírito do Senhor se apoderou de Sansão, e ele despedaçou o

leão (...) como se fosse um cabrito, sem ter coisa alguma nas mãos. Tendo-o visto, os habitantes daquele lugar lhe deram trinta companheiros para estarem com ele. 12) E Sansão disse: propor-vos-ei um enigma; se vós souberdes decifrá-lo, dentro de sete dias das bodas, dar-vos-ei trinta vestidos e outras tantas túnicas; 13) mas, se não souberdes decifrar, dar-me-eis trinta vestidos e outras tantas túnicas. (...) 17) E ela (a mulher de Sansão) descobriu (a resposta) aos seus compatriotas. 18) E eles, no sétimo dia (...) (ganharam a aposta). 19) E apoderou-se de Sansão o espírito do Senhor, e ele foi a Ascalon, e matou lá trinta homens; e tirando os seus vestidos, deu-os àqueles que tinham decifrado o enigma (...).

Análise – Acreditar que Deus tenha participado disso, não seria um atentado à dignidade humana e uma blasfêmia ao nome divino?

Texto – Juízes – XV: 4, E partiu e tomou 300 raposas, e juntou-as umas às outras, e no meio ateou fachos; 5) e tendo-lhes chegado fogo, largou-as a fim de que corresse para todos os lados. E elas se meteram logo por entre as searas dos filisteus. E, incendiando estas (...) 14) E chegando (Sansão) ao lugar da queixada, saindo ao encontro dos filisteus com gritos, apoderou-se dele o espírito do Senhor. (...) 15) E, encontrando uma queixada, isto é, a mandíbula de um jumento, que ali jazia, tomou-a e matou com ela mil homens. 18) Sentindo muita sede, ele clamou ao Senhor. (...) Eis que morro de sede, e cairei nas mãos dos incircucidados. 19) Abriu, pois, o Senhor um dos dentes molares da queixada do jumento, e saíram águas. 20) E (Sansão) julgou Israel durante 20 anos, nos dias (da dominação) dos filisteus.

Bíblia comparadas – o vs-18 foi assim traduzido, na Bíblia em Espanhol: “Abriu Deus o vale que há em Lehi, e saiu águas”.

Análise – medite profundamente o leitor sobre o texto bíblico e decida: se Deus realmente participou desta comédia; se podemos afirmar que a Bíblia seja a fiel palavra de Deus; se seus ensinamentos servem como fundamento da fé e da moral humana.

Texto – Juízes – XVI:4, Depois disso, amou uma mulher (...) que se chamava Dalila. 17) Então, descobrindo-lhe a verdade (...) disse-lhe: (...) sobre a minha cabeça nunca pssou navalha, porque sou nazareno, isto é, consagrado a Deus desde o ventre de minha mãe; e se me for raspada a cabeça, ir-me-á minha força, e eu me desfalecerei, e serei como os outros homens. 19) E ela fê-lo adormecer sobre os seus joelhos. (...) E chamou um barbeiro para cortar as sete tranças, e começou a repeli-lo (...) 20) (...) Sansão, os filisteus estão sobre ti. Despertando ele do sono, disse em seu coração: sairei como antes fiz, e me desembaraçarei deles, não sabendo que o Senhor tinha se retirado dele. 21) E os filisteus, tendo-o tomado, tiraram-lhe os olhos, e levaram-no a Gaza (...) 25) (...) e mandaram chamar Sansão para que os divertisse (...) 27) (...) estavam ali todos os príncipes dos filisteus, e cerca de 3 mil pessoas (...) 28) Ele, porém, invocando o Senhor (...) e agarrando as duas colunas (...) 30) disse: Morra eu com os filisteus; e, sacudindo com grande força, as colunas, a casa caiu sobre todos (...) e foram muito mais os que matou ao morrer, do que os que quando vivo (...).

Análise – É inacreditável que, durante tantos milênios, tenham as religiões ensinado semelhantes lendas como verdadeiras, por se encontrarem na Bíblia! A história, em si mesmo, não poderia ser mais infantil e irracional.

Texto – Juízes – XIX-22, (...) chegaram uns homens naquela cidade (...) dizendo:

deita cá fora este homem que entrou na tua casa, a fim de abusarmos dele. 23) E o velho veio a ter com eles e disse-lhes: Não queirais, meus irmãos, não queirais cometer semelhante maldade; porque eu hospedei este homem na minha casa; deixai-vos desta loucura! 24) (...) Eu tenho uma filha virgem, e este homem tem uma mulher; eu vo-las trarei para fora, para abusardes delas e satisfazerdes vossa paixão; somente vos peço que não cometais com este homem tal maldade contra a natureza. 25) Mas eles não queriam ceder às suas razões; e aquele homem (levita), vendo isto, trouxe-lhes sua mulher, e abandonou-a aos seus ultrajes; e eles, depois de abusarem dela toda a noite, largaram-na ao amanhecer. 27) Chegada a manhã, levantou-se o marido (...) 28) (...) conheceu que ela estava morta, tomou-a e pô-la sobre o jumento, e voltou para sua casa. 29) E logo que entrou, tomou um cutelo e, dividindo o cadáver de sua mulher, com seus ossos em doze partes, enviou-os por todos os confins de Israel.

Bíblias comparadas – A Vulgata e The Bible afirmam, no vs-24: “tenho uma filha virgem, e este homem tem uma concubina”(…).

Juízes. XX-1, Saíram, pois, todos os filhos de Israel (...) 2) acudiram à Assembléia do povo de Deus, em número de 400 mil combatentes a pé. 3) (...) E o levita, marido da mulher (que fora morta), foi interrogado de que modo tinha sido cometido tão grande crime. 7) Resolvi o que deveis fazer (disse ele à Congregação). 8) E todo o povo, estando de pé, como a voz de um só homem: não voltaremos às nossas tendas (...) 9) (...) faremos isto contra Gaban. 10) (...) pelo crime, terá a recompensa que merece. 11) Assim se coligou (...) todo Israel, como (se fora) um só homem, com o mesmo espírito e a mesma resolução. 21) Mas os filhos de Benjamin (...) mataram naquele dia 22 mil homens dos filhos de Israel. 22) E os filhos de Israel, confiando nas suas forças e no seu número (...) puseram-se novamente em batalha no mesmo lugar. (...) 23) Mas, antes, subiram e foram chorar, até à noite, diante do Senhor; e consultaram-no. (...) Devemos continuar ainda a pelejar contra os filhos de Benjamin, nossos irmãos, ou não? O Senhor respondeu-lhes: Ide contra eles, e daí batalha. 24) E, no outro dia (...) 25) (...) fizeram tão grande mortandade, que derrubaram 18 mil guerreiros. 26) Pelo que todos os filhos de Israel (...) choraram diante do Senhor, e jejuaram naquele dia até à tarde, e ofereceram-lhe holocausto (...) 27) e consultaram-no. (...) 28) Devemos ainda sair e combater contra os filhos de Benjamin, nossos irmãos, ou desistir? O Senhor lhes disse: Sai, porque amanhã eu os entregarei nas vossas mãos. 29) E os filhos de Israel puseram emboscada à roda da cidade de Gaza; 33) (...) fizeram avançar seus exércitos contra Benehamin; 35) e o Senhor os destruiu à vista dos filhos de Israel, os quais, naquele dia, mataram 25.100 homens, todos guerreiros e homens de guerra.

Análise – O que poderíamos pensar hoje, sobre tudo isso? Devido à leviandade e irreflexão daquele sacerdote levita, quantas barbaridades, quantas mortes e quantas mentiras!

Texto – Juízes – XXI:10, mandaram, pois, 10 mil homens fortíssimos e ordenaram-lhes: “ide e passai ao fio da espada os habitantes de Jabes Gallad, tanto as mulheres como os seus meninos. 11) Matai todos os varões e as mulheres casadas, mas reservai as virgens”. 12) E encontraram-se, em Jabes Galaad, 400 virgens, que não tinham conhecido varão, e conduziram-nas ao campo de Silo, na terra de Canaã. 14) Então, os filhos de

Benjamin vieram e foram-lhes dadas por mulheres as filhas de Jabez Gallad.

Análise – Que benefício poderia ter este texto bíblico trazido à formação moral e religiosa dos crentes bíblicos? A despeito de tanta clareza textual, a humanidade continua cega à mensagem escrita. O ser humano não lê; e quando lê, não entende; e, se entende, não acredita; e, se acredita, prefere obedecer às opiniões teológicas alheias. Pobre humanidade!

C) No I Livro de Reis

Na Bíblia protestante, o I e II livros de Reis receberam os nomes de I e II de Reis, enquanto que o III e IV Reis receberam o de I e II de Samuel.

Texto – I Reis – V:1, Os Filisteus, pois, tomaram a Arca de Deus (...) 6) A mão de Deus descarregou pesadamente sobre os de Azoto (...) e feriu tanto os da cidade, como os do seu território, na parte mais oculta de seu corpo. E (...) nasceram ratos, e houve confusão na cidade, por causa da mortandade. 7) Ora, os de Azoto, vendo esta praga, disseram: não fique conosco a Arca de Deus de Israel (...) 8) (...) e levaram a Arca de Deus, de cidade em cidade; e a mão do Senhor fazia grande mortandade em cada cidade, e feriu desde o menor ao maior dos homens da cidade, e saíram-lhes os intestinos para fora, e apodreciam. 12) (...) os homens que não morriam, eram feridos nas partes mais ocultas do corpo.

Análise – Há milênios, a humanidade vem sendo “educada e espiritualizada” pela Bíblia, em cujas páginas se encontram histórias como estas. Ora, Deus, a moral, o futuro de nossas almas são coisas sérias demais para serem governadas com fantasia e leviandade. Precisamos adquirir o hábito de raciocinar, e começar a refazer os fundamentos de nossa fé e moral. A administração de nosso futuro espiritual é assunto que pertence a cada um.

Texto – I Reis – VI-19, Ora, (o Senhor) feriu os habitantes de Betsame, porque tinham olhado (com curiosidade e pouco respeito) para a Arca do Senhor, e matou 70 homens do povo e 50 mil da plebe.

Bíblia comparadas – Diz a Vulgata Latina, vs-19, porque viram a Arca de Deus, e atingiu do povo 70 homens e 50 mil da plebe. A Bíblia protestante afirma “porquanto olharam para (dentro da) Arca do Senhor”.

Análise – Que diferença haveria entre o povo e a plebe? Acredita o leitor que Deus tivesse punido tanta gente, simplesmente por ter visto a Arca de Deus?

Texto – I Reis – XVI-13, (...) daquele dia em diante, comunicou o Espírito de Deus a Davi (...) 14) O Espírito do Senhor, porém, retirou-se de Saul, e o atormentava um espírito maligno, por permissão do Senhor.

Bíblia comparadas – A Vulga Latina ensina, no vs-14, “um espírito de Deus, que não vale nada, um espírito mau”; a Bíblia protestante afirma “o atormentava um espírito mau, por parte do Senhor”.

Análise - Acredita o leitor que alguém possa se comunicar diretamente com Deus? Percebe-se que não é este o sentido do texto bíblico; ele deveria referir-se a “um “espírito bom” ou a “espírito mau”. Porém, será que Deus manda um espírito mau para atormentar alguém?

Texto – I Reis – XVII-4, (...) Golias tinha seis côvados e 1 palmo de altura, 5) E trazia na cabeça um capacete de bronze (...) de 5 mil siclos de dobre. 7) (...) e o ferro

de sua lança pesava 600 siclos de ferro. 8) (...) ele clamava para os esquadrões de Israel (...) Escolhei entre vós um homem e venha bater-se (comigo) só por só. 9) Se ele puder combater comigo, e me tirar a vida, nós seremos vossos escravos: mas se eu prevalecer e o matar, vós sereis nossos escravos e servir-nos-eis. 24) E todos os filhos de Israel, tendo visto este homem, fugiram de sua presença, porque o temiam muito. (...) 27) E o povo repetia (...) 28) (...) ao homem que o matar, o rei dará grande riqueza, e dar-lhe-á por mulher a sua filha, e isentará a casa de seu pai de tributos em Israel. 40) E (Davi) tomou o seu cajado (...) 50) E (...) depois de o ferir, o matou. 51) E os filisteus fugiram.

Análise – Também esta lenda corria, entre outras, nos países da Mesopotâmia e não aconteceu com Davi. A tendência humana é sempre semelhante: alguém se torna famoso ou herói, e muitas façanhas alheias lhe são naturalmente atribuídas, no correr dos tempos. O tempo pode converter – na mente popular – um santo em ladrão ou vice-versa.

Conforme o Dicionário Bíblico, as medidas de Golias seriam verdadeiramente gigantes: ele teria 3,96 m. de altura; seu capacete pesaria 55 kg de bronze; e sua lança seria de 11 kg de ferro. O rei – com todo o seu exército – não conseguia prender nem matar aquele gigante, por isso ofereceu tão valiosos prêmios a quem conseguisse. Entretanto, que autoridade tinha Golias para comprometer, naquele desafio, a futura escravidão do seu povo? E quem autorizou Davi a assumir semelhante compromisso dos filhos de Israel? Aquilo que o exército de Israel não conseguia fazer, Davi obteve com uma simples pedrada, matando o gigante Golias.

Texto – I Reis – XXVIII:3, Ora, Samuel tinha falecido. (...) E Saul tinha lançado fora do país os magos e os adivinhos. 5) E, vendo Saul o exército dos filisteus, teve medo. (...) 7) E Saul disse aos seus servos: buscai uma mulher que tenha o espírito de Píton, e irei ter com ela, e a consultarei. (...) E a mulher, tendo visto que apareceu Samuel, deu um grito e disse a Saul: por que me enganaste? Tu és Saul. 14) (...) E Saul compreendeu que era Samuel, e fez-lhe uma profunda reverência. 18) Porque tu não obedeceste à lei do Senhor, nem executaste o decreto de Sua ira contra os Amalecitas, por isso, te fez hoje o Senhor aquilo de que padeces. 19) E o Senhor entregará contigo também Israel nas mãos dos filisteus, e amanhã, tu e os teus filhos estareis comigo.

Análise – A influência e comunicação dos mortos sobre os vivos é uma coisa natural, está conforme às leis da natureza, e não contém nada de “misterioso”, nem constitui privilégio deste ou daquele povo; em consequência disso, sempre existiu, em todos os tempos e lugares, inclusive entre os hebreus. E aquela mulher (pitonisa), através de suas faculdades, fez com que aparecesse a Saul o espírito do ex-rei Samuel, que lhe fez algumas revelações a respeito do seu futuro e de Israel.

Texto – I Reis – XXXI:1, (...) e todo o peso do combate caiu sobre Saul (...) e ele foi gravemente ferido por eles. 4) (...) por isso, Saul tomou a espada e deixou-se cair sobre ela.

Análise – Depois de ter sido ferido pelo adversário, o rei Saul teria pedido ao seu escudeiro que o matasse; mas, tendo o escudeiro se recusado a fazê-lo, o próprio rei Saul jogou-se sobre sua própria espada, matando-se. Entretanto, o texto de I Paralipômenos X:13, escrito depois do cativo da Babilônia, afirma que “Saul morreu por causa de sua iniquidade, porque tinha desobedecido ao mandamento que o Senhor lhe tinha imposto, e não o tinha observado; além disso, tinha consultado a Pitonisa”.

D) No II Livro de Reis

Texto — II Reis – VI: 3, E puseram a Arca de Deus sobre um carro novo, e levaram-na. (...) 6) Mas, quando chegaram à beira de Nacon, Oza estendeu a mão para a Arca de Deus, e susteve-a, porque os bois escocinhavam, e tinham-na feito pender. 7) E o Senhor indignou-se muito contra Oza, e o feriu pela sua temeridade: e ele caiu morto ali mesmo, junto da Arca de Deus.

Análise – Além desse motivo apresentado, também um novo motivo, apresentado no texto de I Paralipômenos – XIII:40, segundo o qual foi “por não ser sacerdote”. Poderíamos, realmente, acreditar que Deus tenha matado Oza por um motivo tão fútil?

Texto – II Reis – XI:4, (...) Davi escreveu uma carta a Joab, e enviou-a por mãos de Urias. 15) E tinha escrito na carta: ponde Urias na frente, onde for mais rijo o combate, e desampara-o, para que ele morra. 16) Joab, pois, tendo sitiado a cidade, pôs Urias defronte ao lugar onde sabia que estavam os homens mais valentes dos inimigos. 17) (...) morreram alguns homens do exército de Davi, e morreu também Urias Heteu. 26) E a mulher de Urias (...) chorou por ele. 27) E, passado o tempo de luto, Davi mandou-a vir para o seu palácio, e tomou-a por mulher, e ela deu à luz a um filho. Mas isto que Davi tinha feito foi desagradável aos olhos de Deus.

Capítulo XII:8 – O Senhor, pois, enviou Natan a Davi. (...) 9) Porque (...) fizestes perecer à espada Urias, e tomaste para tua mulher a que era sua mulher, e o mataste com a espada dos filhos de Amon, 11) (...) suscitarei da tua mesma casa o mal sobre ti, e tomarei as tuas mulheres à tua vista, e dá-las-ei a um teu próximo. (...) 13) Davi disse a Natan: pequei contra o Senhor. E Natan respondeu (...) Também o Senhor perdoou o teu pecado (por ver o teu arrependimento). Não morrerás. 14) Todavia, visto que, pelo que fizeste, deste lugar a que os inimigos do Senhor blasfemem, morrerá irremissivelmente o filho que te nasceu (do adultério). 18) Ora, aconteceu que, no sétimo dia, morreu o menino. (...) 24) Depois, Davi consolou sua mulher Betsabéia, e (...) ela gerou um filho (...) Salomão; e o Senhor o amou. 29) Juntou, pois, Davi todo o povo e marchou contra Raba, e depois de ter combatido, tomou-a. 30) E tirou, da cabeça do rei dos Amonitas, o seu diadema, que pesava 1 talento de ouro, enriquecido de pedras preciosas, e foi posto na cabeça de Davi. E levou da cidade muitíssimos despojos. 31) E levando os seus moradores, (a uns) mandou serrar, e (a outros mandou) que passassem cutelos, e os lançasse em fornos de cozer. Assim fez a todas as cidades.

Bíblia comparadas – Diz, pelo contrário, a Bíblia protestante, no vs-31, sacou ademais a gente que estava com ele, e os pôs a trabalhar com serras, com trilhos de ferro e hachas de ferro, e depois os fez trabalhar nos fornos e nos ladrilhos; e The Bible, vs-31, diz que “colocou-os debaixo de serras, debaixo de grandes de ferro, e debaixo de machados de ferro, e fê-los passar através de fornos de tijolos”.

Análise – Aquele exército de Davi sitiava e invadia terras alheias. E o “santo Davi” se valeu da oportunidade para dar fim ao marido de Betsabéia e tomá-la para si. Entretanto, o deus bíblico só se lembrou de punir Davi um ano mais tarde, quando a criança já havia nascido. O simples arrependimento de Davi foi suficiente para aplacar a ira divina, levando-o a punir um inocente em lugar do rei culpado. Se Deus pune os inocentes pelos culpados, o que poderíamos esperar do ser humano?

Porém Davi atingiu seu objetivo, ficando com a viúva de Urias. E Salomão foi

“um filho da Betsabéia”! Depois disso, Davi marchou, com todo seu exército, sobre os amonitas, destruiu-o e ainda roubou o diadema do rei, colocando-o em sua própria frente! Que exemplo de indignidade e imoralidade!

E, afinal, o que Davi fez aos inimigos de Deus”, depois que os venceu? Os textos são tão incoerentes e contraditórios, que não podemos saber. Ora, se a Bíblia fosse realmente a palavra de Deus aos homens, teríamos de concordar em que ela chegou até nossos dias toda modificada, desfigurada e adulterada pelas mãos humanas. Como esperar a educação mental e moral da humanidade, dando-lhe semelhantes exemplos?

Texto – II Reis – XXI: 1, Houve, também no tempo de Davi, uma fome que durou três anos; e Davi consultou o oráculo do Senhor. E o Senhor respondeu: (Isto aconteceu) por causa de Saul e de sua casa sanguinária, porque matou os Gabaonitas. 2) E chamando os gabaonitas, o rei falou a eles (...) 3) (...) o que quereis que eu vos faça? 5) E os gabaonitas responderam (...) 6) Sejam-nos dados (ao menos) sete de seus filhos, para os crucificarmos diante do Senhor. (...) 14) (...) e, depois disso, Deus se aplacou com toda a terra., 9) e entregou-os nas mãos dos gabaonitas, que os crucificaram no monte, diante do Senhor.

Análise – Quanta contradição nas páginas da Bíblia: segundo I – Reis – XXVIII:18, Samuel teria informado a Saul, na presença da pitonisa, tudo aquilo que lhe estava acontecendo porque Saul não havia executado “o decreto da ira de Deus contra os amonitas; mas, agora, em II – Reis – XXI – 1-2, Deus está punindo o povo de Israel por causa da “casa sanguinária de Saul, porque matou os gabaonitas”. Ora, naquele episódio, teria sido o próprio “deus de Israel” quem fez o sol e a lua pararem, a fim de que Israel derrotasse os gabaonitas. Eis a que ficam reduzidos os textos bíblicos.

Que justiça seria aquela que pune um rei e todo o seu povo, por causa de erros de seu predecessor? E que erro teria sido aquele, se o próprio Deus ajudou-o, fazendo parar o sol e a lua?

Perdoem-me os leitores. Eu não estou zombando de sua fé. Eu venho das hostes católicas, onde fui, até os vinte e dois anos de idade, um congregado mariano e um legionário de Maria. Eu só pretendo mostrar, aos leitores verdadeiramente estudiosos e preocupados com o futuro espiritual da humanidade, que nós fomos iludidos e ludibriados!

Texto – II Reis – XXIV-1, O furor do Senhor (...) excitou Davi, permitindo o recenseamento de Israel e de Judá (...) 9) (...) acharam-se em Israel 800 mil homens robustos, capazes de puxar a espada, e em Judá 500 mil combatentes. 11) (...) e o Senhor dirigiu sua palavra a Gad, o vidente e profeta de Davi. 13) E Gad (...) intimou Davi, dizendo-lhe: ou virá a fome durante 3 anos a tua terra; ou durante 3 meses irás fundo dos teus inimigos, e eles te perseguindo; ou, pelo menos, haverá peste na terra durante 3 dias. 15) Mandou, pois, o Senhor a peste em Israel (...) e morreu do povo (...) setenta mil homens. 16) E tendo estendido o anjo do Senhor a sua mão sobre Jerusalém, para a destruir, o Senhor se compadeceu (...) basta, detém agora a tua mão (...) 25) E Davi (...) ofereceu holocausto (...) e o Senhor aplacou.

Bíblias comparadas – Tanto a Vulgata Latina, quanto a Bíblia protestante dizem, no vs-13 “ou virá 7 (sete) anos de fome à tua terra, ou 3 meses fugirás dos teus inimigos, ou 3 dias virá a peste à tua terra”.

Análise – Por que teria Deus excitado Davi a fazer o recenseamento e depois o punido por isso? Que justiça poderíamos esperar? Mas esta mesma lenda é contada, também, em I Paralipômenos - capítulo XXI, escrito depois do cativo da Babilônia, mas de forma diferente. Lá, diz o texto “o demônio incitou Davi a fazer o recenseamento do povo”. E agora? Quem incitou, afinal, Davi a fazer o censo? Foi Deus ou o demônio? Qual dos dois livros tem “Deus como autor”?

E) Nos III e IV Livros de Reis

a) No III Livro de Reis

Texto — III – Reis – XI:1, Salomão (...) 3) E teve 700 mulheres, que eram como rainhas, e 300 mulheres secundárias, e as mulheres perverteram-lhe o coração, 4) para seguir os deuses alheios. (...) 11) Disse o Senhor (...) visto que tu te portaste assim, e não guardaste o meu pacto, nem os mandamentos que te ordenei, eu rasgarei e dividirei o teu reino e o darei a um dos teus servos. 12) Contudo, não o dividirei em teus dias, por atenção a Davi, teu pai; dividi-lo-ei (quando estiver) entre as mãos dos teus filhos. 42) E Salomão reinou em Israel (...) 40 anos.

Bíblia comparadas – Diz a Bíblia protestante, no vs-04, “para seguir outros deuses; e o seu coração não era perfeito com o Senhor, como o coração de Davi, seu pai”. The Bible, em vs-03, diz “700 esposas, como rainhas, e 300 concubinas”.

Análise – Sem dúvida, o Antigo Testamento é politeísta e admitia a poligamia. Apesar de tudo o que Davi havia feito, ele ainda era considerado “perfeito” pelo “deus bíblico”. Deus não iria punir Salomão pelos seus pecados, mas os seus descendentes, dividindo o seu reino. Que exemplo de injustiças!

Como pregar a monogamia, a castidade, a fidelidade conjugal, quando os próprios textos bíblicos dão exemplos contrários?

Texto – III Reis – XX:35, Então, um dos filhos do profeta disse, de parte do Senhor a seus companheiros: fere-me; mas ele não quis feri-lo. 36) E ele disse: porque não quiseste ouvir a voz do Senhor, logo que te afastares de mim, um leão te matará (...) e tendo se afastado (...) um leão o encontrou e o matou.

Análise – Eis a essência dos fundamentos bíblicos. Quem teria obedecido à ordem do filho do profeta – Deus ou o leão? Pode, acaso, um homem educado do século XX, continuar acreditando em “estórias” como esta? Decida o leitor!

Texto – III Reis – XXI:13, E tendo mandado vir dois homens, filhos do demônio, fizeram-no entrar defronte deles; e eles, como homens diabólicos, deram um testemunho falso contra Nobote, diante do povo, dizendo: Nabote blasfemou contra Deus e contra o rei. Em virtude desse testemunho (falso), conduziram-no para fora da cidade e o mataram a pedradas.

Bíblia comparadas – A Bíblia protestante, no vs-13, afirma que eram “dois homens, filhos de Beliel (...)”.

Análise – Afinal, eram aqueles dois homens filhos de Beliel ou do demônio? O que seria um “filho do demônio”? E iria Deus, ou uma legislação humana, sábia e justa, matar alguém, a pretexto de estar punindo um crime?

b) No IV Livro de Reis

Texto — 0 IV Reis – II:1, (...) quando o Senhor quis arrebatara Elias ao céu, num remoinho (de fogo), Elias e Eliseu partiram de Gálgala. 11) E, continuando o caminho

(...) eis que um carro de fogo e uns cavalos de fogo os separou um do outro; e Elias subiu ao céu no meio do remoinho.15) Vendo isto, os filhos dos profetas (...) disseram: o espírito de Elias repousou em Eliseu. 21) Saiu ele à frente das águas e deitou o sal nelas (...) 22) Tornaram-se, pois, sadias aquelas águas até o dia de hoje. 23) E daí foram para Betel; e, indo pelo caminho, uns rapazes pequenos saíram da cidade e zombavam dele, dizendo: sobe, ó calvo! Sobe, ó calvo! 24) Eliseu olhou-os e os amaldiçoou em nome do Senhor: e saíram dois ursos do bosque e despedaçaram 42 daqueles rapazes.

Análise – Acredita ainda o leitor em lendas como “remoinho de fogo”, em “cavalos de fogo”, em “maldição feita em nome de Deus”? Acredita o leitor que Elias tenha subido ao céu, de corpo e alma num remoinho de fogo? Perdoem-me, mas a minha racionalidade não me autoriza a acreditar nestas coisas.

Texto – IV Reis – III-15, (...) foi a mão do Senhor sobre Eliseu e disse: 16) (...) cavai fossas no leito desta torrente; 20) sucedeu, pois, pela manhã (...) que as águas desceram pelo caminho de Deus, e a terra se encheu de água. 22) E, levantando-se ao romper da manhã, e raiando já o sol sobre as águas, os Moabitas viam diante de si as águas vermelhas como sangue, 23) e disseram: É sangue derramado pela espada; os reis pelejaram entre si e, de parte a parte, se mataram; marcha agora, ó Moab, sobre a presa! 24) E foram ao campo de Israel, mas os israelitas, levantando-se, bateram os Moabitas (...) 25) e destruíram as cidades.

Análise – Vejam quanto malabarismo para levar os leitores a acreditarem que Deus fazia milagres para proteger os filhos de Israel. Aliás, os personagens bíblicos eram de características marcantes: quando não eram heróis e super-privilegiados por Deus, se mostravam portadores de uma burrice de causar piedade! Eu jamais conhecera tanta simploriedade, quanto àquela dos soldados moabitas. O texto chega a ser agressivo à inteligência e à dignidade humana – uma blasfêmia ao nome de Deus!

Texto – IV Reis – IV:5, Um (dos filhos do profeta), ao cortar uma árvore, deixou cair na água o ferro do machado, e gritou (...) Este mesmo eu tinha pedido emprestado! 6) E o homem de Deus (Eliseu) disse: onde caiu? E ele lhe mostrou o lugar. Então, Eliseu cortou um pau, e lançou-o no mesmo lugar, e o ferro veio nadando acima. 7) E disse: tira-o. E ele estendeu a mão, e tirou-o.

Bíblias comparadas – Diz a Bíblia protestante, vs-16, o homem de Deus fez nadar o ferro (do machado); a Vulgata Latina ensina, no vs-16, “e o ferro nadou”.

Análise – Estimado leitor, eu não estou inventando nada; você pode abrir sua própria Bíblia, que encontrará, no mencionado capítulo e versículo, o que foi transcrito acima.

Texto – IV – Reis – XIII:14, E (antes, aconteceu que) estando Eliseu doente da enfermidade de que morreu, Joás, o rei de Israel, foi visitá-lo, e chorava diante dele. (...) 15) E Eliseu disse-lhe: traze-me cá um arco e uma flecha. 16) (...) Põe a tua mão sobre a arca. (...) 17) (...) Atira com uma flecha. E ele atirou. E Elias disse: flecha de salvação do Senhor, flecha de salvação contra a Síria. Tu ferirás a Síria em Afec, até a consumires”. 18) (...) E, tendo ele ferido três vezes, e parado, 19) o homem de Deus irritou-se contra ele e disse: se tivesses ferido a terra 5 ou 6 vezes, terias destruído a Síria até a sua ruína total, mas agora só a derrotarás 3 vezes.

Análise – Se o caro leitor estivesse no lugar do rei Joás, teria adivinhado quantas vezes deveria ferir a terra? Será que aquele profeta temperamental, irascível e emocionalmente desequilibrado, falava realmente em nome de Deus?

Texto – IV Reis – XX:8, Ora, (o rei) Ezequias tinha dito a Isaías: qual será o sinal que o Senhor me curará, e de que dentro de 3 dias irei ao templo? 11) O profeta Isaías invocou, pois, o Senhor e fez com que a sombra (do sol) voltasse pelas linhas pelas quais já havia passado, no relógio de Acaz, dez graus para trás.

Análise – Necessitava Deus fazer a sombra voltar dez graus para trás, a fim de convencer alguém do seu poder? O escritor bíblico ainda compartilhava da antiga idéia de que era o Sol que girava ao redor da Terra, provocando o deslocamento das sombras;

A Terra é redonda, tem forma de uma circunferência; e uma circunferência possui 360 ° graus. Se dividirmos 360 por 24, e obteremos o espaço que a sombra percorre numa hora. Deus teria feito o sol retroceder 10 graus ou 40 minutos. Poderíamos, acaso, pensar que este texto fosse divino?

Texto – IV Reis – XXI:1, Manassés (...) E Perverteu-se e edificou lugares altos, que seu pai Ezequias tinha destruído; e levantou altares a Baal (...) e adorou os astros do céu, e prestou-lhes culto. 6) E fez passar seu (próprio) filho pelo fogo: entregou-se a adivinhações e observou agouros, e instituiu pitões (ou magos).

Bíblias comparadas – Na Bíblia protestante, no vs-06, “adivinhara pelas nuvens, e era agoureiro, e instituiu adivinhos e feiticeiros”; diz The Bible, vs-06, “e tinha relações com os espíritos familiares e se ocupava com espíritos familiares”.

Análise – A classe sacerdotal e o magistério eclesiástico atual condenam decisi- vamente o antigo rei Manassés, acusando-o de ter praticado tudo aquilo que “o Senhor havia proibido”.

Texto – IV Reis – XXII-8, E o pontífice Helcias disse ao secretário Safan: Eu achei o Livro da Lei na casa de Deus. Cap. XXIII:1 (...) E o rei (Josias) mandou juntar em sua presença todos os anciãos de Judá e de Jerusalém, 2) e foi ao templo (...) e leu todas as palavras do livro da aliança (...) 3) E o rei fez a aliança diante do Senhor, de que (todos) andariam pelo caminho do Senhor (...) e o povo concordou com este pacto. 4) E o rei mandou que (...) ficassem fora do templo do Senhor todos os vasos que tinham sido feitos para Baal (...) e para as milícias (ou astros) do céu; e os queimou fora de Jerusalém. 5) E ao sol, e à lua, e aos 12 signos (...) 20) E matou todos os sacerdotes dos lugares altos (...) e queimou sobre todos estes lugares ossos humanos (...) 24) E Josias aboliu também os pitões e os adivinhos, e as grutas dos ídolos (...) 25) Não houve rei, antes de Josias, que lhe fosse semelhante; que se convertesse ao Senhor (...) seguindo em tudo a lei de Moisés.

Bíblias comparadas – Diz a Bíblia em Francês, no vs-24, que Josias fez desaparecer aqueles que evocavam espíritos e aqueles que prediziam o futuro. The Bible, vs-24, se refere aos que “trabalhavam com espíritos familiares e os magos, e as imagens, e os ídolos, e toda abominação”.

Análise – Foi no ano 621 aC, que Josias levou a efeito sua profunda reforma religiosa. Parece-nos que, até então, não havia, nas práticas religiosas, o chamado “Livro de Moisés”; e não podemos ter certeza de que aquele livro, encontrado pelo

pontífice Helcias, não tivesse sido composto naquele tempo.

Texto – IV Reis – XXXIV: 1, Nos tempos de Joaquim (...) 2) E o Senhor mandou contra ele (por meio de Nabucodonosor) guerreiros dos caldeus e da Síria, e guerreiros de Moab, e guerreiros dos filhos de Moab (...) e de Amon. 13) E isto aconteceu em cumprimento da palavra do Senhor (...) por causa de todos os crimes que Manassés tinha cometido. 14) E levou (Nabucodonosor) para o cativo toda Jerusalém (...) não ficou nada, a exceção dos pobres. Cap. XXV:1, (...) veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, ele e todo o seu exército sobre Jerusalém, e pôs-lhe cerco. (...) 7) E matou, na presença de Sedecias, os seus filhos, e vazou-lhe os olhos e o prendeu com cadeias e levou-o à Babilônia. 26) Então, todo o povo (...) fugiu do Egito, com medo dos caldeus.

Bíblia comparadas – A Bíblia protestante assinala, no vs-07 “E os filhos de Sedecias degolaram diante dos seus olhos; e vazaram os olhos de Sedecias, e o ataram com duas cadeias de bronze e o levaram para a Babilônia.

Análise – Em 586 aC, Nabucodonosor, cumprindo as profecias de Jeremias, invadiu Istaél, levando o seu povo cativo para a Babilônia; e só em 538 aC, Ciro, o rei da Pérsia, ordenou que eles voltassem, imediatamente, para o seu país, sob pena de morte. Porém o narrador bíblico cometeu um lapso e inseriu o nome de “Joaquim” em vez do de Sedecias. Na opinião do escritor bíblico, aquela invasão foi um castigo divino, uma punição aos crimes cometidos pelo ex-rei Manassés.

Ora, por que alguém iria condenar e punir um inocente, pela culpa de seu rei?

3.1.3. De I Paralipômenos ao Livro da Sabedoria

A) No I Livro de Paralipômenos

Na Vulgata Latina e na Bíblia em português, do padre Matos Soares, há dois livros de Paralipômenos; entretanto, nas demais Bíblias, esses livros, que foram escritos depois do cativo da Babilônia, têm os nomes de I e II Crônicas.

Texto – I Paralipômenos – X:1, Ora, os filisteus combatiam contra Israel (...) 3) e transpassaram Saul com suas setas. 4) (...) então, Saul pegou sua espada e lançou-se sobre ela. 13) Morreu, pois, Saul por causa de sua iniquidade; porque tinha desobedecido ao mandamento que o Senhor tinha imposto, e ele não tinha observado; além disso, tinha consultado a pitonisa. 14) (...) por isso, ele o matou, e transferiu o seu reino para Davi.

Análise – Como pode um texto supostamente divino confundir a mente dos leitores bíblicos! Afinal, foi Deus quem puniu Saul, matando-o, ou foi ele próprio quem suicidou? Poderíamos acreditar que Deus levaria alguém a se matar, como castigo divino?

Texto – I Paralipômenos – XIII:19, E Oza estendeu a mão para sustar a Arca, porque um boi, recalcitrando, a tinha inclinado um pouco. 10) Irritou-se, pois, o Senhor contra Oza, e o feriu por ter tocado a arca (não sendo sacerdote), e ele morreu ali mesmo, diante do Senhor”.

Análise – Será que ainda existe crente bíblico acreditando que Deus iria matar alguém por ter estendido a mão para impedir que a arca caísse no chão? Na opinião do leitor,

qual seria o motivo mais fútil, para que Deus tivesse matado Oza: por ter olhado com pouco respeito para a arca; por não ser sacerdote; ou por ter estendido sua mão à arca?

Texto – I Paralipômenos – XXI:1, Levantou-se, pois, Satanás, contra Israel e incitou Davi a fazer o recenseamento de Israel. 7) E essa ordem desagradou a Deus, o qual feriu Israel, 9) E o Senhor falou a Gad, o vidente de Davi. 10) Vai e fala a Davi (...) 11) Eu te dou 3 coisas à escolha (...) 12) Ou sofrer a fome durante 3 anos, ou fugir de diante dos teus inimigos durante 3 meses, sem poderes escapar à sua espada, ou estar debaixo da espada do Senhor durante 3 dias, grassando a peste pelo país, e fazendo estragos o anjo do Senhor em todas as terras do Egito (...) 14) Mandou, pois, o Senhor a peste em Israel, e morreram 70 mil homens. Mandou também um anjo a Jerusalém, para assolar, porém, mandou ao exterminador: Basta, retira já a tua mão (...).

Análise – Eis aqui aquela mesma história contada em II Reis – XXIV:9, antes do cativeiro da Babilônia. Lá, foi o “furor do Senhor Deus”, enquanto aqui, foi Satanás quem “incitou Davi a fazer o recenseamento”. Afinal, foi Deus ou Satanás? E se foi Deus, por que teria ele castigado o seu povo?

De acordo com Charles Francis Potter, em “História das Religiões”, os judeus se sentiam constrangidos com a contradição decorrente do fato de haver Jeová funcionado nesse episódio, a um só tempo, como causador e punidor do mal, e aceitaram, por isso, o dualismo da teologia zoroastriana, “onde o demônio desvencilha Jeová de tão embaraçosa situação” (166/98).

No II Livro de Paralipômenos

Texto – II Paralipômenos – VII:1, Quando Salomão terminou sua oração, desceu fogo do céu e consumiu os holocaustos e as vítimas (...) 5) E o rei Salomão ofereceu, em sacrifícios, 22 mil bois e 120 mil carneiros. (...) 12) E o Senhor lhe apareceu em sonhos, de noite (...)

Análise – Também Salomão acreditava no antigo costume de oferecer vítimas animais em holocausto, para agradar a Deus. Entretanto, ele exagerou no seu sacrifício. O leitor bíblico acredita, realmente, que Deus exige sacrifícios e oferendas para aplacar a sua ira?

Texto – II Paralipômenos – XIV:9, E Sara etíope foi contra ele com o seu exército de 1 milhão de homens. 10) Asa, porém (...) 11) invocou o Senhor: socorre-me (...) porque confiamos em ti (...) não prevaleça o homem contra ti. 13) (...) os etíopes foram derrotados sem ficar nenhum (...) destroçados pelo Senhor, que os feriu, e por seu exército, e levaram os despojos.

Análise – Poderia alguém fazer uma idéia mais ridícula, blasfema e imoral sobre Deus? Acredita o leitor que Deus compactuasse com aquela concepção primitiva que os homens faziam dele?

B) Nos Livros I e II do Esdras

Nas Bíblias consultadas há dois livros de Esdras. Entretanto, fora da Vulgata Latina e da Bíblia católica, em português, o I livro se chama I de Esdras, e o II se chama II de Esdras, ou Neemias.

Texto – Esdras – I-1, No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia (...) o Senhor suscitou o espírito de Ciro (...) e este mandou publicar, em todo o seu reino, de viva voz e por escrito: (...) 3) Quem é dentre vós pertencente ao seu povo? (...) vá a Jerusalém (...) edifique a Casa

do Senhor Deus em Israel. O Deus (verdadeiro) é aquele que está em Jerusalém. 7) Ciro entregou também os vasos do templo do Senhor, que Nabucodonosor tinha levado.

Texto – Esdras – VII - 6, Este Esdras veio da Babilônia, e era um escriba muito hábil na Lei de Moisés (...) e o rei concedeu-lhe tudo o que ele pediu. 8) E também ordenei como é que se deve proceder com aqueles anciãos do povo judeu, para que seja reedificada a casa de Deus (...) dos tributos que pagam às terras do rio, se dê com pontualidade àqueles homens o que for necessário para as despesas (...) 11) Esta é, pois, a cópia da carta, em forma de Edito, que o rei Artaxerxes deu a Esdras, sacerdote e escriba. (...) VII-11, (...) foi decretado que todo o homem que contrariar este Edito, se arrancasse um pau de sua casa (...) seja pregado nele, e a sua casa seja confiscada. 26, E todo o que não observar exatamente a lei do teu Deus e a ordem do rei, seja condenado à morte, ou ao desterro, ou alguma multa sobre seus bens, ou certamente à prisão.

Análise – Quando a Pérsia zoroastriana dominou a Babilônia, de Nabucodonosor, o rei Ciro não desejava mais a presença dos israelitas no território conquistado, por isso assinou aquele Edito, que determinava a volta do povo de Israel, com Esdras. Porém não é fácil a um estudante de história entender por quê Ciro abdicava, gratuitamente, de um povo conquistado. Para nós, não foi de inspiração divina, nem cortesia de Ciro, do contrário, não haveria aquelas ameaças de prisão, de multa, de expropriação e nem de morte. Também o rei Artaxerxes apressava os israelitas a saírem daquele país, e também ameaçou de prisão de confisco e até de morte, a quem não voltasse imediatamente para Jerusalém.

O II Livro de Esdras

Texto – II Esdras – VIII 2, O Sacerdote Esdras (...) 3) leu aquele livro claramente, no meio da praça (...) desde a manhã até ao meio-dia, na presença dos homens, das mulheres e dos sábios; e todo o povo tinha ouvido atento à leitura do livro. Cap. X-29, Todos (...) prometeram (...) que andariam na Lei de Deus (...) dada por Moisés (...).

Análise – Como se vê claramente do texto, parece que ainda não existia uma Lei de Moisés conhecida por todos, um século depois da reforma feita pelo rei Josias. Não sabemos se era o mesmo livro lido nos tempos do rei Josias, em 621 aC; mas, se Esdras era sacerdote e escriba, seu livro manifestava as opiniões e interesses da classe sacerdotal.

C) Livros de Tobias e de Jó

a) No Livro de Tobias

Texto – Tobias II: 10, Sucedeu que um dia, cansado de enterrar mortos, indo para casa, deitou-se junto duma parede e adormeceu. 11) e, enquanto dormia, caiu-lhe, dum ninho de andorinha, um pouco de esterco quente sobre os olhos, e ele ficou cego. 12) E o Senhor permitiu que lhe acontecesse esta prova, para que sua paciência servisse de exemplo aos vindouros, como ao Santo Jó.

Análise – Que fatalidade! Com os dois olhos fechados, enquanto dormia, o esterco da andorinha atingiu os olhos de Tobias, para que sua paciência servisse de exemplo aos vindouros, como o Santo Jó. Ora, isto significa que aquele texto só foi escrito muito tempo depois, após a história de Jó. Este livro só se encontra na Vulgata Latina e na Bíblia em Português, pelo padre Matos.

Texto – Tobias – III:7, Sara, filha de Raquel (...) 8) (...) tinha sido casada com

sete maridos, e um demônio, chamado Asmodeu, os tinha morto, quando eles se aproximavam dela. 15) Peça-te, Senhor, que me livres do laço desta ignomínia.

Análise – Somente agora, nas vésperas do seu oitavo casamento, Sara se lembrou de orar a Deus, pedindo-lhe que tirasse sua desventurada situação; e foi também a primeira vez que Deus envia um anjo para ajudá-la e ao seu sogro cego.

Texto – Tobias – VI:1, Partiu, pois, Tobias, e o cão o seguia; e parou na primeira pousada, junto ao Rio Tigre. 2) E saiu a lavar os pés, e eis que saiu da água um monstruoso peixe para o devorar, 3) à sua vista, Tobias espavorido clamou ao Senhor, em voz alta. (...) Senhor, ele se lança sobre mim! 4) E o anjo (...) disse-lhe: pega-o pelas guelras, e puxa-o para ti (...) 5) (...) tira as entranhas desse peixe e guarda o coração e o fel e o fígado, porque (...) te serão necessários para remédios úteis. 8) (...) se tu puseres um pedacinho do seu coração sobre brasas, o seu fumo afugentará toda a casta de demônios (...) 9) E o fel é bom para untar os olhos que têm névoa, e sararão.

Análise – Vejam que mensagem bíblica difícil de ser digerida: como pôde ver o peixe e, depois, pegá-lo, sendo completamente cego e só acompanhado de um cão? E aquela “receita” do anjo do Senhor não fazia parte das proibições divinas anteriores?

Texto – Tobias – VIII:2, Tobias (...) tirou de sua bolsa um pedaço de fígado do peixe e o colocou sobre uns carvões acesos. 3) E, então, o anjo Rafael pegou o demônio e ligou-o no deserto do Alto Egito. 11) E sucedeu que, ao cantar do galo, Raquel mandou chamar seus criados, e foram abrir uma sepultura. 12) Porque – dizia – talvez tenha acontecido a este o mesmo que aconteceu aos outros sete homens. 13) (...) voltando-se à mulher, disse-lhe: manda uma das tuas criadas ver se ele morreu, para o sepultarmos antes que amanheça. 15) (...) e achou-os sãos e salvos, dormindo juntamente.

Análise – Já lera o leitor história mais infantil? Onde encontrar tanta pressa em se enterrar um defunto? Afinal, não acreditavam eles que, com a prisão do demônio, no deserto do Alto Egito, a desdita de Sara havia acabado? Ora, se aquele demônio foi preso, de onde apareceram, depois, tantos mais?

Texto – Tobias – XI:13, Então, Tobias (filho) tomando do fel do peixe, untou os olhos de seu pai. 15) E Tobias (...) imediatamente recuperou a vista. Cap. XIII:14, O anjo lhe disse: Agora, o Senhor enviou-me a curar-te, e a livrar do demônio de Sara, a mulher do teu filho. 15) Porque eu sou o anjo Rafael, (um dos sete espíritos principais), que assistimos diante do Senhor.

Análise – O que deve um homem, familiarizado com a civilização do século XX, pensar sobre esta narrativa bíblica?

b) No Livro de Jó

Texto – Jó – I:6, (...) um certo dia, tendo-se os filhos de Deus (isto é, os anjos) se apresentado diante do Senhor, encontrou-se também Satanás entre eles. 8) E o Senhor lhe disse: porventura, consideraste o meu servo Jó, que não há semelhante a ele na terra – um homem sincero e reto, que teme a Deus, e que foge do mal? 9) Satanás respondendo, disse (...) 11) Mas estende tu um pouco a tua mão, e toca em tudo o que ele possui, e verás se ele não te amaldiçoa na tua cara! 12) Disse, pois, o Senhor a Satanás: pois bem, tudo o que ele tem está em teu poder; somente não estenda a sua mão contra ele. E Satanás saiu da presença do Senhor. Cap. II – do versículo I até o versículo 6, do capítulo II, o texto é a exata repetição do capítulo I:6-12. Entretanto, no

vs-7, Satanás obtém permissão (de Deus) para ferir Jó em seu corpo. 8) Satanás, tendo saído da presença do Senhor, feriu Jó com uma chaga horrível. desde a planta dos pés até o alto da cabeça. Cap. III:1) Depois disso, Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia de seu nascimento, 2) e falou assim: 3) Pereça o dia em que nasci (...).

Análise – Que intimidade tinha Satanás com Deus, em pleno paraíso? Que consideração ou respeito merecia Satanás, por parte de Deus, para que obtivesse permissão de Deus para testar Jó? A nosso ver, ao invés de provar “a fé de Jó”, o texto demonstra os poderes e privilégios que a Teologia atribui a Satanás. Nem o piedoso Jó escapou às tentações de “adversário”, que tinha permissão divina para tentá-lo.

D) Os livros de Rute, de Ester e de Judite

a) O Livro de Rute – Segundo Myer Pearman, este romance abrange um período de dez anos, durante o tempo de Gedeão; sua heroína é uma gentia; e o propósito do livro é traçar a linhagem de Davi, o progenitor do Messias (71/63); e alguns autores acham que o livro deva pertencer ao período pós-exílio (67/79).

b) O Livro de Ester – Para o padre Matos, o cap. XIII:7, a cópia do Editto contra os judeus existe no texto hebraico, mas os versículos seguintes não se encontram, por inteiro, em nenhum dos intérpretes e tradutores (04/569).

c) O Livro de Judite — **Texto Judite – X:11**, (...) e prenderam-na (...) No cap. XI:15, E (Judite) levantou-se, e adornou com seus vestidos; e entrando, pôs-se em sua presença. 16) E o coração de Helofernes abalou-se, porque ardia de paixão por ela. (...) 20) E Helofernes se alegrou diante dela, e bebeu vinho em demasia, tanto quanto nunca tinha bebido em sua vida. (...) Cap. XIII:1, E Helofernes estava deitado no leito, profundamente adormecido, por causa da extraordinária embriaguez.8) (...) (Judite) desprende o seu alfange, que estava pendurado e preso nele. 9) E tendo-o desembainhado, agarrou os cabelos da cabeça de Helofernes (...) 10) e feriu-o no pescoço, por duas vezes, e cortou-lhe a cabeça (...) e deitou por terra o seu corpo decapitado. 19) E tirando do saco a cabeça de Helofernes, mostrou-lhes (aos judeus), dizendo: Eis aqui a cabeça de Helofernes, general dos assírios (...) nosso Deus o degolou pelas mãos de uma mulher. 20) E juro-vos, pelo meu Senhor, que o seu anjo me ajudou (...) e o Senhor não permitiu que eu, sua serva, fosse manchada, mas fez-me voltar para vós, sem mácula do pecado. Cap. XV:1, Quando, pois, todo o exército soube que Helofernes tinha sido decapitado, perderam a razão e o conselho (...) e, pelo temor e pelo medo, buscaram a salvação na fuga. 2) (...) nenhum falava ao seu companheiro, mas, de cabeça baixa, tendo abandonado tudo, apressavam-se em escapar dos hebreus (...) e fugiram. 4) E (...) os filhos de Israel, que os perseguiram, junto a um batalhão, destroçaram tudo o que podiam encontrar.

Análise – Os personagens bíblicos, quando não são sábios e super-heróis, são de uma simplicidade tocante; quando não são extremamente fortes, são de uma fragilidade digna de pena. Eis o expediente que Judite, a viuvinha do antigo rei Manassés, utilizou para destruir o exército assírio.

E) Os Livros Eclesiastes, Provérbios, Cânticos, Salmo e Sabedoria.

Os livros Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico. I e II Macabeus só existem na Vulgata Latina e nas Bíblias católicas. O Eclesiastes existe em todas as Bíblias consultadas, mas, na Bíblia em Esperanto, recebe o nome de “O Pregador”.

a) **No Livro de Eclesiastes – Texto** — VII:1 — Que necessidade tem o homem de inquirir coisas superiores à sua capacidade, quando ignora o que lhe é vantajoso para sua vida...?

Análise – Eis um ensinamento bíblico, para que o ser pensante se torne acomodado e permaneça na ignorância. Só assim ele pode mais facilmente ser conduzido pelos mais espertos!

b) **O Livro dos Provérbios – Texto** – I:1, Parábolas (ou sentenças) de Salomão, filho de Davi, rei de Israel. 7) O temor de Deus é o princípio da sabedoria. Cap. XVIII:28, Até o insensato passará por sábio, se estiver calado, e por inteligente, se conservar os lábios fechados.

Análise – Nunca foi verdade que o temor ou medo de Deus fosse um princípio de sabedoria, nem de justiça, nem de bondade. Antigamente, se pensava o mesmo, nas relações entre pais e filhos. Entretanto, a lógica e o bom-senso nos levam a pensar que Deus não pretende ser temido, mas respeitado, conhecido e amado. Aliás, em pleno Novo Testamento, a Epístola João I – IV-18 ensina que “o temor supõe pena; e quem tem pena, não é perfeito na caridade”.

c) **No Cântico dos Cânticos** – Este livro é atribuído a Salomão; entretanto, alguns críticos o atribuem a outro autor, residente ao norte da Palestina, que o redigiu após à morte de Salomão (850 aC); outros o colocam mais tarde. Na verdade, ensina Clayde Francisco, em “Introdução do Antigo Testamento”, ele foi escrito mais a respeito de Salomão, do que propriamente por ele” (67/255).

Texto – Cânticos – IV:5, Os teus dois peitos são como dois filhinhos gêmeos de uma gazela, que pastam entre os lírios. Cap V-4, O meu amado meteu a sua mão pela abertura da porta, e as minhas entranhas se estremeceram com o ruído que ele fez. Cap. VIII:8, Eu disse: subirei à palmeira e colherei os frutos; e os teus seios serão dois cachos de uva, e o perfume de tua boca, como o das maçãs.

Análise – Alguns teólogos da atualidade ensinam isso como um amor puramente espiritual. Entretanto, como os antigos judeus proibiam a leitura deste livro aos menores de 35 anos de idade, certamente eles pensavam de outro modo.

d) **No livro Eclesiástico**

Texto – Eclesiástico – I:8, Um só é o Altíssimo (...) sumamente terrível (...) 16) O princípio da Sabedoria é o temor de Deus (...) 28) Quem não tem este temor, não poderá ser justo.

Análise – Já vimos que nunca foi o medo o princípio da sabedoria e da justiça; e que o Novo Testamento nega isto.

e) **No Livro dos Salmos** – Na Vulgata Latina, este livro contém 151 Salmos, enquanto nas outras Bíblias, apenas 150. O filósofo e historiador Will Durant escreveu que “o Salmo 104 é muito semelhante ao “Odes do Sol”, composto por Akn-Aten, faraó da XVIII dinastia egípcia”, que teria vivido antes de Moisés.

f) **No Livro da Sabedoria** – Este “Livro da Sabedoria de Salomão (da Vulgata Latina), recebe, na Bíblia em Português, do padre Matos, o nome de “Livro da Sabedoria”, mas não consta de nenhuma das outras Bíblias consultadas.

Texto – Sabedoria – XVI: 8, (...) mostraste aos nossos inimigos que és tu quem livras de todo o mal. 10) Porém, quanto aos teus filhos, nem os dentes envenenados

dos dragões puderam vencer (...) 18) Uma vez, amansavas o fogo, para não queimar os animais que tinham sido enviados contra os ímpios. (...) 19) Outras vezes, o fogo, contra sua virtude natural, ardia na água, para consumir as produções daquela terra ímpia. Cap. XIX:18, Porque os animais terrestres tornavam-se aquáticos, e os que nadavam passavam para a terra. 19) O fogo, excedendo a sua virtude, estava ao meio da água, e esta esquecia de sua natureza que tem de apagar.

Análise – Poderíamos hoje atribuir a Deus procedimento tão ridículo contra os ímpios? Estes fatos não existem em nenhuma parte de toda a Bíblia: nunca houve água que não apague, nem fogo que não queime. O texto é simbólico!

3.1.4. Do Profeta Isaías a Ezequiel

A) O Livro dos Profetas de Isaías

Texto – Isaías – I:11, De que me serve a multidão de vossas vítimas? Disse o Senhor: já estou farto delas. Não quero mais holocaustos de carneiro, nem gordura de animal... 13) Não ofereçais mais sacrifícios em vão; o incenso é para mim uma abominação.

Bíblias comparadas – A Bíblia em Espanhol, diz, no vs-13, não me traráis mais oferendas vãs; o incenso é abominação; a lua nova e o dia do repouso, o evocar assembléias, não o posso suportar; são iniquidades vossas festas solenes. A Bíblia em Francês, no vs-13: tenho horror aos incensos, às luas novas, aos sabats e às assembléias; não posso mais ver o crime se associar às solenidades.

Análise – Esse “deus” que falava por intermédio de Isaías, não era a mesma entidade espiritual que tinha falado, desde o começo da Bíblia, através dos patriarcas, e que exigia uma hecatombe de vítimas, holocaustos e oferendas; enquanto que a entidade que falava com Isaías rejeita e proíbe tudo aquilo. Qual deles seria realmente “Deus”?

Texto – Isaías – VII:14, Uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será Emmanuel, que quer dizer: “Deus conosco”.

Bíblias comparadas – A Bíblia em Francês diz, no vs- 14, “une jeune fille”, que significa “moça, jovem, mulher nova”, e não necessariamente “uma virgem”. que seria “une vièrge”.

Análise – Alguns teólogos tentam estabelecer ligação entre palavras do profeta Isaías, e a mãe de Deus, que “Jesus nasceu de uma Virgem”, e que Deus já o havia prometido no Antigo Testamento. Entretanto, o leitor percebe que não há correlação alguma entre eles; os textos foram acomodados à idéia teológica do nascimento de Jesus de uma virgem. Aliás, Jesus não se chamou Emmanuel, nem nasceu de uma virgem – o Evangelho de São Mateus – I:24, diz que “despertando José do sono, fez como lhe havia ordenado o anjo, isto é, tomou Maria por sua esposa”.

Texto – Isaías – IX-20, E voltar-se-á para a direita e terá fome; e comerá tudo o que encontrar à esquerda, e não se fartará; cada um devorará a carne do seu braço.

Análise – Em Lev./XXI:20, o narrador bíblico escreveu “procederei contra vós

com furor inimigo, e vos castigarei com as 7 pragas (...) 29) até ao ponto de comeres a carne de vosso filho e de vossas filhas. Todavia, aqui, o leitor percebe como uma tradução mal feita pode alterar, profundamente, o sentido da frase. É provável ter sido um descuido dos copistas e tradutores.

Texto – Isaías – XIII: 6, Soltai grito, porque o Dia do Senhor está perto (...) 9) o dia cruel e cheio de indignação, e de ira e de furor (...) 10) (...) as estrelas do céu, e o seu resplendor não espalharão a sua luz; e cobrir-se-á de trevas o sol no seu nascimento; e a lua não resplandecerá com sua luz. 13) (...) mover-se-á a terra de seu lugar, por causa da indignação do Senhor (...) é o dia de sua ira e do seu furor. 15) Todo o que for encontrado (na cidade) será morto, e todo o que sobreviver, cairá passado à espada.

Análise – Incrível: o Dia do Senhor, que deveria ser um dia de glória e de luz, aguardado e festejado por todos, com alegria e emoção, é anunciado por Isaías como um dia temível, de ira, de castigos e mortes. E ele não nos deixou nenhuma opção, nenhuma esperança, nenhum consolo: o que for encontrado, será morto; o que sobreviver, cairá passado à espada! Acredita, ainda, o leitor que Deus possua um “exército” para punir “seus inimigos”, e use “espada” para matar?

Texto – Isaías – XIV:9, O inferno, lá embaixo, comoveu à tua chegada; enviou gigantes ao teu encontro (...) 11) A tua soberba foi abatida até aos infernos; caiu por terra o teu cadáver (...) 12) Como caíste do céu, ó brilhante astro, que, ao nascer do dia, (tanto) brilhavas 13) que dizias ao teu coração: subirei ao céu, estabelecerei o meu trono acima dos astros, de Deus: sentar-me-ei sobre o monte da Aliança, situado no lado de Aquilão (...) 14) Sobrepujarei a altura das nuvens; serei semelhante ao Altíssimo. 15) E, contudo, foste precipitado ao inferno, até ao mais profundos abismos.

Análise – Mário Cavalcanti, ensinou que “o profeta disse que fazia suas profecias no ano em que morreu Acáz (Is-XIV:28), ou seja, 723 aC; portanto, ele falava de um fato futuro. Se, pois, a queda do céu se aplicava a Lúcifer ou Satã, ela só teria ocorrido após à morte de Acáz. Entretanto, contrariamente a isso, pregam os padres e pastores protestantes que aquele é o mesmo Lúcifer que foi convertido em diabo e tentou Eva – em forma de uma serpente – já no começo do mundo” (158/15).

Mário Cavalcanti escreveu que “São Jerônimo operou a falsificação do texto; que, constringido pela Versão dos Setenta, Jerônimo traduziu a Bíblia para o Latim, aproveitando-se do fato de ter Isaías comparado o rei da Babilônia à estrela da manhã (Ethel, aurora, entre os judeus) e Lúcifer (luz, entre os romanos). Ele escreveu, assim, a primeira parte do vs-12: “Como caíste do céu, Lúcifer, tu que erguías todas as manhãs”? Porém os padres adotaram a tradução inexacta, livrando-se de dizer às ovelhas que o texto original hebreu dizia Hélel, que se trata do rei da Babilônia, comparado com o astro Vênus, a estrela da manhã... e concluíram que “a queda de Lúcifer” é mencionada na Bíblia, “pois Isaías a ela se refere”.

Texto – Isaías – XXIV:3, A terra será inteiramente devastada e entregue ao saque, porque o Senhor assim o decretou. 19) (...) será despedaçada com grandes aberturas (...). 21) (...) naquele dia, o Senhor visitará a milícia do céu, lá no alto, e os reis do mundo (...) 23) E a lua se tornará vermelha, e o sol escurecerá.

Bíblias comparadas – Diz a Bíblia em Francês, vs-3, o país foi devastado, liberado à pilhagem, porque o Eterno o decretou. Já a Bíblia em Italiano, vs-21, afirma: naquele

dia, fará lugar de punição sobre o exército nos lugares altos; e sobre a terra, punição dos reis da terra. The Bible, vs-21, “o senhor punirá as hostes que estão nos lugares altos, e os reis que estão na terra.

Análise – Afinal, estava o profeta anunciando fatos passados, presentes ou futuros? Por que usaram os tradutores os verbos nos tempos tão diferenciados? E o título de “profecias relativas ao Fim do Mundo”, usado pelo padre Matos, na sua Bíblia, nada têm a ver com a mensagem.

Texto – Isaías – XX:6, O Senhor dos exércitos fará (...) um banquete de manjares deliciosos, de vinhos, de carnes gordas e cheias de medula e com vinho sem mistura. 8) Aniquilará a morte para sempre.

Análise – Na Bíblia católica em português, o padre Matos inseriu o título “Ressurreição dos Mortos”. Todavia, o leitor vê que o texto não faz a menor referência a qualquer ressurreição da carne. Ou acredita o leitor que, depois da morte, a alma ressuscitará e comerá carnes gordurosas e beberá vinho sem mistura?

Texto – Isaías – XXVII-1, Naquele dia, o Senhor armado com a sua espada dura, grande e forte, visitará Leviatã, e matará a baleia que está no mar.

Análise – Leviatã não é o nome de uma baleia, nem de um dragão, nem de um monstro marinho; era o nome de uma entidade espiritual cultuada em Ugarite, na Suméria. Desse modo, a profecia de Isaías não estava transmitindo a ordem de Deus, mas apenas as tradições religiosas de seu tempo.

Texto – Isaías – XXXIV-6, A espada do Senhor está cheia de sangue; está coberta de gorduras, de sangue de cordeiro e de bodes. 13) Nascerão, nas suas casas, espinhos e urtigas, e ela virá a ser um covil de ladrões, e pastagem de avestruzes. (...) 16) (...) O que sai da minha boca, Deus o mandou. (...).

Análise – Como se vê, esta profecia não diz coisa com coisa. Nem estava se referindo a Deus.

Texto – Isaías – LXVIII-1, Eis o que diz o Senhor (...) 3) O que imola um boi é como o que mata um homem; o que sacrifica um cordeiro, é como o que degola um cão; o que faz uma oferenda é como o que oferece sangue de porco; (...) queimar incenso é como o que bendiz um ídolo. (...) 16) Porque o Senhor, rodeado de fogo e armado de sua espada, julgará todos os mortais, e serão muitos os que o Senhor matará.

Análise – Vejam como os textos bíblicos não têm a mesma origem: depois de exigir vítimas, oferendas e holocaustos, desde o livro Gênese até agora, aquele “deus bíblico”, repentinamente, muda de idéia, e passa a rejeitar e repelir as oferendas.

Texto – Isaías – XXVIII-5, Vai e diz a Ezequias (...) acrescentarei quinze anos aos teus dias, 6) e livrar-te-ei das mãos do rei dos assírios (...) 7) E eis o sinal que o Senhor te dará, para te assegurar que cumprirá o que disse: 8) Eu farei com que a sombra das linhas, pelas quais tinha passado, no relógio de Acáz, em razão do giro do sol, volte 10 graus para trás. E o sol retrocedeu 10 linhas, pelos graus, por onde tinha descido.

Análise – Veja-se esta história também em IV-Reis-XX:10, Em ambas, o escritor bíblico mostra que ainda partilhava da antiga teoria, anticientífica, de que a terra era imóvel, e que o sol é que girava em seu redor, Deus teria feito “o sol retroceder 10 graus” para alterar as sombras no relógio de Acáz. Poderia alguém dizer que este texto tem origem divina?

B) Profecias de Jeremias

Texto – Jeremias – VI:12, As suas casas passarão a estranhos, e os seus campos (...) e suas mulheres (...) 13) (...) desde o mais pequeno até o maior, todos se entregam à avareza; desde o profeta até ao sacerdote, todos procedem com dolo. 20) (...) vossos holocaustos (...) nem as vossas vítimas me agradam!

Análise – Quem teria a coragem de afirmar que são palavras divinas? E por que esta entidade espiritual, que fala através de Jeremias, teria rejeitado os holocaustos, oferendas e vítimas sangrentas? Acaso não era o mesmo “deus” que falava aos hebreus, desde o livro Gênese?

Texto – Jeremias – VIII, 9, Furtais, mentis, adulterais, jurais falso testemunho, sacrificando aos ídolos e ides aos deuses estranhos. 11) (...) logo, esta minha casa (...) está convertida num covil de ladrões (...) 22) Porque eu não falei com vossos pais (...) coisa alguma acerca de holocaustos e das vítimas.

Análise – Haverá ainda dúvida de que esta entidade de Jeremias não fosse aquela que falava através de Abraão, Isaac, Jacó, José do Egito, Moisés, Josué etc.?

Texto – Jeremias-XXI:3, (...) direis a Sedecias. 4) Isto diz o Senhor (...) 7) (...) Eu entregarei Sedecias (...) nas mãos de Nabucodonosor (...) 9) O que ficar nesta cidade, morrerá à espada, e de fome e de peste; e o que sair dela e for para os caldeus, que vos cercam, esse viverá. Cap. XXVIII:6, (...) Entregarei todas estas terras nas mãos de Nabucodonosor (...) meu servo; 8) (...) qualquer que não curvar o pescoço debaixo do jugo do rei da Babilônia, eu castigarei esta nação com a espada, e com a fome, e com a peste (...) até que os consumam pela sua mão. Cap. XXXIV-2, (...) vai e fala a Sedecias (...) 3) E tu não escaparás das suas mãos, mas serás infalivelmente preso e entregue nas suas mãos. (...) 4) Não obstante (...) não morrerás à espada; 5) mas morrerás em paz.

Análise – Muitos concluíram que Jeremias não era um profeta de Deus, mas um agente do rei da Babilônia. Porém ele não deixou nenhuma escolha: quem se entregar a Nabucodonosor, será seu escravo; e quem não se entregar, será morto. Havia, naturalmente, outros profetas que profetizavam contra a submissão de Israel. Qual deles falava, em nome de Deus?

Texto – Jeremias – XXXIX-1, No ano 9º de Sedecias (...) veio Nabucodonosor (...) 5) (...) apanharam Sedecias, e levaram-no preso à Nabucodonosor, (...) e este pronunciou a sua sentença. 6) E o rei da Babilônia matou, em Rablata, os filhos de Sedecias, diante de seus olhos. (...) 7) Depois, mandou arrancar os olhos a Sedecias, e fê-lo carregar ferro, para ser levado à Babilônia.

Análise – Percebe-se que aquele rei, a quem Deus tinha chamado de “meu servo”, e em favor de quem profetizava Jeremias, não era um instrumento adequado e recomendável; ele exagerou, praticando atos de quase selvageria, beirando ao absurdo. E uma conclusão se impõe: ou Jeremias não falava em nome de Deus, mas em seu próprio nome e nos interesses da Babilônia, ou falava em nome do “deus de Israel”, mas o texto foi adulterado e modificado no decorrer dos milênios.

Texto – Jeremias – LI-33, Porque isto diz o Senhor (...) 34) Nabucodonosor, rei da Babilônia, tragou-me, devorou-me; deixou-me como um vaso despejado, engoliu-me como um dragão, encheu o meu ventre de tudo o que eu tinha de mais delicioso,

e deitou-me fora. 60) Jeremias escreveu, num livro, todo o mal que estava para vir sobre a Babilônia.

Análise – Quem poderia atribuir semelhantes de vanes a Deus? E por que, depois de ter trabalhado tão perseverantemente em favor do rei da Babilônia, agora Jeremias muda de partido e começa a profetizar a queda daquele rei?

C) No Livro “Lamentações de Jeremias”

É antiga a tradição que une as palavras as do profeta Jeremias; entretanto, nos dias atuais, alguns estudiosos relutam em atribuir esse trabalho a Jeremias (87/257).

Texto – Lamentações III-16, Quebrou-me todos os dentes, deu-me a comer cinzas. 38) Não saem da boca do Altíssimo os males e os bens?

Análise – Também este texto não tem comprovação em qualquer outra parte da Bíblia. Quem ousaria afirmar que “os males e os bens” saem da boca do Altíssimo?

D) Livro de profecias de Baruc

Texto – Baruc-IV-7, Porque irritaste (...) o Deus eterno, sacrificando aos demônios e não a Deus. 35) Porque o fogo lhe sobreviera por parte do Eterno, por largos dias, e pelo demônio será habitada durante muito tempo.

Análise – Que os escritores bíblicos acreditassem na existência de “demônios” ou de “deuses estrangeiros”, admite-se; mas dizer que Deus acreditasse neles, é uma anedota de mau gosto.

Texto – Baruc-VI:22, (...) Sabei que não são deuses; e, portanto, não os temais. 25) Não tendo pés (capazes de andar), são levados sobre os ombros (...) 26) Por isso, se eles caírem por terra, não se levantam por si mesmos, mas por-lhe-ás diante, como aos mortos, as oferendas. 34) Nem tampouco podem dar riquezas, nem retribuir o mal. Se alguém lhe fizer um voto, e não o cumprir, nem disso se queixam. 35) Não livram ninguém da morte, nem defendem o fraco dos mais poderosos. 37) Não compadecerão das viúvas, nem farão bem aos órfãos. 52) Não põem reis em país algum, nem dão chuvas aos homens. 62) Mas estes (deuses) não se assemelham a nenhuma coisa destas, nem em belezas, nem em poder. 64) Por isso, sabendo vós que não são deuses, não os temais.

Análise – Ora, se não são deuses e não precisam ser temidos, por quê proibir o culto?

E) No Livro de Ezequiel

Texto – Ezequiel – II:1, Esta foi a visão (...) 2) entrou em mim o espírito (...) e ouvi o que ele falava. Cap. III:12, Então, o espírito me tocou, e ouvi através de mim uma voz muito estripiosa... Cap. VIII-2, Tive uma visão (...) 3) E estendeu-me como uma semelhança de mão, tomou-se (...) e o espírito levantou-me entre a terra e o céu, e levou-me a Jerusalém, numa visão divina (...) Cap. XI:24, Depois disso, o espírito tomou-me e conduziu-me, outra vez em visão, no espírito de Deus, na aldeia onde estava o povo cativo (...)

Análise – Realmente, um espírito – encarnado ou desencarnado – pode transportar-se de um lugar para outro, deixando o seu corpo adormecido onde se encontrava. Isto foi ensinado pelos Espíritos Superiores.

Texto – Ezequiel – XXVII:1, A mão do Senhor veio sobre mim (...) e deixou-me no meio dum campo que estava cheio de ossos. 4) Ele me disse: profetiza acerca destes ossos. 7) E eu, pois, profetizei (...) e os ossos se aproximaram uns dos outros, pondo-se cada um na sua conjuntura. 8) (...) e eis que se formaram sobre eles nervos

e carnes para os revestir (...) mas eles não tinham o espírito (ou vida). 9) Profetiza ao espírito (...) Espírito, vem dos 4 ventos e sopra sobre estes mortos e revivam. 10) (...) e o espírito entrou neles, e viveram: e levantaram-se sobre os seus pés; era um exército numeroso em extremo.

Análise – Como admitir-se a ressurreição da própria carne, quando o corpo, na solidão do túmulo, já foi invadido e corroído pelos vermes invasores? A ressurreição do próprio corpo é anticientífica, como também contrária à razão, à lógica, e à justiça de Deus. Como premiar uma alma salva com o mesmo corpo apodrecido, danificado?

3.1.5. De Daniel ao II Livro de Macabeus

A) Livro de Profecias de Daniel

Texto – Daniel – 1:17, Ora, Deus (...) deu a Daniel a inteligência de todas as visões e sonhos. (...) Cap. II:1, no 2º ano do seu reinado, teve Nabucodonosor um sonho (...) depois se esqueceu completamente desse sonho. 2) Mandou, pois, convocar os adivinhos e magos e encantadores e caldeus (ou astrólogos) (...) 5) (...) e disse aos caldeus: o meu sonho fugiu-me da memória; e se vós não me declarardes o sonho e o seu significado, todos perecereis, e as vossas casa serão confiscadas.6) Mas, se expuserdes o sonho e o que ele significa, receberéis de mim prêmios e dons e grandes honras (...) 9) Se vós, pois, não me disserdes o que sonhei, o conceito único que formarei de vós, é que também forjareis uma interpretação falsa e cheia de ilusão, para me entreterdes com palavras (...) Dizei, pois, qual foi o meu sonho, para que eu também saiba que a interpretação que lhe deres, é verdadeira. 19) Então foi descoberto este segredo a Daniel, numa visão, durante a noite. (...) 28) Daniel (...) disse: os sábios, os magos, os adivinhos e os agoureiros não podem descobrir ao rei. (...) 28) Mas há no céu um Deus que revela os mistérios, o qual me mostrou, ó rei Nabucodonosor, as coisas que lhe hão de acontecer nos últimos tempos. (...) 48) Então, o rei elevou Daniel às maiores honras (...) e constituiu-o “Governador de Todas as Províncias da Babilônia, e Presidente dos Magistrados e de todos os sábios da Babilônia”.

Bíblias comparadas – The Bible, vs-2, fala em “os mágicos, os astrólogos e os feiticeiros, e os caldeus”.

Análise – Há profundas semelhanças entre esta história e aquela ocorrida com José do Egito. Para nós, neste caso, Nabucodonosor se mostrou como homem mais inteligente do Antigo Testamento, tão inteligente como o personagem daquela lenda das “duas mães” atribuída ao rei Salomão. Centenas de personagens bíblicos possuíam intuição, tinham visões, inspirações, viam espíritos, conversavam com eles e transmitiam aos vivos as suas recomendações.

Texto – Daniel – III-1, Fez o rei Nabucodonosor uma estátua de ouro (...) 16) (...) Sidrac, Misac e Abdenago (...) (disseram) (...) 17) Porque debes saber que o nosso Deus, a quem adoramos, pode tirar-nos da fornalha do fogo ardente, e livrar-nos, ó rei, das tuas mãos. 18) E, se ele não quiser fazer assim, fica sabendo, ó rei, que nós não honraremos os teus deuses, nem adoraremos estátuas de ouro que tu erigiste. 19)

Então, encheu-se Nabucodonosor de furor (...) e mandou que acendessem fornhalhas de fogo 7 vezes mais ardentes do que se costumavam acender. 20) E deu ordem aos mais valentes soldados do seu exército para que, ligados os pés a Sidrac, Misac e Abdenago, os lançassem na fornhalha do fogo ardente. 23) (...) Sidrac, Misac e Abdenago caíram ligados ao meio da fornhalha de fogo ardente. 24) E eles passeavam pelo meio das chamas, louvando a Deus e bendizendo o Senhor. 47) E a labareda levantou-se a 49 côvados acima da fornhalha. 49) Ora, o anjo do Senhor desceu (...) e desviou a fornhalha e a chama do fogo. 50) E fez que soprasse (...) fresca viração, acompanhada de orvalho; e o fogo não os tocou de modo algum, nem os incomodou. 95) Então, Nabucodonosor (...) disse: Bendito seja Deus deles, o Deus (...) que enviou o seu anjo e livrou os seus servos.

Bíblias comparadas – Na Bíblia Católica, em Português, o padre Matos informa que “o que se segue ao vs-23, não se encontra nos livros hebreus, mas foi aceito pela igreja”. De fato, enquanto as Bíblias consultadas só têm até o vs-30, a do padre Matos vai até 96.

Análise – Imagine o leitor quanta fantasia: primeiro, os três rebeldes desafiaram o rei da Babilônia, sem serem punidos; depois, empenharam a proteção divina de os livrar do “fogo”; depois, afirmaram que mesmo que Deus não os salvasse, eles não honrariam os deuses babilônicos. Contudo, a nosso ver, não era necessário contar com “os mais valentes soldados do exército” para prender três estrangeiros rebeldes; nem era necessário acender “um fogo 7 vezes mais ardente do que se costumavam acender”.

O texto é frágil e infantil; não resiste a uma análise racional de um cérebro adulto: depois de atados, uns aos outros, e lançados no meio da fornhalha, eles passeavam pelo meio das chamas, que se elevavam 31,85m. de altura. Só depois disso, foi que o anjo do Senhor apareceu, descendo do céu, para soprar e desviar as chamas, com virações e orvalho, e impedir que o fogo os tocasse.

Texto – Daniel – IV-25, Todas estas coisas aconteceram ao rei Nabucodonosor. 28) (...) veio do céu certa voz: ó rei, o teu reino ser-te-á tirado, 29) expulsar-te-ão do meio dos homens, e a tua habitação será com os animais e as feras; comerás feno como boi, e 7 tempos passarão por cima de ti, até que reconheças que o Altíssimo domina sobre o reino dos homens (...) 30) Na mesma hora foi cumprida esta palavra, e ele comeu feno como boi, e o seu corpo foi molhado com o orvalho do céu, de sorte que lhe cresceram os cabelos (...) e as suas unhas se tornaram como as das aves. 31) Mas, depois, "eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, e voltou-me o uso da minha razão, e recobrei o esplendor e toda a glória do meu reino (...) e fui restabelecido no meio do reino, e fiquei sendo maior do que nunca."

Análise – Teria a família real permitido que aquele monarca se submetesse a tão vexatória situação? Haverá feras no palácio real? O texto afirma que só depois que lhe voltou a razão, ele reconheceu a Divindade e orou, e lhe foi atendido o pedido feito.

Existe realmente um fenômeno de perturbação espiritual, após à morte, em que a alma culpada e presa de remorsos, algumas vezes, se julga um verdadeiro animal e até se sente como animal. Entretanto, isto é tão somente uma auto-hipnose, e só ele próprio percebe aquela situação anormal.

Texto – Daniel-V-1, O rei Baltasar deu um grande banquete (...) 4) Bebiam o vinho, e louvavam os seus deuses (...) 5) Na mesma hora apareceram uns dedos, como mão de homem, que escrevia no candelabro, na superfície da parede da sala real, e o rei viu os dedos da mão que escrevia. 7) O rei, pois, clamou, em voz alta, que fizessem vir os magos, os caldeus, os agoureiros (...) “Todo o que ler esta escritura e me der a sua interpretação, será vestido de púrpura (...) e será o terceiro do meu reino”. 25) (Daniel disse) Isto é, pois, o que ali está escrito (...) 29) Então, por ordem do rei, foi Daniel vestido de púrpura (...) e publicou-se que, por ordem do rei, ele seria o terceiro posto de autoridade no reino. 30) Naquela mesma noite, foi morto Baltasar, rei dos caldeus.

Análise – Teriam aparecido naquele castiçal desenhos ou escritos numa língua desconhecida? Por que, ao invés de chamar um astrólogo, um adivinho, ou agoureiro, não chamou o rei um tradutor de línguas estrangeiras? Parece-nos que aquela escrita não desapareceu imediatamente, mas permaneceu, até que chegassem os mágicos, adivinhos e prognosticadores, inclusive Daniel.

Ora, se o próprio rei viu os dedos que escreviam a mensagem, podemos afirmar que se tratava de seres espirituais e inteligências invisíveis – e eles só iriam escrever em uma língua humana. Sem dúvida, foi um caso de “escrita direta”, que a teologia convencional tenta rejeitar a todo custo.

Texto – Daniel – VI-1, No tempo de Dario (...) 16) O rei deu ordem e levaram Daniel, e deitaram-no na cova dos leões. E o rei disse a Daniel: o teu Deus, que incessantemente adoras, ele te salvará. 19) Ao outro dia, levantando-se ao romper da manhã, o rei foi, a toda pressa, à cova dos leões. 21) E Daniel respondeu ao rei (...) 22) O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca dos leões, eles não me fizeram mal algum. (...) 23) Então, o rei ficou cheio de alegria a seu respeito, e mandou que Daniel fosse retirado da cova (...) e não se encontrou nele lesão alguma, porque creu em Deus. 25) Então, o rei Dario escreveu (...) 26) “Foi decretado por mim, em todo o meu império e reino, se respeite e tema o Deus de Daniel, porque ele é o deus vivo (...) e seu poder é eterno”.

Análise – Um historiador, de cujo nome não me recordo, afirmou que “não há lugar, na história, para Dario, um meda, governando a Babilônia”.

A intenção do escritor bíblico ou dos copistas, ou tradutores, era a de mostrar Daniel como um protegido e privilegiado de Deus; era mostrar que, para proteger o “seu povo”, Deus podia fazer milagres e prodígios, até enviar um anjo para fechar a boca do leão. Não se manifesta a Sabedoria, Justiça e Poder de Deus mais precisamente na harmonia e imutabilidade dessas leis?

Texto – Daniel – XIV-29, (...) entregou-lhes Daniel. 30) Ele o lançou na cova dos leões, onde esteve seis dias. 31) Havia, no lago, sete leões e todos os dias lhes davam 2 cadáveres e duas ovelhas; mas, por então, não lhes deram, a fim de que eles devorassem Daniel. 31) E o anjo do Senhor disse a Habacuc: Leva à Babilônia esta refeição que tens, para dares a Daniel, que está na cova dos leões. 35) Então, o anjo do Senhor o tomou pelo alto da cabeça, tendo-o pego pelos cabelos, levou-o, com a impetuosidade do seu espírito, até à Babilônia, sobre a cova. 38) E, levantando-se, Daniel comeu. E o anjo do Senhor reconduziu logo Habacuc ao seu lugar. 42) Então, o rei disse (...) tema o Deus de

Daniel, porque ele é o salvador (...) e livrou Daniel da cova dos leões.

Análise – Que profeta de sorte: depois de ter sido salvo daquele episódio de Daniel-VI, agora é novamente protegido por um anjo do Senhor! Imagine como seria surpreendente, se víssemos, a qualquer momento, um anjo carregando alguém, pelos cabelos, para ir prestar socorro em outros lugares!?! Pelo texto, parece-nos que aquele jejum e abstinência fizeram mal aos leões, os quais não quiseram devorar Daniel.

B) Os profetas Oséias, Joel, Amós e Abdias

a) O profeta Oséias

Para Clayde Francisco, o texto de Oséias se revela um dos mais confusos de todo o Velho Testamento; ele varia não somente segundo à Septuaginta, como também quanto ao texto hebraico; é quase impossível esboçá-lo, devido à falta de lógica e de conexão entre suas diversas partes; e, segundo alguns críticos, sua autoria é negada a Oséias em certas passagens (67/131).

b) O profeta Sofonias

Clayde Francisco informa que a autenticidade de cada versículo, dos capítulos I, II e III tem sido posta em dúvida (67/171).

c) O profeta Joel

Texto — Joel – II: 1, estremeçam todos os habitantes da terra; porque se aproxima o Dia do Senhor (...) 2) Dia de trevas e de escuridão, dia de nublados e torvelinhos (...) 3) Diante dele virá um fogo devorador, e atrás dele uma chama abrasadora (...) nem haverá quem lhe escape. 10) A terra tremerá diante dele, os céus se abalarão; o sol e a lua escurecerão, e as estrelas retirarão o seu esplendor. 28) (...) Depois (...) derramarei o meu espírito sobre toda a carne, e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; e os vossos velhos, e os vossos filhos e as vossas filhas terão visões.

Análise – O Dia do Senhor, que deveria ser anunciado como um dia de júbilo, de felicidade e alegria para todos, é aqui anunciado como um dia de escuridão, de trevas, de abalos sísmicos. Porém, quanto à promessa da generalização da capacidade de profetizar e ter visões, alguns escritores aceitam-na como verdadeira, e como a popularização dos dons telepáticos e da percepção extra-sensorial.

d) O profeta Amós

Texto – Amós 1:1 – O Senhor Deus jurou (...) que brevemente virão dias mais infelizes para vós, e que vos levantarão nas lanças e meterão o resto de vosso corpo em caldeiras a ferver. Cap.V:20, Que será, pois, o Dia do Senhor, senão um dia de trevas (...) e que haverá nele senão escuridão e não luz?

Bíblia comparadas – Narra a Bíblia protestante, no vs-2, eis que vos levarão como anzóis, e vossos descendentes como anzóis de pescador. A Bíblia em Espanhol diz, no vs-2, vem sobre vós dias em que vos suspenderão como ganchos, e os vossos descendentes, como anzóis de pescador.

Análise – As ameaças trazidas, em nome de Deus, por quem pretendia incutir, na mente humana, o “temor de Deus” e o “medo do pecado” não poderiam ser mais infantis e ridículas.

e) Profecias de Abdias

Na opinião de Clayde Francisco, deve ter sido um homem de profundas convicções, firme, piedoso e patriota; entretanto, ele não deve ser confundido com outro. de

igual nome, que viveu nos dias do profeta Elias (I Reis-18) (67/115).

C) Os profetas Jonas, Miquéias, Ageú, Naum e Habacuc

a) O profeta Jonas

Em parte alguma – garante a autora de Introdução ao Velho Testamento – se declara que Jonas mesmo tivesse escrito este livro; pelo contrário, há muitas evidências de que ele tenha sido escrito muito posteriormente: Jonas é mencionado na 3ª pessoa, dando a entender que o autor do texto viveu depois daqueles eventos ali narrados. Parece que foi escrito depois de 612 aC, visto que Nínive, a capital da Assíria, não fora destruída antes. (...) 67/123).

Texto – Jonas – I:4, Porém, o Senhor enviou sobre o mar um vento furioso; e levantou-se no mar uma grande tempestade, e esteve o navio em perigo de fazer-se em pedaços. 15) Depois, pegaram Jonas e o lançaram ao mar; e, ao mesmo tempo, cessou a fúria do mar. Cap.II-1, (...) o Senhor preparou um grande peixe que engoliu Jonas; e Jonas esteve 3 dias e 3 noites no ventre do peixe. 2) E Jonas fez oração ao Senhor (...) 11) Então, o Senhor mandou ao peixe, e este vomitou Jonas na praia.

Análise – A autora protestante Clayde Francisco interpreta que Jonas e o peixe que o engoliu são apenas figuras alegorias (67/123).

Algumas Bíblias consultadas dizem “uma baleia”, ou “um grande peixe”, ou grande “monstro marinho” etc. Porém o Sr. Jacques Cousteau, o maior oceanógrafo de nossos tempos, falecido em julho de 1997, afirmou que nenhuma baleia possui a garganta tão grande, capaz de engolir um ser humano; que somente uma garoupa gigante seria capaz disso.

Entretanto, será que poderíamos acreditar que um ser humano sobrevivesse, 3 dias e 3 noites, no interior de um peixe? Um texto evangélico afirma que Jesus falou sobre “o prodígio de Jonas”. É bem provável que – se Jesus falou mesmo aquilo – foi valendo-se da crença popular, para ensinar alguma coisa. Porém não temos elementos para acreditar nos prodígios atribuídos a Jonas, e nem que realmente Jesus acreditasse naquela história.

b) Profecias de Miquéias

Texto – Miquéias-III:1’, (...) ouvi, príncipes de Jacó. (...) 6) Em lugar de visões, tereis a noite, e as trevas em lugar de revelação. (...) 7) E serão confundidos os que têm visões, e cobrir-se-ão de vergonha estes adivinhos; e se porá o sol sobre estes profetas, e o dia sobre eles enegrecerá; 7) e os videntes se envergonharão, e os adivinhos se confundirão, porque não haverá respostas de Deus.

Análise – Novamente, aquele personagem bíblico muda de idéia, para dizer, agora, que não haverá mais adivinhação, nem profecias, esquecendo-se do que havia prometido em Joel-II:28. Ora, por que haveria, naqueles tempos, para uma população israelita de 1% dos habitantes da Terra, e não haveria hoje, para 6 bilhões de pessoas?

Texto – Miquéias – V:2, E tu, Belém (...) tu és pequenina entre os milhares de Judá; mas de ti há de sair o Messias, aquele que há de reinar em Israel. (...) 3) Por isso, Deus os abandonou até o momento em que der à luz aquela virgem, que há de ar à luz (o dominador).

Análise – Suprimindo-se a expressão “o dominador”, que foi acrescida pelo padre

Matos, verá o leitor que o texto, em si mesmo, não diz coisa com coisa, a não ser que alguém nascerá em Judá e reinará em Israel. Jesus nunca reinou em Judá, nem em Israel.

Texto – Miquéias-VI:7, (...) pode-se, porventura, aplacar o Senhor, sacrificando-lhe milhares de bodes gordos?

Análise – Outra vez, o “deus de Miquéias” rejeita e dispensa as vítimas e holocaustos prestados nos cultos religiosos, requeridos desde Moisés. Teria ele se enfadado, mudado de idéias, ou seria outra entidade espiritual esta que falava através de Miquéias?

c) Profecia de Ageú

Texto – Ageú-I:14, Então, é tempo oportuno de vós habitardes em casas forradas, e esta casa (do Senhor) há de estar em ruínas? 8) Subi ao monte, levai madeiras e reedificai a minha casa.

Análise – Acredita o leitor que Deus tenha necessidade de uma casa para morar: um lugar especial para receber a adoração das criaturas? Não são santos todos os lugares do universo?

d) Profecias de Naum

Texto – Naum – I:2, E o Senhor é um Deus zeloso e vingativo, e arma-se de furor, toma vingança contra os seus adversários, e ira-se contra os seus inimigos.

Análise – Acredita realmente o leitor em “ira, furor e vingança” de Deus? Será possível que Deus tenha “adversários e inimigos”? Não seria este texto uma concepção puramente humana, que se fazia sobre Deus há milênios atrás?

e) Profecias de Habacuc

Texto – Habacuc – III:5, A morte irá adiante de sua face, e o demônio irá diante de seus pés. (...) 11) o sol e a lua pararam na sua morada, eles marcharão à luz das suas setas.

Bíblia comparadas – A protestante diz, vs-05, diante de sua face IA a mortandade, e dos seus pés saíam clarões acessos. A Bíblia em Francês registra, no vs-5, diante dele marcha a peste, e a peste está sobre seus rastros. The Bible, vs-5, antes dele virá a pestilância, carvões incandescentes sobre seus pés.

Análise – Afinal, o profeta estava se referindo ao passado, ao presente ou ao futuro? Por que tanta divergência de tradução até dos tempos verbais?

D) Profecias de Malaquias e de Zacarias

a) Profecias de Malaquias

Texto – Malaquias – I:8, Se vós oferecis uma (hóstia) cega para ser imolada, não é isto mau? Ofereci estes animais aos vossos governadores, e vereis se eles lhes agradarão (...) diz o Senhor. 14) Maldito seja o homem enganador, que tendo no seu rebanho um animal são, faz voto dele ao Senhor, mas lhe sacrifica um (animal) doente; porque Eu sou o grande rei, diz o Senhor (...) meu nome é temido entre as nações.

Análise – Acredita o leitor que essa entidade seja a mesma que, há pouco, abominava e rejeitava as vítimas e oferendas?

Texto – Malaquias – IV:5, Eis que vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e horrível dia do Senhor.

Análise – Apesar da suspeita dos textos bíblicos, se este texto for sério, ninguém

poderá negar que ele está se referindo à reencarnação; para que Elias, morto há algum tempo, possa vir novamente, somente através de novo nascimento, de nova reencarnação. É a conclusão que se nos impõe.

b) Profecias de Zacarias

Texto – Zacarias – I-8, Tive esta noite uma visão (...) 15) (...) E o anjo que falava comigo, me disse: eu te mostrarei o que significam estas coisas.

Análise – Eis aqui provas de que, naqueles tempos, as entidades espirituais invisíveis falavam com os vivos, através de visões, sonhos etc.; mas o escritor fala em “anjos” e não em “demônios”; logo, não só os demônios se comunicavam com os vivos, mas também os anjos.

Texto – Zacarias – III-1, Depois, o Senhor mostrou-me (...) Jesus, que estava em pé, diante dos anjos; e Satanás estava à sua direita, para se lhe opor.

Bíblia comparadas – As Bíblias protestante, a em Espanhol e The Bible trazem, no vs-1, “mostrou-me Josué”.

Análise – O texto nos obriga a pensar que, se o escritor bíblico estava inspirado pelo Espírito Santo, não estava o tradutor, quando traduziu do hebraico ou do latim para as línguas atuais. Afinal, quem lhe foi mostrado: Josué ou Jesus? E como poderia ter ele identificado Jesus, que ainda não tinha vindo ao mundo e, portanto, ainda era desconhecido?

E) Os livros I e II de Macabeus

a) No I Livro de Macabeus

Texto – I Macabeus- I:21, E, depois de ter assolado o Egito, no ano 143. Antíoco (...) marchou contra Israel. 32) (...) matou grande número do povo de Israel. 33) E tomou os despojos da cidade e pôs-lhe fogo, e destruiu as suas casas e muros. 59) E rasgaram os Livros da Lei de Deus, e os deitaram ao fogo.

Análise – Aquela guerra realmente existiu e está registrada nos livros de História. Entretanto, como poderia ter o escritor adivinhado que, com a adoção da chamada “era cristã”, por Dionísio, o Pequeno, que só se daria no século VI, a data daquela guerra seria 143 aC? Ora, evidente que o texto foi escrito muito mais tarde ou foi corrigido a partir do século VI dC.

b) No II Livro Macabeus

Texto – II Macabeus – II-14, (...) Jonas Macabeus recolheu tudo o que se tinha perdido durante a guerra que nos sobreviera: e está nas nossas mãos (...) 24) (...) o que Jasão de Cirene escreveu em cinco livros, procuraremos resumir num só volume.

Análise – Sem dúvida, aqueles cinco livros (ou volumes) escritos por Jasão não foram aceitos como canônicos. Se eram inspirados os de Jasão, não haveria necessidade de resumi-los em apenas um volume; se não eram eles inspirados, não podemos dizer que este resumo o seja. As igrejas protestantes não admitem a origem divina deste livro, por isso não consta ele de suas Bíblias.

Texto – II Macabeus – X:29, Mas, no mais forte do combate, apareceu do céu, aos inimigos, cinco homens em cavalos adornados com freios de ouro, que serviam de guia aos judeus. Cap. XI-5, Judá (...) depois de ter invocado a Deus (...) 6) Marchou contra estes homicidas de seus irmãos, e logo lhes queimou, de noite, o porto, as barcas, e fez passar a fio de espada os que tinham escapado das chamas. 9) Surpreen-

deu também os jamnitas. (...) 16) E tendo tomado a cidade, pela vontade de Deus, fez nela horrorosa carnificina, de sorte que um tanque, que estava ao pé de 2 estádios de largura, parecia cheio de sangue dos mortos. Cap.XV-27. Assim, pelejando com a mão e crendo no Senhor, no fundo de seu coração (...) mataram nada menos de 35 mil homens, sentindo-se cheios de alegria, pela presença do Senhor. 33) Mandou também que a língua daquele ímpio Nicanor fosse cortada aos pedaços, e fosse dada a comer às aves; e que fosse pendurada defronte do tempo a mão daquele insensato. 35) Pendurou também Judas a cabeça de Nicanor, no alto da fortaleza, para que fosse um sinal evidente e manifesto do auxílio de Deus (...) 38) (...) ficando os hebreus, desde aquele tempo, de posse da cidade, eu também porei fim à narração.

Bíblias comparadas – Segundo a Vulgata Latina, vs-27, “mataram nada menos de 30 mil homens”.

Análise – Pouco nos interessa saber se foram 30 ou 35 mil pessoas mortas naquela “guerra santa”. Poderíamos, acaso, dizer que aquele personagem bíblico fosse Deus? Poderíamos aceitar, ainda hoje, que as histórias e exemplos bíblicos sirvam como regulador moral e espiritual da humanidade? Que cada leitor medite e responda para si mesmo!

3.2.0. A Transição do Antigo Para o Novo Testamento

3.2.1. À Espera de um Messias e Salvador do Mundo

A) A Origem das Tradições Messiânicas

No seu livro “Gênese”, Allan Kardec ensinou sobre a transferência de espíritos, de um mundo para outro, das migrações e imigrações coletivas e dos flagelos naturais, que são instrumento de intercâmbios coletivos (202/223).

“Em certas épocas, determinadas pela Sabedoria Divina, migrações e imigrações de espíritos se operam em massa, mais ou menos consideráveis, em virtude de grandes revoluções que ocasionam a partida simultânea de enormes quantidades. Ora, os flagelos destruidores e os cataclismos devem, portanto, considerar-se como ocasiões de chegadas e partidas coletivas, de meios providenciais de renovamento da população corporal do globo” (202/225).

B) Os Exilados da Capela

Em “A Caminho da Luz”, Emmanuel escreveu que “há, na Constelação de Cocheiro, um corpo celeste que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. Sua luz demora 42 anos para chegar à face da Terra. Ele guarda muita afinidade com o globo terrestre. Há alguns milênios atrás, ele havia atingido a culminância de um dos seus ciclos evolutivos. Mas alguns milhões de espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daquele povo cheio de piedade e de virtudes, que fizera jus à concórdia perpétua” (219/34).

“As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberaram então localizar aquelas entidades aqui na longínqua Terra, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração –

impulsionando, simultaneamente, o progresso de seus irmãos inferiores. Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes. Com sua palavra sábia e compassiva, ele exortou essas almas desventuradas à edificação da consciência pelo cumprimento dos deveres de solidariedade e de amor, no esforço regenerador de si mesmas. Mostrou-lhes os campos imensos de lutas que se desdobravam na Terra, envolvendo-as no halo bendito de sua misericórdia e de sua caridade sem limite” (219/35).

C) As Promessas do Divino Mestre

Jesus “abençoou-lhes as lágrimas santificadoras, fazendo-as sentir os sagrados triunfos do futuro, e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir. Aqueles seres angustiados e aflitos, que deixavam para trás de si todo um mundo de afetos, não obstante seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degradados na face obscura do planeta Terra; andariam desprezados na noite dos milênios de saudade e de amarguras; reencarnariam no seio das raças ignotas e primitivas, a se lembrarem do paraíso perdido nos firmamentos distantes. Por muitos séculos, não veriam a suave luz de Capela, mas trabalhariam na Terra, esclarecidos por Jesus” (219/35).

D) Os Capelinos e a Raça Adâmica

“Surgem os primeiros selvagens de compleição melhorada, tendendo à elegância dos tempos do porvir. Uma transformação visceral se verifica na estrutura dos antepassados da raça humana” (219/32).

“Com o auxílio desses espíritos degredados naquelas remotíssimas eras, as falanges do Cristo operavam ainda as últimas experiências sobre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biológicos da raça humana. Aquelas almas aflitas e atormentadas reencarnariam, proporcionalmente, nas regiões mais importantes, onde haviam se localizado as tribos e famílias primitivas, descendentes dos “primatas” (219/36). “Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleceriam os fatores definitivos da história etnológica dos seres (...) com essas entidades, nasceram no orbe os ascendentes da raça branca” (219/37).

“Mas, não obstante as lições recebidas da palavra sábia e mansa do Cristo, os homens brancos olvidaram os seus sagrados compromissos. Grande percentual daqueles espíritos rebeldes, com muitas exceções, só puderam voltar ao país da luz e da verdade, depois de muitos séculos de sofrimentos expiatórios; outros, porém, infelizes e retrógrados, permanecem ainda na Terra, nos idos que correm, contrariando à regra geral, em virtude de seu elevado passivo de débitos” (219/37).

“As raças adâmicas guardavam vaga lembrança de sua situação pregressa, tecendo o hino sagrado de reminiscências. As tradições do paraíso perdido, de geração em geração, passavam de povos em povos, até ficarem arquivadas nas páginas da Bíblia” (219/37).

“As 4 raças capelinas – Aqueles seres degredados e caídos (...) com o transcorrer dos anos, reuniram-se em 4 grandes grupos, que se fixaram nos povos mais antigos, obedecendo às afinidades sentimentais e lingüísticas que os associavam na Constelação do Cocheiro. Unidos novamente, na esteira do tempo, formaram, desse modo, o grupo dos Árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia. Tendo ouvido a palavra do Divino mestre, antes de se estabelecerem no mundo, as raças adâmicas, nos

seus grupos insulados, guardaram reminiscências das promessas do Cristo – o qual, por sua vez, as fortaleceu no seio das massas, enviando-lhes, periodicamente, seus missionários e mensageiros” (219/38). “Eis porque a Epopéia do Evangelho de Jesus foi prevista e cantada milênios antes da vinda do sublime Emissário” (219/39).

“Cada emissário trouxe uma modalidade da grande lição, de que foi teatro a região humilde da Galiléia” (219/85). “Devido à ausência de escrita, naquelas épocas longínquas, todas as tradições se transmitiram, de geração em geração, através do mecanismo da palavra” (219/81).

E) Origem dos atuais dogmas religiosos

“A verdade – notícia Emanuel – é que todos os livros e tradições religiosas da antiguidade guardavam, entre si, a mais estreita unidade substancial. As revelações evoluíram numa esfera gradativa de conhecimentos” (219/84).

E foi das reminiscências, das recordações intuitivas, daqueles “exilados de Capela” que surgiram nossas primitivas idéias sobre “o pecado original, a queda do paraíso, o paraíso perdido, a vinda de um Salvador”. Todas essas lembranças inconscientes foram se incorporando à tradição, até passarem à fase escrita e, de lá para cá, fazem parte da Bíblia.

3.2.2. A Vinda de Jesus ao Nosso Planeta

A) Os Precursores de Jesus

Ainda segundo Emmanuel, “os enviados do Infinito falaram – na China milenária, da celeste figura do Salvador, muitos séculos antes do advento de Jesus. Os iniciados do Egito O esperavam com suas profecias. Na Pérsia, idealizaram sua trajetória, antevendo os passos no caminho do porvir. Na Índia Védica, era conhecida quase toda a história evangélica, que o sol dos milênios futuros iluminaria na região escabrosa da Palestina. E o povo de Israel, durante muitos séculos, cantou-lhe as glórias divinas, na exaltação do amor e da resignação, da piedade e do martírio, através da palavra de seus profetas mais eminentes” (219/38).

“Entretanto (...) observamos, muitas vezes, nos seus auxiliares ou instrutores humanos, as características da vulgaridade terrestre. Alguns foram ditadores de consciência, enérgicos e ferozes no sentido de manter e fomentar a fé; outros, traídos em suas forças e desprezando os compromissos com o Salvador, longe de serem instrumentos do Divino Mestre, abusaram da própria liberdade, dando ouvido à forças subversivas das trevas, prejudicando a harmonia geral” (219/86).

B) Todos o esperavam

“Todos os degredados, com os mais santos entusiasmos, falaram D’Ele e de sua infinita misericórdia” (219/82).

I) Na Índia-Védica

Ensina Emmanuel que os avatares divinos nasceram de uma virgem, como de virgem teriam nascido Krishna e Budha; no zodiaco de Rama, lá estava a Virgem no seu quadrante, amamentando o filho; no Egito, era Virgem a sua deusa. Na Pérsia, virgem foi a mãe de

Zoroastro, o iluminado iniciador da Pérsia; e todas as demais tradições, descendentes dos Atlantes, falavam dessas concepções misteriosas e inabituais” (219/94).

“Toda a literatura sagrada fala do Messias, que libertaria o mundo. Por isso, a crença em um Salvador Divino foi-se propagando no tempo e no espaço, atravessando os milênios; e a voz sugestiva e influente dos profetas de todas as partes, mais notadamente de Israel, nada mais faziam do que difundir-la, tornando-a, por fim, universal” (219/94).

Emmanuel afirmou que “as almas exiladas naquela parte do Oriente muito haviam recebido da misericórdia do Cristo, de cujas palavras de amor, de cuja figura luminosa guardavam as mais conservadoras recordações, traduzidas na beleza dos Vedas e dos Upanishades” (219/50). “É que – como os egípcios – os hindus eram um dos ramos da massa de espíritos proscritos de Capela, exilados no planeta” (219/50). “Seus condutores conheciam as elevadas finalidades da Vida; lembravam-se vagamente das promessas do Senhor, anteriores às suas reencarnações para o trabalho do penoso degredo. A prova disso é que eles abraçaram todos os grandes missionários do pretérito, vendo neles os avatares do seu Redentor. Viasa foi instrumento das lições de Cristo, seis mil anos antes dos Evangelhos... Crisna, Buda e outros grandes enviados do Senhor (...) foram compreendidos pelo grande povo” (219/53).

II) Na China

Conforme Edgar Armond, “quando se verificou o advento das almas proscritas do sistema de Capela, em épocas remotíssimas, já a existência chinesa contava com uma organização regular. As raças adâmicas ainda não haviam chegado ao orbe terrestre, mas entre aqueles povos já se ouviam grandes ensinamentos do plano espiritual, de sumo interesse para a direção e solução de todos os problemas humanos” (79/75).

III) No Egito

“Da idéia de homenagearem as forças invisíveis, que controlam os fenômenos naturais, classificando-as para o espírito das massas, na categoria de deuses, é que nasceu a Mitologia da Grécia. O culto da morte e a crença na metempsicose eram muito populares; o grande povo dos faraós guardava reminiscência do seu doloroso degredo na face obscura do mundo terreno. A metempsicose era o fruto da amarga impressão a respeito do exílio que lhe fora afligido no ambiente terrestre. Inventou-se, desse modo, uma série de rituais e cerimônias, para solenizar o regresso de seus irmãos à pátria espiritual” (219/44).

“No Egito, Ele era também esperado desde muito tempo; em sua honra, os templos sacrificavam nos seus altares. Na grande Pirâmide de Gizé, lá estava gravada a profecia de seu nascimento, em caracteres hieroglíficos, para conhecimento da posteridade” (79/97).

Para Emmanuel, “dentre os espíritos degredados na Terra, os que constituíam a civilização egípcia foram os que mais se destacaram na prática do bem e no culto da verdade; eram os que menos débito possuíam perante o Tribunal da Justiça Divina; e, em razão de seus elevados patrimônios morais, guardaram, no íntimo, uma lembrança mais viva das experiências de sua pátria distante: uma saudade torturante do céu foi a base de todas as suas organizações religiosas; e em nenhuma outra civilização da terra, o culto da morte foi tão altamente desenvolvido” (219/41). “E,

depois de perpetuarem, nas pirâmides, os seus avançados conhecimentos, todos os espíritos daquela região africana regressaram à pátria sideral” (219/42).

IV) Na Pérsia

Segundo Edgar Armond: “o primeiro Zoroastro, 3.000 anos antes do divino nascimento, já o anunciava a seus discípulos, dizendo: “Oh, vós, meus filhos, que já estais avisados do seu nascimento antes de qualquer povo: assim que virdes a estrela, toma-a por guia, e ela vos conduzirá ao lugar onde Ele – o Redentor – nasceu. Adorai-o e ofertai-lhe presentes” (79/97).

V) A Família Indo-Européia

Todos O queriam e O aguardavam. Edgar Armond assinalou que “vieram dias nos quais, mais do que nunca, havia uma aura de expectativa em toda a Natureza, e um mundo de singulares anseios no coração dos homens. As vozes dos profetas tinham soado, advertindo todo o mundo sobre o advento miraculoso, e até mesmo o local do divino nascimento já tinha sido determinado por Miquéias, da Palestina, e pelo Barta-Chastran, da Índia” (79/106).

C) A Vinda de Jesus ao Planeta

De acordo com Will Durante, “muitos judeus concordavam com Isaías (XI:1) na descrição do Esperado, como um rei terreno, que iria nascer na casa real de Davi; outros, como os autores do Livro de Enoque e de Daniel, chamavam-lhe Filho do Homem, e pintavam-no como descido do céu. O filósofo dos Provérbios e o poeta do Livro da Sabedoria, talvez influenciados pelas idéias platônicas ou pela anima mundi dos estóicos, viam-no como a Sabedoria Encarnada” (107/216).

“Lá pelos anos 150 aC, começaram a aparecer os oráculos sibilinos, em que várias sibilas ou profetisas defendiam o Judaísmo contra o Paganismo, predizendo a vitória final dos judeus sobre os inimigos. Mas a idéia de um Deus Salvador provavelmente veio da Pérsia e da Babilônia” (107/217). “Velhos santos, como Simeão, e mulheres místicas, do tipo de Ana, passavam a vida ao redor do templo, jejuando, esperando e implorando a graça de verem o Redentor, antes que morressem. Uma grande expectativa tomava conta do coração dos homens” (107/219).

Na interpretação de Armond, “os dias se levantavam e deitavam no esplendor bárbaro e fascinante das diversões infundáveis. (...) Rumores estranhos circulavam, de boca em boca, de cidade em cidade, de nação em nação. penetrando todos os lugares e todos os corações; uma intuição maravilhosa e profunda, de alguma coisa extraordinária que estava para acontecer e que modificaria a vida do mundo. As sibilas e os oráculos eram ouvidos com mais respeito e reverência. (...) Foi quando Virgílio escreveu esta profecia memorável: “Vede como todo o mundo se abala; como se as terras e os vastos mares se exultam de alegria; com o século que vai começar...! O infante governará o mundo purificado” (79/106).

D) Os Exemplos Redtores de Jesus

Da manjedoura ao Calvário: Ensina Emmanuel que “a manjedoura e o calvário são lições maravilhosas, cuja claridade ilumina o caminho milenário da humanidade inteira; sobretudo seus exemplos e atos constituem um roteiro de todas as finalidades, no aperfeiçoamento da vida terrestre” (219/87).

Edgar Armond escreveu que: “o espírito glorioso e divino deu, assim, ao

mundodesde o seu nascer, um exemplo edificante de humildade e desprendimento; desejado de todos os povos, o reclamado por todos os corações, o anunciado por todos os profetas, em todas as línguas do mundo, nasceu, assim, quase ignorado, para que o Evangelho de renúncia e de fraternidade, que iria pregar mais tarde, recebesse, dele mesmo, desde os primeiros instantes, tão comovedores testemunhos” (79/106). “A promessa feita dos páramos etéreos de Capela, estava, pois, cumprida: ele desceu para trazer o auxílio prometido; para redimir, com sua presença, sua exemplificação e seus ensinamentos sublimes, as duas raças de homens – a de Capela e a da Terra” (79/106).

Seus exemplos foram únicos no planeta – Conforme Emmanuel, “cada povo fazia da religião uma nova fonte de vaidade, e muitos cultos do Oriente caminhavam para o terreno franco da dissolução e da imoralidade; mas o Cristo vinha trazer ao mundo os fundamentos eternos da verdade e do amor. Sua palavra, mansa e generosa, reunia todos os infortunados e todos os pecadores. Ele escolheu os ambientes mais pobres e mais desativados para viver a integridade de suas lições sublimes, mostrando aos homens que a verdade dispensa o cenário suntuoso dos areópagos, dos fóruns e dos templos, para fazer-se ouvir na sua misteriosa beleza” (219/108).

“Ele combateu, pacificamente, todas as violências oficiais do Judaísmo, renovando a Lei Antiga com a doutrina do esclarecimento, da tolerância e do perdão. Espalhou a mais clara visão da vida imortal, ensinando às criaturas que existe algo superior às pátrias, às bandeiras, aos sangues e às leis humanas. Sua palavra profunda, enérgica e misericordiosa, refundiu todas as filosofias, aclarou o caminho das consciências, e já teria irmanado todas as religiões da Terra, se a impiedade dos homens não fizesse valer o peso da iniquidade na balança da redenção (219/108)”. “De suas lições inesquecíveis decorrem conseqüências para todos os departamentos sociais e políticos da Humanidade, no sentido de se renovarem os institutos sociais e políticos da humanidade, com a transformação moral dos homens dentro de uma nova era de Justiça econômica e de Concórdia Universal” (219/109).

E) Mas os Judeus não o Reconheceram

A verdade é que, a despeito de todos os avisos proféticos, de todos os ensinamentos vindos do Mundo Invisível, os judeus não O reconheceram como sendo aquele prometido no Antigo Testamento. E acabaram por condená-lo à morte na cruz, acusado de heresias e de ter-se feito “filho de Deus”. Por isso mesmo, as Escrituras Judaicas só possuem o Antigo Testamento. Eles ainda aguardam a vinda do Messias prometidos pelos seus próprios profetas inspirados.

3.2.3 Jesus e a “Doutrina dos Seguidores de Cristo”

A) Os Seguidores de Jesus

Eles acreditavam que Jesus prometera ressuscitar, no terceiro dia, e, como ressuscitou, era verdade tudo o que ele ensinava. Jesus era mesmo o Messias

prometido, o Cristo de Deus, o Filho de Deus, prometido e esperado para salvar o povo judeu. E essas idéias iam-se expandindo, até que Paulo se converteu e cuidou de divulgá-las em suas Epístolas.

B) A Conversão de Paulo de Tarso

Foi no ano 35, portanto dois anos depois da morte de Jesus, que Paulo de Tarso ia, com seus companheiros, em direção à cidade de Damasco, e lhe ocorreu uma súbita visão: “Uma súbita luz brilhou no céu, e caiu sobre a Terra, e uma voz foi ouvida a dizer-lhes: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” — “Quem sois vós, Senhor?”, perguntou Paulo. E a voz respondeu: — “Sou Jesus...”. “Os companheiros de Saulo perderam a voz, mas não viram ninguém” (107/266); e, segundo Durant, “poucos dias depois Saulo entrava na Sinagoga de Damasco e declarava às Congregações que Jesus era o filho de Deus” (107/267).

C) Cristi-an-ismo, a doutrina dos seguidores de Cristo

Os seguidores de Jesus receberam o nome de “Cristãos”; e, etimologicamente, “Cristi-an-ismo” significa “doutrina dos seguidores de Cristo”, isto é, daqueles que acreditavam ser ele o Cristo de Deus, e não “a doutrina de Jesus, que seria Jesu-ismo”. Pouco a pouco, porém, o Cristianismo ia sendo consolidado, mesmo sofrendo influências de toda espécie.

D) Na verdade, Jesus foi tomado como “Cristo”

Valendo-se da tradição oral do Antigo Testamento e das palavras de Jesus, conservadas nas memória de seus contemporâneos, acabaram convertendo Jesus em Cristo, em Messias, em Salvador do Mundo. Vejamos o que diziam do “Messias” os textos do Antigo Testamento, arrolados pelo padre Matos Soares.

I) Em Isaías – “A Grande profecia da Virgem Mãe”-VI:14. Pois, por isso, o mesmo Senhor vos dará este sinal: uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será Emmanuel (...) 15) Ele comerá manteiga e mel, até que saiba rejeitar o mal e escolher o bem (...).

II) Em Jeremias – “O Reino Messiânico”- XIII:5. Eis que vêm os dias – disse o Senhor – em que suscitarei a Davi um germe justo, e reinará um rei que será sábio, e praticará a equidade e a justiça na Terra.

III) Em Miquéias – V-“Miquéias prediz que o Messias nascerá em Belém”-2. E tu, Belém (chamada) Efrata; tu és pequenina entre os milhares de Judá; mas de ti é que há de sair (o Messias), aquele que há de reinar em Israel, e cuja geração é desde o princípio. (...) 3) Por isso, Deus os abandonará, até o momento em que der à luz aquela (virgem) que há de dar à luz (o Dominador).

IV) Em Zacarias – IX-“O Messias, rei humilde e pacífico”- 9, Salta de alegria, ó filha de Sião; enche-te de júbilo, ó filha de Jerusalém. Eis que o teu rei virá a ti, justo e salvador; ele é pobre e vem montado sobre uma jumenta e sobre o potrinho da jumenta. 10) Então, exterminarei as carroças de Efraim e os cavalos de Jerusalém (...) e ele anunciará a paz às nações”.

Análise – Na nossa opinião, se retirarmos as expressões colocadas entre parênteses, pelo padre Matos Soares, o texto muda substancialmente, ficando vazio e sem significação. Afinal, Jesus nunca praticou o mal, “antes de escolher o bem”; não se chamou Emmanuel; nunca foi rei de Israel; nunca perseguiu os cavalos de Jerusalém.

E) Mas Jesus não era Deus

Na realidade, Jesus não era Deus, logo ele não fazia milagres, nem podia conferir tais poderes aos seus discípulos. Jesus era uma pessoa diferente de Deus; e ele próprio se dizia intermediário entre Deus e os homens. Ora, a qualidade de intermediário, de Messias ou de Enviado, segundo Kardec, mostra que Jesus não era Deus. Não sendo Deus, Jesus não redimiu os pecados humanos. As lições e os exemplos de Jesus são redentores, na medida em que nos mostram os caminhos para conquistarmos nossa auto-redenção, pelos próprios esforços. Mas as circunstâncias daquele momento histórico, as tradições orais, os textos do Velho Testamento, tudo isto em conjunto, fomentou a crença de que Jesus era o Verbo Encarnado, o Redentor e Salvador do Mundo!

3.2.4. Paulo e sua Influência no Novo Testamento

A) Foi Paulo quem nos Introduziu no Novo Testamento

Romano Guardine, prefaciador do livro “As Origens da Bíblia”, de Alfred Läßle, mostra que “quem realmente nos fez penetrar no mundo do Novo Testamento, não foram os Evangelhos Sinópticos, nem o Evangelho de São João, mas foi Paulo, com suas Epístolas; ele foi o único apóstolo que não chegou a ver Jesus; e quando ele constrói a imagem de Jesus, vai buscá-la nas mesmas fontes que nós” (53/105).

Paulo nasceu na Sicília, em Tarso, lá pelo ano 10 da nossa era; de família judaica. Ele não conheceu Jesus pessoalmente. Ele só foi convertido em 35, dois anos depois da morte de Jesus.

B) Mas em que se baseou a Teologia de Paulo?

Will Durant nos ensina que “já os antigos judeus compartilhavam, como os cananitas, os moabitas, os fenícios, os cartagineses e outros povos, o costume de sacrificar uma criança, mesmo o filho amado, para apaziguar a ira do céu. E, com o tempo, a vítima passou a poder ser substituída por um criminoso condenado à morte. (...) A oferta de um cordeiro ou de um cabrito, na Páscoa, foi um passo civilizado na mitigação dos velhos sacrifícios humanos”. (107/275).

As dúvidas teológicas de Paulo – “Paulo não podia atender às incômodas questões de saber por que razão, sendo Deus, Cristo se deixara matar pelos homens. E concluiu que o Cristo tinha morrido para redimir o mundo, condenado pelo pecado de Adão; que ele tinha de morrer para romper os laços da morte e abrir as portas do céu aos mortos e a todos os que fossem tocados pela graça de Deus”. (107/276).

C) A verdadeira teologia de Paulo

Ensina Will Durant: “Influenciado talvez pela denúncia platônica e estoica do corpo e da matéria como um mal; ecoando talvez o velho costume judaico e pagão de sacrificar um bode expiatório para o resgate do pecado do povo, Paulo criou uma teologia sem quase nenhum apoio nas palavras de Cristo: a de que cada homem nascido de mulher herda, ao nascer, o pecado de Adão, e só poderá ser salvo da condenação pela morte expiatória do Filho de Deus” (107/276).

“Eram idéias mais agradáveis aos pagãos do que aos judeus: de longa data haviam o Egito, a Ásia Menor e a Hélade admitido deuses, como Osíris, Átis, Dionísio, que foram mortos para a redenção da humanidade. A essas deidades se aplicavam os títulos como “soter (o salvador)” e “Eleutherios, o (libertador)”; e até a palavra “Kyrio” (o Senhor), que Paulo aplicava a Cristo, era o mesmo título dado a Dionísio, nos seus cultos greco-romanos. Os pagãos da Antioquia e das outras cidades gregas, que jamais haviam visto Jesus em pessoa, só o poderiam aceitar à maneira dos deuses gregos, isto é, como salvadores e redentores” (107/276).

Portanto, na realidade, Jesus foi tomado como Cristo e foi convertido em “Salvador e Redentor” dos seres humanos. Suas curas magnéticas foram tomadas a conta de milagres, o que endossava a crença de que ele era o Filho de Deus encarnado na Terra. E Roma, tão distante da Palestina, monopolizou a “religião nascente”, para convertê-la no Cristianismo e divulgá-lo em todos os territórios dominados pelo Império Romano.

D) As viagens missionárias de Paulo

Cerca de dez anos após sua conversão, isto é, por volta do ano 45 de nossa era, Paulo iniciou suas viagens missionárias, em número de quatro; além disso, começou a escrever suas Epístolas, ou cartas, divulgando e ensinando os fundamentos de sua própria fé em Cristo.

E) As 14 Epístolas Paulina

Para o padre Matos, as Epístolas não eram cartas logicamente organizadas, mas cartas pessoais, através das quais Paulo levou a todos os cantos a sua crença e pregação, contribuindo decisivamente para estabelecer e consolidar a doutrina nascente. Elas foram escritas, mais ou menos, na seguinte ordem:

I) As Epístolas escritas na 2ª e 3ª viagem missionárias de Paulo: a I e II aos Tessalonicenses, escritas em Corinto, entre 52-54; a I aos Coríntios, escrita em Éfeso, em 57; a II aos Coríntios, escrita em Filipos; em 57; a Epístola aos Gálatas e aos Romanos, de Corinto, em 57;

II) Epístolas escritas no seu primeiro cativeiro: Aos Filipenses, aos Efésios, aos Colossenses e a Filémon, de Roma, em 62;

III) Epístolas escritas entre o primeiro e o segundo cativeiro: Aos Hebreus, da Itália, entre 63-64; a I a Timóteo, da Macedônia, em 64-65; a Epístola a Tito, da Macedônia, 64-65;

IV) Epístolas escritas durante seu último cativeiro: II a Timóteo, em Roma, no ano 65 (04/1451).

3.2.5. A Redação dos Textos Neotestamentários

A) Jesus não deixou nada escrito

Ora, Jesus não deixou nada escrito; por isso, tudo o que disseram dele as Epístolas e os Evangelhos representam opiniões pessoais de seus escritores. E nós já vimos que Paulo, que nos introduziu no mundo do Novo Testamento, só foi convertido dois anos depois da morte de Jesus. Sua crença pessoal, como a dos evangelistas, foi alterada

pelas opiniões religiosas predominantes.

O mais antigo escrito original foi mil vezes copiado, traduzido e comentado, sofrendo modificações teológicas, acomodações ideológicas e até adulterações, conscientes ou inconscientes.

O prof. Carlos Peppe, em “Espiritismo 2º Século”, observa que “as fontes de informação tornam-se um tanto imprecisas, e muitos pormenores diluem-se num clima de incertezas bastante incômodas. Infelizmente, nesse lapso de tempo, muitas anotações sobre o Messias foram distorcidas, desfiguradas ou adulteradas, enquanto outras, para infortúnio dos pesquisadores, levantam suspeição de falsidade” (208/180). “Essa catequese oral original seguia-se de anotações fragmentárias, alicerçadas em máximas e nos fatos decorridos no cotidiano. Mas esta literatura subordinou-se à memória dos pregadores, que procuravam uniformizar, de alguma sorte, suas prédicas. Papias, de Hierópolis, disse que “Mateus reuniu as “logias” de Jesus em língua Hebraica, e cada um traduziu como desejava” (208/190).

Assim, é perfeitamente natural encontrarmos, no Novo Testamento, e até mesmo nos Evangelhos, Atos e Epístolas, palavras atribuídas a Jesus que nos parecem incoerentes, contraditórias e absurdas.

B) Um “Evangelium” antes dos Evangelhos

Alfredo Läßle escreveu: “por motivos diversos, com o correr dos tempos, muitas coleções de parábolas, discursos e milagres de Jesus foram surgindo; na sua maioria, eram organizados de acordo com sistema bem determinado, a fim de serem facilmente lidas e aprendidas” (53/97). “Entretanto, antes de serem redigidos por escrito os Evangelhos, houve um “Evangelim” multiforme, geralmente oral, e só aqui e ali colocado por escrito. Foi desse fundo que nossos evangelistas tiraram o material; e só lá pelos anos 40 a 50 essas tradições orais foram coligidas por escrito, passando a constituir o material de que se serviram os evangelistas para escrever os 4 Evangelhos” (53/98).

C) Quando e por quem foram escritos os Evangelhos?

1) O Evangelho de São Mateus – Padre Matos Soares afirma que este Evangelho foi escrito em hebraico e se dirigia aos hebreus; seu autor, Mateus, foi testemunha ocular e contemporâneo de Jesus; e deve ter sido escrito entre 42-48, sendo sua tradução para o grego feita pelo próprio autor (04/1177);

2) O Evangelho de São Marcos – Seu autor foi batizado por Pedro; e esse Evangelho foi escrito, provavelmente em Roma, no ano 44, em língua grega, com o objetivo de demonstrar aos gregos que Jesus era o Filho de Deus (04/1218);

3) O Evangelho de São Lucas – Escrito pelo médico Lucas, natural de Antioquia e convertido ao Cristianismo graças às pregações de Paulo. Ele foi escrito antes dos Atos, também de autoria de Lucas, porque supõem a existência daquele; deve ter sido escrito entre 55-60 (04/1242).

4) Evangelho de São João – Segundo o padre Matos, João era filho de Zebedeu e de Salomé; natural de Betsaida e pescador no Lago de Genasaré, era irmão de Tiago, o Maior. Ele acompanhava João Batista e foi discípulo predileto do Divino Mestre. A Igreja o admite, também, como autor do Apocalipse, no final do século, quando já estava com a idade avançada (04/1282).

Os Evangelhos Sinópticos – Os três primeiros Evangelhos são chamados de

sinópticos, porque fornecem uma sinopse (visão geral) dos mesmos acontecimentos, e têm todos o mesmo plano comum; trazem, em conjunto, uma mensagem evangélica aos homens não espirituais; ao passo que o Evangelho de São João traz uma mensagem espiritual para os cristãos (71/231).

D) Mas por que 4 Evangelhos?

Myer Pearman informa que havia, nos tempos apostólicos, quatro correntes de pessoas: os judeus, os romanos, os gregos e a igreja (formada daquelas três classes de pessoas). Cada evangelista escreveu para uma dessas classes, adaptando o seu caráter às necessidades e idéias deles (71/229). Por isso, um só Evangelho não seria suficiente para os vários aspectos da personalidade de Jesus. E, assim, cada evangelista o viu e o descreveu sob diferentes aspectos (71/230).

1) Mateus – Segundo Padovani e Castagnola, sabendo que os judeus esperavam ansiosamente a vinda do Messias, prometido no Velho Testamento, Mateus apresenta Jesus como sendo esse Messias, destinando o seu Evangelho ao ambiente palestino (42/133). E, de acordo com o padre Matos, “o objetivo de Mateus era demonstrar que Jesus era o Messias prometido, por isso, é preciso que se aceite a sua Lei e a sua Igreja” (04/1177). Myer Pearman disse que Mateus apresentou Jesus como sendo o único prometido; e, por meio de numerosas citações do AT, Mateus mostra o que deverá ser o Messias esperado (71/232).

2) Marcos – Para Padovani e Castagnola, foi discípulo de Jesus e escreveu o seu Evangelho em grego, destinado a um público não-palestino (42/133). Para o padre Matos, “o objetivo de Marcos era demonstrar que Jesus é o Filho de Deus”; e seu Evangelho foi escrito em Roma, provavelmente em 44 (04/1218).

3) Lucas – No dizer de Padovani e Castagnola, Lucas não foi discípulo de Jesus; era companheiro de Paulo, que o chamava “caro médico”; e foi convertido pelas pregações de Paulo (portanto —, muito depois da morte de Jesus!). Seu Evangelho foi escrito antes dos Atos, provavelmente entre 55-60 (04/1218). Pearman diz que Lucas escreveu para um povo culto – o grego – cujo ideal era o homem perfeito, e mostrou Jesus como sendo esse ideal” (71/230).

4) João era discípulo direto de Cristo e um dos 12 apóstolos – observam Padovani e Castagnola; foi o predileto do Mestre e testemunha de sua vida e morte (42/134). Era hebreu, morou na Palestina e foi discípulo de João Batista; escreveu seu Evangelho em Grego, destinado aos gentios (04/1282). Ele mostra Jesus como “Filho de Deus”, e apresenta – diz Pearman – as verdades profundas acerca da Divindade de Cristo e do Espírito Santo (71/229).

E) Os Livros Apócrifos do Novo Testamento

Apócrifos são aqueles livros que, depois de serem aceitos como oficiais, depois de um certo tempo, foram considerados falsos, ou não inspirados, nem canônicos; por isso, excluídos dos atuais livros neotestamentários. Desse modo, além dos livros contidos no NT, muitos outros apareceram e foram, mais tarde, dele retirados. Os que atualmente compõem o Novo Testamento são apenas aqueles escolhidos e declarados oficiais pela Igreja Católica.

1) Os Evangelhos Apócrifos – houve o Evangelho Segundo os Hebreus; Evangelho dos Egípcios; Evangelho dos Ebionitas; Evangelho de Pedro; Protoevangelho de Tiago;

Evangelho de Tomé; Evangelho de Felipe; Evangelho de Tiago; Evangelho de Bartolomeu; Evangelho de Nicodemos; Evangelho de Gamaliel; e Evangelho da Verdade (64/45).

2) As Epístolas Apócrifas – Epístola I de Clemente; as 7 Epístolas de Inácio; Epístola dos Efésios; aos Magnésios; aos Trálios; aos Romanos; aos Filadélfios; aos Esmirnenses e a Policarpo; Epístola de Policarpo aos Filipenses; Epístola de Barnabé (B. Bittencourt, 64/45).

3) Os Atos Apócrifos – Atos de Paulo (e Tecla); Atos de Pedro; Atos de João; Atos de André; Atos de Tomé (64/45).

4) Apocalipses apócrifos – Apocalipse de Pedro; o Pastor de Hermas; apocalipse de Paulo; de Tomé e de Estevão (64/45).

3.3.0. O Atual Texto do Novo Testamento

3.3.1. Os Evangelhos em Perspectiva

A) Da Anunciação ao Templo Judaico

I) Texto – Lucas – I:5, Houve, nos tempos de Herodes, um sacerdote chamado Zacarias (...) 7) e não tinha filhos, porque Isabel era estéril, e ambos se achavam em idade avançada. 11) E apareceu-lhe o anjo do Senhor (...) 13) (...) tua mulher Isabel te dará um filho, e por-lhe-ás o nome de João: 15) porque ele será grande diante do Senhor (...) e será cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe; 17) e irá adiante dele com o espírito e a virtude de Elias (...)

Análise – Evidentemente, para que João nascesse “com o espírito e a virtude de Elias”, falecido no século VII aC, só usando o espírito de Elias em um novo corpo, em uma nova reencarnação. Aliás, em Mateus XVII:10, o próprio Jesus iria confirmar: “Este é o Elias que há de vir”.

II) Texto – Anunciação de Marias – Lucas-I:26, E (estando) Isabel no sexto mês, foi enviado por Deus o Anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, 27) a uma virgem desposada com um varão que se chamava José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria, 28) e, entrando, o anjo lhe disse: (...) 31) eis que conceberás no teu ventre e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus. 34) E Maria disse ao anjo: como se fará isto, pois não conheço varão? 35) E, respondendo, o anjo lhe disse: O Espírito Santo descera sobre ti (...) E, por isso mesmo, o Santo, que há de nascer de ti, será chamado “Filho de Deus”.

Análise – Maria não deve ter entendido o que o anjo dizia, pois o dogma da SST só foi estabelecido mais tarde, no Concílio de Nicéia, de 325 dC. Seria possível a uma entidade espiritual fecundar um organismo feminino?

III) Texto – Nascimento de Jesus – Mateus-I:18, (...) Maria, desposada com José, achou-se ter concebido antes de se coabitarem. 19) E José não a querendo difamar, resolveu deixá-la secretamente. 21) (...) um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos (...) “Não temas receber Maria como sua esposa, porque o que nela foi concebido é obra do Espírito Santo. E dará à luz (...) Jesus, porque ele salvará o mundo (...) dos

seus pecados. 22) (...) para que se cumprisse o que foi dito pelo Senhor, por meio do profeta. (...) 23) “Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamarão Emmanuel, que quer dizer Deus conosco”. 24) E, despertando José do sono, fez como lhe tinha mandado o anjo do Senhor, isto é, recebeu (Maria por) sua esposa. 25) E não a conhecia até o dia em que ela deu à luz seu filho primogênito.

Análise – Mateus tinha uma preocupação exagerada de estabelecer uma analogia entre “o Messias prometido no Antigo Testamento” e o “nascimento de Jesus”. Entretanto, não podemos afirmar que, em Isaías XIV, ele se referisse a uma virgem, no sentido atual da palavra, mas sim uma mulher que “ainda não deu a luz”.

Igualmente, o texto de Mateus I:21 foi traduzido, na Vulgata Latina e na Bíblia em Italiano “salvará o seu povo dos seus pecados” e não “salvará o mundo”.

Contudo, no texto supracitado, se depreende que a gravidez de Maria já se fazia visível. Portanto, já havia passado muito tempo depois de seu casamento com José, embora não tivessem ainda coabitado. Será que, no Oriente, onde as mulheres ainda submissas aos maridos, teria esse fato acontecido mesmo?

De Mat. I:18, conclui-se que tendo se despertado, José coabitou com sua esposa Maria. O vs-25 também conta que José e Maria coabitaram: ele não a conhecia até o dia em que ela deu a luz seu filho primogênito”, indicando que Jesus nasceu primeiro que os outros irmãos. O Evangelho de Mateus foi escrito entre 42-48, ou seja, uma década depois da morte de Jesus, e era impossível que Mateus não soubesse que Maria tivera outros filhos além de Jesus.

Se Maria iria coabitar com seu marido, por que deveria ela ser fecundada pelo Espírito Santo? Por que negar que Maria tenha sido uma esposa cumpridora dos deveres conjugais? Por que inventar, para Jesus, um nascimento sobrenatural? Negar que Maria e José tenham coabitado, ou que eles tivessem outros filhos, é dar prova de que não leu os textos neotestamentários, ou não os entendeu, ou não acredita neles.

Evidentemente, nenhum demérito ou desrespeito à venerável mãe de Jesus o fato de ter coabitado com seu esposo e de ter tido outros filhos e filhas, além de Jesus. É lógico que, para receber e transportar Jesus em suas entranhas, ela era merecedora disso. No correr dos tempos, a Igreja decretou que Maria não coabitou com José, não teve outros filhos, foi concebida sem a mancha do pecado original e, finalmente, que foi a “mãe de Deus” (Concílio de Éfeso, 531).

Na nossa humilde opinião, Maria era tão pura e venerável, que não necessitava de nossas “acomodações e mentiras teológicas”, para merecer o respeito e a veneração da humanidade inteira. Arranjos teológicos como aqueles só serviram para trazer a dúvida e a hipocrisia na mente dos fiéis.

IV) Texto – A Religião dos pais de Jesus – Lucas-II:21, E depois que se completaram 08 dias para ser circuncidado o menino, foi-lhe posto o nome de Jesus, como lhe tinha chamado o anjo (...) 22) e concluídos os dias da purificação de Maria, segundo à Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor, 23) segundo o que está escrito na Lei do Senhor: Todo varão primogênito será consagrado ao Senhor”. 39) E, depois que cumpriram tudo (...) voltaram para a Galiléia, para a cidade de Nazaré.

Análise – O anjo que teria falado, através de Isaías, disse que ele se chamaria

Emmanuel; entretanto, puseram-lhe o nome de Jesus. Por que? Afinal, Jesus iria salvar “o mundo” ou “o povo de Israel”? Não seria o mesmo anjo? A verdade é que, José e Maria eram da religião judaica, e nela permaneceram até à morte de Jesus. Por que haveria Jesus de fundar uma nova religião?

V) Texto – Os primeiros a visitarem menino-Jesus – De acordo com Mateus-II: 1, (...) nascido Jesus, em Belém de Judá, reinando Herodes, eis que uns magos chegaram do Oriente a Jerusalém, 2) dizendo: Onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer. Porque nós vimos a sua estrela, no Oriente, e viemos a adorá-lo. 3) E ouvindo isso, o rei Herodes turbou-se (...) 4) (...) e perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. 5) E eles disseram: Em Belém de Judá, porque assim foi escrito pelo profeta. (...) 7) Então, Herodes (...) 8) enviando-os a Belém, disse: Ide e informai-vos bem acerca do menino e, quando o encontrares, comunicai-me, a fim de que também eu o vá adorar. 9) E eles partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que, chegando sobre o lugar onde e estava o menino, ela parou. 11) E, entrando na casa, encontraram o menino com Maria e, prostrando-se, o adoraram; e abriram seus tesouros, lhe ofereceram presentes (de) ouro, incenso e mirra. 12) E, tendo recebido aviso, em sonhos, para não tornarem a Herodes, voltaram, por outro caminho, para o seu país.

Lucas-II:6, E, estando ali, Maria...7) deu à luz seu filho primogênito. 8) Ora, naquela região havia uns pastores que velavam e faziam, de noite, a guarda do seu rebanho. 9) (...) apareceu diante deles um anjo do Senhor. (...) 11) Nasceu, na cidade de Davi, um Salvador, que é o Cristo do Senhor. 16) E foram, e encontraram Maria e José, e o menino deitado na manjedoura.

Análise – Os dois evangelistas narraram, de formas diferentes, o mesmo acontecimento, aliás, o mais importante acontecimento registrado no Novo Testamento. Poderia o leitor, mesmo com pequenas noções de astronomia, acreditar – hoje – que uma estrela iria à frente, conduzindo alguém, e, depois, parasse, repentinamente, para mostrar o local procurado?

Será que Herodes também aguardava a vinda do rei dos Judeus? Ora, se ele acreditasse na vinda de “Cristo”, um emissário divino, provavelmente não teria ordenado, em seguida, a matança dos menores de dois anos. Qual evangelista narrou o fato com precisão e fidelidade? E, se o menino estava em uma “casa”, por que o teriam deixado nascer em uma “manjedoura”, ou local para alimentar animais?

Eram os primeiros a visitarem o menino-Jesus, 3 reis, 3 magos ou 3 pastores daquela mesma região? Como poderia esse fato em particular ser descrito de maneira tão diversa? A Vulgata Latina usa, aqui, a expressão “3 magi”, que é o plural da palavra latina “magus”, que possui três significações: 1) nome próprio de homem; 2) mago, mágico, homem da magia; 3) mago, feiticeiro, sacerdote (entre os persas).

Na sua tradução para o Português, o padre Matos Soares traduziu “uns magos”. Porém haveria, em algum lugar, três pessoas que fossem, ao mesmo tempo, reis e feiticeiros? Podemos admitir que, principalmente naqueles tempos inseguros e perigosos, três reis viajassem juntos, em um país estrangeiro? A única coisa em que podemos acreditar é que Baltasar, Belchior e Gaspar eram estrangeiros, vieram de um país do Oriente e para lá voltaram em seguida, sem passarem pelo rei Herodes.

Como, pois, entender, nos presépios modernos, a presença simultânea de três reis, três magos e três pastores, além das ovelhas?

Em sua monumental “História das Religiões”, Charles Potter ensina que “no Evangelho de São Mateus, encontramos a história de que os primeiros a visitarem o menino-Jesus foram “os homens sábios do Oriente”, os quais afirmavam ter visto a estrela, e, assim, partido para adorá-lo. A designação de “homens sábios” foi traduzida para o grego como “magi”, o que nos habilita a identificar aqueles dignos viajantes como sendo sacerdotes zoroastrianos. O mesmo vocábulo é empregado em Ester-I, para designar os “sete homens sábios da Pérsia” (166/98). Os três sacerdotes do zoroastrismo vieram visitar o menino-Jesus, na esperança de que ele fosse o deus Mitras, filho de Ahura-Mazda, tão longamente esperado pelo zoroastrismo” (166/98).

VI) Texto – A matança dos menores de dois anos – Mateus-II:16, Então, vendo Herodes que tinha sido enganado pelos magos, irou-se em extremo, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém e em seus arredores, da idade de 2 anos para baixo, segundo à data que tinha sido averiguada dos magos. 17) Então se cumpriu o que estava predito pelo profetas Jeremias: “Uma voz se ouviu, em Rama, grandes prantos e lamentações”.

Análise – Não vemos qualquer relação entre as palavras atribuídas a Jeremias e a morte dos menores, ordenada por Herodes. Porém eu fico em dúvida se toda aquela população se submeteu, pacificamente, ao cumprimento da ordem real. A fim de salvarem seus próprios filhos, não teriam outros pais e mães denunciado o menino verdadeiro? Ou seriam os seres humanos daquela época diferentes dos atuais?

VII) Texto – Por que Jesus era chamado de “o Nazareno”? – Mateus-II:19 (...) morto Herodes, o anjo do Senhor apareceu, em sonhos, a José, no Egito. 20) (...) vai para a terra de Israel, porque morreram os que procuravam a vida do menino. 21) (...) e foi (...) 22) Mas (...) Arquelau reinava na Judéia (...) e, avisado em sonhos, retirou-se para a Galiléia. 23) (...) habitou em Nazaré, cumprindo o que tinha sido predito pelo profeta: “será chamado Nazareno”.

Análise – Na nossa opinião, não foi esse o motivo de ter sido Jesus chamado de Nazareno. No Antigo Testamento, a lei ordenava que “o primogênito fosse consagrado ao Senhor”, deixando os cabelos compridos. O que causa dúvida é o equívoco daquele anjo, que ignorava Arquelau em Israel. Acaso não era ele um “anjo do Senhor”? Ou não seria o texto fiel?

VIII) – Texto – Jesus no templo judaico – Segundo Lucas, II:42, E quando chegou aos 12 anos, indo ele a Jerusalém, segundo os costumes daquela festa, 43 (...) ficou o menino em Jerusalém, sem que seus pais o advertissem. 44) E, julgando que ele fosse na comitiva (...) procuraram-no entre os parentes e conhecidos. 45) E, não o encontrando, voltaram a Jerusalém, em busca dele. 46) (...) três dias depois, o encontraram no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os.

Bíblia comparadas: Diz a Bíblia protestante: bs-43, ficou o menino em Jerusalém, e não o souberam os seus pais.

Análise – Até aqui, Jesus pertencia à religião judaica, mas foi esquecido pelos seus pais, que só o encontraram três dias mais tarde. Seria algum leitor capaz de esquecer-se de um filho de doze anos e só encontrá-lo três dias depois?

IX) Os 18 anos silenciosos de Jesus – Os textos neotestamentários guardam

absoluto silêncio sobre a vida de Jesus, dos doze aos trinta anos. Entretanto, há escritores que afirmam ter Jesus vivido esses dezoito anos entre os essênios, no Egito, e lá aprendido com eles.

B) Do Batismo de Jesus à sua Tentação pelo Demônio

I) Texto – As pregações de João Batista – Mateus-III:1, Naqueles dias, apareceu João Batista, pregando no deserto da Judéia, 2) e dizendo: fazei penitência, porque está próximo o reino dos céus. 3) Porque este é (o homem) de quem falou o profeta Isaiás. 13) Então, foi Jesus (...) para ser batizado por ele.

Análise – Naquele tempo, não havia, na religião judaica, a cerimônia de batismo, mas apenas a de purificação, consagração do primogênito no oitavo dia etc. Porém, sem sair do Judaísmo, João Batista (etimologicamente, João, aquele que batiza) batizou Jesus aos trinta anos.

II) Texto – Jesus é tentado pelo demônio – Mateus-IV, 1, Então Jesus foi conduzido pelo Espírito (Santo) ao deserto, para ser tentado pelo demônio. 2) E, tendo jejuado 40 dias e 40 noites, depois teve fome. 3) E, aproximando-se (dele) o tentador (...) 9) Tudo te darei se, prostrado, me adorares. 10) Vai-te, Satanás (...) 11) Então o demônio o deixou (...) e os anjos se aproximaram e o serviram.

Lucas-IV:1, Jesus, pois, cheio do Espírito Santo, partiu do Jordão e foi conduzido pelo Espírito ao deserto 2) (onde esteve) 40 dias, e era tentado pelo demônio. (...) 5) E o demônio o conduziu a um alto monte e (...) 13) E esteve lá 40 dias e 40 noites; e era tentado por Satanás; e as feras estavam com ele, e os anjos o serviam.

Bíblia comparadas – A Vulgata Latina e a Bíblia protestante ensinam, em Mat-IV:1, então Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Em Lucas-IV:1, a Vulga Latina traz: cheio do Espírito Santo, regressou do Jordão e é agitado em espírito para o deserto”.

Análise – De que teria adiantado a Jesus ficar 40 dias e 40 noites, em jejum, se, mesmo assim, o demônio o tentou? Haveria, em pleno deserto, feras ao lado de Jesus? E por que não o serviram os anjos, antes de terminada aquela tentação? Que espírito era aquele que conduziu Jesus ao deserto para ser tentado pelo demônio? Era o Espírito Santo ou o espírito de um desencarnado?

Para quem acredita na teologia da Santíssima Trindade, isto é, em Deus composto de três pessoas distintas – pai, filho e espírito santo – uma parte de Deus (o ES), com a permissão de outra parte (Deus-pai), conduzindo a outra parte (Deus-filho) ao deserto para ser tentado pelo adversário comum (o demônio)? Que ascendência moral ou espiritual possuía o demônio sobre Deus, a ponto de obrigá-lo a submeter-se à tentação? E o que teria acontecido, se Deus-filho houvesse fracassado? Acaso não detém Deus o governo do universo e do futuro de suas próprias criaturas? A teologia da tentação de Jesus pelo demônio é uma aberração filosófica, uma agressão à dignidade humana e uma blasfêmia a Deus.

Na realidade, só muito depois desse episódio, Jesus prometeu enviar o “Espírito Santo ou Espírito da Verdade”; portanto, ele ainda não devia existir. E, não fossem as decisões tomadas durante o Concílio de Nicéia, em 325 dC, a teologia da Santíssima Trindade sequer seria atualmente admitida. Não existe um nem milhões de demônios, mas espíritos ignorantes e maldosos, que ainda se comprazem na prática do mal.

Porém nenhum deles tentou Jesus Cristo.

A concepção de “demônio” veio do “dualismo persa” ou “doutrina dos dois princípios”, ensinada na Pérsia e divulgada pelo zoroastrismo. Segundo Zoroastro, Arihman era o “adversário” do deus Ahura-Mazda; mas os judeus o tomaram como “Satanás”, que também significa “adversário”, e o passaram ao Cristianismo como “demônio”. Desse modo, vemos que sequer os Evangelhos podem ser considerados autênticos ou de origem fielmente divina.

C) Jesus Inicia seu Ministério Apostólico

1) Texto – A convocação dos primeiros discípulos – Mateus-IV:18, a vocação dos 4 pescadores. Mateus-I:16, Convocação dos primeiros discípulos – Mateus-IV:1, os poderes dados aos discípulos, E convocados os 12 discípulos, deu-lhes Jesus poder sobre os espíritos imundos, para os expelirem, e curarem todas as doenças e todas as enfermidades. 8) Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios. 19) E quando vos entregarem, não cuideis com o que haveis de falar (...) 20) Pois vos será inspirado o que haveis de dizer.

Bíblia comparadas – Diz a Bíblia em Espanhol, vs-10, o espírito de vosso Pai que fala em vós.

Lucas-X:17, E os 72 voltaram alegres. (...) 18) Senhor, até os demônios nos submetem, por virtude do teu nome. 19) Eis que vos dei poderes de calçar serpentes e escorpiões, e de (vencer) todas as forças do inimigo; e nada vos fará dano.

Bíblia comparadas – Dizem as Bíblias protestante, a Francesa e a The Bible: “e voltaram os 70 com ele”. No vs-18, a Bíblia protestante afirma: “Eu vi Satanás como um raio cair do céu”.

Marcos-XVI:17, E eis os milagres que acompanharão os que crêem: expulsarão demônios em meu nome; falarão novas línguas; 18) manusearão serpente: e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal; imporão suas mãos sobre os enfermos e eles serão curados.

João-XIV:12. (...) aqueles que crêem em mim, farão também as coisas que eu faço e farão outras ainda maiores.

Análise – Jesus teria concedido aos seus discípulos poderes para operarem milagres. Ora, conforme a Teologia, “milagre é a derrogação total ou parcial de uma lei”. Portanto, só Deus pode revogar suas próprias leis para fazer qualquer milagre (ou privilégio); Jesus não possuía tais poderes e nem poderia concedê-los aos seus discípulos.

No “Evangelho Segundo o Espiritismo”, os Espíritos ensinaram, no capítulo XIX “Ora, o que eram esses milagres, senão efeitos naturais cuja causa era desconhecida dos homens de então, mas se explicam em grande parte hoje, e que se compreenderá completamente pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo? O Magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação: é pela fé que ele cura e produz esses fenômenos estranhos que, outrora, eram qualificados de milagres” (204/XIX-12).

II) Os endemoninhados que se chamavam “legião”

Texto – Mateus-VIII: 28, Saíram-lhe ao encontro dois endemoninhados, que saíram dos sepulcros, e eram tão furiosos que ninguém ousava passar por aquele caminho. 31) E os demônios rogavam-lhe, dizendo: se nos expulsa daqui, manda-nos

para aquela manada de porcos". 32) (...) Ide. E eles, saindo, entraram nos porcos e, imediatamente, toda a manada se precipitou, com ímpeto, no mar, por um despenhadeiro; e morreram nas águas.

Lucas – VIII-27, (...) foi ter com ele um homem que tinha um demônio há muito tempo, e que não vestia roupa alguma, nem habitava em casa, mas no sepulcro. 30) Que nome é o seu? Ele respondeu: Legião, porque tinha entrado nele muitos demônios. 31) E estes pediram-lhe que não os mandasse para o abismo (do inferno). 32) Ora, andava por ali, pastando no monte, uma grande vara de porcos; e rogavam-lhe que lhes permitisse entrar neles. E Jesus lhe permitiu. 33) (...) e entraram nos porcos; e logo a vara se precipitou, com ímpeto, por um despenhadeiro no lago, e se afogou.

Marcos – V:2, (...) um homem, de posse de um espírito imundo, 3) o qual tinha seu domicílio nas sepulturas, e nem com cadeias o podia alguém já ter preso; 6) vendo, porém, Jesus de longe, correu e o adorou. 9) (...) o meu nome é legião, porque somos muitos. 10) (...) e entraram nos porcos, e a vara, que era de cerca de 2.000, precipitou-se no mar, onde todos se afogaram.

Análise – O mesmo fato foi diferentemente narrado pelos três evangelistas. Afinal era um ou eram dois homens? Eram demônios ou espíritos desencarnados que entravam nele? Se ninguém poderia prendê-lo, teria sido o próprio demônio quem o levou ao encontro de Jesus, lançar-se aos seus pés e a adorá-lo? Será um só demônio suficiente para tomar, ao mesmo tempo, o corpo de 2000 pessoas, ou de entrar em 2000 porcos?

Ora, segundo a teologia cristã, depois da morte, a alma é julgada, imediatamente, no Juízo Particular, onde tem sua sorte definitiva e inapelavelmente decidida, para todo o sempre – para o céu ou para o inferno, sendo que as que forem para o purgatório poderão sair de lá somente em direção ao céu. O que, pois, estaria um demônio fazendo em cima de uma sepultura? O que esperava ele conseguir ali? Não é mais lógico e racional pensar que eram espíritos desencarnados que ali tinham sido sepultados? Foi um espírito desencarnado ou o próprio demônio quem se ajoelhou aos pés de Jesus e o adorou? Acredita alguém que Jesus causaria semelhante prejuízo financeiro ao proprietário daqueles porcos, ou que, matando os porcos, estaria matando também os demônios? O fato não aconteceu, mas foi inventado no correr dos séculos, ou aconteceu, mas foi diferente da forma acima narrada.

D) Os Irmãos e Irmãs de Jesus

I) Texto – Vários textos neotestamentários falam dos irmãos de Jesus. Em Mateus-XIII:55, Porventura, não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua Mãe Maria, e seus irmãos Tiago e José, Simão e Judas? 56) E suas irmãs não vivem todas entre nós?/ Lucas-VIII:19, E foram ter com ele a sua mãe e seus irmãos e não podiam aproximar-se dele, por causa da multidão./ Marcos-III:32, (...) tua mãe e teus irmãos te buscam lá fora./ João-II:12, Depois disso, foi para Cafarnaum, ele e sua mãe e seus irmãos./ Epístola I Coríntios-IX:5, (...) não temos nós o direito de levar, por toda parte, uma mulher irmã, como também os outros apóstolos, e os irmãos do Senhor e Cefas?

Análise – Ninguém que verdadeiramente conheça os textos bíblicos supracitados poderá negar que Jesus tenha tido irmãos e irmãs. Negar isso seria dar provas de que não leu o texto, não o entendeu ou não acredita nele.

II) Texto – Quem era Jesus? Mateus-XVI:13, (...) ele interrogou os seus discípulos, dizendo: quem — dizem os homens — que é o Filho do Homem? 14) (...) uns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas. 16) Pedro disse: Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo. 18) E eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. 20) Então, ordena a seus discípulos que não dissessem a ninguém que ele era Jesus, o Cristo (o Messias). 23) Ele, voltando-se para Pedro, disse-lhe: retira-te de mim, Satanás; tu me serves de escândalo, porque não tens a sabedoria das coisas de Deus.

Bíblias comparadas – A Bíblia em Espanhol, vs-18, as portas da morada dos mortos não prevalecerão contra ela.

Análise – Pedro chamou Jesus de “Cristo, Filho de Deus”, mas ele não gostou ou não concordou; por isso, imediatamente, proibiu aos discípulos que o identificassem; e chamou Pedro de “Satanás”, dizendo-lhe que Pedro não entendia das coisas de Deus.

A Igreja arrola precisamente a expressão de Pedro para afirmar que Jesus fundou a Igreja na pessoa do discípulo. Mas, no discurso do Bispo Strossmayer, proferido no I Concílio Vaticano, em 1870, contra a decretação da infalibilidade do papa, ele mostrou que não era aquele o pensamento dos grandes doutores da Igreja – mas sim a “declaração de fé de Pedro” é que constitui a pedra, sobre a qual Jesus edificaria seus ensinamentos, e não sobre a pessoa física de Pedro. Realmente, como poderia ter Jesus nomeado Pedro como papa, chefe da Igreja e, logo em seguida, tê-lo chamado de Satanás?

III) Texto – Jesus expulsa os vendilhões do templo judaico – Mateus-XXI:12, Jesus entrou no templo de Deus e expulsava (de lá) todos os que vendiam e compravam no templo; e derrubou as mesas dos banqueiros (...) 13) a minha casa será chamada casa de oração; mas vós fizestes dela um covil de ladrões”!

Bíblias comparadas – Diz a Bíblia protestante, no vs-12, expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.

Análise – Naqueles tempos, como ainda acontece atualmente, havia maus sacerdotes, que faziam uso do templo para comercializar ou intrometer-se na política dos povos. Por isso, Jesus aplicou-lhes aquelas palavras atribuídas a Jeremias, as quais eram uma repetição de Isafas (spelunca latrorum). Eu acho que, se Jesus pretendesse fundar uma igreja, ou mesmo reformar a sua igreja, tê-lo-ia feito naquele momento: ele não poderia encontrar uma ocasião mais oportuna e propícia do que aquela. No entanto, ele nada fez, e continuou pertencendo à religião Judaica.

E) A História da Figueira Seca

Texto – Os textos da “Figueira Seca” ou da “figueira estéril”, descritas em Lucas VIII e XIII, são apenas parábolas contadas por Jesus, e nada têm a ver com a história narrada em Marcos XI.

Marcos-XI:12, quando chegou a ela, não encontrou senão folhas, porque não era tempo de figo. 14) E, falando, disse: jamais como alguém fruto de ti. (...) 20) ora, (no outro dia) pela manhã, ao passarem, viram a figueira seca até à raiz. 21) E Pedro disse (...) Olha, mestre, como secou a figueira que tu amaldiçoaste! 22) E Jesus disse: tende fé em Deus (...) 23) Em verdade vos digo que todo o que disser a este monte: tira-te

(daí) e lança-te ao mar, e não hesitar no seu coração, mas tiver fé, assim lhe será feito”.

Análise – Não podemos acreditar que o fato narrado por Marcos tenha acontecido, porque Jesus estaria dando um exemplo de injustiça, ao condenar uma figueira por não ter figo, quando não era tempo de figo.

3.3.2. Em que Acreditava Jesus?

A) Acreditava Ser Jesus o Próprio Deus?

I) Texto – Lucas-IX-48, Quem quer que me receba, recebe aquele que me enviou./ Marcos-IX-37, Quem quer que receba, em meu nome (...) não recebe a mim, mas recebe aquele que me enviou./ João-CIII:42 (...) porque foi de Deus que eu saí, e foi de sua parte que eu vim; pois não vim de mim mesmo, foi ele quem me enviou./ Lucas-X-16, (...) e aquele que me despreza, despreza aquele que me enviou.

Análise – No livro “Obras Póstumas”, Allan Kardec argumenta que a simples condição de “Filho de Deus, de Messias, de Enviado de Deus” prova que Jesus e Deus não eram a mesma pessoa.

II) Texto - Acreditava ele que iria redimir os pecados do mundo?

Mateus-XXVI:22, (...) daqui a dois dias será celebrada a Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado. 27) E, tomando o cálice, deu graças e deu-lhes dizendo: bebei todos dele, 28) porque isto é o meu sangue (que será o selo) no Novo Testamento, o qual será derramado por muitos, para a remissão dos pecados./ João-IV:25, Disse-lhe a mulher: eu sei que vai chegar o Messias (que quer dizer o Cristo) (...) 26) Disse-lhe Jesus: sou eu, que falo contigo.

Análise – A palavra “Cristo” é grega e significa “o ungido, aquele sobre o qual se derramou o óleo da unção”, e foi aplicada a Jesus por aqueles que o identificaram como sendo o “prometido por Deus no Antigo Testamento”. Entretanto, Jesus estava celebrando a Páscoa judaica que, conforme o livro do Êxodo, significa a “passagem”, ou passagem de Deus pelas terras do Egito, quando matou todos os primogênitos do Egito.

B) Acreditava ele na “Salvação” e “Condenação” das almas?

I) Texto – Requisitos para a salvação e para a condenação das almas – Marcos-XVI:15, E disse-lhes: ide por todo o mundo; pregai o Evangelho a todas as criaturas. 16) Aquele que crer e for batizado, será salvo; o que não crer, será condenado”.

Análise – Deste texto, vemos que há duas condições para alguém se salvar, mas apenas uma para ser condenado. Para ser condenado, basta não crer; mas, para ser salvo, é indispensável ser batizado e crer. Entretanto, ele mesmo só fora batizado aos trinta anos de idade, pois no Judaísmo não havia batismo.

II) Texto – Jesus acreditava no “céu” e no “paraíso”?

Mateus -XIX:24, O Camelo e a agulha – É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus./ Lucas-XVIII:25, É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico (soberbo e avarento) no reino de Deus. XXII:42, E dizia a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares

no teu reino. 43) E Jesus lhe disse: hoje mesmo estarás comigo no paraíso.

Análise – Eu não vejo qualquer ligação entre camelo e uma agulha. Entretanto, tomei ciência de que, no Hebraico antigo, havia uma palavra, traduzida por "camelo", que significava "uma corda trançada".

Por causa de seu arrependimento, a igreja canonizou aquele "São Dimas", o bom ladrão. Entretanto, Jesus não pôde cumprir sua promessa, porque, depois de ter aparecido aos discípulos, ainda permaneceu 40 dias na Terra. E nós vimos que "Paraíso" é um conceito do zoroastrismo, que entrou no judaísmo e depois no Cristianismo.

III) Texto – Quem quer ser o maior entre vós?

Mateus-XX:26, (...) Todo o que quiser, entre vós, ser o maior, seja vosso ministro. 27) E que quiser ser o primeiro, seja vosso servo.

Análise – Houve um erro de cópia ou de tradução, porque o cargo de "ministro" não revela qualquer humildade ou simplicidade. Numa das maiores obras do século XX, "Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas", Dale Carnegie diz que, seis séculos antes de Cristo, na China, o grande sábio Lao-Tseu já ensinava que "A razão pela qual os mares e oceanos recebem, diariamente, a homenagem dos córregos das montanhas, é que eles se colocam abaixo dos últimos e, dessa forma, podem governá-los. Assim, o homem que for sábio e querendo pairar-se acima dos outros, deve colocar-se abaixo dos mesmos; embora saiba que sua posição é acima dos outros, não sente isso uma ofensa e, desse modo, pode governá-los".

IV) Texto – Jesus e o descanso de sábado

Mateus -- XII:5, Não leste, na Lei, que nos sábados os sacerdotes do templo violavam o sábado e ficavam sem pecado?/ Lucas-XIII:16, E esta filha de Abraão, que Satanás tinha presa, há 18 anos, não devia ser livre da prisão no sábado? Marcos-II:27, (...) o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado. 28) Por isso, o Filho do Homem é senhor também do sábado.

Análise – Para Jesus, o homem é mais importante do que o preceito de guardar o sábado.

V) Texto – Acreditava Jesus no "Fim do Mundo"?

Mateus – Os sinais do fim do mundo – XXIV:22, E, se não sobreviessem aqueles dias, não se salvaria pessoa alguma; porém, serão abreviados aqueles dias, em atenção aos escolhidos./ Lucas-XXI:25, E haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. (...) 32) Não passará esta geração, sem que todas estas coisas se cumpram. 33) Passará o céu e a terra, mas minhas palavras não passarão./ Marcos-XIII:07, Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerra, não temais, porque importa que estas coisas aconteçam; mas não (será) ainda o fim. 11) Não premediteis no que haveis de dizer; mas dizei o que for inspirado nessas horas; porque não sois vós quem falais, mas o Espírito Santo. 24) Mas, naquele dia (...) 26) Verão o filho do homem vir sobre as nuvens (...) Quando virdes acontecer estas coisas, sabeí que (a vinda do Filho do Homem, para o Juízo Final) está perto, às portas.

Análise – Se suprimirmos as expressões "sinais do fim do mundo" e "a vinda do Filho do Homem, para o Juízo Final", que foram acrescentadas pelo padre Matos Soares, vejamos que fica reduzido o texto... A nosso ver, a idéia de "fim do mundo" deve ter

partido de uma mente cansada, desiludida, decepcionada com a vida. Entretanto, Deus transferirá seus filhos para outras mansões. Nosso planeta é apenas uma escola primária, para as primeiras lições do espírito imortal, que começa simples e ignorante. O mundo não vai acabar, nem antes, nem durante e nem depois do III milênio.

Porém aquela geração passou e nada aconteceu. Teria realmente Jesus feito semelhantes previsões e errado, ou estaria se referindo às sucessivas reencarnações “daquela geração”, antes do final deste estágio inferior da humanidade?

C) Acreditava Jesus no “inferno”?

Texto – Mateus-V:22, o que chamar louco, será condenado no fogo da geena; todo aquele que se irar contra o seu irmão, será condenado em juízo. E o que chamar raça a seu irmão, será condenado no Conselho. E o que chamar louco, será condenado no fogo da geena. X:28, (...) temeí ante aquele que pode lançar no inferno a alma e o corpo.

Bíblias comparadas – As Bíblias em Latim, em Francês e Italiano X:28, aquele que pode perder a alma e o corpo na geena.

Capítulo XIII:50, e lançá-lo-ão na fornalha do fogo. Ali haverá choro e ranger de dentes. Capítulo XIV:8, (...) se a tua mão ou o teu pé (...) do que ser lançado no fogo eterno. Capítulo XVIII:9, (...) se a tua mão ou o teu pé (...) do ser lançado no fogo eterno. Dizem as Bíblias em Latim, em Italiano e Esperanto, XIII:9, do que ser lançado no fogo da geena, na geena."

Texto – Marcos-IX:42, Se a tua mão (...) do que, tendo as duas, ir para o inferno, para o fogo inextinguível, 43) onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga. 44) E se o teu pé (...) do que, tendo os dois, seres lançado no inferno, num fogo inextinguível, 45) onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga. 46) Se o teu olho (...) do que tendo dois, seres lançado no fogo do inferno, 47) onde o seu verme não morre, e o seu fogo não se apaga.

Bíblias comparadas – A Bíblia em Francês traduziu o Mc-9:45, do que ir para a geena, no fogo que não se apaga"; a Bíblia em Esperanto, Mc-9:42 na geena do fogo, no fogo inextinguível. Já em 9:46, a Bíblia em Francês e em Esperanto traduziram "lançado na geena".

Análise – Afinal, falou Jesus em “inferno, sheol, geena ou hades”? Poderíamos admitir um fogo que possua verme, um fogo que não se extingue? Acreditava realmente Jesus em suplícios eternos, depois da morte? É lógico que, nos tempos de Jesus, 1000 anos antes da invenção do papel, 1400 anos antes da imprensa metálica e 1545 anos antes do Concílio de Trento – as palavras atribuídas a Jesus poderiam ter significado diferente do que possuem hoje.

Para Ernesto Renan, em “A Vida de Jesus”, geena era um depósito, na periferia de Jerusalém, onde se queimava o lixo da cidade. E Allan Kardec também definiu “geena” como um monturo onde se queimava o lixo da cidade. Por isso, algumas traduções para “inferno” não expressam as idéias teológicas de hoje. Ninguém pode afirmar, por exemplo, que no texto Mat-X:28, geena fosse um lugar de suplício, um inferno. Ali, Jesus teria dito “temeí ante o que pode lançar ao inferno tanto a alma quanto o corpo”; e não poderia significar, absolutamente, mais do que “cova, sepultura, local onde se queima alguma coisa”.

O autor protestante do livro “A Verdade que Conduz à Vida Eterna” ensinou que

“na Bíblia, a palavra “inferno” é a tradução da palavra hebraica “sheol”, que ocorre 65 vezes: a versão protestante da Bíblia, feita por Almeida, traduziu “sheol” 28 vezes por inferno, 27 vezes por sepultura, 2 vezes deixou sheol mesmo e 1 vez traduziu por “terra, mundo invisível, enterrado”; já a Bíblia católica, de Antonio Figueiredo, traduziu “sheol” 36 vezes por inferno, 7 vezes por sepultura, 3 vezes por sepulcro, 16 vezes deixou sheol mesmo, e 1 vez por “cova, morte ou profundezas” (73/41).

O mesmo autor informa que, nas Escrituras Gregas Cristãs (isto é, com os dois testamentos), a palavra “inferno” é a tradução da palavra grega “hades”, a qual – tanto na versão protestante de João Ferreira de Almeida, como na versão católica de Antonio Figueiredo, foi traduzida 10 vezes por “inferno”, sendo que Almeida deixou 2 vezes “hades” mesmo (73/41).

Muito antes da existência daquelas línguas, o conceito de inferno já era de morada dos mortos, lugar da escuridão, para onde iam todos, indistintamente. Inferno significa “lugares inferiores da terra”, enquanto que “céu, ou lugares superiores” era considerada a abóbada celeste.

O Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais, de Mário Ferreira dos Santos, define “hades” como “o reino dominado por Hades, o deus do submundo; é o reino da morte, para onde vão indistintamente todos os mortos” (174/705). E a Enciclopédia Século XX consigna que, na mitologia grega, hades significava o “mundo das trevas, da escuridão, para onde iam indistintamente todos os mortos; geralmente, o hades era representado por uma caverna subterrânea, governada por Cérbero, um cão de três cabeças; entre os teólogos medievais, encontram-se descrições dos tormentos físicos e espirituais das geenas; mas, a partir do século XIX, aparece a tendência de considerá-los uma concepção legendária ou, pelo menos, admiti-los como mais um estado de separação da Divindade, do que literalmente um lugar” (180/1082).

D) Mas as Crenças de Jesus Eram Contraditórias

Tal como chegaram até nós, nas línguas modernas, depois de mil cópias e traduções, sempre se adaptando às idéias dominantes, as palavras atribuídas a Jesus se mostram contraditórias, incoerentes e algumas até absurdas.

Texto – I) Acreditava Jesus nas lendas do Antigo Testamento?

Mateus-XXIV:37, E assim como foi nos dias de Noé, assim também será a (segunda) vinda do Filho do Homem. Porque, assim, como Jonas esteve no ventre da baleia 3 dias e 3 noites, assim estará o Filho do Homem 3 dias e 3 noites no seio da terra.

Análise – Não podemos avaliar o grau de alterações e modificações sofridas pelas palavras de Jesus, no correr dos tempos; mas elas nos convencem de que Jesus não era Deus, que possuía uma natureza humana e estava sujeito à defectibilidade humana.

II) Acreditava Jesus na Ressurreição ou na Reencarnação?

Texto – Mateus – XXII:30, (...) na ressurreição, nem os homens terão mulheres, nem as mulheres terão maridos, mas serão como os anjos do céu./ Lucas-XX: 36, Porque não poderão jamais morrer; porquanto são semelhantes aos anjos e aos filhos de Deus, visto serem filhos da ressurreição. 38, Ora, Deus não é (Deus) dos mortos, mas dos vivos, porque para ele todos vivem./ Marcos-XII:27, Ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos; logo, vós estais num grande erro.

Análise – Ressurreição, nos textos citados, indica “a vida do espírito, depois da

morte do corpo; o estado do espírito desencarnado”. Em nenhum lugar, falou Jesus da ressurreição com o mesmo corpo que trazia enquanto vivo, mas de um corpo angélico, astral, perispiritual. E as investigações científicas já provaram a existência desse “corpo astral, corpo fluídico ou segundo corpo”, que sobrevive à morte física.

III) Acreditava Jesus no “Demônio” ou “Satanás”?

Texto – Lucas - XIII:16, E esta filha de Abraão, que Satanás tinha presa, há 18 anos, não devia ser livre desta prisão no sábado?/ XXII:31, (...) Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou com instância para vos joeirar como trigo.

Mateus-VII:29, (...) vai, o demônio saiu de sua filha./ IX:28, Esta casta de demônios não se pode fazer, senão mediante a oração e o jejum./ XVI:17, E eis os milagres: expulsarão demônios em meu nome (...)

João-VIII:44, Vós que sois filhos do demônio

Análise – Percebe-se que, nos textos transcritos, a palavra demônio tem significados diversos, e não necessariamente de “adversário”, de “inimigo”, de “antideus”. Em alguns textos citados, a palavra “demônio” indica “espíritos imperfeitos, perversos, de má índole”, e não uma entidade voltada exclusivamente para o mal. Não nos parece que Jesus tivesse usado a palavra “demônios” como sinônimo de “adversário”, de “antideus”.

E) Acreditava Jesus na Reencarnação?

Texto – O caso de João Batista – Mateus-XI:11, (...) entre os nascidos de mulher, não veio ao mundo outro maior que João Batista; mas o que é menor no reino dos céus, é maior do que ele. 14) (...) ele mesmo é o Elias que há de vir./ Lucas-VII:28, Entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João Batista, porém, o que é menor no reino de Deus, é maior do que ele.

Análise – Ora, se não houvesse reencarnações, nenhum ser humano atingiria a evolução de João Batista, portanto, não alcançaria o reino de Deus.

Texto – As perguntas de Herodes – Lucas-IX:7, E Herodes, o Tetrarca, ouviu falar de tudo o que Jesus fazia, e não sabia o que pensar, porque uns diziam: 8) É João Batista, que ressuscitou dos mortos; outros diziam que é Elias que reapareceu; e outros, que é um dos antigos profetas que ressuscitou dos mortos. 9) Herodes disse: eu mandei degolar João. Quem é, pois, este de quem ouço tais coisas?

Análise – Ora, pensar que Jesus – primo e contemporâneo de João – fosse a ressurreição de João – recentemente morto – seria uma ingenuidade sem qualificação. Entretanto, percebe-se que, algumas vezes, a palavra Ressurreição tem dois significados: 1) o de nascer de novo, em outro corpo e com outro nome; 2) e o de sobreviver à morte física, com um corpo astral ou fluídico.

Jesus, Nicodemos e a Reencarnação

João-III:1, Nicodemos (...) 3) (...) não pode ver o reino de Deus, senão aquele que nascer de novo. 5) (...) o que não renascer, por meio (do batismo) da água e do Espírito Santo, não poderá entrar no reino de Deus. 8) O Espírito sopra onde quer; tu ouves a sua voz, mas não sabes donde ele vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que nasceu do espírito. 12) Se vos tenho falado das coisas terrestres e não (me) acrediteis, como (me) acreditareis, se vos falar das coisas celestes?

Bíblia comparadas – A Vulgata latina afirma, no vs-5, quem não nascer da água

e do espírito, não pode entrar no reino de Deus. E lê-se na Bíblia em Espanhol, no rodapé do vs-05, a mesma palavra grega significa tanto vento quanto espírito.

Análise – Parece claro que “nascer do espírito” significa “ficar desencarnado, tornar-se espírito liberto do corpo físico”.

Texto – O Cego de nascença e a Reencarnação – João-IX:1, (...) Jesus viu um homem cego de nascença; 2) os seus discípulos lhe perguntaram: Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego? 3) E Jesus respondeu: nem ele, nem seus pais pecaram; mas foi para se manifestarem nele as obras de Deus.

Análise – No seu livro “Gênese”, Allan Kardec ensina que esta pergunta dos discípulos revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior. do contrário, a pergunta careceria de sentido, visto que um pecado só pode ser causa de uma enfermidade de nascença, se cometido antes do nascimento. Se Jesus considerasse falsa semelhante idéia, ter-lhes-ia dito: como houve este homem podido pecar antes de ter nascido? Em vez disso, Jesus disse que aquele homem era cego, não por ter pecado, mas para que nele patenteasse o poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, era uma provação apropriada ao progresso daquele espírito, porquanto Deus, que é justo, não lhe imporia um sofrimento sem utilidade (205/325).

Texto – Prometeu Enviar o ES (ou o Espírito da Verdade)?

Lucas-XXIV:49, E eu vou mandar sobre vós o (Espírito Santo) prometido por meu pai./ João-XIV:12, (...) aquele que crê em mim, fará também as coisas que eu faço, e fará outras coisas ainda maiores. (...) 16) E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco. 17) o Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conhecereis, porque habitará em vós. 26) Aquele que retém os meus ensinamentos (...) eu me manifestarei a ele. 27) Mas o Consolador, o Espírito Santo (...) vos ensinará todas as coisas e vos recordará o que vos tenho dito./ XV:26, Quando, porém, vier o Consolador, ele dará testemunho de mim,/ XVI:8) (...), E ele, quando vier, convencerá o mundo quanto ao pecado, à justiça e ao juízo. 12) Tenho muitas coisas para vos dizer, mas vós não podeis compreender agora. 13) (...) aquele Espírito da Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará todas as coisas que estão por vir. 25) Eu vos disse estas coisas em parábolas, mas vem o tempo em que eu já não vos falarei por parábolas, mas abertamente.

Análise – O padre Matos usou, para os textos supracitados, os títulos “A Ressurreição de Cristo”, “A Vinda do Espírito Santo”. Em 1897, na encíclica “Divinum Illud Múnus”, o papa LeãoXIII também acreditava que o Espírito Santo ou Consolador, ainda seria enviado ao mundo.

O Espírito que chefiava aquela plêiade de espíritos da codificação do Espiritismo se identificou como sendo o “Espírito da Verdade”; e, no Evangelho Segundo o Espiritismo”, encontram-se diversas mensagens do EdV, levando-nos a crer que se tratava do próprio Jesus desencarnado.

3.3.3. Morte, Aparição e Ascensão de Jesus

A) Teria Jesus predito sua própria Ressurreição?

Texto - Mateus-XII:39, (...) Esta geração má e adúltera pede um prodígio, mas não lhe será dado outro, senão o prodígio do profeta Jonas. 40) Porque, assim como Jonas esteve, no ventre da baleia, 3 dias e 3 noites, assim estará o Filho do Homem 3 idas e 3 noites no seio da terra./ /XVI – com o título “Jesus prediz sua morte e ressurreição” 22) (...) Pedro disse: Deus tal não permita, Senhor; não te sucederá isto. 23) Ele, voltando-se para Pedro lhe disse: Retira-te de mim, Satanás; tu serves de escândalo, porque não tens a sabedoria das coisas de Deus, mas das coisas dos homens./ XXVI:24, O Filho do Homem vai, certamente, como está escrito dele, mas ai daquele homem por quem será entregue (...).

Análise – Pelos textos, como chegaram até nós, Jesus acreditava nas lendas do profeta Jonas. Entretanto, ele chamou Pedro de Satanás, mas em outro sentido que “demônio, antideus, adversário”, e sim como alguém que só entendia das coisas humanas. E, como veremos depois, Jesus não ressuscitou no próprio corpo físico, porque ninguém ressuscita com o mesmo corpo.

B) A Traição de Judas e a Prisão de Jesus

Texto – Lucas-XXII:1, Ora, aproximou-se a festa dos ázimos, que se chama Páscoa: 3) Ora, Satanás entrou em Judas (...) 4) o qual foi combinar com os príncipes dos sacerdotes e com os magistrados de que modo lhe entregaria. 5) E eles (...) prometeram-lhe dinheiro. 6) E Judas (por seu lado) deu a palavra, e buscava ocasião de lhe entregar sem tumulto. /XXVI:2, Enquanto comiam, disse-lhes: um de vós me há de entregar. 23) (...) o que mete comigo a mão no prato (para molhar o pão), esse me entregará. 25) E, respondendo, Judas disse: (...) sou eu, porventura, mestre? (...) tu o disseste! 31) Disse mais o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou com instância para vos joear como trigo. Mas eu roguei por tí, para que a tua fé não falte.

João-XIII-18, o que come pão comigo, levantará o seu calcanhar contra mim. 19) Desde agora vo-lo digo, antes que suceda, para que, quando suceder, creiais que eu sou (o Messias). 21) Em verdade (...) um de vós me há de entregar. 26) (...) É aquele a quem eu der um bocado de pão molhado. E, tendo molhado um bocado de pão, deu-o a Judas Iscariote (...) 27) E, atrás do bocado, entrou nele Satanás...

Judas entrega Jesus aos soldados do sumo-pontífice – Mateus XXVI:47, Estando ela ainda falando, eis que chega Judas e, com ele, uma multidão com espada e varapaus (...) 48) O traidor tinha dado este sinal, dizendo: Aquele a quem eu der um ósculo, é esse; predeei-o. 49) E, aproximando-se logo de Jesus, disse: Deus te salve, mestre. E deu-lhe um ósculo. 50) (...) Ao mesmo tempo (os outros) avançaram e lançaram mão de Jesus, e prenderam-no. 51) E eis que um, que estava com Jesus, estendendo a mão, desembainhou a sua espada e, ferindo um servo do sumo-pontífice, lhe cortou a orelha. 52) Disse-lhe Jesus: mete a tua espada no lugar; porque os que tomarem a espada por sua própria autoridade, morrerão à espada. 54) Como, pois, se cumprirão as Escrituras, que (declararam que) assim deve suceder?

Lucas-XXII:47, Estando ele falando, eis que (chega) um tropel de gente; e aquele que se chamava Judas, um dos doze, vinha à frente deles; e aproximou-se de Jesus para o beijar.

João-XVIII:3) Tendo, pois, Judas tomado a corte e guardas, fornecidos pelos pontífices e fariseus, foi lá com lanternas, archotes e armas. 4) Mas Jesus, que sabia que tudo o que estava para acontecer, adiantou-se e disse: A quem buscais? 5) Responderam-lhe: a Jesus Nazareno. Disse-lhes Jesus: Sou eu. E Judas, que o entregava, estava também com eles. 8) Respondeu Jesus: já vos disse que sou eu; se é, pois, a mim que buscais, deixai ir estes. 9) Mas Simão Pedro, que tinha uma espada, puxou dela, e feriu o servo do pontífice, e cortou-lhe a orelha direita (...) 11) Porém Jesus disse a Pedro: mete a tua espada na bainha. Não hei de beber o cálice que o pai me deu?

Análise – Como se cumpriria a Nova Aliança, se alguém não entregasse Jesus? E que diferença faria, se fosse Pedro, Judas ou João? Por que (em Lucas-XVI) Jesus orou por Pedro e (em João XII:26) não orou também por Judas? Por que Jesus deu o pão precisamente a Judas, e não a outro discípulo? Como se percebe dos textos, a chamada “traição de Judas” era um acontecimento inevitável, sem a qual Jesus não seria reconhecido, nem preso, nem morto e nem redimiria os pecados da humanidade;

Mas será que alguém acredita, ainda hoje, que, depois de pregar durante três anos, sempre seguido por uma incalculável multidão de doentes e aflitos, Jesus não seria reconhecido pelos soldados? Seria indispensável o “beijo de Judas”, para que Jesus fosse identificado? Para mim, esta história narrada não resiste nem à lógica, nem ao bom-senso. Judas foi apenas um “bode expiatório”, e sua participação, no drama do calvário, foi secundária e irrelevante. Como admitir que a guarda policial tivesse de subornar Judas, com 30 moedas de prata, quando todo o mundo conhecia Jesus?

Além do mais, antes daquele beijo de Judas, segundo o texto de João-18:5 e 8, Jesus já não havia se identificado como sendo a pessoa procurada por eles? Que influência, pois, teria tido Judas na identificação, na prisão, julgamento e morte de Jesus? Na minha humilde opinião, o desventurado Judas Iscarioti foi apenas “bode expiatório”, para ser malhado e humilhado, como escória apostólica, durante estes dois mil anos de Cristi-an-ismo.

O nome de Judas tornou-se sinônimo de traição; e, ao que nos parece, depois dele, ninguém recebeu, na pia batismal, o nome de Judas. Entretanto, até hoje ainda existem mercadejadores da fé, traidores de Jesus, que vendem as bênçãos divinas.

C) Jesus Perante Pôncio Pilatos

Texto – Mateus-XXVII:12, E Jesus foi apresentado diante do governador, e o governador o interrogou. (...) 19) Enquanto ele estava sentado no seu Tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Nada haja entre ti e esse justo, porque fui muito atormentada, em sonhos, por causa dele. 24) Pilatos, vendo que nada aproveitava, mas que cada vez era maior o tumulto, tomando água, lavou as mãos, diante do povo, dizendo: Eu sou inocente do sangue deste justo: a vós pertence toda a responsabilidade. 25) E, respondendo, todo o povo disse: o seu sangue (caia) sobre nós e sobre nossos filhos.

Lucas-XXIII:13, Pilatos, pois, tendo chamado os príncipes dos sacerdotes e os magistrados e o povo, 14) disse-lhes: Vós me apresentas este homem como perturbador do povo e eis que, interrogando-o, diante de vós, não encontrei nele culpa alguma daquela de que o acusais. 15) Nem Herodes tampouco; porque o remeti a ele, e eis que nada foi encontrado que mereça morte. 16) Por isso, saltá-lo-ei, depois de castigado./ 17) Ora, Pilatos era obrigado a soltar-lhes, pela festa (da Páscoa) um

criminoso. 18) Mas todo o povo exclamava a uma só voz: Faze morrer este, e solta-nos Barrabás; 19) o qual tinha sido preso por causa de uma sedição levantada na cidade, e por causa de um homicídio.

João-XXIX:4, Saiu Pilatos, ainda outra vez fora, e disse-lhes: Eis que vo-lo trago fora, para que conheçais que não encontro nele crime algum. 6) Então, os príncipes dos sacerdotes e os ministros, tendo-o visto, gritaram: Crucifica-o, crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: tomai-o vós, e crucificai-o, porque eu não encontro nele crime algum. 7) Responderam-lhe os judeus: Nós temos uma lei e, segundo a lei, deve morrer, porque se fez filho de Deus. 12) E, desde esse momento, procurava Pilatos soltá-lo. Porém, os judeus gritavam, dizendo: Se soltas este, não és amigo de César; porque todo o que se faz rei, é contra César! 16) Então, entregou-lhes, para que fosse crucificado.

Análise – Parece que ninguém acreditava ser Jesus o Messias prometido e aguardado. E se nós, dois mil anos depois, colocamos em questionamento se Jesus salvou ou não os pecados humanos, não estamos criando inovações – os próprios judeus também pensavam assim. Mas, para nós, Pilatos, detentor de autoridade e poder, fracassou diante daquele processo. Ele se acovardou, deixou-se levar por opinião de anarquistas, como ainda acontece em nossos dias – quando, autoridades e poderosos se amedrontam diante do cumprimento do seu dever.

Texto – O Arrependimento ineficaz de Judas Iscariote – Mateus-XXVII:3, Então, Judas, o que o tinha entregue, vendo que Jesus fora condenado, tomado de arrependimento, tornou a levar as 30 moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes. (...) 5) E tendo atirado as moedas de prata para o templo, retirou-se e foi dependurar-se num laço. 6) Mas os príncipes dos sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito deitá-las na arca de esmola; porque são preço de sangue. 7) E, tendo consultado entre si, compraram com elas um campo de oleiro, para a sepultura dos estrangeiros. 9) Então se cumpriu o que foi predito por Jeremias profeta, que disse: “E tomaram as 30 moedas de prata, custo daquele cujo preço foi avaliado pelos filhos de Israel! 10) (...) e deram-na pelo campo do oleiro, como o Senhor ordenou.

Análise – Está claro que, depois de jogar as moedas no templo, Judas foi dependurar-se num laço. Eu não sei quanto valeriam hoje aquelas 30 moedas, nem a área de terra, nem que tenha sido suficiente para comprá-la.

Na nossa opinião, Pôncio Pilatos teve mais responsabilidade do que Judas, na condenação e morte de Jesus. Judas foi um fraco, um simplório, como milhões de homens que, atualmente, ainda vendem sua honra e dignidade por um pouco de dinheiro. Entretanto, mesmo que ele não traísse Jesus, os soldados o reconheceriam, inevitavelmente. Ele andava, há três anos, sempre seguido por uma multidão de pessoas e seguidores.

Pilatos, detentor de poder e de autoridade, se acovardou diante da opinião pública – Cabia a Pilatos condenar ou absolver Jesus, entretanto, mesmo conhecendo-lhe a inocência, não teve personalidade para soltá-lo; permitiu que pessoas ignorantes e incompetentes traçassem o destino do filho do carpinteiro. Para nós, a contribuição de Judas, para a morte de Jesus, foi irrelevante e dispensável – enquanto que a omissão e covardia de Pilatos foi decisiva. Por isso tudo, eu absolveria Judas e condenaria

Pilatos, da condenação que pesa sobre o primeiro, nestes últimos 2 mil anos.

Como teria realmente morrido Judas?

Texto — Mateus-XXVII:5, (...) ele retirou-se foi pendurar-se num laço./ Entretanto, em Atos dos Apóstolos, I:18, lemos que tendo-se pendurado, rebentou-se pelo meio, e todas as suas vísceras foram espalhadas.

Bíblia comparadas – sobre o vs-18, diz a Bíblia em Espanhol: foi suspenso e arrebitou pela metade, e todas as suas entranhas se derramaram.

Análise – Não seria de importância indagar como morreu Judas, não fosse a gritante contradição dos textos. Ora, quem se pendura num laço, ou numa forca, para se matar, não se parte ao meio, nem cai de cabeça para baixo, nem derrama seu sangue, nem espalha suas entranhas! Por isso, temos o direito de duvidar da fidelidade das histórias contadas nos textos citados.

A Morte de Jesus na Cruz

Texto – Mateus-XXVII:35, E, depois que o crucificaram, repartiram os seus vestidos, cumprindo-se, desde modo, o que tinha sido anunciado pelo profeta: “Repartiram entre si os seus vestidos, e sobre minha túnica lançaram sorte”. 45) E, perto da hora nona, exclamou Jesus, em voz alta... “meu Deus, por que me abandonastes”? 45) E Jesus, tendo dado um grito, rendeu o seu espírito. 51) E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes, de alto a baixo, e a terra tremeu, e partiram-se as pedras, 52) e abriram-se as sepulturas; e muitos corpos de santos, que tinham adormecido (no senhor), ressuscitaram. 53) E, saindo de sua sepultura, depois da ressurreição de Jesus, foram à cidade santa, e apareceram a muitos.

Análise – Novamente Mateus tenta estabelecer ligação entre o Antigo Testamento e a morte de Jesus. Teria mesmo a terra tremido? De que véu do templo falou o evangelista? O fato de saírem das sepulturas os mortos deve ter causado um pânico coletivo, que os textos não registraram. Entretanto, do texto se depreende que somente três dias depois, isto é, após à ressurreição de Jesus, os mortos apareceram ao povo. O que teriam feito durante esse período? Ora, se naqueles tempos, os mortos apareciam aos vivos, por que não poderiam fazê-lo atualmente?

Texto – O Sepultamento de Jesus – Mateus-XXVII:57, E, pela tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que também era discípulo de Jesus. 58) Este foi ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos mandou então que lhe dessem o corpo. 59) E José, tomando o corpo, envolveu-o num lenço branco. 60) E depositou-o no seu sepulcro novo, o qual ele tinha perto de uma rocha. E rolou uma grande pedra para diante da boca do Sepulcro.

Análise – Ora, se ele foi sepultado tão longe da cidade, por que teriam colocado guardas para vigiar a sepultura? Os fatos narrados não são costumeiros em nossos tempos.

D) Jesus Depois da Morte

Teria mesmo Jesus descido “aos infernos”, para pregar aos mortos? Embora isso não conste dos textos evangélicos era o credo apostólico, e sobreviveu no “Credo Católico” até nossos dias. Foi a reforma do Catecismo Cristão, de 1922, feita pelo papa João Paulo II que retirou o texto, substituindo a expressão “ele desceu ao inferno”, para “desceu à mansão dos mortos”.

Ora, se a finalidade da descida de Jesus ao “inferno” era pregar aos mortos, isso seria

um contra-senso, porque a Teologia Católica ensina que, depois da morte, o Juízo Particular decide, definitiva e irrevogavelmente para sempre, o destino de cada alma. Contudo, pelo contrário, temos aqui uma prova de que a palavra “inferno” significava “lugares interiores da terra”, e não, necessariamente, um lugar de castigos e punições.

Teria Jesus realmente ressuscitado no seu corpo físico?

Texto – Mateus-XXVIII:1, (...) no amanhecer do primeiro dia da semana, foi Maria Madalena e outra Maria visitar o sepulcro. 2) E eis que deu um grande terremoto. Porque um anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, revolveu a pedra, e estava sentado sobre ela; 3) e o seu aspecto era como um relâmpago; e seus vestidos como a neve. 4) E pelo temor (...) aterraram-se os guardas e ficaram como mortos. 5) Mas o anjo disse (...) não temais, porque sei que procurais Jesus, que foi crucificado; 6) ele já não está aqui, porque ressuscitou, como tinha dito.

Lucas-XXIV:1, Mas, no primeiro dia da semana, vieram muito cedo ao sepulcro, trazendo os aromas que tinham preparado. 2) E encontraram a pedra revolvida do sepulcro. 3) Entrando dentro, não encontraram o corpo do Senhor Jesus. 4) (...) eis que apareceram, junto delas, dois homens com vestidos resplandecentes. 5) (...) Por que buscais entre os mortos o que está vivo? 6) Ele não está aqui, mas ressuscitou; lembrai-vos do que ele disse, quando ainda estava na Galiléia...

Marcos-XVI:1, E, tendo passado o dia de sábado, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para irem embalsamar Jesus. 2) E... chegaram ao sepulcro, quando o sol era nascido. 3) E diziam entre si: quem nos há de revolver a pedra da boca do sepulcro? 4) Mas, olhando, viram revolvida a pedra, a qual era muito grande. 5) E, entrando, viram um jovem sentado do lado direito, coberto com um vestido branco, e ficaram assustadas. 6) E ele lhes disse: Não temais; buscais a Jesus Nazareno (que foi crucificado); ele ressuscitou, não está aqui; eis o lugar onde o depositaram. 8) E eles, saindo (do sepulcro) fugiram... porque estavam com medo.

João-XX:I, No primeiro dia da semana, foi Maria Madalena ao sepulcro, de manhã ainda escuro, 2) e viu a pedra retirada do sepulcro. Correu, pois, e foi ter com Simão Pedro e aquele outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram. 5) Partiu então Pedro e aquele outro discípulo, e foram ao sepulcro. Viu os lençóis postos no chão, mas não entrou. 6) Chegou depois Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro e viu os lençóis postos no chão, e o sudário que estivera sobre a cabeça de Jesus, o qual não estava com os lençóis, mas dobrado num lugar à parte. 8) Então entrou também aquele discípulo... e viu e creu; 9) porque ainda não entendia as Escrituras, segundo a qual ele devia ressuscitar.

Análise – Não temos, nos quatro textos reunidos, indícios, evidências nem provas de que Jesus tivesse realmente ressuscitado no seu corpo físico. O fato de não ter sido encontrado o corpo – se é que seja verdade – não prova, absolutamente, que ele tenha saído do sepulcro acompanhando a alma. Ele pode ter sido roubado, durante a noite, ou a própria história pode ter sido combinada, mais tarde, para provar a crença de que Jesus ressuscitou.

Eu não sei se era costume, naqueles tempos, colocar guardas vigiando um cadáver de quem foi executado; não sei se, três dias depois ao sepultamento, era hábito dirigirem-se ao sepulcro para embalsamar ou passar perfumes no defunto. Não sei sequer se era um ou se eram dois anjos que se encontravam no sepulcro. Entretanto,

se os vestidos de Jesus foram repartidos no dia de sua morte, e se lhe foi posto um lençol para ser sepultado, agora se conclui que Jesus teria ressuscitado sem roupas.

Em nosso atual estágio de civilização e ciências, podemos dizer que não há ressurreição do corpo físico; muito menos que, depois de três dias, possa um corpo se refazer e adquirir vida e movimento. Antes mesmo de ser invadido pelos vermes sepulcrais, o corpo já perdeu sua capacidade de se revigorar biologicamente. Quem duvidar da impossibilidade da ressurreição do corpo, peça autorização judicial e acompanhe uma “exumação de cadáveres”, e se convencerá de que – depois de algum tempo – ele só encontrará ali cabelos, ossos, dentes e nada mais. E aqueles órgãos jamais retornarão à Vida.

Aliás, Paulo, escreveu na I Epístola aos Coríntios, no ano 44: “se o Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e a nossa fé; e nós estamos aqui como falsas testemunhas, porque contra Deus depusemos que o Cristo ressuscitou, sem que ele tenha ressuscitado — se é que os mortos não ressuscitam”.

Não, Jesus não ressuscitou no próprio corpo físico, como ninguém ressuscita. A Doutrina dos Espíritos ensina que, depois da morte do corpo físico, o espírito mantém um “corpo astral, corpo fluídico ou segundo corpo”, que pode tornar-se visível e até palpável, dando-nos a impressão de ser material. Isto, porém, não é ressurreição dos mortos; é materialização de espíritos.

Texto - As aparições de Jesus, depois de sua morte

Lucas XXIV:13, Eis que, no mesmo dia, caminhando dois deles para uma aldeia chamada Emaús (...) 14) iam falando um com o outro sobre o que se tinha passado. 15) E aproximou-se deles o próprio Jesus, e ia com eles. 16) Os seus olhos, porém, estavam fechados, de modo que não o reconheceram. 17) E ele disse-lhes: Que conversas são estas (...) e por que estais tão tristes? 18) E, respondendo, um deles (...) disse-lhe: Só tu és forasteiro em Jerusalém, e não sabes o que ali tem se passado estes dias? 19) (...) sobre Jesus Nazareno (...) 33) Voltaram para Jerusalém e encontraram juntos os onze, e os que estavam com eles, 34) os quais diziam: Na verdade, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão. 36) E, enquanto falavam nisto, apresentou-se Jesus no meio deles e disse-lhes: a paz seja convosco; sou eu, não temais! 37) Mas eles, turbados e espantados, julgavam ver algum espírito. 38) E Jesus disse-lhes (...) 39) Olhai para as minhas mãos e pés, porque sou eu mesmo; apalpai e vede, porque um espírito não tem carne, nem ossos, como vós vedes que eu tenho. 40) E, dito isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Marcos-XVI:9, Ora, (Jesus) tendo ressuscitado de manhã, no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena. (...) 13) E, depois, mostrou-se sob outra forma a dois deles, enquanto iam para a aldeia (...) 14) Finalmente, apareceu aos onze.

João-XX-24-29, A incredulidade de Tomé e o seu convencimento. 30) Outros muitos prodígios foram feitos por Jesus, na presença de seus discípulos, que não estão escritos neste livro. 31) Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus./ XXI:4, E chegada a manhã, Jesus se apresentou na praia: os discípulos, todavia, não reconheceram que era Jesus.

Análise – Como poderiam os discípulos não reconhecer Jesus pelo fato de estar ele com os olhos fechados? Para afirmarem que Jesus parecia um “espírito”, é lógico que eles viam “espíritos”. Porém Jesus apresentou-se com seu corpo astral, fluídico

ou segundo corpo. Portanto, os textos são insuficientes para nos provarem que, realmente, Jesus tenha ressuscitado no seu próprio corpo físico. Aliás, Paulo escreveu, em I Coríntios-XX:44, “semeia-se um corpo animal, e ressuscitará um corpo espiritual”.

Texto – Ascensão de Jesus aos céus – Marcos-XVI:19, E o Senhor Jesus, depois que (assim) falou, elevou-se ao céu, e está sentado à direita de Deus!

Análise – Segundo os judeus, Enoque, Elias e até Jesus teriam sido elevados, corporalmente, aos céus, por uma concessão divina aos seus merecimentos. Entretanto, depois que a Astronomia nos provou a imensidão do universo, que não há alto nem baixo, em cima nem embaixo, para onde teria ido Jesus? Eis um reflexo das antigas crenças religiosas que colocavam o “céu” na abóbada celeste e o “inferno” no interior da Terra.

E) Os Atos dos Apóstolos – de Lucas

Observa o padre Matos que, pelo título, parece que este livro traz a história dos atos de todos os apóstolos; mas que São Lucas, o seu autor, ficou longe de escrever, de modo completo, o ministério de cada um dos membros do colégio. Para ele, os Atos são como uma complementação natural do 3º Evangelho, além de uma introdução necessária às Epístolas, as quais se tornariam incompreensíveis em alguns pontos. Segundo ele, na opinião de São João Crisóstomo, “a leitura dos Atos dos Apóstolos é tão salutar como a dos santos Evangelhos” (04.1313).

Texto – Atos-I: A escolha de Matias para substituir Judas. 15) Naqueles dias, levantando-se Pedro, no meio dos irmãos (o número das pessoas reunidas era de cerca de 120), disse: 16) Meus irmãos, é necessário que se cumpra o que foi dito pelo Espírito Santo nas Escrituras, por intermédio de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam Jesus; 17) ele, que estava alistado entre nós, e que teve parte neste ministério (...) 18) Esse (homem) adquiriu um campo com o salário de (sua) iniquidade e, tendo-se pendurado, rebentou-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram.

Bíblia comparadas – A Vulgata Latina ensina, no vs-18, foi suspenso e se arreventou pelo meio, e todas as suas vísceras foram espalhadas. A Bíblia protestante diz, vs-18, caindo de cabeça, se rebentou pela metade, e todas as suas entranhas se derramaram.

Análise – Poderíamos acreditar nestes textos, como chegaram até nossos dias? Na nossa opinião, quando alguém se enforca – como teria acontecido a Judas Iscariote – ele não cai de cabeça para baixo, nem se parte ao meio, e muito menos derrama suas vísceras. Além disso – como poderia ter Judas comprado um campo – se o texto de Mateus XXVII:3-5 afirma que ele “jogou as 30 moedas de volta, dentro do templo, e foi-se pendurar numa forca”? Como se vê, nem os textos do Antigo Testamento, nem os do Novo Testamento, e nem mesmo os dos Atos dos Apóstolos merecem a credibilidade e respeito que tentam fazer-nos crer. Por isso, antes de aceitá-los cegamente, temos o direito de submetê-los ao crivo da razão, da lógica e do bom-senso.

Texto – Atos-II:4, E foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar várias línguas. (...) 16) Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: 17) E acontecerá, nos últimos dias (diz o Senhor), que derramarei o meu espírito sobre toda a carne; e profetizarão vossos filhos e vossas filhas, e os vossos jovens terão visões e os vossos anciãos sonharão sonhos.

Análise – Novamente, a preocupação dos escritores do Novo Testamento em estabelecer uma analogia entre este e o Antigo Testamento. Todavia, os fenômenos

de xenoglossia, de clarividência, de audiência, de incorporação, de revelação através dos sonhos e outros fenômenos mediúnicos existiram em todos os tempos e lugares, e já estão cientificamente comprovados. A ciência já os estudou sob os nomes de “fenômenos psi-gamma, psi-kapa e até de memória extra-cerebral”.

Texto – Atos – V-1, (...) Ananias, com sua mulher Safira, vendeu um campo, 2) e, de acordo com sua mulher, reteve parte do preço (do campo); e, levando uma parte, a pôs aos pés dos apóstolos. 3) E Pedro disse: Ananias, por que tentou Satanás o teu coração, para que mentiste ao Espírito Santo, e retiveste parte do preço do campo? 5) Não mentiste aos homens, mas a Deus. Ananias, ao ouvir estas palavras, caiu e expirou (...) 7) E passadas (...) três horas, entrou também sua mulher, não sabendo o que tinha acontecido. 9) Pedro, então disse: (...) Por que vós combinastes para tentar o Espírito Santo do Senhor? Eis que estão à porta os pés daqueles que sepultaram teu marido, e te levarão a ti. 10) E, imediatamente, ela caiu a seus pés, e expirou (...) e sepultaram-na junto ao seu marido. 17) (...) levantando-se o príncipe dos sacerdotes (...) 18) deitaram as mãos sobre os apóstolos e meteram-nos na cadeia pública. 19) Mas o anjo do Senhor, abrindo de noite as portas do cárcere, tirou-os para fora...

Análise – No Livro Levítico, nós vimos que, toda vez que alguém vendesse ou matasse alguma coisa, em sua casa ou fora do templo, deveria comparecer perante o sacerdote e entregar-lhe o valor correspondente a 1/5 do dinheiro ou do animal morto, porque pertenceria ao Senhor, ou melhor, ao sacerdote, a quem fosse entregue. No caso acima, parece-nos que aquele costume ainda estava em uso; mas Ananias tentou sonegar o pagamento da 5ª parte do Senhor. Tendo descoberto o preço verdadeiro, Pedro amaldiçoou Ananias que, segundo o texto bíblico, teria caído morto imediatamente – o mesmo acontecendo, três horas depois, com sua esposa Safira.

Haverá algum lugar no mundo, onde um defunto seja enterrado em menos de três horas do falecimento, sem despesas e sem conhecimento da própria família? Teria mesmo Deus matado Ananias e Safira, para cumprir a maldição de Pedro?

Texto – Atos-XII-5, Pedro, pois, estava no cárcere (...) 7) E eis que sobreveio um anjo do Senhor (...) e despertou-o, dizendo: Levanta-te depressa. E caíram as cadeias de suas mãos. 21) Herodes (estava) no Tribunal. (...) 22) E o povo o aplaudia, dizendo: são vozes de um Deus, e não de um homem. 23) Porém, subitamente, o anjo do Senhor o feriu (...) e ferido de vermes, expirou...

Análise – Tanto no capítulo anterior, quanto neste último, aparece milagrosamente um “anjo do Senhor” e, contrariando a justiça da terra, põe em liberdade os apóstolos.

Será, porém, que os vermes daqueles tempos proliferavam mais rapidamente do que os de hoje? Acredita o leitor que possa alguém ser atacado e morto, imediatamente, pela invasão de vermes? E por que iria Deus punir o rei Herodes, quando o culpado era o povo que o considerou um deus? Por todos esses absurdos e incoerências textuais, nós afirmamos que, os textos bíblicos foram adulterados, acomodados, arranjados, para defender pontos de vista teológicos previamente estabelecidos.

Texto – Atos-XIV:10, a multidão, porém, tendo visto o que Paulo fizera, levantou a sua voz: “Estes são deuses que baixaram até nós, em forma de homens”. 12) (...) e queriam oferecer um sacrifício. 17) (...) a custo puderam impedir que o povo lhe oferecesse um sacrifício.

Análise – A simplicidade e o fanatismo religioso daquele povo – como a de grande parte dos homens de hoje – era de causar piedade. Acredita o leitor que os fatos tenham-se passado exatamente como narrados no texto bíblico? Ou teriam os textos sofrido alterações, modificações e até adulterações?

Texto – Atos-XVI:7, E tendo chegado a Níssia, tentavam passar a Bitínia, mas o espírito de Jesus não lhes permitia. 16) (...) veio ao encontro uma jovem que tinha o espírito de Píton (...) 17) (...) e gritava: “Estes homens são servos de Deus Excelso, que anunciam o caminho da salvação”. 18) E fazia isto muitos dias. Mas, enfadado (...) Paulo disse ao espírito: ordeno-te, em nome de Jesus Cristo, que saias desta (mulher). E ele, na mesma hora, saiu.

Análise – Por que teria o espírito de Jesus proibido que os discípulos pregassem a palavra de Deus em Bitínia? Seria aquele povo menos merecedor da proteção de Jesus? Atualmente, as igrejas ditas cristãs afirmam que “o espírito de Píton é coisa de Satanás”. No entanto, aquele, que falava através daquela mulher, enaltecia o trabalho dos apóstolos como recomendável para a salvação. A despeito disso, só porque estava repetitivo e monótono seu elogio, Paulo se irritou e expulsou aquele espírito. Seria ele realmente demoníaco?

Texto – Atos-XIX:1, (...) Paulo chegou a Éfeso e aí encontrou alguns discípulos; 2) e ele disse-lhes: vós recebestes o Espírito Santo quando abraçastes a fé? E eles responderam-lhe: “Nós nem sequer ouvimos dizer que há Espírito Santo”! 6) E, tendo Paulo lhes imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e falavam (diversas) línguas e profetizavam.

Análise – Segundo o padre Matos, os Atos foram escritos, provavelmente, em 64 (04/1313); portanto, mais de trinta anos depois da morte de Jesus. Apesar disso, os discípulos, que se encontravam em Éfeso, ainda não tinham ouvido falar sobre o Espírito Santo. Aliás, como já vimos, foi só no Concílio de Nicéia (325 dC) que a Igreja votou e aprovou o dogma da Santíssima Trindade. E como acontece atualmente, nas sessões de Espiritismo, Paulo colocou as mãos sobre a cabeça dos discípulos e estes, imediatamente, desenvolveram a faculdade de “falar línguas estrangeiras” e de “profetizarem”. Como poderiam, pois, aqueles membros da Campanha Antiespírita, qualificar o “dom de falar línguas estrangeiras” de hiperestesia, pantomnésia, fraude, poder dos anjos, alucinações, memória do inconsciente excitado etc.?

Texto – Atos – XXIII:7, (...) Saulo, Saulo por que me persegues? 8) (...) Eu sou Jesus Nazareno, a quem persegues. 9) E os que estavam comigo viram a luz, mas não ouviram a voz.

Análise – Este fato ocorreu em 35, dois anos depois da morte de Jesus, quando Saulo ia pela estrada de Damasco, e que resultou na sua conversão; só quase uma década mais tarde, começou ele suas viagens missionárias e escreveu suas Epístolas.

3.3.4 As 14 Epístolas Paulinas

A) Epístola aos Romanos

De acordo com o padre Matos Soares, antes mesmo da era vulgar, uma colônia

de judeus conseguira estabelecer-se em Roma, obtendo liberdade de culto; alguns pagãos entusiastas com a doutrina de Moisés haviam abraçado o Judaísmo. Em 57, Paulo escreveu-lhes esta Epístola; a carta foi levada a Roma pela viúva de Febe, a diaconisa de Ceneris (04/1353).

Texto – Romanos-V-8, Morreu Cristo por nós... pelo seu sangue seremos salvos da ira por ele mesmo. 19) Como pela desobediência de um só, muitos se tornaram pecadores, assim pela obediência de um, muitos virão a ser justos.

Análise – Ora ele acreditava no “pecado de Adão e Eva”, pelo qual Deus teria condenado todos os descendentes a nascerem com a mancha do pecado alheio. E, pela morte de Jesus, Deus daria oportunidade a que muitos se tornassem justos. Ora, são opiniões pessoais e subjetivas de Paulo, sem nenhuma fundamentação nas palavras de Jesus, que não deixou nada escrito.

B) I e II Epístolas aos Coríntios

I Epístola aos Coríntios

Histórico – Estando em Roma, São Paulo foi informado dos abusos gravíssimos que tinham se introduzido na igreja de Corinto: os fiéis encontravam-se divididos, com perigo de caírem em um verdadeiro cisma (ou divisão). Alguns dos convertidos não tinham deixado os vícios carnis do paganismo, sendo causa de escândalo. Os neófitos levavam suas questões perante os tribunais pagãos, em vez de recorrerem ao arbítrio dos cristãos; nas reuniões dos fiéis, as mulheres pretendiam ter o direito de falar e de ensinar. Esses abusos – mostra o padre Matos Soares – levaram o apóstolo a escrever esta longa Epístola, em que censura severamente os culpados e responde a algumas consultas feitas (04-1373).

Texto – I Coríntios-V:1, Ouve-se constantemente dizer que há entre vós fornicções. (...) 5) Seja o tal entregue a Satanás, para a morte da carne, a fim de que sua alma seja salva.

Análise – Quanto disparate! Terá sido deste texto que a Igreja medieval se inspirou, para instituir o Tribunal da Inquisição? Não era queimar o culpado, para salvar-lhe a alma, o objetivo do Tribunal da Inquisição? Contudo, aquele “demônio” era de uma ingenuidade imensurável: martirizaria o corpo dos cristãos, sem saber que estaria salvando-lhes as almas!

Texto – I Cor-IX:5, (...) não temos nós o direito de levar, por toda parte, uma mulher como irmã, como também os apóstolos, e os irmãos do Senhor e Cefas? 7) (...) quem planta uma vinha, e não come do seu fruto? Quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho? 11) Se nós semeamos entre vós as coisas espirituais, é por ventura muito, se escolhermos dos vossos bens temporais precisos para viver? 13) Não sabeis que os que trabalham no santuário comem do que é do santuário, e os que servem no altar têm parte (do que oferece) no altar?

Bíblias comparadas – Diz a The Bible, vs-11, não temos o direito de escolhermos coisas carnis?

Análise – Durante suas viagens missionárias, Paulo levava consigo uma mulher; entretanto, como deve ter sido censurado por isso, tentou justificar-se, alegando seus direitos no livro dos Levitas.

Texto – I Cor-XIII:1, Ainda que eu falasse as línguas dos anjos, dos homens e dos

santos; se eu não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que tine...

Análise – Do versículo 01 a 07, lê-se um dos textos mais bonitos e expressivos de todo o Novo Testamento. Entretanto, há 40 anos atrás, quando eu li a Bíblia pela primeira vez, o texto dizia: “se eu não tiver amor...”, ao passo que hoje todas as bíblias consultadas trazem a expressão “se eu não tiver caridade”. Para nós, amor e caridade têm significados diferentes, em alguns casos.

Texto – I Cor-XV:3, (...) ensinei-vos o que eu mesmo tinha aprendido: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; 4) e que foi sepultado, e que ressuscitou no 3º dia (...) 13) (...) Pois, se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. 14) E, se o Cristo não ressuscitou, é pois vã a nossa pregação... e a nossa fé. 24) Depois (da ressurreição) será o fim (do mundo). 35) (...) Como ressuscitam os mortos? E com que corpo virão? 42) Assim também a ressurreição dos mortos: semeia-se (o corpo) corruptível, ressuscitará incorruptível. 43) Semeia-se na ignomínia, ressuscitará glorioso; semeia-se inerte, e ressuscitará robusto, 44) e semeia-se um corpo animal, ressuscitará um corpo espiritual. Se há um corpo animal, também há corpo espiritual, como está escrito.

Análise – De início, aparece que o próprio Apóstolo Paulo tinha dúvidas quanto à ressurreição de Jesus, só acreditando nela porque isso era ensinado nas Escrituras. Entretanto, ele mesmo ensinou que “há um corpo material e um corpo espiritual”. Para nós, Jesus apareceu, depois da morte, no seu corpo espiritual – não houve ressurreição da carne.

A II Epístola aos Coríntios

Histórico – Conforme Myer Pearman, em “Através da Bíblia, Livro por Livro”, para corrigir as desordens surgidas e responder às perguntas que lhe foram feitas, em resposta à primeira carta, Paulo escreveu sobre a ressurreição (71.327). Paulo foi à Macedônia, onde encontrou Tito, que lhe trouxe notícias de sua Igreja, a qual, na sua maioria, tinha aceitado suas exortações; mas havia uma pequena minoria recusando sua autoridade. Para consolar os primeiros e admoestar os últimos, Paulo escreveu esta Epístola aos Coríntios, na qual chega a dizer-lhes: “Rogo-vos que não me obrigueis a usar o meu poder para disciplinar-vos” (71/336).

C) Epístolas aos Colossenses, aos Gálatas e aos Efésios

Epístola aos Colossenses

Histórico – Colossos ficava na Frígia, há cerca de 200 km. de Éfeso, e Paulo nunca pregara lá; todavia, durante o tempo em que pregara em Éfeso, converteu alguns colossenses, entre os quais estavam Filémon e Epafras. Quando o apóstolo estava prisioneiro em Roma, recebeu a visita de Epafras, chefe da Igreja de Colossos, que o informou do estado dessa comunidade: embora conservassem fervorosos, corria grande perigo por causa dos falsos doutores (04/1417). No seu meio apareceu um mestre que pregava a doutrina chamada Gnosticismo, uma mistura de legalismo judaico e de filosofia cristã (71/346).

Texto – O Colossenses-I:15, Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de todas as criaturas; 16) porque nele foram criadas todas as coisas no céu e na terra (...) tudo foi criado por ele e para ele; 17) e ele é antes de todas as coisas.

Análise – Aqui, Paulo ensina que Jesus não é Deus, mas o seu filho primogênito – logo, é uma criatura de Deus. Entretanto, em seguida, Paulo afirma que todas as coisas foram criadas por Jesus.

Quando tinham apenas nove anos de idade, meus filhos gêmeos – Alexandre e Eduardo – chegaram da escola meio confusos e discutindo sobre Deus e Jesus. Depois, eles me perguntaram: “Papai, se foi Jesus quem criou o mundo, onde ele viveu e morou, quando esteve na Terra? Ora, naquele tempo não devia haver nem casas, nem cidade, nem mundo!” Não me foi fácil desfazer a confusão teológica que a professora havia inculcado nas suas mentes infantis! Deus é Deus; Jesus é Jesus!

Epístola aos Gálatas

Histórico – O Concílio de Jerusalém – informa Myer Pearman – decidiu que os gentios eram justificados pela fé somente, sem as obras da lei. Essa decisão desagradava o partido judaizante, conseguiram convencer toda a igreja dos Gálatas a viver sob a observância da lei mosaica. Foi para restaurar aquela igreja ao seu estado anterior, que Paulo escreveu esta Epístola, na Grécia, quando de sua 3ª viagem (71/340). Segundo o padre Matos Soares, Paulo começa por reivindicar, para si, a dignidade de Apóstolo, mostrando a conformidade de seus ensinamentos com os dos outros apóstolos; e provando, finalmente, que nem a circuncisão, nem a lei de Moisés podem contribuir para a justificação (04/1401).

Texto – Gálatas-I:8, Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu nos anuncie um Evangelho diferente daquele que vos temos anunciado, seja anátema! 11) (...) o Evangelho pregado por mim (...) 12) (...) não o recebi nem o aprendi de homem (algum), mas da revelação de Jesus Cristo.

Análise – Eis como os textos de Paulo são contraditórios: em I Coríntio –XV, ele confessara não ter recebido revelação alguma, mas que tudo o que ensinava tinha aprendido das Escrituras do Antigo Testamento; mas, agora, ele afirma que “não o aprendi de homem algum, mas por revelação de Jesus Cristo”.

Texto – Gálatas – IV-19, Filhinhos meus, por quem ainda sinto de novo as dores do parto, até que Cristo se forme em vós.

Análise – Vejam o caráter simbólico dessas palavras: o apóstolo nunca dera à luz, e jamais poderia lembrar-se das “dores do próprio nascimento”. Ora, se ele usou, aqui, uma linguagem simbólica e metafórica, por que não admitirmos que também em outros textos tenha feito uso dela?

Epístola aos Filipenses

Histórico – Filipos era uma cidade situada nos confins da Macedônia, que São Paulo evangelizou. Quando os filipenses souberam que o apóstolo estava prisioneiro em Roma, mandaram Epafrodito levar-lhe socorros. São Paulo escreve esta Epístola, agradecendo aos filipenses pelos auxílios enviados, e exorta-os a preservar a santidade e previne-os contra os perigos (04/1413).

Epístola aos Efésios

Histórico – O autor de “Através da Bíblia, Livro por Livro” ensina que havia, naquele tempo, dois perigos que ameaçavam a Igreja de Éfeso: uma tentação de descer ao nível pagão; e uma falta de unidade entre os judeus e os gentios. Para instruir os efésios, Paulo lhes escreveu esta Epístola (71/346).

D) Epístola I e II Tessalonicenses

Epístola aos Tessalonicenses

Histórico – O padre Matos escreveu que Tessalônica, hoje Salônica, é uma cidade da Macedônia em que São Paulo pregara o Evangelho por ocasião de sua segunda viagem apostólica. Estando em Corinto, ele recebeu, através de Timóteo, notícias daquela igreja, que eram, em geral, boas; todavia, alguns convertidos ainda não tinham renunciado por completo a certos vícios pagãos. Impedido de ir ter com eles, Paulo escreveu-lhes esta carta, na qual os louvava pela sua constância na fé, e os exortava a evitar os vícios, além de instruir sobre a “segunda vinda de Jesus, para o Juízo Final” (04/1421).

Texto – I Tessal-IV-15, Os que morreram em Cristo, ressuscitarão primeiro. 16) Depois, nós, os que vivemos, os que ficamos, seremos arrebatados justamente com ele sobre as nuvens, ao encontro de Cristo nos ares.

Bíblias comparadas – Diz a Bíblia protestante, vs-16, porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de um arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo, ressuscitarão primeiro.

Análise – Aqui, Paulo considerava Deus e Cristo duas pessoas diferentes. Entretanto, ele acredita na história de uma pessoa sendo arrebatada aos céus, de ressurreição e de Juízo Final. Como já vimos, estas histórias não podem ter origem divina.

Texto – I Tessal-V:1, Quanto, porém, ao tempo e ao momento (desta segunda vinda de Jesus Cristo), não tendes necessidade (...) de que vos escrevamos. 19) Não extingais o Espírito (santo). 20) Não desprezais as profecias. 21) Examinai tudo, abraçai o que for bom.

Análise – Por gentileza, leia o texto transcrito sem os acréscimos feitos pelo padre Matos (desta segunda vinda de Jesus Cristo e Santo). O texto fica vazio e inexpressivo: nada fala da segunda vinda de Cristo, nem do Espírito Santo. Pelo contrário, ele mostra que há espíritos e profecias, mas que devemos examiná-los e abraçar apenas o que for bom.

Epístola aos Tessalonicenses

Histórico – O Padre Matos ensinou que algum tempo depois de ter enviado a I Epístola, São Paulo recebeu informações sobre os efeitos que ela tinha produzido, bem como sobre o estado daquela igreja. O que ele havia escrito, sobre o Dia do Juízo Final, tinha alarmado os tessalonicenses, como se aquele terrível dia estivesse muito próximo. Alguns chegaram a abandonar os trabalhos, passando a vida na ociosidade. Então, o apóstolo lhes escreveu esta II carta, na qual se propõe a louvá-los pela sua constância na fé e o progresso na virtude, ao mesmo tempo em que dissipar os mal-entendidos sobre o Dia do Juízo Final (04/1425).

E) Epístola aos Hebreus, II a Timóteo, a Tito, a Filémon

Epístola aos Hebreus

Histórico – Segundo Myer Pearman, muitos estavam negligenciando o culto; muitos, cansados de andar pela fé, estavam olhando para o Templo de Jerusalém, com seus sacrifícios e ritos imponentes, chegando ao risco de abandonarem o Cristianismo e voltarem ao Judaísmo. Para reprimir essa intenção de voltar ao Judaísmo, foi que Paulo escreveu esta Epístola, provavelmente na Itália, em 63 ou 64 (71/392).

I Epístola a Timóteo

Histórico – Esta carta foi escrita em Roma, pouco antes de seu martírio, e tinha a finalidade de pedir a presença de Timóteo em Roma (71/376). Porém, temendo que o discípulo predileto não chegasse a tempo de vê-lo vivo, Paulo se aproveitou desta carta para fazer suas últimas recomendações (04/1433).

Texto – II Timóteo-II:16, Toda Escritura divinamente inspirada é útil para ensinar, para repreender, para corrigir.

Análise – É evidente que, no texto, a palavra “escritura” significa qualquer escrito, qualquer coisa escrita; não se referiam às Sagradas Escrituras, mesmo porque o Novo Testamento só foi finalizado nos últimos anos do século I. Entretanto, em nossos dias, quase todas as Bíblias e pregadores dizem “toda Escritura é divinamente inspirada, e útil...”. Não é isto o que está escrito.

Epístola a Tito

Histórico – Esta Epístola foi escrita pouco depois da I a Timóteo, provavelmente da Macedônia, em 64 ou 77, para instruir Tito acerca da organização da igreja cretense e para ensinar-lhe o método de tratar o povo (71/384). Segundo o padre Matos, quando São Paulo se dirigiu à ilha de Creta, para evangelizá-la, tomou Tito por companheiro e deixou-o nesta região para organizar o seu ministério; por isso, São Paulo lhe escreveu esta carta (04/1437).

Epístola a Filémon

Histórico – Filémon era um rico cristão de Colossos. Um servo chamado Onésimo cometeu um furto em sua casa, fugindo em seguida para Roma. Ali, ele encontrou São Paulo, que o converteu à fé cristã. O apóstolo encontrou em Onésimo ótimas qualidades, e pensou que lhe seria de grande auxílio. Todavia, não o quis fazer, visto que Onésimo era culpado e foragido. Por isso, remeteu a Filémon, como portador da presente Epístola, na qual pede a Filémon, caro amigo e cooperador, perdão ao seu antigo escravo, e que o receba como se fosse o próprio Paulo (04/1439).

3.3.5. Das Epístolas Católicas ao Apocalipse

A) As sete Epístolas Católicas

Introdução – Elas são chamadas Epístolas Católicas porque não são dirigidas a uma igreja ou a uma pessoa em particular, como as de São Paulo, mas a todos os fiéis ou a um grande número deles (04/1455). Em número de sete, elas são as seguintes: Epístola de São Tiago, o menor; I e II de São Pedro; I, II e III de São João; Epístola de São Judas.

Epístola de São Tiago, o Menor

Esclarecimento – Na Vulgata Latina, esta carta tem o nome de “Epistula Iacobi”, na Bíblia em Italiano, “Epistola di S. Giacomo”, na Bíblia em Francês, “Épitre de Jacques”, na Bíblia em Esperanto, “Epistolo Gheneral de Jakobo”, em The Bible, “The General Epistle of James”, nas Bíblias em Português do padre Matos e na Bíblia protestante, “Epístola de São Tiago”. A fonética histórica nos mostra que, ao passar de uma língua para outra – por exemplo, do Latim para o Português – as palavras se

transformam e se modificam. Em português, por exemplo, que derivou do Latim Vulgar, este nome passou pelas seguintes transformações: Iacobi – Iaco – Iago – Jacó – Santo Iago – Santiago – Tiago.

Histórico – O padre Matos pondera que, escrita em Jerusalém, no ano 60, propõe esta Epístola animar os fiéis, no meio das perseguições, excitá-los a uma virtude mais conforme os princípios cristãos e preveni-los contra as falsas doutrinas. Ela faz supor a existência da Epístola aos Romanos, pois explica as idéias de São Paulo, então erroneamente interpretadas, de que a fé exige boas obras, e de que a justificação não provém das obras da antiga lei, mas das obras cristãs (04/1455). Segundo Myer Pearman, para Tiago, uma fé que não produz santidade, é uma coisa morta, não indo além de especulações do intelecto (71/403).

Texto – Tiago-V-8, (...) a vinda do Senhor está próxima. 16) Confessai pois os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes salvos.

Análise – São Tiago também acreditava no breve retorno do Cristo à Terra. Porém ele também se equivocou, porque o tempo passou, e Jesus não veio... ao menos em corpo humano. Parece-nos que foi esta a primeira vez que se fala, na Bíblia, em confissão. Entretanto, no Novo Testamento, Marcos ensinou, XVI:16, que “quem crer e for batizado, será salvo; quem, porém, não crer, será condenado”. Portanto, a confissão dos pecados não é requisito essencial para a salvação, como pretendia São Tiago.

B) As I e II Epístolas de São Pedro

I Epístola de São Pedro

Histórico – Esta Epístola supõe as perseguições de Nero. Ela foi escrita provavelmente em 60, na Babilônia, para ensinar os fiéis a permanecerem firmes diante dos sofrimentos e a se manterem na santidade (71/409).

Texto – I Pedro-I:8, Sabendo que fostes resgatados (...) 19) mas pelo precioso sangue de Cristo (...) 20) designado (por Deus, para vosso salvador) antes da criação do mundo.

Análise – Eis aqui como se iniciam os fundamentos de uma crença ou de uma religião: Jesus tinha morrido em 33; mas agora, em 60, São Pedro escreve tudo aquilo em que ele próprio acreditava, e isso passa a ser uma “revelação divina”. Com o tempo, essas idéias e muitas outras tornaram-se fundamento da fé no Cristianismo, e são ensinadas, até hoje, como verdade divina. Ora, como admitirmos que, antes da criação do mundo, Deus sabia que o gênero humano iria necessitar de um Messias ou Salvador?

II Epístola de São Pedro

Histórico – Segundo Myer, a I Epístola tratava de um perigo fora da igreja: as perseguições; mas esta trata de um perigo dentro da igreja: a falsa doutrina. Ela foi escrita provavelmente em 66 (71/414). O padre Matos Soares expõe que esta Epístola foi dirigida aos fiéis da Ásia Menor, entre os quais havia se espalhado alguns homens de costumes corrompidos, os quais, procuravam suprimir a fé e levar os cristãos à licenciosidade (04/1465).

Texto – II São Pedro-I:17, (...) desceu a ele uma voz (que dizia): Este é o meu filho amado, em que pus as minhas complacências. 18) E nós mesmos ouvimos esta voz, vinda do céu, quando estávamos com ele sobre o Monte Santo.

Análise – Eis um relato aparentemente insignificante. Deixa-o de ser, no entanto, quando, em Mateus III:16, aquele evangelista afirma que aquela voz fora ouvida no

rio Jordão, quando Jesus estava sendo batizado por João Batista. Ora, sendo contraditórios os textos, só um deles pode ser verdadeiro. Qual deles?

Texto – II São Pedro-II:4, Porque Deus não perdoou os anjos que pecaram, mas eles foram precipitados ao tártaro, entregues às cadeias das trevas, para serem atormentados e preservados até o Juízo (final).

Análise – Ora, se os anjos decaídos (ou demônios) já foram julgados, condenados e precipitados ao “inferno” para sempre, por que haveria para eles um Juízo (Final)?

C) A I, II e III Epístola de São João

A I Epístola de São João

Histórico – O padre Matos afirma que esta Epístola foi escrita como prefácio ao 4º Evangelho; que não é dirigida a nenhuma igreja, mas a toda a cristandade, e em particular aos fiéis da Ásia Menor, porque ali surgira o perigo do Gnosticismo, fruto da doutrina judaizante e da filosofia pagã. De acordo com o Gnosticismo, Jesus estava unido a Deus-Pai apenas moralmente e de modo transitório; negando a união hipostática, porque – segundo eles – Deus não podia unir-se à carne que, por sua natureza, é má e perversa; eles negavam a redenção humana, ensinando que o homem não precisa ser redimido, mas instruído e, para isso, basta a Gnose (conhecimento de Deus e inteligência dos mistérios) (04/1469). Para Myer Pearman, foi escrita em Éfeso, mais ou menos em 70 dC (71/149).

Texto – I São João – I:7, Porque são três os que dão testemunho do céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e estes três são uma só coisa./ Cap.II-22, Quem é um mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é um anticristo, que nega o Pai e o Filho.

Análise – Para São João, é anticristo aquele que nega a divindade de Jesus; porque Deus-Pai, o Verbo e o Espírito Santo constituem um só Deus, embora em três pessoas diferentes. Ora, a história nos mostrou (vide cap. 2.2.1.) que, muito antes mesmo de Moisés, os povos já acreditavam que Deus fosse três entidades distintas: Sin (o deus sol), Shamash (a deusa lua) e Ishtar (o deus planeta Vênus); e que estes dogmas entraram no Judaísmo e, dele, passaram a doutrina dos seguidores de Cristo. No entanto, foi o Concílio de Nicéia (325) que definiu, oficialmente, a crença na Santíssima Trindade.

A Filosofia nos obriga a pensar que Deus não pode ser, ao mesmo tempo, criador e criatura, pai e filho de si mesmos, pois isso seria o que se chama “impossível metafísico”.

Texto – I João-III-8, Aquele que comete um pecado é (filho) do demônio, porque o demônio peca desde o princípio. Para destruir as obras do demônio, é que o Filho de Deus veio ao mundo. 9) Todo o que nasce de Deus, não comete pecado, porque a semente de Deus (...) permanece nele, e não pode pecar. (...) 12) Não sou como Caim, que era (filho do espírito) maligno, e matou seu irmão.

Análise – Vejam como as palavras do Novo Testamento chegaram até nós. Quanta confusão de raciocínio. Quanta pobreza teológica. Haverá outro “criador” além de Deus? O que se pode entender como “filho do demônio”?

Texto – I João-IV-1, Não queirais crer em todo o espírito, mas examinai os espíritos (para ver) se são de Deus; porque muitos falsos profetas virão para o mundo. 2) (...) Todo espírito que confessar que Jesus Cristo veio em carne, é de Deus; 3) e todo o espírito que divide Jesus, não é de Deus, mas este é um Anticristo. (...) 12)

Ninguém jamais viu a Deus (...) 14) E nós vimos e retificamos que o Pai enviou o seu filho (para ser) o salvador do mundo.(...) 18) Na caridade não há temor (...) o temor supõe pena; e (por isso) aquele que teme, não é perfeito na caridade.

Bíblias comparadas – A Bíblia protestante, no vs-3, ensina que todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne, não é de Deus, mas este é o espírito do Anticristo./ A Vulgata Latina registra, no vs-18, na caridade não há temor; antes, a perfeita caridade lança fora o temor; porque o temor supõe pena, e o que teme não é perfeito na caridade./ A Bíblia em Espanhol, vs-18 orienta: no amor não há temor; o temor leva em si o castigo: donde aquele que teme não foi aperfeiçoado no amor.

Análise – Dividir Jesus em dois significa atribuir-lhe duas naturezas, uma humana e outra divina. Seria um “anticristo” quem acredita nessa divisão ou dualidade de naturezas? Não é isso que nos ensina atualmente o catecismo católico: que Jesus tem duas naturezas? Seria, então, a própria Igreja o Anticristo?

Todavia, o vs-12 nega, praticamente, todo o Pentateuco e os demais livros vetero-testamentários que se baseiam nele: Se “ninguém jamais viu a Deus”, como ensina o apóstolo São João, toda aquela história de ter Deus falado com os patriarcas, inclusive com Moisés, Arão e Josué, é falsa.

O capítulo mostra que os espíritos se comunicam com os vivos: do contrário, São João não teria admoestado para “não creiais em todo o espírito, mas examinai os espíritos (para ver) se são de Deus”. Como negar que os espíritos, tanto bons quanto maus, se comunicam com os vivos?

Texto – I João-V-7, Porque são três os que dão testemunho no céu: o pai, o verbo e o Espírito santo; e esses três são uma só coisa. 8) E são três os que dão testemunhos na terra: o espírito (que rendeu sobre a cruz), a água e o sangue (que derramou); e estes 3 são para confirmar uma mesma coisa.

Análise – Nem a razão, nem a lógica, nem o bom-senso nos leva a pensar em um Deus dividido em três pessoas. Se assim fosse, teríamos de admitir que, enquanto Deus-Filho estava encarnado na Terra, o Universo ficou governado por apenas duas pessoas divinas!

II Epístola de São João

Histórico – Foi dirigida à Senhora Electa e seu filho (04/1474), para adverti-la a não atender aos falsos mestres (71/427).

Texto – II João-único 10, Se alguém vem a vós, e não traz esta doutrina, não o recebeis em vossas casas, nem o saudeis.

Análise – Só mesmo conhecendo os motivos que levaram São João a escrever esta Epístola àquela hospitaleira mulher, para compreender o preconceito do apóstolo. Contudo, seria falta de caridade e fanatismo religioso, deixar de cumprimentar alguém pelo simples fato de ele não pensar como nós, ou não comungar a mesma crença religiosa. São João não poderia estar falando em nome de Deus, nem suas palavras servem como fundamento da fé cristã. Precisamos aprender separar os exemplos que Jesus realmente deixou aos homens, daquilo que constitui opiniões puramente pessoais dos pregadores religiosos.

III Epístola de São João

Histórico – Também como a anterior – orienta o padre Matos – esta Epístola não

traz o nome do apóstolo, mas a Igreja atribui a ele a sua autoria. Foi escrita em Éfeso, nos últimos anos do século I; sua finalidade era elogiar Caio (um rico cristão) pela hospitalidade concedida por ele aos operários evangélicos; e pedir-lhe que use cautela com um certo Diótrefes e recomenda-lhe um tal Demétrio (04/1475).

D) Epístola de São Judas

Histórico – São Judas, cognominado Tadeu, era parente de Jesus. Ela exorta os fiéis a se manterem firmes na fé e a praticar, com zelo, os próprios deveres (04/1476). Deve ter sido escrita entre 70 e 80, para adverti-los contra os apóstatas da Igreja, aqueles que embora tenham negado a fé, ficam ainda como membros da Igreja (71/429).

E) O Apocalipse ou Livro da Revelação

Histórico – Chama-se Apocalipse, isto é, Revelação, porque trata de coisas futuras, por isso mesmo sempre foi considerado pela Igreja como um livro profético. É um dos livros sagrados mais difíceis de interpretar: muitos o têm estudado, sem terem conseguido descobrir a significação exata de diversas visões de São João. Todos concordam, todavia, que o tema principal do Apocalipse é a segunda vinda de Cristo para o Juízo final, no fim dos séculos (04/1478). Ele foi escrito por João, o apóstolo, em Patmos, cerca de 90 dC (71/432).

Texto – Apocalipse-I:1, Revelações de Jesus Cristo (...) 3) (...) o tempo (de sua realização) está próximo. 10) Um dia de domingo, fui arrebatado em espírito, e ouvi, por trás de mim, uma grande voz, como de uma trombeta, 11) que dizia: o que vês, escreve num livro, e envia-o às 7 Igrejas que há na Ásia. (...) 17) Não temas: eu sou o que vive, 19) e fui morto; e eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno. 19) Escreve, pois, as coisas que vistes, e não somente as que são, mas também as que hão de suceder depois destas.

Bíblias comparadas – Diz a Bíblia em Espanhol, vs-18, tenho as chaves da morte e do hades; The Bible, vs-10, eu estava em espírito, no dia do Senhor.

Análise – Como a linguagem do Apocalipse é simbólica, metafórica e figurativa, qualquer coisa que se diga, acerca de suas previsões, não passaria de opiniões puramente pessoais e subjetivas. Ora, como poderia ter o apóstolo São João falado em “dia do Senhor”, quando se referia ao “domingo”, se foi apenas no ano 327 dC que o imperador Constantino substituiu o antigo “dies solis – o dia do sol” – pelo “dies domini – o dia do Senhor”? Tudo indica que este texto foi redigido muito posteriormente. Além disso, a antiga palavra, que se traduzia por “inferno” não significava, necessariamente, um lugar de suplícios e torturas, mas simplesmente “o sepulcro”.

Texto – Apocalipse-II-10, Não temas nada (...) o demônio fará meter na prisão alguns de vós, a fim de serdes provados: e tereis tribulações durante dez dias; sê fiel até à morte, e eu te darei a coroa da vida. 11) Aquele que tem ouvido. ouça o que o espírito diz. O que sair vencedor, ficará ileso da segunda morte.

Análise – Se interpretado literalmente, este texto nos levaria à conclusão de que o próprio demônio estaria ajudando a Deus provar seus filhos. Sem dúvida, se existisse o demônio, este mencionado no texto seria muito ingênuo nas suas tentativas de conquistar as almas para a perdição eterna! E o que seria a “segunda morte”? Se a alma é imortal, “segunda morte” só poderia estar se referindo às reencarnações sucessivas.

Texto – Apoc.V-6, (...) estava de pé um cordeiro (...) o qual tinha 7 chifres e 7 olhos, que são os 7 espíritos de Deus, mandado por toda a terra./ Cap.VII:2, E vi outro que subia da parte do Oriente, tendo o selo do Deus vivo; e clamou em voz alta aos 4 cantos, a quem fora dado o poder de fazer o mal à terra e ao mar, 4) e ouvi o número dos que foram assinalados, (que eram) 144.000 assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel.

Análise – Alguns protestantes, baseando-se neste texto apocalíptico, afirmavam que apenas 144.000 pessoas da Terra vão receber a salvação eterna.

Texto – Apocalipse-IX-5, E foi-lhe concedido, não que os matasse, mas que os atormentasse durante 5 meses. (...) 6) E naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a encontrarão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles. 18) E por estas pragas (isto é), pelo fogo e pelo fumo, e pelo enxofre, que saem de sua boca, foi morta a terça parte dos homens./ Cap.XIII:1, E vi levantar no mar uma besta, que tinha 7 cabeças e 10 chifres. (...) 7) E foi-lhe permitido fazer guerra contra os santos e vencê-los. (...) 18) E aqui está a inteligência. Quem tem inteligência, calcule o número da besta, porque é o número de homens; e o número é 666/

Bíblias comparadas – A Bíblia protestante, no vs-18, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é 666/

Análise – Incontáveis tentativas já foram feitas, nestes últimos dois mil anos, na esperança de decifrar o enigma da “besta do apocalipse”; entretanto, cada qual chegou a conclusões mais irracionais e absurdas. Houve quem identificasse Napoleão e Hitler como os dois primeiros Anticristos, e esperavam, para antes de 2000, o aparecimento do terceiro Anticristo!

Texto – Apoc.XVI:14, porque são espíritos do demônio, que fazem prodígios.

Análise – O que entender por “espírito do demônio”? Não são todas as coisas existentes no Universo obras de Deus? Parece-nos que foi baseando-se neste texto apocalíptico que a Igreja Católica adotou a “teoria diabólica”, para negar que os espíritos desencarnados se comunicam com os vivos e produzem os fenômenos espíritos.

Texto – Apoc.-XX:1, E vi descer do céu um anjo que tinha a chave do abismo (...) 2) E prendeu o dragão, a serpente antiga, que é o demônio e satanás, e o amarrou por mil anos.

Análise – Ora os dragões gigantes desapareceram da Terra há cerca de 80 milhões de anos atrás.

Texto – Apoc.-XXI:8, Eu, João (sou) o que ouvi estas coisas. E depois de ter ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo, que mas mostrava, para o adorar. 10) E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo. 11) Aquele que prejudica, prejudique mais ainda; e aquele que é impuro, continue na impureza; e aquele que é justo, justifique-se mais; e aquele que é santo, santifique-se mais. 13) Eu sou o alfa e o omega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. 15) (ficam) fora os cães, e os feiticeiros, e os impudicos, e os homicidas, e os idólatras, e todos os que amam e praticam a mentira. 18) Porque (...) se alguém lhes juntar (alguma coisa) Deus o castigará com as práticas escritas neste livro. 19) E se alguém tirar qualquer coisa das palavras da profecia deste livro, Deus lhe tirará a sua parte no Livro da Vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro.

Análise – Conforme o autor protestante de “Um Mundo Novo”, este capítulo fala

do aniquilamento dos ímpios, mil anos depois da ressurreição dos justos, que teria lugar na vinda de Cristo, quando se realizaria a ressurreição dos ímpios para a condenação eternas. João contemplou esses acontecimentos no apocalipse (63/301).

3.4.0. Recapitulação das Fontes e Origens da Nossa Fé

3.4.1. O que nos Chegou Antes de Moisés

A) Do Paleolítico, Mesolítico e Neolítico

Como vimos no capítulo 2.2.1., desde o começo do Paleolítico, há um milhão de anos atrás, os antepassados do homem já tinham sua religiosidade; acreditavam em uma vida futura e na imortalidade da alma. Por isso, eles sepultavam seus mortos, provendo-os de alimentos e utensílios. Eles concebiam um mundo cheio de espíritos e de fantasmas, que voltavam para atormentar os vivos.

Durante o Mesolítico, os mortos continuavam a ser enterrados no meio dos montes de detritos cotidianos, deixando sinais de uma intensa religiosidade, e deixaram – nos túmulos – pinturas de imagens de uma divindade funerária.

O homem do Neolítico praticava rituais religiosos que dramatizavam o movimento do sol, a morte e a ressurreição do solo e as influências da lua. Seus mortos eram sepultados ora em simples covas, ora agrupados uns por cima dos outros. Veio de lá a primeira idéia sobre Deus, sobre a Trindade Divina e sobre a adoração da cruz. Os homens maravilhavam-se diante dos fantasmas de mortos, que lhes apareciam em sonhos.

Durante a “Idade dos Metais”, particularmente na Idade do Ferro, os mortos já eram enterrados em “tumulus”, formados por cinco lajes. O homem já acreditava que, ingerindo um organismo, adquiria a força e o poder do objeto ingerido – e isso levou-o à idéia, que perdura até hoje, de comer o próprio “deus” ou a vítima a ele sacrificada.

B) Das Primeiras Civilizações da História

1) **Do ELAM** – vieram os rituais de uma religiosidade natural que foi, no decorrer dos tempos, transmitida aos seus sucessores.

2) **Da SUMÉRIA** – veio, até nós, a crença de que a água é eterna e não criada; que os homens foram criados para a felicidade eterna, mas pecaram e foram punidos por um dilúvio, do qual só se salvou um casal; mas que esse casal perdeu o direito à longevidade, por ter comido o fruto de uma árvore proibida. Veio, também, de lá, a idéia de um Deus cruel e vingativo; e a crença na Trindade Divina, representada pelos deuses Shamash (o sol), Sin (a lua) e Ishtar (o planeta Vênus).

A “sepultura” significava uma “triste morada, a morada dos mortos, para onde iam todos, indistintamente, bons ou maus”. Eles sentiam o ar cheio de espíritos e de anjos protetores, de demônios e de espíritos perversos; e cada cidade tinha o seu patrono ou protetor.

Acreditavam que “o cordeiro tinha dado sua vida em substituição aos homens”; mas, antes disso, sacrificavam seres humanos, para aplacar a ira dos deuses. A

Medicina acreditava que as moléstias fossem causadas pela possessão de um espírito mau, que o médico tentava expelir com a magia, o exorcismo ou algum remédio repugnante, para obrigar o “demônio” a sair daquele corpo; já construíam os “santuários-terraços ou lugares altos”, onde acreditavam descerem os deuses para receberem as oferendas dos fiéis; e sua legislação já era feita em nome de Deus.

3) Da ACÁDIA – veio o costume de atribuir um nascimento misterioso ou sobrenatural aos deuses e a alguns líderes, como o rei Sargão I; já edificavam os “santuários-terraços ou torre de Babel”, que eram construções de sete andaras, em forma de pirâmides, com cada andar dedicado a um Deus ou planeta.

4) Da BABILÔNIA – veio a crença de que o mundo fora criado em sete dias, quando havia um caos primitivo; de que o deus Marduk criou o homem de um punhado de barro. Porém os deuses se aborreceram com os homens e mandaram um dilúvio, do qual apenas se salvaram Shamash-Napishtim e sua mulher; que o casal soltou uma pomba para inspecionar a terra; depois, fez uma oferenda aos deuses. “Os deuses sentiram o suave cheiro das oferendas, choraram de arrependimento e prometeram nunca mais destruir o que tinham feito”.

A deusa Ishtar sugeria uma devotada reverência à maternidade, e era chamada “A Virgem, a Sagrada Virgem, a Virgem Mãe”; e cada cidade tinha o seu patrono ou padroeiro. Havia os “Ziggurates ou terraços-santuários”, que eram torres de sete andares, mais altas do que as pirâmides do Egito.

Para eles, “a sepultura ou morada dos mortos” era um lugar para onde iam, indistintamente, santos ou ladrões; o céu (Aralu) era um lugar só para os deuses; enquanto isso, os homens iam todos para “a morada dos mortos”. Geralmente, todos traziam “a imagem de um deus” pendurada no pescoço. Faziam adivinhações por meio do exame do fígado de animais (hepatoscopia); borrifavam os doentes com água dos rios sagrados, na esperança de obter-lhes a cura. A legislação era editada em nome dos deuses, e sua literatura possuía heróis como Sansão, Nemrode e Golias.

5) Da ASSÍRIA – Como já vimos, a religião assíria derivou da Suméria, com os mesmos rituais, as mesmas crenças; e também ensinava a existência de uma Trindade Divina, formada por Shamash, Sin e Ishtar.

C) Do Egito e da Índia, antes de Moisés

6) No Egito

O deus Ra (ou sol) era considerado o gerador do universo, e era chamado “Pai Celeste”; mas havia uma Trindade Divina, formada pelos deuses Shamah, Sin e Ishtar. O mundo proviera de um caos primitivo. Osíris era o deus do Nilo e o juiz dos mortos. Ishtar era considerada, pelo povo, como “a Mãe de Deus”. Cada cidade possuía um deus patrono ou protetor. E havia um sem-número de heróis divinizados, ou semideuses, dos quais Imotep era o mais famoso. Adoravam, também, alguns animais sagrados. Foi Akn-Aten, faraó da XVIII dinastia, quem introduziu o “disco solar de Aten”, como deus de todo o universo.

A legislação egípcia era editada em nome dos deuses. Aplicavam a pena de morte na fogueira, a morte por estrangulamento, por empalação ou por decapitação. Acreditavam na sobrevivência da alma e na reencarnação, que poderia dar-se também em corpos animais (metempsicose).

As doenças eram consideradas provocadas pelos espíritos maus ou demônios, que

o médico expulsava mediante o exorcismo ou remédios repugnantes: expulsavam o demônio, da moléstia para uma estátua de massa; depois queimavam essa estátua, acreditando estar queimando o próprio demônio; outras vezes, expulsavam o demônio, do corpo da vítima, para o corpo de um animal.

O “Livro dos Mortos” ensina que os amuletos, benzidos pelos padres, podiam favorecer a entrada no céu. Aquele livro traz alguns temas encontrados nos 6º, 7º, 8º, 9º e 10º mandamentos da “Lei Judaica”; alguns Salmos, alguns Provérbios e outros assuntos tratados mais tarde nas páginas do Antigo Testamento.

7) Da Índia

Da Índia pré-védica veio a adoração de diversos espíritos. Eles já acreditavam em Ádima (o primeiro homem) e em Heva (o que completa a vida). Acreditavam que um fogo divino elevava aos ares as oferendas e holocaustos feitos aos deuses. Os sacerdotes já recebiam pagamento pelos serviços prestado aos fiéis; e foi lá que o sacerdócio se tornou hereditário. Os indianos daqueles tempos não acreditavam em penas eternas, mas na reencarnação. Para eles, todos os deuses nasciam e morriam, para ressuscitarem na Primavera, quando o sol estivesse em todo o seu esplendor; e celebravam, anualmente, em 25 de Dezembro, o nascimento do deus Agní (o deus-sol).

D) Da China, da Fenícia e dos Pré-Helênicos

8) Da China

No culto familiar, os chineses homenageavam seus antepassados; enquanto que, no culto nacional, sacrificavam vítimas humanas aos deuses. Os mais antigos chineses reputavam como ficção a história primitiva da origem do mundo. E eles acreditavam na sobrevivência da alma e na intervenção dos espíritos sobre o homem.

9) Da Fenícia

Eles acreditavam na matéria eterna e não criada; num caos, sem forma e sem limite; até que o “espírito se agradou e criou o mundo”. Sanchoniaton, ensinou que, da criação do mundo até o dilúvio, houve dez gerações. Entretanto, ele não menciona nem o nome de Adão, nem de qualquer um de seus descendentes, nem mesmo o de Noé.

El era o deus considerado Criador do Universo; abaixo dele vinham numerosos Baal (ou Senhor) e Baalar (ou Senhora), protetores desta ou daquela localidade. Acreditavam em Adônis e Astarté – um casal divino, que simbolizava o ciclo vital da Natureza; e tinham uma religião voltada para a fecundidade do solo e das colheitas. Para eles, com a morte e a ressurreição de Osíris, a natureza morria e renascia.

Nós encontramos, no Antigo Testamento da Bíblia, muitos nomes fenícios como El, Baal, Baalat, Jav, o Dragão do Caos, Tehôm, Leviatã e Raabe, além de Moloc, um terrível deus a quem se sacrificavam criancinhas, fazendo-as “passar pelo fogo”.

10) Dos Pré-helênicos, antes de Moisés

Da Civilização cretense, batizada como minóica (1600-1400 aC) vieram as crenças no deus Calcano e em sua mãe Cibele. Seu sepultamento anual representava a morte da vegetação; mas, depois, os sacerdotes celebravam a sua ressurreição.

E) A Crença dos Hebreus, antes de Moisés

Afirmam os historiadores religiosos que a história dos “hebreus”, antes de Moisés, está narrada no livro Gênese, atribuído a Moisés. Ora, os “hebreus” são descendentes de

Héber, como o próprio nome indica. E diz a Bíblia que Héber gerou Terah, que gerou Abraão, que gerou Isac, que gerou Jacó, que teve seu nome mudado para Israel, e que gerou José do Egito. Todos os “filhos de Israel, ou israelitas” nasceram daquelas setenta pessoas que entraram no Egito, com Israel, a convite de José do Egito.

Os textos bíblicos nos levam a pensar que os filhos de Israel não residiram mais do que 150 anos na terra dos faraós; que nasceram no Egito – eram egípcios, não sofreram nenhuma escravidão e que devem ter seguido as crenças egípcias.

3.4.2. O Que Nos Chegou Depois de Moisés

A) Herança Religiosa da Babilônia e Egito Pós-Mosaicos

Na nossa opinião, Moisés não escreveu, nem poderia, nenhum dos cinco livros que lhe são atualmente atribuídos: ele não recebeu ordens divinas para escrevê-los; em pleno deserto, não dispunha de tempo nem ambiente adequado; além disso, não havia material para escrever nenhum livro. Diante disso, é razoável pensar-se que, tanto as culturas e religiões pré-mosaicas, quanto as pós-mosaicas entraram, mais tarde na composição literária e teológica do Pentateuco.

1) Da Babilônia Pós-Mosaica

Era costume babilônico que uma mulher estéril desse sua própria escrava ao marido para ele gerar filhos (como foi adotado em Gêneses-XVII). Lá na Babilônia já aplicavam a “Lex Talionis”, ou “Lei da Equivalente Retaliação”, a qual, nos tempos de Hamurábi, já estava sendo amenizada. Aplicavam um processo religioso para descobrir se uma mulher, suspeita de adultério, era culpada ou inocente (como também se vê em Números-V:11-31). Se tudo isto consta do Pentateuco, só pode ter sido inspirado pelas crenças e religiões da Babilônia.

2) Do Egito Pós-Mosaico

Nesse período, veio do Egito a crença na reencarnação, através das quais o homem poderia fazer jus à felicidade eterna, no Nirvana. Entretanto, continuavam ainda a milenária prática de necromancia, magia, adivinhação, encantamentos, holocaustos e sacrifícios aos deuses.

B) Herança Religiosa da Fenícia e Índia Pós-Mosaicas

3) Da Fenícia Pós-Mosaica

Continuavam acreditando na morte e ressurreição do deus Osíris, bem como na existência de deuses, como El, Baal, Asera, Jav, Tehôm, Leviatã, Raabe e Moloc.

4) Da Índia Pós-Mosaica

Continua a crença na reencarnação, até à salvação definitiva e no Nirvana. O Bramanismo dos Upanishades ensinava que a libertação ou salvação só provém do conhecimento, que dissipa as ilusões do mundo.

C) Herança Religiosa da China, dos Hititas e dos Persas

5) Da China Pós-Mosaica

Eles acreditavam em um mundo cheio de espíritos, bons e maus, que procuravam aplacar por meio de orações e magias. O Taoísmo ensinou a crença na Metempsicose,

como punição dos pecados.

Confúcio já pregava: “não faças aos outros o que não queres que te façam; devemos compensar o bem com o bem, e o mal com a justiça”. Todos os sábios chineses acreditavam na sobrevivência da alma, na existência de espíritos e demônios, na aparição dos mortos. Lao-Tseu observou que “aquele que não respeita os espíritos, é severamente punido por eles”.

6) Dos Hititas Pós-Mosaicos

Os primitivos habitantes do Haiti acreditavam que os deuses manifestavam sua vontade através dos sonhos, dos oráculos e dos presságios; eles puniam os culpados, mas também acreditavam que o mal era praticado pela influência dos maus espíritos.

7) Da Pérsia Pós-Mosaica

Veio da Pérsia para o Judaísmo, e dele para o Cristianismo, a crença do “dualismo persa, ou doutrina dos dois princípios”. Essa doutrina ensina que o bem e o mal, a luz e as trevas, Deus e o adversário coexistiram desde o princípio do mundo, e vivem em constantes lutas. Foi Zoroastro (ou Zaratustra), no século VI aC, quem estabeleceu o culto a um deus único (Ahura-Mazda), Criador do Universo e Patrono do Bem e da Luz. O seu adversário (Arihman) foi adotado pelos judeus, como “Satanás” (que também significa “adversário”), que passou, para o Cristianismo.

Segundo o Mazdeísmo, aos bons está reservado o reino do deus Ahura-Mazda, ou paraíso (cuja palavra é persa); os maus serão, depois da morte, escravos de Arihman, Satanás ou Adversário. Eles aguardam a vinda de Mitras, o filho de Ahura-Mazda, que virá e será o salvador do Mundo.

Para os persas desse período, o “inferno” não era “hades, ou morada dos mortos”, das religiões anteriores – para onde iam todos, indistintamente, bons ou maus, gênios ou idiotas –, mas, para Zoroastro, o “inferno” era um lugar de abismo e sofrimento, destinado exclusivamente aos condenados ao sofrimento eterno.

D) Herança Religiosa dos Pré-Helênicos e dos Pré-Romanos

8) Dos Pré-Helênicos, depois de Moisés

Segundo Heródoto, de Creta vieram os cultos de Ísis e Osíris, que deram lugar à Doutrina órfica de um julgamento depois da morte e ao ritual da ressurreição de Deméter e Perséfone (104/91). Da Frigia veio o culto de Dionísio, que morreu para a salvação dos homens. Da Mitologia grega veio a crença em deuses humanos, deuses animais e deuses híbridos de homens e animais; veio a crença no dilúvio, do qual apenas se salvou o casal Deucalião e Pirra; veio o mito de Adônis, que morreu e ressuscitou; e a teologia órfica de um julgamento depois da morte, quando a alma desce ao “hades” (ou morada dos mortos) e tem de submeter-se a um julgamento: recompensas ou castigos futuros.

9) Dos Pré-Romanos, depois de Moisés

Da Etrúria (800-500 aC) veio a crença na adivinhação por meio do fígado de carneiro, ou do vôo das aves; veio a crença em um inferno e em um Juízo Final, quando só os bons escapariam à condenação. Entretanto, acreditavam que o sofrimento dos proscritos pode ser abreviado por meio de preces e sacrifícios, feitos pelos vivos; e as almas beneficiadas seriam transferidas do inferno para a morada dos deuses.

Da Gália vieram a adivinhação e os augúrios, a crença nos sonhos, em certas aves e

plantas; veio o culto com preces e libações feitas aos deuses; e havia sacrifícios humanos, de escravos ou de criminosos condenados à morte. Os Druidas acreditavam que, depois da morte, a alma vai revestir outro corpo, em outra esfera, fora da Terra (158/319).

E) Herança da Religião e da Filosofia Gregas

Eles acreditavam que as divindades intervêm nos negócios humanos. Cada cidade grega tinha um deus patrono; os mortos eram tidos como capazes de praticar o bem e o mal entre os homens, e deveriam ser aplacados com preces e oferendas; e os homens primitivos seriam uma degradação da divindade. Hades era um deus, irmão de Zeus, mas era o mestre do inferno. Seu reino – o Hades – ficava debaixo da terra, povoado de espectros e muito sofrimento.

Da filosofia grega herdou o Cristianismo a crença em uma revelação de Deus aos homens e na Divindade do Cristo ou Mesias: somente o homem-Deus, o Verbo Encarnado, poderia ser o Redentor da Humanidade.

3.4.3. Crenças ou Dogmas Surgidos Durante a Igreja Católica

A) O Que Foi Definido Pela Igreja, Do Século I Ao Século IV dC

As palavras e lições de Jesus sofreram influências dos apóstolos, do império romano, dos primeiros cristãos, da Igreja Católica, dos Concílios ecumênicos, das cópias e traduções literárias e até dos teólogos, durante os últimos dois mil anos. Vejamos, a seguir, alguns dogmas de fé criados durante a Igreja Católica:

1) O que nos vem do século I a IV dC

Will Durant, atentou para que, “no século I, só havia 3 cerimônias concebidas como sacramentos: o batismo, a comunhão e as ordens religiosas” (107/290).

A palavra “Papa” é italiana e significa “Pai”; nos 3 primeiros séculos da Igreja, ela era aplicada a qualquer bispo cristão (107/310).

Aproximadamente pelo século III, a Igreja tomou algumas formas e costumes religiosos de Roma pré-cristã: a estola e outras vestes sacerdotais; o uso do incenso e da água benta na purificação; os círios e a luz perpetuamente acesa nos altares; a adoração dos santos; a lei romana como base da Lei Canônica; o título de “Pontifex Maximus” para o supremo pontífice (107/311).

Alfonso Balbarchas, informa que “já no século II, o sábado era guardado pelos cristãos de Alexandria, em lugar do domingo; entretanto, o domingo tomava ascendência sobre o sábado, até superá-lo por completo” (63/99).

Padovani e Castagnola informam que: “segundo à Patrística, o Cristianismo fornece uma interpretação à filosofia, no que se refere à problemática do mal, mediante o pecado original e à redenção da humanidade pela cruz” (47/127).

O autor protestante de “Um Mundo Novo” informou que, em 10 de Maio de 252, São Cipriano reuniu, em Cartago, um Concílio no qual ficou decidido que deveria administrar o batismo às crianças imediatamente após o nascimento (63/97).

O Concílio de Nicéia (325) decidiu e ordenou que a Páscoa fosse celebrada, em

todas as igrejas, no primeiro domingo de lua cheia, do equinócio da Primavera (hemisfério norte) (39/14).

De acordo com Will Durant, o Credo de Nicéia, que conhecemos hoje, difere um pouco do que foi decidido no Concílio, em 325, e resulta de uma revisão feita em 362 (107/361).

O Latim foi adotado como língua oficial da Igreja Católica, no século IV (107/311).

O Concílio de Laodicéia (364-384) decidiu e promulgou que “os cristãos não devem judaizar o dia de sábado, mas devem trabalhar nesse dia; e os que forem encontrados judaizando o sábado, serão excomungados por Cristo” (63/101).

A Influência do Sol na Liturgia Católica: O culto de adoração ao sol, como Deus-Criador do Universo, começou na Suméria e veio até o início da Igreja Católica. Aqueles “terraços-santuários, torres de degraus ou ziggurats” dos antigos, eram construções de sete andares, cada um deles dedicado a um deus. Colocaram, então, em cada dia da semana, o nome de um daqueles deuses. 1º dia da semana, “dies solis”, o dia do sol; 2º dia, “dies lunae”, dia da lua; 3º dia, “dies martis”, o dia de Marte; 4º dia, “dies mercurii”, ou dia de Mercúrio; o 5º dia, “dies jovis”, ou dia de Juno; o 6º dia, “dies veneris”, o dia de Vênus; e o 7º dia, “dies sabbatum”, o dia dos sabbats, dedicado ao deus Saturno.

No ano 327 dC, o imperador Constantino substituiu o “dies solis = o dia do Sol” pelo “dies Domini ou dominicus = o dia do Senhor”. Alguns dias da semana ainda trazem lembrança dos deuses pagãos e o sol, outros se adaptaram às homenagens ao “Senhor”. A situação atual é a seguinte: 1º dia da semana: sunday (em inglês), saturday (em alemão); domenica (italiano), dimanche (francês), domingo (em espanhol e português); 2º dia da semana: monday (inglês), lundi (francês), lunes (espanhol), lundo (esperanto); 3º dia da semana: mardi (francês), martes (espanhol) e mardo (esperanto). 4º dia da semana: mercredi (francês), miércoles (espanhol) e merkredo (esperanto); 5º dia da semana: quinta-feira (português); 6º dia da semana – sexta-feira (português); e 7º dia da semana: sábado (português), saturday (inglês), samedi (francês) e sabato (esperanto).

O celibato clerical – O primeiro decreto dessa legislação vem do século IV, o Concílio de Elvira (305 dC), que o prescrevia aos bispos, sacerdotes e diáconos, mas eram obrigados apenas na Espanha. Em 386, a prescrição foi renovada no sínodo de Roma; e o papa Siríaco o estendeu a todas as igrejas do Ocidente; desde os fins do século IV, o celibato tornou-se lei para todo o clero (29/49).

O dogma da presença de Cristo na Eucaristia – Já nos fins do século IV, começava a decrescer, no Oriente, a frequência à sagrada comunhão. A causa principal era as lutas da Igreja contra os arianos, que negavam a divindade do filho de Deus; então, os católicos passaram a revelar, sempre mais, o aspecto divino do Cristo (29/43).

B) O que nos Vem do Século V Ao Século VIII

A prática de oração pelos defuntos foi introduzida na Igreja por volta do ano 400 (63/104).

Maria é declarada a “Mãe de Deus” – o Concílio de Éfeso (531) decretou, como dogma oficial da Igreja, que “Maria é a verdadeira mãe de Deus” (63/104).

Introdução da Era Cristã – foi feita no século VI dC, pelo monge Dionísio, o Pequeno; e que foi o papa João I quem introduziu o costume de datar “desde o

nascimento de Cristo” (147/635).

Em “Ensaio da Crítica Religiosa”, J. P. Góes expõe: no conhecido tópico católico “Agnus Dei qui tolit peccata mundi = o cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo”, indica o Verbo Divino, que se deixou imolar para a salvação da humanidade. Até o ano 680 dC, as igrejas cristãs veneravam Jesus Cristo na imagem de um cordeiro. Surgiram, então, os concílios e as intermináveis reformas, que iriam transformar a pessoa de Jesus de Nazaré em um ser divino e sobrenatural. No Sínodo de Constantinopla, em 680, substituíram o cordeiro pela imagem de um crucificado, que é conservado até hoje. Entretanto, nos escritos religiosos, nas orações sacras e nas artes cristãs, ainda subsiste a figura tradicional do cordeiro, simbolizando a pessoa do Cristo, como redentor dos homens”(op.cit-30).

A Igreja aprova a adoração das imagens – Os iconoclastas, ou destruidores de imagens religiosas, eram membros de uma seita religiosa do Império Bizantino, no século VIII. Aldorema Freitas mostra que o movimento dos iconoclastas foi uma reação ao culto católico das imagens, que era transformado quase em idolatria. O Concílio de Nicéia (787) condenou os iconoclastas e definiu como “lícita a veneração e o culto das imagens”. E, em 843, o culto das imagens foi restabelecido oficialmente pela Igreja. (157/189).

C) O que nos vem do século IX ao século XII

Will Durant escreve que, no século IX, havia duas espécies de batismo, o mais importante dos sacramentos, com duas funções: remover a mancha do pecado original e, mediante novo nascimento, receber formalmente o indivíduo na Congregação Cristã. Nessas cerimônias, os pais davam à criança o nome de um santo, que seria o seu padroeiro, modelo e protetor – isso era o seu “nome cristão”. No século IX, o método de batizar por imersão foi total; entretanto, ele foi sendo gradativamente substituído pelo método de aspersão, menos perigoso à saúde nos climas nórdicos. Com isso, o antigo costume de se adiar o batismo até os anos avançados foi substituído pelo batismo na infância (110/277).

O calendário dos santos católicos – Ainda Will Durant nos conta que “a Igreja organizou, no século X, um calendário eclesiástico, no qual cada dia era destinado à comemoração de um santo; mas o ano não comportava os 25.000 santos que haviam sido canonizados só no século X” (110/284).

O dogma da Infallibilidade da Igreja – Alfonso Balbachas esclarece que: “Já no século XI, o papa Gregório VII proclamou a perfeição da Igreja Romana, pretendendo que ela nunca havia errado, nem erraria jamais” (63/109). E o Dr. Boaventura Kloppenburg menciona que “foi só mais tarde, no I Concílio Vaticano, em 1870, que a Igreja declarou, oficialmente, como dogma católico, que a Igreja e o Papa são infalíveis” (33/26).

Os padres casados – Em “Ascensão e Decadência da Igreja”, expõe o escritor católico Riolando Azzi: “na Itália, em princípios do século XI, conforme atestou o Sínodo de Pávia (1022), os padres seculares viviam habitualmente casados” (29/121).

A concessão de indulgências pela Igreja – Afirma o mestre Will Durant: “a primeira indulgência plena foi a que Urbano II ofereceu, em 1096, aos que participassem da I Cruzada. Nasceu dali o costume de se conceder indulgências pela repetição de certas preces, participação em certas cerimônias especiais; também a peregrinos que visitavam os santuários sagrados: também pela conservação de pontes,

de estradas, de igrejas e de hospitais; pela derrubada de florestas, pela drenagem de pântanos; pela construção para as Cruzadas, para instituições religiosas, para o jubileu de alguma igreja, pelas guerras cristãs” (110/279)

A definitiva fixação dos sacramentos católicos – “No século IV, o termo sacramento era aplicado a quase todas as coisas sagradas: ao batismo, à cruz, à prece etc. No século VI, Agostinho o aplicava à celebração da Páscoa. No século VII, Isidoro de Sevilha o restringiu ao batismo, à confirmação e à Eucaristia. Finalmente, no século XII, os sacramentos foram fixados em sete: o batismo, as ordens santas, a confissão, a penitência, a Eucaristia, o matrimônio e a extrema-unção. As ocorrências menores, como o espargir água benta, ou fazer o sinal da cruz, eram distinguidos como “sacramentais” (110/277).

O dogma da “presença de Cristo na Eucaristia” e elevação da hóstia na hora da comunhão – “O Concílio de Nicéia (787) tinha definido a presença real de Cristo na Eucaristia; mas a doutrina dessa presença foi-se desenvolvendo lentamente. Em 855, um monge beneditino francês, chamado Ratremnus ensinou que “o pão e o vinho consagrados eram apenas espiritualmente, e não corporalmente, o corpo e o sangue de Cristo”. Em 1045, Berengário, o Arcebispo de Rours, levantou dúvidas quanto à realidade da transubstanciação, sendo por isso mesmo excomungado (110/281). E a “elevação da hóstia, na hora da comunhão”, foi uma reação católica contra a heresia de Berengário, que negava a presença de Jesus na Eucaristia; foi aí (no século XII), que a Igreja declarou o conceito de sacramento” (29/138).

O Significado a Eucaristia e da Comunhão – A Igreja interpretou literalmente as palavras atribuídas a Jesus, durante sua última ceia: “Este é o meu corpo” (para o pão) e “Este é o meu sangue” (para o vinho). A característica principal da missa era a “transubstanciação” (ou transformação da hóstia de trigo e do cálice de vinho no corpo e no sangue de Cristo), pelo miraculoso poder dos sacerdotes. Sua finalidade era permitir que o fiel participasse do “corpo, do sangue e da alma da divindade”, segunda pessoa da Santíssima Trindade, engolindo a hóstia e bebendo o vinho consagrado. Entretanto, como o ato de beber o vinho transubstanciado encerrava o perigo de derramar o sangue de Cristo, surgiu, no século XII, o costume da comunhão por uma “única espécie”, somente através da hóstia consagrada (110.284).

As mais antigas orações católicas são o Pater Noster (o Pai Nosso); mas, depois, a “Ave Maria (Salve, ó Maria) começou a tomar forma no século XIII (110/282). Conforme Riolando Azzì, isso acontecia tanto nas ordens religiosas, como na piedade popular. E a Escolástica lhe deu fundamento teológico, como especial culto de veneração a Maria (29/138). No século XII, a oração “Ave-Maria” tornou-se a oração habitual dos cristãos. De início, rezavam apenas as palavras de saudação evangélica; mas, na metade do século XII, por ordem do Papa Urbano VI, acrescentou-se a expressão “Jesus Cristo, Amém” (29/14).

D) O que nos veio do século XIII ao XVI

O padre Galanti diz que, no começo do século XIV, o papa Bento XII (1324-1342) decidiu que “os justos, quando não têm pecado a expiar, ao morrerem, entram sem detença na glória celeste” (45/212).

O uso do rosário, na forma atual de Dez Padres-Nossos e Dez Ave-Marias para cada mistério, encontrou difusão pela metade do século XVI; o papa Clemente VIII

generalizou a invocação do “Ângelus” para todas as igrejas, o qual deveria repetir-se três vezes ao dia, como saudação à Virgem (29/203).

A Confissão auricular – Era uma prática introduzida em 758, pelos religiosos do Oriente, mas só foi estabelecida, oficialmente, através do Concílio de Latrão (63/104). O Concílio de Latrão (1512) substituiu a confissão pública, praticada no Cristianismo primitivo, pela confissão privada, a fim de poupar de embaraços os dignitários da Igreja. O Concílio de Latrão tornou a confissão e a comunhão uma obrigação solene, cuja negligência excluía o ofensor dos serviços da Igreja e do sepultamento cristão. A fim de encorajar o penitente, “um selo foi colocado sobre a confissão privada, isto é, sacerdote jamais poderia revelar o que lhe fora revelado na confissão. Porém, no dizer de Will Durant, em algumas ocasiões ela era empregada como meio de inquisição, como quando Carlos Barromeu (1484-1538), Arcebispo de Milão, instruiu seus sacerdotes a solicitarem dos penitentes os nomes de quaisquer hereges ou suspeitos de heresias, que pudessem conhecer (107/278).

A obrigação de comungar uma vez por ano – Riolando Azzi explica que: “entre o povo, a comunhão freqüente estava em desuso desde longa data: nos séculos XI e XII, mesmo as pessoas piás e religiosas só comungavam, em média, de 3 a 6 vezes por ano; foi o Concílio de Latrão (1512) que prescreveu a todos os fiéis, com uso da razão, a confissão e a comunhão pelo menos uma vez por ano, pela Páscoa da Ressurreição” (29/138).

Hierarquia entre o Papa e os Patriarcas – Foi também o Concílio de Latrão que concedeu ao Patriarca de Constantinopla o primeiro lugar de honra, depois do Bispo de Roma.

Instituição da festa de “Corpus Christi” – Indica o padre Galanti, que aquela festa foi instituída por Urbano IV (1261-1263). Para Riolando Azzi, ela era celebrada apenas na diocese de Leôdio, mas, em 1264, foi estendida pelo papa a todas as igrejas (29/138).

A autoridade das Escrituras – O Concílio de Latrão decretou que, “consoante o testemunho de Agostinho, toda razão aduzida contra a autoridade das Divinas Escrituras, não pode ser verdade” (15/12).

A Presença de Cristo na Eucaristia – “A presença real de Cristo, ou “doutrina da transubstanciação”, já fora proclamada como dogma oficial da Igreja; entretanto, o Concílio de Latrão acrescentou que “cada partícula da hóstia consagrada, não importa quão partida esteja, contém todo o corpo, sangue e alma de Jesus Cristo” (107/281). Balbachas informou que, segundo o Concílio, “no Augusto Sacramento da Santa Eucaristia, após a consagração do pão e do vinho, Nosso Senhor Jesus Cristo, está real e substancialmente contido sobre as espécies daquelas coisas sensíveis” (63/107).

O Concílio de Trento (1545-1563) foi um dos mais importantes de todos. Entre outras coisas, decidiu que continuam mantidas: a legitimidade das indulgências e a crença no purgatório; conservou o Latim nas orações e nas missas, permitindo apenas os sermões nas línguas nacionais; recomendou a criação de Seminários para a formação de sacerdotes; e introduziu o costume de batizar as crianças dentro de oito dias depois do nascimento (29/902).

E) O que nos veio do século XVII ao século XX

Em 1870, o I Concílio Vaticano decretou, como dogma de fé católica: “O Papa é o mestre supremo e infalível, quando fala ex-cátedra, sobre a fé e a moral”; “as coisas

divinamente reveladas, que se encontram por escrito e se manifestam nas Escrituras, foram consignadas por inspiração do Espírito Santo e têm Deus como autor (26/128).

A Declaração da Imaculada Conceição de Maria – Foi o papa Pio IX, em 1854, através da encíclica “Inefabilis Deus”, quem decretou ter Maria nascido sem a mancha do pecado original. Depois, em 1904, por ocasião do jubileu daquela decretação, o então papa Pio X renovou e endossou a referida Declaração.

O Vaticano se Separa da Itália – “Chamou-se “Questão Romana” um conflito, ocorrido em 1870, entre a Igreja e o governo italiano. Essa questão só foi resolvida em 1929, pelo “Tratado de Latrão”. Nele foi permitida a unificação política da Itália, com a separação dos poderes temporais e espirituais, a separação da Igreja e do Estado, além da constituição do Estado do Vaticano, como estado independente e soberano, dentro da cidade de Roma” (Enciclopédia Delta Larousse, volume VII, pág. 1805).

O II Concílio Vaticano (1965) tentou modernizar a Igreja católica, adaptando-a a realidade atual. Surgiu ali a chamada “Teologia da Libertação”, quebrando a rigidez das clausuras, a obrigatoriedade da batina, pondo fim ao exorcismo católico, e tomou outras importantes decisões para a Igreja moderna.

Alterações Feitas na “Via-Crucis” da Semana Santa – Em 1992, o atual papa – João Paulo II – retirou dos “mistérios da Via-Crucis” aquelas estações que diziam respeito à Verônica enxugando o rosto de Jesus, segundo o próprio papa “por falta de apoio nos textos bíblicos”.

Autorização Papal Para se Comer Carne na Sexta-Feira da Paixão – Ainda em 1992, durante a quaresma, o papa autorizou “os brasileiros pobres a comerem carne, naquela sexta-feira da paixão, sem que isso constituísse pecado” (TV Globo, semana santa de 1992).

Reformas no Catecismo Católico – Em 1992, dogmas e disciplinas católicas foram alterados: entre os “pecados que badalam no céu e pedem a vingança de Deus”, foi acrescentado o pecado de “deixar de pagar salários aos seus empregados”. E, na parte dogmática, referente ao Credo Católico, a expressão “desceu ao inferno” foi substituída por “desceu à mansão dos mortos”.

Em 2000, o papa João Paulo II pediu perdão, aos judeus, pela negligência da Igreja durante o holocausto da II Guerra Mundial; foi ele quem pediu perdão, publicamente, a Deus e aos seres humanos, pelos erros já cometidos pela Igreja, no passado... Sem dúvida alguma, ele deve ser reconhecido como um verdadeiro “homem de Deus”. Agora falta os sacerdotes pedirem perdão aos espíritos desencarnados, de todos os tempos e lugares, e aos cientistas, pesquisadores e estudiosos que foram perseguidos pela Campanha Antiespírita.

3.4.4. A Fé Bíblica em Desencanto

A) A Alta Crítica da Bíblia

O historiador católico italiano César Cantu afirma que “sem a crítica, a história é um cego, que toma outro cego como guia” (41/119). Entretanto, aqui, crítica não significa, necessariamente, uma censura, uma reprovação, e sim uma análise textual, sob o ponto de vista nacional, histórico, filosófico e lingüístico dos fundamentos da nossa fé.

No correr dos tempos, inúmeras têm sido as análises, interpretações, exegeses da Bíblia Judaico-Cristã; a maioria delas mostrando que o texto e a mensagem bíblica não resistem a uma verificação de um cérebro esclarecido. Entretanto, a nosso ver, a mais profunda e decisiva interpretação da Bíblia foi aquela mostrada pela Doutrina dos Espíritos nas obras de Allan Kardec.

No seu livro “Gênese”, Kardec escreve: “os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, com as noções falsas e incompletas que possuíam das leis da Natureza, mais tarde reveladas pela ciência. Por isso, eis que os teólogos, de muito boa-fé, enganaram-se sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho. Querendo, a todo custo, encontrar neles a confirmação de uma idéia preconcebida, e girando sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de partida, só viam o que queriam ver. Por muito instruídos que fossem, não podiam eles compreender aquelas causas, independentes das leis, que lhes eram desconhecidas” (202/27).

“Mas – continua ele – levando suas investigações às entranhas da Terra e às profundezas dos céus, demonstrou a ciência, de maneira irrefutável, os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de terem as coisas se passado como são ali textualmente referidas. Ora, assim procedendo, a ciência desferiu profundo golpe em suas crenças seculares. A fé ortodoxa se sobressaltou, porque julgou que lhe tiravam a pedra fundamental. Mas com quem haveria de estar a razão: com a ciência, que averigua prudentemente e progressivamente pelos terrenos sólidos dos algarismos e das observações, sem nada afirmar antes de ter às mãos, ou com as narrativas escritas, quando absolutamente sem os meios de observação?” (202/88).

No livro “Roma e o Evangelho”, de 1874, Don José Amigó y Pellicer, em Lérida, assinala: “Quão errados estão os que pretendem perpetuar-se na infância da humanidade! A criança transformou-se em adulto, e busca a emancipação e a independência própria da nova idade em que entrou... Não crêem no progresso dos tempos, mas o progresso dos tempos lhes impõe. Educaram a sociedade, mas não souberam aprender que a sociedade não fica estacionária. Monopolizaram a ciência, mas não têm visto como ela irradia a sua luz em todas as direções, e não adivinham que essa luz havia de espancar as trevas da fé que não se firmasse na ciência” (162/30).

“A razão é o atributo distintivo da natureza humana – prossegue Don José – atributo que não pode o homem ter recebido da Divindade sem um fim. Sem o dever de desenvolvê-lo e de servir-se dele para os atos que dependam da liberdade individual, o que seria a liberdade humana, o que seria o livre arbítrio, sem o jogo da razão e sem a luz do entendimento? Como poderia a consciência ser responsável por suas faltas, e a vontade por suas determinações, faltando ao homem o farol que esclarece a primeira e regula a segunda? E se, possuindo essa luz, o homem procura apagá-la, ou cerra os olhos para não servir-se dela, como procederá com liberdade? Pode o Supremo Arquiteto ter querido, em suas relações com a criatura (...) a correspondência humilhante de escravo – ou o culto automático, sem inteligência e sentimento – ou a homenagem que não nascer do reconhecimento e da admiração?” (162/30).

“Se ser racionalista – finaliza o ex-sacerdote – consiste em empregar, prudentemente, a razão (...) ou procurar irmanar a ciência com a religião e a religião com a ciência – em pedir a esta, sanção à fé – em considerar a autoridade dos homens como autoridade

falível; (...) em investigar a maneira mais própria e agradável de servir o Pai comum das criaturas, em espírito e verdade; em confiar à Sua paterna Justiça do bem; em reconhecer as nossas fraquezas, a nossa impotência, e implorar auxílio superior em nossas dúvidas e desfalecimentos – se nisto consiste o nosso racionalismo – por que rejeitá-lo, quando ele está na dignidade e nos atributos da natureza humana? ” (162/30).

B) Nossa Herança Bíblica

1) Sob o Ponto de Vista Filosófico e Teológico

Se a filosofia é o conhecimento generalizado que, à luz da razão e da lógica, estuda as causas primeiras e últimas de todas as coisas – mostrando-nos o encadeamento das causas e efeitos – ela se torna imprescindível instrumento para se procurar a verdade; mas ela nos ensina que “causa e efeito” não se misturam nem se confundem; havemos então de concluir que Deus não pode ser, ao mesmo tempo, criador e criatura, causa e efeito, pai de si mesmo.

Os Espíritos Superiores nos ensinam que Deus é a causa primária, o criador de todas as coisas e seres; que “ele é único, eterno, imutável, imaterial, soberanamente justo, sábio e bom, infinito em todas as suas perfeições, e que não poderia ser de outro modo, senão ele não seria Deus. Para que nenhum outro ser possa ultrapassá-lo, faz-se mister que ele seja infinito em tudo; e, sendo infinito, os seus atributos não são suscetíveis nem de aumento, nem de diminuição. Tal é o eixo sobre o que repousa a verdade. Esse é o farol, a única luz capaz de guiar o homem nas pesquisas da Verdade; tal é também o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Toda crença, todo dogma, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos, não pode estar com a verdade. Em Filosofia, em Psicologia, em Moral, em Religião, só pode estar com a verdade o que não se afasta, nem um til, das qualidades essenciais da Divindade Suprema do Universo. A religião perfeita será aquela cujos artigos de fé nenhum esteja em oposição àquelas qualidades; será aquela cujos dogmas suportem a prova dessa verificação, sem nada sofrerem” (202/19).

Aplicando esse critério aos textos bíblicos, como chegaram aos nossos dias, nas línguas atuais, verificamos que nem aquele personagem era Deus, nem a Bíblia foi escrita ou ditada por Deus, nem serve como fundamento para a fé e a moralidade humana.

2) Sob o Ponto de Vista Lingüístico e Histórico

Nem a história, nem a lingüística, nem a lógica e nem o bom senso nos autorizam a acreditar na origem divina do texto bíblico. A história e as pesquisas arqueológicas demonstraram que, muito antes de Moisés, brilhantes culturas, civilizações e religiões já existiram sobre a face da Terra; muitas civilizações tinham surgido, atingido o seu apogeu e até desaparecido. E um estudo comparado das religiões nos revela que grande parte das lendas, mitos, supertições e crenças daqueles antigos povos – foram incorporados definitivamente aos textos bíblicos.

A ciência bíblica alemã já demonstrou que os livros bíblicos não foram escritos no período que retratam; que, antes de chegar à fase escrita, todo acervo da cultura, da fé e das tradições religiosas passou pela fase de tradição oral, de geração em geração; que, durante aquele longo período, foi sofrendo influências, adaptações e adulterações, conscientes e inconscientes, as quais passaram também para a escrita. Aqueles cientistas demonstraram que, durante a tradição oral, havia quatro correntes

teológico-literárias, respectivamente chamadas de Javeísta, Eloísta, Deuteronômica e Sacerdotal (J-E-D-P), de fontes e de épocas diferentes; que, por volta do ano 400 aC – antes do pergaminho e do papel – aquele acervo foi reunido num todo, que hoje conhecemos como “Pentateuco”.

3) Sob o Ponto de Vista Cultural e Científico

Em “Gênese”, Allan Kardec escreveu que “A Bíblia, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não poderia hoje aceitar; que alguns fatos nos parecem estranhos e derivam de costumes que não são os nossos; que a alegoria ocupa ali considerável espaço, ocultando – sob o véu do simbolismo – sublimes verdades, as quais se patenteiam desde que se desça ao âmago do pensamento, pois logo desaparece o absurdo” (202/88); “Mas, por quê, então, não se lhe ergueu o véu mais cedo? (...) Partindo tais crenças de um ponto de vista primitivo, houve o receio de que, se se rompesse o primeiro anel da cadeia, todas as malhas da rede se rompessem, separando-se. Fecharam, então, os olhos, obstinadamente. Mas fechar os olhos ao perigo, não é evitá-lo” (202/88)

“A história da origem dos povos confunde-se com a sua própria religião: por isso, seus primeiros livros foram religiosos; suas páginas concordam com o restrito conhecimento da época em que foram escritos; e sendo imperfeitas as observações feitas, também as teorias do mundo o foram; somente quando o conhecimento humano foi-se desenvolvendo, é que começaram a retificar suas idéias acerca de Deus e da criação” (202/88).

“Ora, se a ciência visa descobrir as leis da Natureza, que são obras de Deus, não pode ser a ciência contrária à religião que se apóie na verdade; mas, se a religião se recusa a adaptar-se e a acompanhar o desenvolvimento humano, a ciência caminhará sozinha”. E foi devido à distância entre a fé religiosa ensinada e as descobertas da ciência e do pensamento humano que presenciamos tão preocupante materialismo e imediatismo em nossos dias. Hoje, nem a Astronomia, nem a Geologia, nem a Biologia, nem a Paleontologia, nem a Antropologia, nem a Arqueologia, nem a História, nem a Lingüística, nenhuma dessas ciências nos autoriza a crer na origem divina da Bíblia, nem que a criação do mundo se deu como nela está descrita.

C) Nossa Herança Religiosa

Neste capítulo, as dificuldades já começam pelo próprio nome e significado de “religião”. Nas línguas antigas, antes de Cícero, a palavra estava ligada à idéia de “recolher, tratar com cuidado, tratar com zelo” etc. Entretanto, influenciado talvez pela milenária crença de que, com o pecado original de Adão e Eva, todas as criaturas foram separadas do seu criador, surge novamente a “religião” com roupagens latinas (relicare, religio, religar, ligar de novo).

Ora, visto que o dogma do “pecado original, da queda em pleno paraíso, da condenação dos inocentes pelos crimes dos pecadores” não encontra mais lugar em uma mente evoluída de nossos tempos, palavras como “religião, redenção, condenação eterna, milagres etc. ficam sem sentido. Além do mais, a lembrança que as religiões deixaram, principalmente durante a Idade Média, as Cruzadas Religiosas, a Inquisição etc., são desencorajadoras. Como persuadir a humanidade da urgência de tornarmos religiosos, de despertar nosso “espírito de religiosidade”?

No correr dos séculos, muitas interpretações, adulterações e acréscimos foram feitos aos ensinamentos e palavras atribuídas a Jesus de Nazaré. Jesus não era Deus, nem o único filho de Deus, nem fazia milagres, nem ressuscitou no próprio corpo. Portanto, também não redimiu os pecados da humanidade. A idéia de sofrimento vicário, isto é, um sofrendo em lugar de outrem, atenta ao conceito que fazemos da Justiça e Bondade de Deus.

Seriam boas todas as religiões? – Em 1918, Sir Arthur Conan Doyle registrou, em “A Nova Revelação”: “Os nossos informantes são unânimes em dizer que nenhuma religião terrena leva vantagem sobre qualquer outra; são boas todas as religiões que inculcam a prece e a atenção para o alto, em vez de fixá-la nas coisas passageiras da terra; mas um certo conhecimento das verdades ora reveladas pela Nova Revelação constitui o único meio seguro de evitar surpresas e imprevistos no mundo Invisível”.

D) “— Mas por que somos Católicos?” – Foi a primeira pergunta que formulamos, como primeiro ato de nossa independência” – informa Don José Amigó, em “Roma e o Evangelho”. “Somos católicos – ouvimos dizer – porque o foram nossos pais; porque nos ensinaram a discorrer com o critério católico; porque só o Catolicismo, entre todas as religiões, tinha carta de cidadania em nosso solo; porque não ser católico era incorrer no desprezo de muitos de nossos concidadãos e na ira do clero prepotente; porque nós tínhamos nos convencido, à força de ouvi-lo dizer, que fora dele não há salvação; porque temíamos a cólera do Senhor, as unhas afiadas de Luzbel e as fogueiras do inferno, com que ameaçavam os que não reconheciam a autoridade do que se assenta na cadeira de São Pedro, isto é, na cadeira em que São Pedro nunca se sentou; porque, finalmente, não deixávamos de ver uma grande luz, um grande ensino e um fundo de verdade na religião romana” (162/32).

Mas “Roma Pode Errar e Já Errou”

“Mas que Roma pode errar e já errou – continua Don José – dizem-nos as heresias, aprovadas por ela num dia e condenadas no outro; as contradições de seus ensinamentos; a influência das cortesãs dominantes nos palácios dos papas; o procedimento pouco canônico de uns, para conquistarem a tiara; e em outras mil verdades ainda desconhecidas da imensa maioria dos católicos... mas que amanhã serão conhecidas e apreciadas por quantos tenham olhos para ver e ouvidos para ouvir. Felizmente, as fogueiras da Inquisição foram apagadas para sempre – não sabemos se a gosto dos infalíveis, ou se ao irresistível sopro da liberdade por eles proscrita e condenada” (162/35).

“Pois que Roma pode errar e já tem errado, pode também induzir a erros os que das suas doutrinas se alimentam. Eis porque lhe negamos uma autoridade absoluta e inapelável nas decisões religiosas; eis porque lhe negamos o direito de impor a fé cega; eis porque reivindicamos o direito de intervir diretamente nos negócios de nossa alma” (162/35). “Se aceitamos o critério de Roma quanto à evidência Divina, muito longe estamos de respeitá-la como guia fiel e intérprete infalível no que entendemos como sendo as relações entre as criaturas e o Criador; mas tão longe mesmo, que não vacilamos em considerá-la a principal causa das divisões e cismas da Igreja, da indiferença religiosa, do positivismo e do materialismo, que tão audaz se ostenta em nossos dias. O absurdo não pode dar frutos que não sejam a negação. E o absurdo religioso conduz, primeiro à

divisão, ao cisma, e conclui pela indiferença e o ateísmo” (162/37).

Segundo Don José, “estamos conforme, de toda a conformidade, com o critério de Roma, quanto à Essência da Divindade Suprema. Ela corresponde, perfeitamente, à idéia que pode fazer da Divindade o limitadíssimo entendimento do homem... Mas o infinito limitado é um absurdo: pureza, perfeição, sabedoria infinitas, limitadas, no entanto, por uma impureza, uma imperfeição, seria um erro eterno; seria o mal absoluto; seria um dos resultados da obra de Deus. Neste caso, o Poder Infinito para o bem seria limitado pelas conquistas do Espírito Maligno, porque revela claramente a impotência divina contra o seu poder e o de uma de suas criaturas” (162/36).

“A Bondade Infinita seria limitada pela criação da imensa multidão de espíritos predestinados a eternos sofrimentos. A misericórdia e o Amor Infinitos teriam seu limite na porta dos horrendos calabouços dos miseráveis réprobos” (162/37).

“O Magister Dixit já fez o seu tempo; e os menos exigentes reclamam alimentos mais substanciais para saciar a sua fome intelectual. E quando, em busca da razão e da fé, tropeça-se num diabo, que limita o poder de Deus – com um inferno, que fala contra a bondade, a misericórdia e a justiça divina – com um purgatório, que pode ser abreviado por dinheiro etc., não é possível deixar de exclamar: essas doutrinas são ateístas, irracionais – e o ateu não pode, nem poderá jamais, fazer parte da verdadeira religião” (162/38).

“O Dever de Desmascarar as Imposturas – E qual é o dever do homem que crê em Deus e na imortalidade da alma, se se persuade de que a sua religião não explica as verdadeiras relações entre a criatura o Criador? Se reconhece que a mentira está envolta com a verdade, e o transitório e o mutável confundidos com o eterno e o essencial? (162/38). Seu dever é levantar a voz contra a impostura, não consentir – em silêncio – na exploração da razão e dos sentimentos do homem pelo homem – protestar contra os abusos e mistificações que se cometem, tomando a Divindade como editor responsável; em uma palavra, cooperar decididamente para que a verdadeira religião faça caminho pelas inteligências e pelos corações” (162/39).

E) Inadmissibilidade dos Dogmas Convencionais

1) Alguns Dogmas Teológicos

1.1 – Os Dogmas da Santíssima Trindade – Os textos arrolados pelo padre Matos Soares, para tentar provar a existência de um Deus composto de três pessoas (Mateus-28:29; João I:14 e 3:16-17) são vagos e insuficientes para endossar a crença católica”.

A Doutrina dos Espíritos revela que “Deus, Espírito e Matéria constituem a Trindade Universal, a origem de tudo quanto existe no Universo”. Portanto, não há lugar para Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo. Aliás, nos já vimos que foi durante o Concílio de Nicéia (325), que a Igreja decidiu, pela maioria de votos, o dogma da Santíssima Trindade, numa reação contra Ário e o Arianismo.

1.2 – Deus-Pai – O Catecismo Católico ensina que “Deus não tem corpo, pois é um puríssimo espírito; que Deus-Pai não existiu antes do Filho, nem o Filho antes do Espírito Santo, porque todos são divinos e eternos”. Mas, somos nós, humanos, quem atribuímos a Deus uma forma humana, inclusive com todos os defeitos e injustiças humanas. O filósofo Spinoza já orientava que “Deus não é uma pessoa, no sentido humano da palavra: se um triângulo soubesse falar e raciocinar, faria um Deus triangular, e o círculo o faria circular; todos transfeririam a Deus os seus próprios

atributos pessoais” (122/176).

1.3. Deus-Filho – O Catecismo Católico afirma que “Jesus é a segunda pessoa da Santíssima Trindade, uma pessoa de Deus, não criada, mas coeterna com o Pai; que Deus-Filho encarnou na Terra para morrer na cruz, padecer entre os homens e, desse modo, reabrir as portas do céu a todos os que cressem nele”. “Enquanto se fez homem, ele não deixou de ser Deus; em Jesus só há uma pessoa, com duas naturezas: a divina e a humana”. “Jesus morreu enquanto homem, porque, enquanto Deus, não podia morrer na cruz; que, depois de sua morte, Jesus foi sepultado, desceu “à mansão dos mortos”, ressuscitou em seu próprio corpo, para nunca mais morrer, e subiu ao céu”.

Ora, de acordo com os Espíritos Superiores, Jesus não é Deus; a simples qualidade de mediador, entre Deus e os homens, tira qualquer dúvida; ninguém pode intermediar a si próprio”. E, se Jesus não era Deus, cai por terra a teologia da “Santíssima Trindade”.

1.4 – Deus Espírito-Santo – Os textos (de Mat-28:19, Atos – 28:26-1, Coríntios-6:19) arrolados pelo padre Matos Soares, a nosso ver, são insuficientes para provar a existência do Espírito Santo, como uma pessoa ou natureza de Deus. Ora, se – segundo o catolicismo – o próprio Deus não é uma pessoa, como poderiam sê-lo Jesus e o Espírito Santo?

Já vimos, em Atos-XIX-02, que: “Cristãos que interrogados se receberam o Espírito Santo, responderam: Mas sequer ouvimos dizer que existe o Espírito Santo!”.

1.5 – Deus Fazia Milagres? – Teologicamente falando, “milagre é uma derrogação (total) ou ad-rogação (parcial) das leis divinas, para privilegiar a uns, sem favorecer aos outros”. Ora, se existissem milagres – seriam obra exclusiva de Deus. Nem Jesus poderia fazer milagres, nem outorgar poderes aos seus discípulos para os fazerem. Porém o próprio Jesus teria ensinado: “aquele que crer em mim, fará as coisas que eu faço, e fará coisas ainda maiores”.

2) Alguns Dogmas Mariológicos

No nosso capítulo 3.3.1.A, vimos que José e Maria coabitaram: em 3.3.1.d, vimos que José e Maria tiveram outros filhos, além de Jesus. Além disso, já vimos, que foi no Concílio de Éfeso (531) que a Igreja decretou ser “Maria a mãe de Deus”, em uma reação contra Berengário; e que foi em 1854 que o papa Pio IX decretou a imaculada concepção de Maria, definindo que elas “nasceu sem a mancha do pecado original”.

3) Alguns Dogmas Cristológicos

Jesus não deixou nada escrito; tudo o que dele sabemos, chegou-nos através dos apóstolos, discípulos, evangelistas e teólogos. Todavia, não havia papel para escrever, e ele não deixou nada escrito; foi o Cristianismo (a doutrina dos seguidores de Cristo) que determinou nossa fé em Jesus. Porém Jesus não nasceu de uma virgem, porque Maria e José coabitaram, segundo informações de São Mateus-I:24,25; ele teve outros irmãos e irmãs (conforme os textos de Mat-13:55-56; Luc-8:18; Marc-3:32; João-2:12; I Cor-9:5). Ele não foi a segunda pessoa da SST, pelo simples fato de não existir um Deus em três pessoas. Ele não foi tentado pelo “demônio”, pelo fato de não haver um demônio, nem milhões dele. Jesus não desceu “ao inferno, para pregar aos mortos”, porque não existe inferno, como um lugar de sofrimento debaixo da terra; ele não ressuscitou no próprio corpo físico, mas no corpo astral ou perispi-

ritual; ele não subiu ao céu em seu próprio corpo, pelo fato de não ter ressuscitado no próprio corpo físico.

Ora, não sendo Deus, nem uma segunda pessoa de Deus, Jesus não redimiu os pecados de suas criaturas, com a morte na cruz. O que ele nos trouxe não foi a “salvação, nem redenção, nem remissão dos pecados”, foi a lição do amor e caridade, com seus próprios exemplos, para nos redirmos.

No Concílio de Nicéia (325), ficou decidido: “Para a Igreja, o ponto de consubstanciação, contra a mera similaridade do Filho com o Pai, era vital, tanto à luz da teologia, como da política. Se o Cristo não era Deus, toda a estrutura da Igreja estava ameaçada: se fosse permitido que os fiéis duvidassem nesse ponto, a confusão poderia destruir a unidade da Igreja e, portanto, o seu valor como suporte do Estado” (107/361).

4) Alguns Dogmas Antropológicos

O aparecimento do homem sobre o planeta sofreu um processo complicadíssimo e muito diferente daquele narrado nos textos bíblicos e ensinado pela Igreja. O homem não foi criado por Deus, prontinho e acabado, no sexto-dia da Criação, mas levou milhões de anos para atingir a atual forma. E nunca houve queda dos anjos, em pleno paraíso, muito menos do homem. O mal não é uma consequência do pecado original, é um risco que o espírito, matriculado na escola da vida, pode assumir, quando deixa de praticar o bem. O mal é apenas a ausência do bem. E cada qual receberá de conformidade com suas próprias obras, e será o construtor de sua felicidade ou infelicidade.

A Doutrina dos Espíritos ensina que não há “demônio, nem demônios”, porque não foram criados por Deus, que é a causa primária de tudo quanto existe neste Universo. O que as religiões chamam de “demônios” nada mais são do que espíritos que ainda se conservam na ignorância e na maldade, mas que, sendo criaturas de Deus, um dia também abrirão os olhos e seguirão os próprios rumos da evolução espiritual e moral.

5) Dogmas Religiosos ou Eclesiásticos

O Cristianismo não é científico - Em “Reflexões sobre a História, Jacob Burckhardt alertou que: “o Cristianismo surgiu num período desprovido de qualquer critério científico e em meio a homens cegamente parciais à sua gênese, além de totalmente incapazes de qualquer senso crítico; por conseguinte, não se lhe pode atribuir uma afirmação independente, literalmente válida perante um espírito universal em sua essência” (84/158).

O escritor católico W. H. de Pol, em “O Fim do Cristianismo Convencional”, mostrou que “não é possível viver numa duplicidade de vidas, recusando-se os resultados da ciência, quando relacionadas com as religiões, aceitando-os como verdadeiros quando relacionados com outros problemas” (59/81).

À luz dos textos neotestamentários, Jesus nunca pretendeu fundar uma Igreja ou uma religião; foram os homens antigos que fundaram o Cristianismo. O papado foi criado oficialmente, no ano 607 dC, sob o imperador Focas.

A crença no Juízo particular é lógica e racional, porque não há nenhum mérito sem a avaliação. Entretanto, não haverá ali condenação ‘nem salvação eternas. Porém

o “juízo particular” é incompatível com o “Juízo Final”. No juízo particular, a alma já receberia, para sempre, em caráter imutável e irrevogável, a sentença definitiva. Por que, então, submetê-la a um novo julgamento, que não poderá modificar, nem minimizar as penas anteriormente impostas?

A crença nas indulgências e no purgatório – A Igreja não acredita no progresso das almas depois da morte, nem na reencarnação, as almas condenadas ao purgatório só podem sair de lá – rumo ao céu – não por esforço próprio, mas pelas orações pagas, as missas celebradas em sua intenção, as indulgências concedidas em seu favor.

A crença no inferno eterno. Observamos que a palavra “inferno” significa tão somente “lugares interiores da terra, morada dos mortos, terra de escuridão, sepultura”, para onde todos vão, bons ou maus, e não lugar de sofrimento.

Para o autor protestante de “A Verdade que Conduz à Vida Eterna”, “o inferno não é um lugar quente, pois os mortos estão inconscientes, e, por isso, não podem sofrer” (73/40); é simplesmente uma sepultura, a sepultura comum para toda a humanidade” (73/42).

O autor de “A Verdade que Conduz à Vida Eterna” expressa que a Bíblia fala em “fogo do inferno” (Mat-5:22), mas, em tais casos, a palavra grega original, aqui usada para “inferno”, é *geena* e não *hades*; *geena* ocorre 12 vezes nas Escrituras gregas cristãs e se refere ao “Vale do Hinon, fora dos muros de Jerusalém”. Este vale era usado como grande depósito de lixo, onde se mantinham fogos acesos pela adição de enxofre, para queimar o refugo. Portanto, quando Jesus disse que alguns seriam lançados na *Geena*, o que quer dizer? Não que seriam atormentados para sempre. Jesus usou o vale (*Geena*) do fogo e de enxofre como símbolo apropriado da destruição eterna. (...) (73/43).

Nós vimos, também, em 3.3.2.B, que o mesmo autor mostrou que a palavra “*sheol*”, que foi traduzida como “inferno”, ocorre 65 vezes na Bíblia: que a Bíblia protestante traduziu 28 vezes por inferno, 27 por sepulcro, 2 vezes deixou *sheol* mesmo e 1 vez por terra, mundo invisível, enterrado. Segundo ele, nas Escrituras Gregas (isto é, com os dois testamentos), a palavra “inferno” é a tradução de “*hades*”, que aparece 10 vezes como “inferno”, 2 vezes “*hades*” mesmo etc.

A Crença na Ressurreição da Carne. O espírito nunca morre, portanto não se fala em ressurreição do espírito ou da alma; ele permanece vivo e consciente. A teoria da “ressurreição da carne”, no mesmo corpo, é um dos maiores absurdos criados pela teologia. Por que iria Deus premiar o “eleito” exatamente com aquele corpo atrofiado, aleijado, queimado pelas fogueiras da Inquisição, mutilado pelos acidentes, carcomido pelos vermes? A simples lembrança disso seria motivo de repugnância. Em I Coríntios, Paulo foi bem claro: XV:3 (...) 44, Assim como não há um corpo material, há também um corpo espiritual; semeia-se um corpo material, e ressuscita-se um corpo espiritual”.

Segundo à Doutrina dos Espíritos, o ser humano é composto de três elementos: 1) a alma, espírito, ser pensante e inteligente; 2) o perispírito, elemento quintessenciado que liga a alma ao corpo físico; 3) o corpo material, sujeito às leis da matéria. Com a chamada “morte”, apenas o corpo material permanece no túmulo, putrefando, em consequência da invasão de vermes sepulcrais. Mas a alma permanece inalterada,

continuando revestida do perispírito, como um corpo “semelhante ao que deixou na terra”, inclusive com as diferenciações de sexos. É este corpo perispiritual que prova a sobrevivência, individualidade e identificação do ser espiritual.

Unicidade ou pluralidade de existências? A pluralidade das existências, ou reencarnação, é o principal motivo para acreditarmos na existência do ser espiritual, na sua sobrevivência, na sua individualidade, e principalmente na Justiça, Sabedoria e Bondade de Deus. A unicidade da vida colocaria Deus numa posição incômoda e ridícula: pareceria que ele não detém o governo de seus próprios filhos.

Ora, não havendo unicidade de vida, desaparecem os motivos de “salvação eterna” e de “condenação eterna”. Cada existência, no corpo físico, passa a ser apenas um dia de aula no educandário das experiências e da própria sublimação.

Tão logo a humanidade começou a pensar, descobriu a falsidade de muitos dogmas religiosos convencionais, acabou se mergulhando no materialismo, oportunismo e indiferentismo moral que ora presenciamos.

Já em 1874, em “Roma e o Evangelho”, Don José Amigó escrevera: não vêes que o mundo moral parece desmoronar-se; que as crenças caíram por terra? que as relações sociais e familiares estão invadidas pelo dolo e pela mentira? que o egoísmo apossou dos homens? Tudo isto por falta de uma crença verdadeira, que seja a base das sanções morais.

Neste século XX, o cepticismo e as dúvidas aumentaram: Max Thurian escreveu “A Fé em crise”; um grupo de teólogos americanos escreveu: “Heresias de Nosso Tempo”; um autor italiano escreveu: “Deus está morto”; um escritor católico – Riolando Azzi – escreveu: “Ascensão e Decadência da Igreja”; outro católico – Van de Pol – escreveu “O Fio do Cristianismo Convencional”; e surgiu, depois, a chamada “Teologia da Morte de Deus”.

3.4.5. “Uma Fé Inabalável”

Introdução – Segundo os Espíritos Superiores, “fé inabalável só aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade”. Sendo a Bíblia o livro mais conhecido do planeta Terra, vamos procurar nele os fundamentos para uma fé inabalável, de todas as épocas da humanidade. Pela sua essência e natureza mesma, como provas textuais, este capítulo não poderia deixar de ser o mais cansativo e monótono. Os leitores sem interesse nas provas poderão omitir os números dos capítulos e versículos bíblicos, atendo-se apenas aos títulos, à análise e conclusão.

A) Provas bíblicas da crença nos espíritos.

A História nos mostra que todos os povos, antigos, clássicos, medievais, modernos e contemporâneos, em todos os lugares do planeta, têm uma intuição da existência dos espíritos desencarnados, de sua influência sobre os vivos, e até mesmo de suas manifestações. Desde o Elam, a Acádia, a Suméria, a Babilônia, o Egito, China, Índia, Fenícia, Assíria, pré-helênicos, pré-romanos, Pérsia, Grécia, Roma, os hebreus todos eles, invariavelmente, acreditam nessa realidade e dela participavam nos seus cultos

e ritos religiosos de todos os tempos. Porém, às entidades maléficas, eles davam o nome de “demônios”, e às entidades benéficas, o nome de “deuses”. A crença nesses “deuses” era tão absoluta e generalizada, que os judeus chegavam a confundir a entidade Yahweh como sendo a Divindade Suprema do Universo,

1) No livro Gênese – encontramos a prova da crença nos espíritos: Tendo ouvido a voz do Senhor (III:8); o Senhor disse a Abraão (XIII-14); falou o Senhor a Abraão, numa visão (XV:1); eis que o anjo do Senhor gritou do céu (XXII:11); saíram-lhe ao encontro uns anjos (XX-II:32); e Jacó disse: Eu vi Deus, face a face (XXII:33).

2) No Livro Êxodo – E o Senhor lhe apareceu numa chama de fogo (III-2); o Senhor (deu ordem, ou disse) a Moisés (IV-13; VII:1; VIII:1; X:1; XII:21; XVI:4 e XVII:14); e Moisés falava e Deus respondia (XIX:19); e o Senhor (disse ou falou) a Moisés (XX:22; XXV:1; XXVIII:1); e o Senhor falava a Moisés, face a face, como um homem costuma falar com seu amigo (XXXIII:11); tu me verás pelas costas, mas o meu rosto não o poderás ver (XXXIII:23); o Senhor disse: corta duas tábuas (XXIV:1).

3) No Levítico – O Senhor (chamou ou falou) (I:1; XI:1; XVI:1);

4) No Livro Números – E o Senhor (falou ou disse) a Moisés (I:1; II:1; V:6; CIV:11; XVI:32, 44); Veio, pois, Deus a Balaão, de noite, e disse (XVI:44); e o Senhor disse a Moisés (XXVIII:12);

5) No Deuteronômio – O Senhor falou (II:17; IV:12);

6) No Livro de Josué – O Senhor (falou ou disse) a Josué (I:1; II:1; V:2; VIII:1; X:8);

7) No Livro Juízes – O anjo do Senhor disse (II:1); mas o Senhor enviou um péssimo espírito entre Abimelec e os habitantes da cidade (IX:23);

8) No II Paralipômenos – Quando Salomão terminou a sua oração, desceu fogo do céu e consumiu o holocausto e as vítimas (VII:1);

9) No I Livro Reis – O Espírito do Senhor retirou-se de Saul (XVI:14); e o espírito maligno, mandado pelo Senhor, apoderou-se de Saul (XIX:9);

10) No II Livro Reis – E apareceu o Senhor a Salomão, em sonhos, de noite (III:5); e o Senhor disse a Salomão (XII:11); o anjo do Senhor tocou (em Elias) e lhe disse (XIX:5);

11) No IV Livro de Reis – Manassés levantou altares a Baal; entregou-se a adivinhações e observou agouros e instituiu pitões (ou magos (XXI:1,6);

12) No Livro de Tobias – À sua vista, Tobias, espavorido, clamou; e o anjo do Senhor disse-lhe (VI:3, 4, 8);

13) No Livro de Jó – E, ao passar diante de mim um espírito (IV:15);

14) No Livro Profecias de Jeremias – Esses profetas praticam falsamente em meu nome (XIX:14); eis a palavra que veio do Senhor a Jeremias (XXX:1);

Análise – Em “Roma e o Evangelho”, Don José Amigo y Pellicer pergunta: Serão diabólicas as comunicações e inspirações espirituais que recebiam Isaías e Jeremias? — Não, indubitavelmente, porque, como diz o comentário do padre Scio, se isso fosse obra do demônio, não seria mencionado nas Escrituras entre as obras de Isaías e Jeremias (162/284).

15) No Livro Profecias de Oséias – Palavras do Senhor, que foram dirigidas a Oséias (I:1); e o Senhor disse ainda (III:1);

16) Profecias de Joel – Palavras do Senhor, que foram dirigidas a Joel (I:1);

17) Livro de Jonas – Palavras do Senhor a Jonas (I:1);

18) No Evangelho São Mateus – Um anjo do Senhor desceu do céu, revolveu a pedra (XXVIII:2); Mas o anjo disse: não temais (XXVIII:5);

19) No Evangelho S. Lucas – Apareceu a Zacarias o anjo (I-1);

20) No Evangelho de São Marcos – O meu nome é legião, porque somos muitos (V:9);

21) Nos Atos dos Apóstolos – Mas um anjo do Senhor, abrindo de noite as portas do cárcere, e tirando-os para fora (V:19); Pedro estava no cárcere. E eis que sobreveio um anjo do Senhor, e tocando o lado de Pedro, o despertou. E caíram as cadeias de suas mãos (XII:5); O anjo do Senhor feriu (a Herodes) e, roído de vermes, expirou (XII:23).

Análise – De acordo com Don José Amigó, todos esses casos são de comunicação espiritual, sem intervenção diabólica e patenteiam a possibilidade e a realidade do fato, tão combatido como diabólico pela Igreja (162/287).

22) Na I Epístola aos Tessalonicenses – Não extingais o espírito (Santo). Não desprezeis as profecias. Examinai tudo; abraçai o que for bom (V:19-21).

Análise – Don José ensina que São Paulo fala claramente das comunicações dos espíritos; porém, não só dos espíritos malignos; ele aconselha aos tessalonicenses que não apaguem o espírito; que, por suas faltas, não se façam indignos das comunicações espirituais, nem desprezem os avisos proféticos que possam receber; que examinem tudo e somente aceitem o que for bom (162/288).

23) Na II Epístola aos Filipenses – Se há alguma comunicação de espíritos (II:2);

24) Na I Epístola de São João – Não acrediteis em todo o espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus (IV:1).

25) Epístola aos Hebreus – Porventura não são estes espíritos uns ministros (de Deus), enviados para exercer o seu ministério? (I:14).

B) As Faculdades Mediúnicas na Bíblia

1) No Livro Gênese – E o Senhor apareceu (a Abraão) (XVIII:1); Deus apareceu, de noite, em sonhos, a Abimelec (XX:3); José respondeu: a interpretação do sonho é esta (XL-12). Como poderemos nós encontrar um homem como este, que esteja tão cheio do Espírito do Senhor (XLI:25, 38). A taça que roubaste é aquela pela qual bebe o meu Senhor, e da qual se serve para as suas adivinhações (XLIV-5);

2) No Livro de Êxodo – E Moisés fez pos prodígios diante do povo (IV:30; VII:10; XI:20; VII:6, 10, 17, 18; IX:8, 10, 12, 23; XIV: 21; XV: 23, 25);

3) No Livro Números – E Moisés feriu 2 vezes com a vara o rochedo, e saíram dela águas copiosíssimas (XX:11);

4) No Livro Deuteronômio – Se se levantar no meio de ti um profeta (...) e suceder o que ele anunciou (XIII:1, 2). Terás este sinal: se o que aquele profeta disse, em nome de Deus, não suceder, o Senhor não o disse, mas o profeta inventou (XVIII:10, 11, 22);

5) No Livro de Josué – Josué viu um homem de pé, que tinha uma espada desembainhada: sou o príncipe do exército do Senhor (V:13, 14);

6) No I Livro Reis – E todo Israel reconheceu que Samuel era um fiel profeta do Senhor. E Samuel respondeu: eu sou o vidente (III:14, 18, 20). O espírito de Deus se apoderou de Saul (XI:6). E, daquele dia em diante, comunicou-se o espírito de Deus

a Davi. O espírito do Senhor retirou-se de Saul, e o atormentava um espírito maligno, por permissão do Senhor (XVI:13, 14). E o espírito maligno, mandado pelo Senhor, apoderou-se de Saul (...) e ia andando e profetizava (XIX:9, 23). E Saul disse: buscai-me uma mulher que tenha o espírito de Píton (...) E a mulher lhe disse: quem queres que tu apareça? Saul disse: faze-me aparecer Samuel (...) E Saul compreendeu que era Samuel (XXVIII:3, 7, 11, 12, 14);

7) No III Livro Reis – O Senhor apareceu a Salomão, em sonhos (V:5);

8) No IV Livro Reis – Chamai-me todos os profetas de Baal (X:19);

9) No Livro de Isaías – Falou o Senhor por intermédio de Isaías (XXII:2). E eis que lhe darei um espírito... (XXXVII:7);

10) No Livro de Jeremias – Eles profetizam a mentira (XXVII:9, 10). E Baruc escreveu tudo isso (...) E interrogaram-nos: como tu escreveste estes discursos de tua boca? E Baruc disse: como se os fosse lendo (XXXVI:4, 17, 18, 28);

11) No Livro de Ezequiel – Entrou em mim o espírito, depois me falou; e ouvi o que ele falava, e me dizia (II:1-3); Então, o espírito me tocou e ouvi atrás de mim uma voz muito estrepitosa que dizia (...); E o espírito levantou-me e levou-me consigo (III:1, 4, 12, 14); E estendeu uma semelhança de mão, tomou-se (...) e o espírito levantou-me entre a terra e o céu; e levou-me a Jerusalém, numa visão divina (VII:1-3); Depois disso, o espírito tomou-me e me conduziu outra vez, em visão, ao espírito de Deus, à aldeia onde estava o povo cativo (XI:24); E quando algum profeta errar e proferir um (falso) oráculo, fui eu, o Senhor, que permiti que se enganasse esse profeta (XIV:4, 9);

12) No Livro de Daniel – Ora, Deus deu a Daniel a inteligência de todas as visões e sonhos (I:18); Então foi descoberto este segredo a Daniel, numa visão, durante a noite. (...) A mim foi revelado este segredo (II:1, 2, 19, 28, 30, 36); No teu reino há um homem que tem em si o espírito dos deuses santos (...) um espírito superior aos outros, de prudência, de inteligência, de interpretação dos sonhos, de declaração de segredos (IV:11, 12, 17). Eis que Gabriel (...) me instruiu e me falou (IX:21). E eis que uma mão me tocou, e fez-me levantar sobre os meus joelhos (X:7, 10);

Análise – Don José Amigó informa que Daniel se comunica com os santos e ouve suas palavras; recebe instruções do espírito de Gabriel, varão justo que descia da morada dos bem-aventurados para lhe falar; sente o seu contacto e vê, como a semelhança de um homem, o seu espírito protetor, que diz ter vindo a ele em atenção aos seus rogos. Por isso, se vê que as preces dos homens podem alcançar, com a permissão divina, comunicações dos espíritos puros (162/285).

13) No Livro de Joel – Palavras do Senhor, que foram dirigidas a Joel (I:1); os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; e os vossos velhos serão instruídos em sonhos, e as vossas jovens terão visões (II:28);

Análise – Don José Amigó declara que as palavras de Joel são uma fiel profecia do que começa a suceder em nossos dias, com relação à vinda e do admirável desenvolvimento do Espiritismo. Os espíritos do Senhor espalharam-se, com profusão, pelo mundo; e por toda parte ouvem-se vozes e recebem-se os benéficos ensinamentos (162/286).

14) No Livro de Jó – Ao passar diante de mim um espírito, os cabelos de toda a

minha pessoa se arrepiaram; vi um vulto diante dos meus olhos, e ouvi uma voz. como de uma branda viração (IV-15, 16);

Análise – Na opinião de Don José, não pode ser um espírito maligno, porque sua voz não era atordoadora como a de um furacão, mas sim como a de uma meiga brisa (162/283).

15) No Livro de Tobias – E agora o Senhor me enviou a curar-te, e a livrar do demônio a Sara, mulher do teu filho. Porque eu sou o anjo Rafael, (XII:14,15); Então, encontrou um jovem de belo aspecto, e não sabendo que era um anjo do Senhor, saudou-o. E ele respondeu: Eu sou um dos filhos de Israel; eu sou Azarias, filho do grande Ananias (V-5, 5, 18);

Análise – Desta mensagem – analisa Don José – se depreende claramente que ou o anjo mentiu – o que é inadmissível – ou os anjos não mais do que os espíritos dos homens que morreram na virtude, pois o que fala com Tobias afirma ser um dos filhos de Israel. Eis, por conseguinte, um fato de comunicação espiritual; e não cremos que a Igreja de Roma se atreva a explicá-lo pela intervenção do diabo (162/283).

16) No Livro de Zacarias – Tive esta noite uma visão. E o anjo, que falava comigo, disse-me: Eu te mostrarei o que significam essas coisas (I:8, 9); Eis o que o anjo, que falava comigo, saiu para fora, e outro anjo veio-lhe ao encontro (II:3);

17) No II Livro de Macabeus – Mas, no mais forte do combate, apareceram do céu, aos inimigos, cinco homens, de cavalos adornados com feios de ouro (X:29);

18) No Evangelho São Mateus – Um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos (I:20); Morto Herodes, o anjo do Senhor apareceu, em sonhos, a José no Egito (II:13, 19, 22). E, convocando os seus 12 discípulos, deu-lhes poder sobre os espíritos ímundos, para os expelirem, e curarem todas as doenças. (...) E quando vos entregarem, não cuideis com o que haveis de falar, porque vos será inspirado o que haveis de dizer (X:10, 12, 18, 19); É um fantasma! (XIV:25, 26); E eis que lhe apareceram Moisés e Elias falando com eles (...) levantando os olhos, não viram ninguém, exceto Jesus (XVI:3, 4, 8). A mulher (de Pilatos) mandou lhe dizer: nada haja entre ti e este justo, porque fui muito atormentada, em sonhos, por causa dele (XVIII:19);

19) No Evangelho São Lucas – Apareceu-lhe (a Zacarias) o anjo do Senhor (I:11); Ora, havia naquela região uns pastores, apareceu diante deles um anjo do Senhor (II:8, 9); E os 72 voltaram alegres: Senhor, até os demônios nos submetem, por virtude do teu nome (...) (X:17-20); O vosso pai celeste dará um bom espírito aos que lhe pedirem (XI:9,13);

20) No Evangelho São Marcos – Não premediteis no que haveis de dizer, mas dizei o que for inspirado nessa hora; porque não sois vós quem falais; mas o Espírito Santo (XIII:11);

21) No Evangelho São João – Aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e fará outras ainda maiores (XIV:12-17);

22) Nos Atos dos Apóstolos – E foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar várias línguas (II:4); Estevão, cheio de graça e de coragem, fazia grandes prodígios e milagres no meio do povo. E alguns da Sinagoga se levantaram a disputar com Estevão. Mas não podiam resistir à Sabedoria do espírito que falava nele (VI:8, 10); E Pedro, pensando na visão, o espírito lhe disse (X:19, 22); E veio ao encontro

uma jovem que tinha o espírito de Píton (XVI:16); E tendo Paulo imposto as mãos, veio o Espírito e falava (diversas) línguas e profetizavam (XIX:1, 2, 6); E os que estavam comigo viram a luz, mas não ouviram a voz daquele que falava (XXII:7-9);

23) Na I Epístola de São João – Não queirais crer em todo o espírito, mas examinai os espíritos (para ver) se são de Deus; porque muitos falsos profetas virão para o mundo (IV:01);

24) Na II Epístola a Timóteo – Toda Escritura divinamente inspirada é útil para ensinar, para repreender, para corrigir (III:16);

25) No Livro Apocalipse – Voei em espírito, num dia de domingo, e ouvi, atrás de mim, uma voz como de uma trombeta (I:10); e a primeira voz que ouvi, era como trombeta que falava comigo. (...) E logo fui arrebatado em espírito (IV-1,2). E fui ter com o anjo, dizendo-lhe que me desse o livro (X:09).

C) Provas de Curas Espirituais na Bíblia

1) No IV Livro de Reis – E o menino (da Sunamita) morreu (...) depois, bocejou sete vezes e abriu os olhos (IV:18, 20, 35). Naman, general do Exército do rei da Síria (...) era leproso. E Eliseu enviou-lhe um mensageiro, dizendo: Vai, lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será curada e ficará limpa. (...) e ficou limpo (V:11, 14);

2) No Livro de Tobias – Então Tobias (filho), tomando o fel do peixe, untou os olhos de seu pai. Esperou quase meia-hora (...) e recuperou a vista (XI:13-15);

3) No Evangelho São Mateus – E Jesus estendeu a mão, tocou-o; e logo ficou curada a sua lepra (...) E viu que a sogra de Pedro estava na cama, com febre, e lhe tocou a mão, e a febre a deixou. (...) Ele expelia espíritos (maus) e curou todos os enfermos (VIII:3, 14); E eis que um homem, que tinha seca uma das mãos (...) e ela tornou-se como a outra. Então trouxeram-lhe um endemoninhado, cego e surdo, e ele o curou. (...) Se eu lanço fora os demônios por virtude de Belzebu, por virtude de quem os expulsam vossos filhos? (XII:10,13,27). E não faz ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles (XIII:58). E (trouxeram) surdos, cegos, coxos estropiados (...) e ele os curou (XV:22-31); E viram e o seguiram (XX:30, 34). E aproximaram-se dele os coxos e os cegos, e os curou. E Jesus disse-lhes: Se tiveres fé, e não duvidares, não só fareis o que foi feito a esta figueira, mas ainda, se disser a este monte: sai daí, e lança-te ao mar, assim se fará (XXII:14, 21);

4) No Evangelho São Lucas – Era levado um defunto à sepultura. (...) Jovem, eu te digo: levanta-te. E sentou o que tinha estado morto, e começou a falar (VII:12-15); E a mulher, que padecia de fluxo de sangue há doze anos (...) tocou-o por detrás a orla do seu vestido; e imediatamente o fluxo de sangue parou. E ele disse: Filha, a tua fé te salvou; Veio dizer ao Príncipe da Sinagoga: tua filha morreu, não o incomodes. Mas Jesus disse: não temas, crê somente, e ela será salva; a menina não está morta, mas apenas dorme. (...) E o seu espírito voltou (para o seu corpo), e levantou-se imediatamente (VIII:27-33, 41-45); Veio uma mulher possuída dum espírito (...) e Jesus lhe impôs as mãos e, imediatamente, ela ficou direita (XIII:11, 13);

5) No Evangelho São Marcos – E curou muitos e expeliu muitos demônios (I:26). Vai, o demônio saiu de tua filha; e tendo voltado pra casa (...) o demônio tinha saído (dela). E trouxeram-lhe um surdo e mudo, e suplicavam-lhe que pusesse a mão. (...)

E se lhe abriram os ouvidos e se lhe soltou a prisão da língua, e falava claramente (VII-29/35); Mestre, trouxe-te o meu filho que está (possesso de um espírito mau que o faz ficar) mudo. (...) Esta casta de demônios não se pode fazer sair, senão mediante oração e jejum (IX:16, 17, 23, 24, 28); Um cego disse: Mestre, faze que eu veja. (...) Vai, a tua fé te salvou. (X:51, 52);

6) No Evangelho São João – Chegou, pois, Jesus, e encontrou-o (Lázaro) já há quatro dias no sepulcro. E bradou em voz alta: Lázaro, sai para fora. E imediatamente sair o que estivera morto, ligado de pés e mãos com ataduras (XI:17, 43-44);

D) Provas da Reencarnação na Bíblia

1) No Livro Êxodo – No 1º Mandamento: Eu (...) visito a iniquidade dos pais nos filhos, na 3ª e 4ª gerações daqueles que me aborrecem, e uso de misericórdia até mil gerações daquele que me ama e guarda os meus mandamentos (XX:2-6); Javé (...) que conserva a sua graça ATÉ mil gerações que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não tem por inocente o culpado, porque castiga o pecado DOS pais NOS filhos e NOS filhos de seus filhos, ATÉ a 3ª e 4ª geração (XXXIV:7);

Análise – Em “A Reencarnação na Bíblia”, Hermínio Miranda explana que esta é uma das poucas, senão a única versão, hoje em circulação, que manteve a fidedignidade do texto da Vulgata Latina, que diz “na 3ª e 4ª geração” e não “até a 3ª e 4ª geração” (159/43), sendo que, na tradução de Antonio Figueiredo figura “até a 3ª e 4ª geração”. Com a finalidade de fazer o texto concordar com a doutrina de uma só existência na carne, acoplada a esta outra – segundo à qual, para cada ser que nasce, é criado outro espírito, novinho em folha, sem passado – os tradutores optaram pela expressão “até a 3ª e 4ª geração” e, com isso, talvez inadvertidamente, atribuíram à Justiça Divina um caráter monstruoso, fazendo crer que ele pune, nos filhos, nos netos e nos bisnetos – em quem se presume inocência – os crimes contidos pelos pais, pelos avós, e pelos bisavós (159/43).

“Ora – continua Hermínio – a lei divina do equilíbrio universal exige dele, através de sua descendência, o ajuste, a correção, o resgate que repõe as coisas no seu devido lugar. O sofrimento vicário, isto é, em lugar de outra pessoa, seria iníquo e inadmissível, até mesmo ante às imperfeitas leis humanas; seria exigir de inocente o cumprimento de uma pena por um crime que ele não cometeu, tanto quanto estimular, com a impunidade do autor, o ato criminoso, libertando de toda e qualquer responsabilidade aquele que o pratica” (159/43).

“De maneira alguma terá por inocente o culpado. O inocente não será, de maneira alguma, responsabilizado pela falta alheia (159/49). Se Deus perdoou a iniquidade, a transgressão e o pecado – como diz o texto – por que vai cobrá-lo dos netos e dos bisnetos? E quem não tem descendentes? Certamente, não pode ser este o espírito do texto. Lamentavelmente, ficam os textos com a marca das preferências dogmáticas dos seus tradutores e manipuladores. E, ao que vemos, desde remotos tempos, nem mesmo as versões obtidas no âmbito da mesma corrente religiosa concordam entre si; e, algumas vezes, sequer a versão é coerente consigo mesma” (159/50).

“Ora, se para Deus o culpado não pode ser inocentado, como admitir-se que seja castigado o pecado, por ele praticado, na pessoa DE filhos e DE netos? Precisamente porque Deus perdoa, não inocenta o culpado, é que este mesmo culpado, e não outro,

irá renascer na 3ª ou 4ª geração, para responder pela sua própria falta” (159/52).

2) No Livro de Jó – Crês porventura que um homem morto torne a viver? Todos os dias da presente vida estou esperando que chegue a minha mudança (XIV:14); pois sei que vive o meu Redentor, e que, no último dia, hei de ressuscitar na Terra; e de novo serei coberto com a minha pele, e na minha carne verei o meu Deus (XIX:25, 26);

Análise – O pressentimento da reencarnação – afirma Don José – se converteu em certeza, quase em evidência, no ânimo de Jó; já sabe ele que ressuscitará de novo na Terra, envolto na sua pele e com um corpo carnal, no qual verá a misericórdia do seu Deus concedendo-lhe outra vida de prova para conquistar, pelo seu merecimento, um grau mais elevado de felicidade e perfeição (162/255).

3) No Livro dos Salmos – Porque a tua misericórdia sobre mim é grande, e tiraste a minha alma do inferno interior, onde os sofrimentos humanos são maiores; porém, (...) tiraste dali a minha alma e me permitiste vir descansar aqui, melhorando a minha sorte (LXXXV:13);

Análise – Don José esclarece que, em um momento de inspiração superior, Davi fala de seu espírito, de suas passadas existências; e, recordando as tribulações sofridas, entoava hinos de louvor ao Senhor, por tê-lo feito voltar à vida, tirando-o do sepulcro (162/256).

4) No Livro de Isaías – Porque, eis que aqui estou, Eu que crio novos céus e nova Terra; não persistirão na memória as primeiras calamidades, nem elas subirão ao coração (LXV-17);

Análise – Isaías pôs na boca do próprio Deus a sanção da crença espírita acerca da pluralidade dos mundos; a atividade humana não cessa jamais e continua a tirar, do caos, céus novos e terras novas, para morada da grande família humana (162/257).

5) No Livro de Ezequiel – E sabereis que sou o Senhor, quando tiver aberto os vossos sepulcros e vos houver tirado dos vossos túmulos, e tiver infundido o meu espírito em vós, e tiverdes recobrado a vida (XXXVI-32);

Análise – Para Don José Amigó, não se pode falar mais claramente da pluralidade das existências. É verdade que ele não frisa a reencarnação... entretanto, é preciso levar em conta que as profecias eram dirigidas a um povo material e ignorante, incapaz de compreender o que lhes falasse aos sentidos (162/259).

6) No Livro de Malaquias – Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande horrível dia do Senhor (C:15);

Análise – Hermínio Miranda salientou que “Malaquias profetizara, cerca de 450 anos aV, que Elias voltaria à Terra nos tempos devidos, nas condições de precursor de alguém de hierarquia infinitamente mais elevada do que ele” (158/29). “É evidente que a doutrina dos renascimentos e, portanto, das vidas sucessivas ou reencarnação era pacificamente aceita por pessoas comuns (159/28)”.

7) Nos Textos do Novo Testamento – englobados por assuntos:

As Perguntas de Jesus – Em Mateus XIV-13, E Jesus interrogou seus discípulos: Quem dizem os homens que é o filho do homem? (XVI:13); Uns diziam que é João Batista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas (XVI:14). E os discípulos o interrogaram: Elias deve vir primeiro? (XVIII:10); E ele lhes respondeu: Elias certamente há de vir (antes da minha vinda) e restabelecerá todas as coisas.

Digo-vos, porém, que Elias já veio e não o conheceram; antes, fizeram dele tudo o que quiseram. E os discípulos compreenderam que lhes falava de João Batista (XVIII:12).

Análise – Hermínio Miranda mostra que Jesus confirmou a profecia. E Mateus encerra a narração com esta frase indiscutível: “E os discípulos compreenderam que lhes falava de João Batista” (159/31). Na opinião de Don José Amigó, a reencarnação do profeta Elias, vaticinada nos versículos citados, vem corroborar, de modo terminante, os textos copiados do Evangelho. “Jesus, que penetrava os pensamentos de todos, nada acrescentou para desvanecer neles a idéia de reencarnação de Elias na pessoa de João Batista, como indubitavelmente o teria feito, caso ela fosse errônea ou contrária à verdade”.

As Dúvidas de Herodes Tetrarca – Segundo Mateus – XIV:1-2, Herodes, o Tetrarca, ouviu falar de Jesus, e disse: Este é João Batista, que ressuscitou dos mortos, e eis por que tantos milagres se operam por meio dele (XIV:1-2); Lucas-IX:7, E Herodes Tetrarca ouviu falar de tudo o que Jesus fazia, e não sabia o que pensar, porque uns diziam: É João, que ressuscitou dos mortos; e outros, é Elias, que reapareceu; e outros, é um dos antigos profetas que ressuscitou. E Herodes disse: eu mandei degolar João. Quem é, pois, este de quem ouço tais coisas? ; Marcos-VI-16, E Herodes disse: Este é aquele João, a quem mandei degolar, e que ressuscitou dos mortos.

Análise – Aqui, percebe-se que, naqueles tempos, “ressuscitar” ou “ressurreição” tinha diversos significados: 1) o de levantar-se da sepultura com o próprio corpo; 2) o de aparecer com outro corpo e outro nome; 3) o de nascer de novo, com outro corpo e outro nome, ou seja, “reencarnar”.

A Ressurreição dos Mortos – Mateus-XXII:30, na ressurreição, nem os homens terão mulheres, nem as mulheres terão marido, mas serão como os anjos do céu; Lucas-XX:33-38, Mas os que forem julgados dignos daquele (outro) século e da (ditosa) ressurreição dos mortos (...) não poderão jamais morrer; porque são semelhantes aos anjos e são filhos de Deus, visto serem filhos da ressurreição. Ora, Deus não é (Deus) dos mortos, mas dos vivos, porque para ele todos vivem; Marcos-XII:25, mas todos serão com os anjos do céu.

Análise – Sem dúvida, no texto acima, “ressurreição” significa apenas “o estado de espírito desencarnado”, com o corpo fluídico e com aspecto vaporoso, semelhante aos anjos.

A reencarnação – Orienta Allan Kardec – fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição; só os Saduceus, que pensavam que tudo se acabava com a morte, não acreditavam nela. Os judeus acreditavam que um homem que já viveu, podia reviver – sem se inteirarem da maneira pelo qual o fato podia ocorrer – designavam pela palavra “ressurreição” o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama de “reencarnação”. Com efeito, a ressurreição supõe o retorno à vida do corpo que morreu, o que a ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo estão, desde há muito, dispersos e absorvidos. A reencarnação é o retorno da alma, ou espírito, à vida corporal, mas em outro corpo novamente formado para ele, e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição poderia, assim, se aplicar a Lázaro, mas não a Elias e nem aos outros

profetas. Se, pois, segundo sua crença, João Batista era Elias, o corpo de João Batista não poderia ser o Elias, uma vez que se tinha visto João quando era criança, e se conheciam seu pai e sua mãe. João podia, pois, ser Elias reencarnado, mas não ressuscitado (Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. IV:4).

As Lições de Nicodemos – João-III:3-12, E Jesus respondeu: não pode ver o reino de Deus senão aquele que nascer de novo (...) quem não nascer de novo, por meio (do batismo) da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus. O Espírito sopra onde quer; tu ouves a sua voz, mas não sabe donde ele vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que nasce do espírito. Se vos tenho falado das coisas terrestres e não (me) acreditais, como (me) acreditareis, se vos falar das coisas celestes?

Análise – Para Hermínio Miranda, a Bíblia Católica de Jerusalém preferiu a expressão “nascer do alto”, embora admita também, em nota de rodapé, a expressão “nascer de novo”. Entretanto, se substituirmos a expressão “nascer de novo” para “nascer do alto”, o texto fica incompleto e ininteligível (159/25). Pelo menos no texto grego do Evangelho, o mesmo termo “pneuma” serviu para traduzir tanto “espírito” como “vento” (159/26). Na nossa opinião, só um espírito desencarnado “sopra onde quer: tu ouves a sua voz, mas não sabe donde ele vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que nascer do espírito”; portanto, nascer do espírito ou nascer de novo quer dizer que, quem não passar muitas existências, de vivo ao estado de morto, não entrará no reino de Deus.

A História do Cego de Nascimento – João-IX-1-3, Jesus viu um homem cego de nascença; e os discípulos lhe perguntaram – Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego? E Jesus respondeu: “nem ele, nem seus pais pecaram; mas foi para que se manifestasse nele as obras de Deus”.

Análise – Segundo Hermínio Miranda, “mais uma vez observamos que a doutrina das vidas sucessivas era perfeitamente familiar aos discípulos, o que se evidencia da própria maneira de falar e formular a pergunta: foi ele quem pecou, ou foram os seus pais? Se não acreditassem na responsabilidade pré-existente, como iriam perguntar por que um cego de nascença estava sendo castigado?” (159/71). “Não era conhecido nenhum crime que justificasse a dolorosa punição da cegueira, pois já nascera cego, sem ter tido ocasião de pecar. O sofrimento decorre sempre do erro praticado. Não há inocente com sofrimento injusto e indevido. Aquele homem nascera cego e não tivera oportunidade de pecar naquela vida como cego. Ninguém responde pelo pecado alheio. O pecado que ele resgatava, com sua cegueira, não era de seus pais, mesmo porque seria injusto inocentar os pais criminosos através do sofrimento do filho, tido como inocente” (159/73). Logo, o fato de alguém nascer cego só se justifica como punição de falta cometida em outra existência.

E) O Espiritismo Explica os Fenômenos Anímicos da Bíblia

1) A crença nos espíritos e na sua influência sobre os vivos e na sua comunicação sempre existiu, em todos os tempos e lugares, vem registrada nas páginas da Bíblia. Os judeus não somente acreditavam nisso, como até que os espíritos, revestidos de um corpo humano, pudesse aparecer, falar e ajudar os vivos.

Don José Amigó, em “Roma e o Evangelho”, escreve que “a comunicação dos

espíritos é um fato. Aos materialistas (para quem isso não é mais do que uma alucinação em certos casos, um embuste em outros, e, em muitas ocasiões, um fenômeno puramente físico), limitar-nos-emos a recomendar que estudem, que observem, que experimentem por si mesmos e, principalmente, não emitam opiniões sem conhecimento de causa (162/282). Devemos abrir o Antigo e o Novo Testamento, os profetas e o Evangelho, a Revelação Primitiva, e defendê-la em suas inspiradas páginas” (162/254).

“Tanto os espíritos bons, como os espíritos maus, se comunicam. Como, porém, a Igreja (...) afirma que as comunicações espirituais não podem proceder dos espíritos bem-aventurados, nem das almas do purgatório, nem dos tristes habitantes das cavernas infernais, não podendo ser atribuídas senão exclusivamente ao Diabo, propomo-nos aqui (...) a demonstrar, com o testemunho das Sagradas Escrituras, que as comunicações não são devidas a uma influência infernal, mas dos espíritos, em seus diversos graus de elevação e pureza” (162/282).

2) As Faculdades Mediúnicas Comprovadas na Bíblia – Há abundantes provas, na Bíblia, de pessoas portadores da faculdade de intermediar os desencarnados e os encarnados. Lá encontramos a mediunidade de vidência, de audição, de fala psicofônica ou incorporação, de intuição, de inspiração. E muitas daquelas faculdades humanas já foram estudadas e comprovadas cientificamente.

3) Não há milagres "há curas espirituais, embora catalogadas como “milagres”, são incontáveis os seus números nas páginas da Bíblia. As curas mencionadas na Bíblia são efeitos do magnetismo atuando sobre o fluido universal, e são explicados pelo Espiritismo e pelo Magnetismo. Tudo está conforme as leis de Deus (ou Leis da Natureza, como costumam dizer) e não constitui milagre algum. Para obtê-las, é indispensável a fé sincera, e pode ser obtida em qualquer igreja, em qualquer templo ou grupo de religiosos – desde que haja fé, necessidade, oportunidade e merecimento. Se houvesse milagres, com derrogação das leis Divinas, seria de competência exclusiva de Deus – e nem Jesus nem qualquer outra pessoa humana jamais a produziria. Essas curas existem e estão à disposição de tantos quanto se armem de fé suficiente para obtê-las.

4) Também a crença na reencarnação nos leva a importantes conseqüências filosóficas: 1) se, ao contrário do que ensina a teologia católica, o espírito não vai nem para o céu, nem para o purgatório, nem para o inferno, ou ele deixaria de existir, ou ele continuaria vivo, pensando, querendo, amando e odiando; 2) se ele continua vivo e pensante, deve permanecer no mundo, entre os vivos, e deve querer se comunicar com os entes queridos ou desafetos que deixou para trás; 3) se os espíritos se comunicam com os vivos, podem trazer-lhes ensinamentos e revelações.

5) Ora, tudo isso existe nas páginas da Bíblia: a crença nos espíritos, na sua influência e manifestação sobre os vivos, nas faculdades mediúnicas, no dom de curar, na reencarnação etc.. Tudo isto foi ensinado pela “Doutrina dos Espíritos Superiores” e pode encarar a razão, face a face, sem nada sofrer – portanto, isso constitui os fundamentos de uma “fé inabalável”.

3.5.0. O Ser Humano à Luz da Eternidade

3.5.1. Antes da Terra já havia Mundos

A) Deus, o Infinito e a Criação Divina

Através das Obras Básicas da Doutrina dos Espíritos, o mundo invisível ensinou: que não é dado ao homem conhecer o princípio das coisas (198/17); que o véu se levanta a seus olhos, à medida que ele se depura; porque para compreender certas coisas, são-lhe necessárias faculdades que ele ainda não possui (198/17); que o mundo não pode ter feito a si mesmo (198/37); logo, ele teve um início e um autor (198/39). Deus, modelo de amor e de caridade, nunca esteve inativo (198/21); ora, existindo por sua natureza, desde toda a eternidade, Deus criou desde toda a eternidade, e não poderia ser de outro modo (202/113).

Espaço é a extensão que separa dois corpos; e tempo é a sucessão das coisas. Porém, para lá da Terra, a Eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo marche em relação a muitos mundos (202/105). Tempo é apenas uma medida relativa, na sucessão das coisas transitórias; diante de nós estaria sempre toda a eternidade; e a eternidade não é suscetível de medida alguma, do ponto de vista de duração; para ela, não há começo, nem fim – tudo lhe é presente (202/107).

B) Elementos Gerais do Universo

Três são os elementos gerais do Universo: a matéria, o espírito e, acima de tudo Deus – o Criador de todas as coisas. Deus, Espírito e Matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a Trindade Universal; mas ao elemento material tem que juntar-se o fluido universal, que desempenha um papel intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita (198/27). O fluido universal é fluídico, como a matéria é material, mas suscetível de produzir a infinita variedade das coisas. Sem esse fluido universal, a matéria estaria em perpétuo estado de divisão, e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá (198/27).

Entretanto, a matéria existe em estado que ignoramos, podendo ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que nenhuma impressão nos cause aos sentidos; contudo, embora não o pareça, será sempre matéria. A matéria é o laço que prende o espírito, o instrumento de que esta se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce a sua ação (198/22). A gravidade é uma propriedade relativa; porque fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, do mesmo modo que não há alto nem baixo (198/29).

Os corpos que consideramos simples, não são verdadeiros elementos: são transformações da matéria primitiva (198/30); e as diversas propriedades da matéria são modificações que sofrem as moléculas elementares, por efeito de sua união, em determinadas circunstâncias (198/31). Toda matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades (198/13); e todas as substâncias, conhecidas ou desconhecidas para nós, não passam de modos diversos sob os quais a matéria se apresenta (202/107).

C) O Princípio Inteligente e o Princípio Material

A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa ser demonstrado, do mesmo modo que a existência do princípio material: ele é, de certo modo, uma verdade axiomática. Ninguém terá a idéia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto; se vivo o homem pensa, é que há algo nele que não

há quando ele está morto (202/206).

O princípio espiritual é um corolário da existência de Deus. Sem este princípio, Deus não teria razão de ser, visto que não se poderia conceber a Suprema Inteligência do Universo a reinar, pela eternidade afora, unicamente sobre a matéria bruta; como não se poderia conceber um monarca terreno a reinar, durante toda a sua vida, exclusivamente sobre pedras. Não se podendo admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade – Justiça, Sabedoria e Bondade – inúteis lhe seriam essas qualidades, se Ele as houvesse de exercer sobre a matéria (207/207).

O Espírito é o princípio inteligente do Universo, e a inteligência é um atributo ou qualidade do espírito (198/23). O espírito e a matéria são distintos um do outro; mas a união do espírito à matéria é necessária para a intelectualização da matéria (198/25). Os espíritos são os seres inteligentes da Criação, e povoam o universo fora do mundo material (198/76); eles são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material (198/79).

Perguntado se “os espíritos são imateriais”, o espírito instrutor respondeu: Imaterial não é bem o termo, incorpóreo seria mais exato, pois, sendo uma criação de Deus, há de ser alguma coisa; é matéria quintessenciada, mas sem analogia para nós, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance de nossos sentidos; dizemos que os espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, eles diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria (198/82). O mundo espiritual é o principal, na ordem das coisas: preexiste e sobrevive a tudo (198/85). O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido; eles são independentes, contudo, é incessante a correlação entre ambos, porque um atua incessantemente sobre o outro (198/86). Os Espíritos estão por toda parte; povoam os espaços infinitos; e temos muitos dele, de contínuo, ao nosso lado, observando-nos e sobre nós atuando, sem o percebermos (198/87).

D) A Encarnação e o Progresso dos Espíritos

Tendo a matéria que ser objeto de trabalho do espírito, para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que o espírito atuasse sobre a matéria, pelo que veio a habitá-la; mas, tendo a matéria de ser, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento de trabalho do espírito, ao invés de unir o espírito à pedra bruta, Deus criou, para o uso deles, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impressões de sua vontade e de propiciar os seus movimentos (202/210). A Encarnação dos Espíritos é necessária para o seu progresso, e desde sempre existe. Ora, como em todos os tempos houve mundos, e tendo esses mundos dado nascimento a corpos organizados, próprios para receber espíritos, em todos os tempos, os espíritos – qualquer fosse o seu grau de adiantamento que houvesse alcançado – encontraram elementos necessários à sua vida carnal (202/211).

A Identidade dos Espíritos – Pela sua essência espiritual, o espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria. É-lhe indispensável um intermediário, que é o seu envoltório fluídico, o qual – de certo modo – faz parte dele; é o perispírito, um elemento semimaterial, através do qual o espírito governa o seu corpo material. Esse envoltório é semimaterial, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. É o perispírito que transforma aquele ser abstrato e indefinido num ser concreto e definido, apreensível aos sentidos,

identificável e reconhecível por suas características individuais.

E) Diversidade dos Mundos e dos Corpos Materiais

Os diversos mundos estão em condições muito diferentes uns dos outros, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes; entre eles, há os que seus habitantes são ainda inferiores, física e moralmente, aos da Terra; outros estão no mesmo grau da Terra; outros lhe são ainda mais ou menos inferiores em todos os aspectos (204/49).

Embora não possa ser feita, dos diversos mundos, uma classificação absoluta, pode-se, todavia, em razão de seu estado e de sua destinação, baseando-se nas diferenças acentuadas, dividi-los em cinco grupos: 1) os mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; 2) os mundos de prova e expiação, como a Terra, onde o mal ainda domina; 3) os mundos de regeneração, onde as almas que ainda tem o que expiar, haurem novas forças, recuperando-se das fadigas e lutas; 4) os mundos felizes, onde o bem sobrepõe ao mal; 5) e, finalmente, os mundos celestes ou divinos, moradas dos espíritos depurados, onde o bem reina inteiramente (204/49).

O Progresso dos Espíritos – Progredir é a condição normal dos seres espirituais; e a relativa perfeição é o final que lhes cumpre alcançar. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade e criando incessantemente, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala. Antes que existisse a Terra, mundos sem conta haviam sucedido a mundos; e quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço já estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento (202/210).

Solidariedade e Progresso Entre os Mundos – Nos planos da criação, há uma solidariedade entre os mundos, sejam da mesma qualidade evolutiva, seja entre mundos de diferentes graus de evolução. Percorrendo-se os degraus da vida (...) patenteia-se a grande Lei da Continuidade (202/112). Mas o progresso material dos mundos acompanha o progresso moral de seus habitantes (...) progredindo estes mais ou menos rapidamente, conforme o uso que façam do livre-arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em diversos graus de adiantamento físico e moral. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados: povoada de espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aqui mais penosa do que noutros orbes; mas há também mundos mais atrasados ainda, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra, e em confronto com os quais esta seria relativamente um mundo ditoso (202/218).

Migração e Imigração Entre os Mundos – Os espíritos encarnados sobre um mundo não estão indefinidamente ligados a ele, e não cumprem nele todas as fases progressivas que devem percorrer para atingirem a perfeição. Quando atingem, sobre um mundo, o grau de adiantamento que ele comporta, passam para um mundo mais avançado, e assim sucessivamente, até que tenham atingido o estado de espírito puro (204/49).

As emigrações e imigrações coletivas, de um mundo para outro, ocasionam a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos. As novas raças de espíritos, vindo misturar-se às já existentes, constituem novas raças de homens. Como os espíritos nunca mais perdem o que adquiriram, trazem consigo sempre a inteligência e a intuição dos conhecimentos que já possuem, o que faz com

que eles imprimam, nas raças corpóreas que venham a animar, o caráter que lhes é peculiar. Uma vez que a espécie corporal existe, eles encontram sempre corpos prontos para os receber; não são, portanto, mais do que novos habitantes (204/226).

Pela morte e pelos nascimentos, as duas populações – encarnada e desencarnada – deságuam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corporal para o mundo espiritual, e imigrações deste para aquele. E essa transfusão, que se efetua entre a população encarnada e a desencarnada de um mesmo planeta, igualmente se efetua entre os mundos, quer individualmente nas condições normais, quer em condições especiais (204/225).

Há Muitos Mundos Habitados – Perguntados por Kardec, se “são habitados todos os globos que se movem no espaço”, os Espíritos Superiores responderam, à pergunta 55 do Livro dos Espíritos: Sim, o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e perfeição. Entretanto, há homens que julgam que só para eles Deus criou o Universo (198/55). Mas a constituição física dos diferentes mundos não é a mesma; de modo algum se assemelha (198/56).

3.5.2. A Origem e o Desenvolvimento da Terra

A) Foi Jesus Quem Plasmou a Terra

O espírito Emmanuel, no livro “A Caminho da Luz”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, e publicado em 1938, expõe uma síntese da história da humanidade terrestre, à luz do mundo espiritual. Emmanuel ensina que Jesus não é Deus, mas foi ele quem plasmou a Terra, antes de sua origem.

“Existe – ensina Emmanuel – uma comunidade de espíritos puros e eleitos do Senhor do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida em todas as coletividades planetárias; Jesus é um dos membros dessa comunidade de seres angélicos e perfeitos. Aquela comunidade se reuniu, apenas por duas vezes, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos na organização e direção de nosso planeta. A primeira assembléia, nas proximidades da Terra, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que lançasse, no tempo e no espaço, as balizas de nossos sistemas cosmogônicos e os pródomos da vida da matéria em ignição no planeta” (219/18).

“O escultor divino organizou os cenários da vida, criando, sob as vistas de Deus, o indispensável à existência do porvir; fez a pressão atmosférica adequada ao homem; estabeleceu os grandes centros de força da ionosfera e da estratosfera, onde se harmonizam os fenômenos elétricos da existência planetária, e edificou as usinas de ozônio a 40 e 60 km. de altura, para que filtrassem convenientemente os raios solares, manipulando-lhes as linhas do progresso da humanidade futura” (219/21).

“A ciência do mundo não lhe viu as mãos augustas e sábias na intimidade das energias que vitalizam o organismo do globo; substituíram-lhe a providência com a palavra “Natureza”, em todos os estudos e análises da existência; mas o seu amor foi o verbo na criação do princípio” (219/22).

B) Desenvolvimento Telúrico

“Os planetas são formados de massa de matéria condensada, porém ainda não solidificada, destacada da massa central pela ação das forças centrífugas – expôs Kardec. Em virtude das leis do movimento, eles tomam a forma esferoidal, mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidos que conservar. Um desses planetas será a Terra que, antes de se resfriar e de se revestir de uma crosta sólida, dará nascimento à Lua, pelo mesmo processo de formação astral, ao qual ela própria deveu sua existência. A Terra, doravante inscrita no Livro da Vida. (...) tem de vibrar no concerto universal dos mundos” (202/119).

“Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, não continha nenhum átomo a mais ou a menos do que hoje; mas, sob a influência da alta temperatura, a maior parte das substâncias que a compõem (...) se achava em estado muito diferente, e sofreu unicamente uma transformação. Em conseqüência do resfriamento, os elementos formavam novas combinações (...) todas as matérias suscetíveis de se volatilizarem, se volatilizaram, tais como os metais, os enxofres, o carbono, que se achavam em estado de gás. (...) Se, nessa época, um ser vivo pudesse existir na superfície do planeta, seria iluminado apenas pelos revérberos sinistros da fornalha que estava sob os seus pés e da atmosfera esbraseada; ele sequer suspeitaria da existência do sol” (202/15). “E, precipitados por efeito do resfriamento em circunstâncias favoráveis, todas as substâncias se combinaram segundo o grau de suas afinidades moleculares” (209/193).

A Formação da Lua – Escreveu Emmanuel: “Delibera-se a formação do satélite terrestre. O programa de trabalho a realizar no mundo requereria o concurso da Lua, nos seus mais ínfimos detalhes. Ela seria a âncora do equilíbrio terrestre nos seus movimentos de translação que o globo efetuará em torno da sede do Sistema; e, sobretudo, o orbe nascente necessitaria de luz polarizada, cujo suave magnetismo atuaria decisivamente no drama infinito da criação e reprodução de todas as espécies, nos vários reinos da Natureza” (219/20).

O Aparecimento do Protoplasma – Daí a algum tempo – prossegue Emmanuel – nas crostas solidificadas do planeta, como no fundo dos oceanos, podia se observar a existência de um elemento viscoso que cobria a terra. Com essa massa gelatinosa, nasce, no orbe, o protoplasma; e, com ele, lançaria Jesus, à superfície do mundo, o germe dos primeiros homens (219/21). Essa matéria, amorfa e viscosa, ia ser o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre (219/26).

Decorrido muito tempo, eis que as amebas primitivas se associam para a vida celular em comum, formando-se as colônias de infusórios, de polípeiros, em obediência aos planos de construção definitiva do porvir, emanados do mundo espiritual, onde todo o progresso da Terra tem sua gênese. Os reinos vegetal e animal aparecem confundidos nas profundidades oceânicas. Não existem formas definidas, nem expressões individuais nessa sociedade de infusórios; mas, desses conjuntos singulares, formam-se ensaios da vida, que já apresentam caracteres e rudimentos dos organismos superiores. Milhares de anos foram precisos aos operários de Jesus, no serviço de elaboração paciente das formas” (219/27). As formas de todos os reinos da Natureza foram estudadas e previstas (...) tudo obedecendo a um plano pré-estabele-

cido pela misericórdia do Cristo (219/26).

Aparecem os Primeiros Seres orgânicos – Afirma Kardec: os primeiros seres orgânicos que aparecem na terra foram os vegetais de organização menos complicada, isto é, líquens, cogumelos, fetos e plantas herbáceas (202/153). E Edgar Armond, em “Exilados da Capela”, registra que “apareceram no globo, há centenas de milhões de anos, primeiro na água, depois na terra, primeiro os vegetais, depois os animais, todos evoluindo até seus tipos mais aperfeiçoados” (79/23). Kardec escreve que “cada espécie foi aparecendo, à proporção em que o globo adquiria as condições necessárias à existência deles. Esta é a hipótese mais provável, e pode-se dizer que resulta da observação. Essa multiplicação tão generalizada e, de certo modo, contemporânea, seria impossível com um único tipo primitivo” (202/190). “Tudo, pois, concorre a provar que houve criação simultânea e múltipla nos primeiros casais de cada espécie, vegetal e animal” (202/191).

“Dos seres inorgânicos passamos aos seres orgânicos. Mas entre o reino vegetal e o reino animal, nenhuma delimitação há nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os zoófitos, ou “animais-plantas”, cujo nome indica que participam de um e de outro, que lhes serve de traço-de-união. Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem e morrem; como aqueles, elas precisam de luz, de calor, de água: estiolam e morrem desde que lhes faltem esses elementos; e a absorção de um ar viciado ou de uma substância deletéria os envenena” (202/201). “O zoófito tem aparência exterior de planta: como planta mantém-se preso ao solo; como animal, tem vida mais acentuada e tira do meio ambiente a sua alimentação” (202/201).

“Um degrau acima, o animal é livre e procura alimentos. Em primeiro lugar vêm inúmeras variedades de pólipos, de corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, só diferenciando das plantas pela faculdade de locomoção. Seguem-se, na ordem de desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e dos instintos, os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos” (202/201). “Alguns deles são nus, como as lesmas e as ostras. Depois vêm os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta muito dura, como o caranguejo e a lagosta; depois, os insetos, nos quais a vida assume prodigiosa atividade e manifestam instintos engenhosos, como nas formigas, nas abelhas e nas aranhas. Alguns se metamorfoseiam, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem depois a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, ordem que abrange os peixes, os répteis, os pássaros; seguem-se, por fim, os mamíferos, cuja organização já é mais complexa” (202/202).

“O orgulho levou o homem a dizer que todos os animais foram criados por sua causa e para a satisfação de suas necessidades. Mas qual é o número dos que lhe servem diariamente, dos que lhe foi possível submeter, comparado ao incalculável número daqueles com os quais ele nunca teve, nem nunca terá qualquer relação? Poder-se-á afirmar que eles foram criados em seu proveito? Entretanto, tinham todos a sua razão de ser, a sua utilidade. Deus não os criou por simples capricho, para dar a si mesmo, em seguida, o prazer de os aniquilar – pois que todos tinham vida, instinto, sensação de dor e de bem-estar. Com que fim os fez? Com um fim que há de ter sido soberanamente sábio, embora ainda não o compreendamos” (202/15).

A Origem do Corpo Humano – “A análise química – revelou Kardec – mostra que todas as substâncias, vegetais e animais, são compostas dos mesmos elementos.

Desses elementos, são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono os que desempenham papel principal; os outros entram acessoriamente. Como no reino animal, a diferença de proporções na combinação dos mesmos elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bílis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura – nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas – nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que, igualmente, não se encontra também no reino mineral” (202/195).

“Compreende-se, então, que os animais de organização complexa não sejam mais do que a transformação ou, se preferirem, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior, e assim sucessivamente. Se considerarmos apenas os dois extremos da cadeia, nenhuma analogia haverá; mas, se passarmos de um elo ao outro, sem solução de continuidade, chegamos, sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados” (202/202).

“O homem, do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, pertence à classe dos mamíferos, dos quais unicamente difere por alguns matizes na sua forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modo de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições; e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há em seu sangue, na sua carne, nos seus ossos, um só átomo diferente do que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, ele restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que haviam se combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais” (202/203).

“Ainda que isso lhe fira o orgulho, o homem tem de resignar-se e não ver, no seu corpo material, mais do que o último anel da animalidade na Terra. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar. Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Vemos que, se o primeiro o nivela ao bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o limite extremo do animal, mas não vemos o limite a que chegará o espírito do homem” (202/204).

O Princípio Inteligente e o Fluido Vital – “Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas do corpo se trata; sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte. Há na matéria orgânica um princípio inapreciável e que ainda não pode ser definido: o princípio vital. Ativo nos seres viventes, esse princípio se acha extinto no ser morto (202/197). Isto porque a matéria dos corpos orgânicos e inorgânicos é sempre a mesma; porém, nos seres orgânicos ela está animalizada (198/61); e a causa da animalização da matéria é a sua união com o princípio vital (198/62); é ele que dá vida a todos os seres que o absorvem e o assimilam” (198/63).

“A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos; porém, jamais chegou a reconstruir uma folha que já estava morta – prova evidente de que há neste último o que quer que seja inexistente nos outros (202/197). O princípio vital é um só para todos

os seres orgânicos, modificando-se segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade, e os distingue da matéria inerte" (198/66).

"O fluido vital varia segundo as espécies; não é constante nem em cada indivíduo, nem nos indivíduos de uma mesma espécie. Alguns há que se acham, por assim dizer, saturados deste fluido – enquanto que outros o possuem em quantidades apenas suficiente. Daí, para alguns, uma vida ativa, mais tenaz, de certo modo, mais abundante. A quantidade do fluido vital se esgota; pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. Mas pode ser transmitida de um indivíduo para outro" (198/70).

"A causa da morte dos seres vivos ou orgânicos é o esgotamento dos órgãos. Se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o corpo está enfermo, a vida se extingue (198/68). Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe. O princípio vital, não encontrando mais elemento para a sua atividade, se extingue – e o corpo morre. O espírito, para quem este se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruína ou uma roupa imprestável" (202/211).

"O corpo é, pois, simultaneamente o envoltório (ou vestimenta) e o instrumento do espírito; e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro mais apropriado ao seu novo gênero de trabalho que lhe compete executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro à proporção em que ele se mostra mais apto a executar obras mais bem cuidadas (202/210). O corpo, conseqüentemente, não passa de um envoltório destinado a receber o espírito. Desde então, pouco importa a sua origem e os materiais que entraram na sua construção. Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que não padece dúvidas é que tem a formá-lo os mesmos elementos que o dos animais; a animá-lo o mesmo princípio vital – ou, por outra, a aquecê-lo o mesmo fogo, como também a iluminá-lo a mesma luz, e se acha sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades. É um ponto que não sofre contestação" (202/212).

"A não se considerar, pois, senão a matéria, abstraindo o Espírito, o homem nada tem que o distingue dos animais. Tudo, porém, muda de aspecto, logo que se estabeleça a distinção entre a habitação e o habitante. Ou numa choupana, ou envergando as vestes de um campônio, um nobre senhor não o deixa de ser. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o ser espiritual, é o seu espírito (202/212). Como na Natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros homens na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior, e não muito também pela sua inteligência. Em nossos dias há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés, e pela conformação da cabeça têm tanta parecença com o macaco, que só lhes falta ser peludo, para se tornar completa a semelhança" (202/213).

A Origem da Alma Humana – "Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e se elabora, passando pelos diversos graus de animalidades. É aqui que a alma ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Esse seria para ele, por assim dizer, o período de incubação. Chegado ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ele recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria, assim, filiação

espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal (202/216). Este sistema, fundado na grande lei da unidade, que preside à criação, corresponde à justiça e bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes é reservado, uma compensação a seus sofrimentos (202/216). Mas este sistema levanta múltiplas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui" (202/217).

O Período Pré-Humano – "Sem, pois, pesquisarmos a origem dos espíritos; sem procurar conhecer as fileiras pelas quais haja porventura passado, tomemo-lo ao entrar na humanidade, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade de seus atos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem; são os atributos especiais de que ele se apresenta dotado ao entrar na humanidade. Por haver passado pelas fileiras da animalidade, o homem não deixa de ser homem – já que não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto inerte que o pôs no mundo (202/217). Consideramos o espírito, não em seu ponto de partida, mas no momento em que, manifestando nele os primeiros germes do livre-arbítrio e do senso moral, o vemos desempenhar o seu papel humanitário" (202/220).

C) Os Antropóides e Antepassados do Homem

"Tendo a matéria que ser objeto de trabalho do espírito, para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. E tendo a matéria que ser, ao mesmo tempo, objeto e instrumento de trabalho para o espírito, ao invés de unir este à pedra rígida, Deus criou, para o seu uso, corpos organizados e flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos" (202/210).

Por isso mesmo – ensina Emmanuel – "no Período Terciário, o reino animal experimenta as mais estranhas transições, sob a influência do meio, em face dos imperativos da Lei de Seleção (219/29). Vamos encontrar os primeiros antepassados do homem sofrendo os processos de aperfeiçoamento na Natureza, onde se notavam algumas raças de antropóides do Plioceno Inferior. Esses antropóides, antepassados do homem terrestre, e os ascendentes dos símios, que ainda existiam no mundo, tiveram sua evolução em pontos convergentes, e daí, o parentesco sorológico entre os organismos do homem e do chimpanzé da atualidade" (219/30).

Os Antropóides das Cavernas – "Continua Emmanuel: espalharam-se, então, aos grupos pela superfície do globo, no curso vagaroso dos séculos, sofrendo as influências do meio e formando os pródromos das raças futuras, em seus tipos diversificados. A realidade é que as entidades espirituais auxiliaram o homem do sílex, imprimindo-lhe novas expressões biológicas. Extraordinárias experiências foram realizadas pelos mensageiros do Invisível. As pesquisas recentes, da ciência, sobre o Homem de Neandertal, reconhecem nele uma espécie de homem bestializado; e outras descobertas paleontológicas quanto ao homem fóssil, são um atestado das experiências biológicas a que procederam os prepostos de Jesus, até fixarem no "primata" os caracteres aproximados do homem do futuro" (219/31).

D) A Encarnação dos Primeiros Homens na Terra

Explica Kardec: "Quando a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência humana, encarnaram-se nela os espíritos humanos. Revestiam-se de corpos

adequados às suas necessidades especiais e às suas aptidões, as quais – fisiologicamente falando – tinham as características de animalidade. Sob a influência deles e por meio do exercício de suas faculdades, eles se modificaram e se aperfeiçoaram” (202/220).

“Conquanto devessem ser pouco adiantados os primeiros que vieram (...) diferenças sensíveis haveria entre seus caracteres e aptidões. Os que se assemelhavam, naturalmente se agrupavam por analogia e simpatia. Achou-se, assim, a Terra povoada de espíritos de diversas categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao trabalho. Recebendo os corpos a impressão do caráter do espírito, e procriando-se esses corpos, na conformidade dos respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, quer quanto ao físico, quer quanto ao moral” (202/220).

“Não foi, portanto, uniforme o progresso em toda espécie humana (...) as raças mais inteligentes se adiantavam às outras, mesmo sem levar em conta que muitos espíritos, recém-criados para a vida espiritual, vinham encarnar-se na Terra, juntamente com os primeiros aí chegados, tornando-se ainda mais sensíveis as diferenças em matéria de progresso” (202/221).

E) Migrações, Imigrações e Expurgos Planetários

Os Espíritos Exilados de Capela – Conforme observou Emmanuel – foram conduzidos para a longínqua Terra, por determinação dos diretores espirituais do Cosmos. “Aqueles almas aflitas e atormentadas reencarnariam, proporcionalmente, nas regiões mais importantes, onde haviam se localizado as tribos e famílias primitivas, descendentes dos “primatas” (219/36). “Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleceriam-se fatores definitivos da história etnológica dos seres (...) e, com essas entidades, nasceram, no orbe, os ascendentes da raça branca” (219/37).

As 4 Raças Capelinas na Terra – “Aqueles seres degredados e caídos (...) com o transcorrer dos anos, reuniram-se em 4 grandes grupos (...) obedecendo às afinidades sentimentais e lingüísticas que os associavam na Constelação do Cocheiro. Unidos novamente, na esteira do tempo, formaram, desse modo, o grupo dos árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia (...) as raças adâmicas, nos seus grupos insulados, guardaram reminiscências das promessas do Cristo que, por sua vez, as fortaleceu no seio das massas, enviando-lhes, periodicamente, seus missionários e mensageiros (219/38). Eis por que a Epopéia do Evangelho de Jesus fora prevista e cantada milênios antes da vinda do sublime Emissário” (219/39).

A Gênese das Crenças Religiosas da Terra – “As primeiras organizações religiosas da Terra tiveram, naturalmente, origem entre os povos primitivos do Oriente, aos quais enviava Jesus, periodicamente, seus emissários. Dada à ausência da escrita naquelas longínquas épocas, todas as tradições se transmitiram, de geração em geração, através do mecanismo da palavra (219/81). As raças adâmicas guardavam lembranças de sua situação pregressa, tecendo o hino sagrado das reminiscências. As tradições do paraíso perdido, de geração em geração, passaram de povos em povos, até ficarem arquivadas nas páginas da Bíblia” (219/37).

3.5.3. As Revelações da Espiritualidade, de Moisés ao Consolador

A) Moisés e a Primeira Revelação

Em “A Caminho da Luz”, Emmanuel escreve que “Moisés, na qualidade de mensageiro do Divino Mestre (...) foi um médium extraordinário, realizando grandes feitos. É quando então recebe, dos emissários de Cristo, no Sinai, os Dez Mandamentos, que até hoje representam a base de toda a justiça do mundo” (219/66).

O caráter essencial da revelação divina – no dizer de Kardec – é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros e sujeita a modificações não pode emanar de Deus. É assim que a Lei do Decálogo tem todas as características de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, fundamentalmente transitórias – muitas vezes em contradição com a Lei do Sinai – são obras pessoais do legislador hebreu. Com o abrandarem-se dos costumes do povo, essas leis, por si mesmas, caíram em desuso; ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dela a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obras de Deus, seriam conservadas intactas (202/18). E Emmanuel afirma que “o grande legislador hebreu trouxera a determinação de Jesus, com respeito à simplificação das fórmulas iniciáticas, para a compreensão geral dos povos” (219/69). Enquanto a civilização egípcia e os iniciados hindus criavam o politeísmo das multidões, o povo de Israel acreditava na existência de um único Deus, todo-poderoso (219/68).

Os precursores do Divino Mestre falaram dele na China, na Grécia, em Roma, em Israel e outros centros adiantados do planeta, enviando-lhes elevados espíritos da ciência, da religião e da filosofia, algum tempo antes de sua palavra, a fim de que a humanidade estivesse preparada à aceitação dos seus ensinamentos (219/76).

I) Na China – Confúcio fez ressurgir os ensinamentos de Lao Tseu, que fora, por sua vez, um elevado mensageiro do Senhor para as raças amarelas. Suas lições estão cheias de perfume de requintada sabedoria (219/76).

A crença no Nirvana – O Nirvana, examinado em suas expressões mais profundas, deve ser considerado como a unidade permanente da alma com Deus, finalidade de todos os caminhos evolutivos; nunca, porém, como sinônimo de imperturbável quietude ou beatífica realização do não-ser. A vida é harmonia de movimentos, resultantes das trocas incessantes no seio da natureza visível e invisível. Sua manutenção depende da atividade de todos os mundos e de todos os seres (219/78).

A falsa interpretação do Nirvana disturbou as elevadas possibilidades criadoras do espírito chinês, cristalizando-lhes as concepções e paralisando-lhes a marcha para as grandes conquistas (219/78). Um sopro de vida romperá as sombras milenárias que caíram sobre a república chinesa, onde milhões de almas repousam, indevidamente, na falsa compreensão do Nirvana e do Absoluto. Mãos valorosas erguerão o monumento evangélico naquele mundo de dolorosa antiguidade, e um novo dia raiará para a grande nação (219/79).

II) Na Grécia – Enviou-lhes Cristo, antes de sua vinda ao mundo, numerosas cortes de espíritos sábios e benevolentes, aptos a consolidar, de modo definitivo, essa maturação do pensamento terrestre (219/89).

III) Roma e a Família Romana – Em breve, porém, a família romana, cheia de tradições de generosa beleza, foi dilacerada pelos gênios militares e pelos espíritos

guerreiros. Entretanto, os pródromos do Direito Romano e a Organização da Família assinalavam o período da maioridade terrestre. O homem, com semelhantes conquistas, estava a desferir vôo para as mais altas esferas espirituais (219/102). Todavia, a liberdade pessoal e coletiva é respeitada no Plano Invisível, e Roma não se mostrou digna das numerosas dádivas recebidas. Em vez de estender os seus laços pela educação e pela concórdia, deixa prender-se por uma legião de espíritos agressivos e ambiciosos. (...) Depois das conquistas da Península, empreende a conquista do mundo. A verdade é que Roma assumia, igualmente, as mais pesadas responsabilidades e os mais penosos débitos diante da Justiça Divina (219/103).

IV) Em Israel – "A força invisível – informa o espírito Emmanuel – não descansou. Muitas lágrimas foram vertidas no Alto, em vista de tão nefastos acontecimentos. O Cristo reúne as Assembléias de seus emissários. A Terra não podia perder a sua posição espiritual, depois das conquistas da sabedoria ateniense e da família romana. É então que se movimentam as entidades angélicas do Sistema, nas proximidades da Terra, adotando providências de vasta e generosa importância. A lição do Salvador deveria, agora, resplandecer para os homens, controlando-lhes a liberdade com a exemplificação profunda do amor. Todas as providências são levadas a efeito. Escolhem-se os instrutores, os precursores imediatos, os auxiliares divinos. E a manjedoura é o teatro de toda a glorificação da luz e da humildade" (219/105).

B) Jesus e a Segunda Revelação

Orienta Emmanuel: "A manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora, dô Cristo, como a dizer que a humildade representava a chave de todas as virtudes. Começava a era definitiva da maioridade espiritual da humanidade terrestre, de vez que Jesus, com sua exemplificação divina, entregaria o código de fraternidade e de amor a todos os corações" (21/105).

"Maior revolucionário de todas as épocas, não empunhou outra arma além daquelas que significavam amor e tolerância, educação e aclaramento. Condenou todas as hipocrisias; insurgiu-se contra todas as violências oficializadas, ensinando simultaneamente aos seus discípulos o amor incondicional à ordem, ao trabalho e à paz construtiva. É por essa razão que os Evangelhos constituem o livro da humanidade, por excelência. Sua simplicidade e singeleza transparecem na tradução de todas as línguas da Terra" (219/124). Não é importante saber se o Evangelho foi escrito por A ou por B, se contém falhas humanas. "É que, portas adentro do coração, só a essência prevalece para as almas" (219/125).

"Entretanto, os Judeus não aceitaram Jesus – Jesus, chegando ao mundo, não foi absolutamente entendido pelo povo judeu. Os sacerdotes não esperavam que ele procurasse a hora mais escura da noite para surgir na paisagem terrestre. Segundo a concepção, o Senhor deveria chegar no carro magnífico de sua glória, trazido do céu pela legião de seus Tronos e Anjos; deveria humilhar todos os reis do mundo, conferindo a Israel o cetro supremo da direção de todos os povos do planeta; deveria operar todos os prodígios, ofuscando a glória dos Césares. E, no entanto, o Cristo surgira entre os animais humildes da manjedoura; apresentava-se como filho de um carpinteiro e... protegia as prostitutas, confundindo-se com os pobres e humildes; visitava as casas suspeitas para, de lá, arrancar os seus auxiliares e seguidores; seus

companheiros prediletos eram pescadores ignorantes e humildes, dos quais fazia discípulos bem-amados" (219/70).

"O Judaísmo, saturado de orgulho, não conseguiu compreender a ação do celeste emissário. Apesar da crença fervorosa e sincera, Israel não sabia que toda salvação tem que começar no íntimo de cada um; e, cumprindo as profecias de seus próprios filhos, conduziram ao martírio da cruz o divino cordeiro" (219/71).

"Tão logo se verificou o regresso do Cordeiro às regiões de luz, a comunidade cristã, de modo geral, começou a sofrer as influências do Judaísmo (219/126). É então que Jesus resolve chamar o espírito luminoso e enérgico de Paulo de Tarso ao exercício de seu ministério (...) as ações e as Epístolas de Paulo tornaram-se poderoso elemento de universalização da nova doutrina. Os mensageiros do Cristo presidem à redenção dos textos definitivos, com vista ao futuro" (219/124).

O Apóstolo João – "Alguns anos antes de terminar o I Século, (...) já as forças espirituais operam uma análise da situação amargurosa do mundo, em face do porvir (219/126). Roma não apresenta, então, para o Plano Invisível, senão um foco infeccioso que é preciso neutralizar e remover. Todas as dádivas do Alto haviam sido desprezadas pela Cidade Imperial, transformada num Vesúvio de paixões e de esgotamento. O Divino Mestre chama aos espaços o espírito de João (...) e o apóstolo lê a mensagem simbólica do Invisível. Recomenda-lhe o Senhor que ele entregue os seus conhecimentos ao planeta, como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra; e o velho apóstolo transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse" (219/127).

C) Os primeiros Cristãos e a Doutrina Nascente

"Mas os apóstolos ensinavam que, por Jesus Cristo, não mais poderia haver diferença entre os livres e os escravos, entre os patrícios e os plebeus, porque todos eram irmãos, filhos do mesmo Deus. (...) E os cristãos foram acusados de feiticeiros e heréticos, iniciando-se o martiriológico com os primeiros Editos de Proscrição" (219/122). "Apesar disso, a doutrina do crucificado propaga com a rapidez de um relâmpago. (...) Doutrina alguma alcança, no mundo, semelhante posição, em face da preferência das massas. É que o Divino Mestre selara, com exemplos, as palavras de suas lições imorredouras" (219/123).

Os Compromissos Romanos – "Debalde – continua Emmanuel – as forças espirituais tentaram o aproveitamento dos romanos na direção do mundo. Todos os recursos foram prodigalizados à cidade imperial. A canalização de consideráveis materiais, possibilitando à consolidação de um estado único no Planeta, não foi esquecida". (219/131).

"Mas os espíritos encarnados não conseguiram a eliminação dos laços odiosos da vaidade e da ambição. (...) A vinda do Cristo ao cenário escuro do planeta, trazendo a mensagem luminosa da verdade e do amor, assinalara o período da maioridade espiritual da humanidade. Essa maioridade implicava direitos que, por sua vez, se faziam acompanhar do agravo de responsabilidade e deveres para a solução dos grandes problemas educativos do coração. (...) O aproveitamento desse processo educativo deveria ser levado a efeito pela Capital do Mundo, de acordo com os desígnios do Plano Espiritual. Pesadas forças das Trevas, porém, aliaram-se às mais

fortes tendências do homem terrestre, constantemente inclinado aos liames do mal que o prendiam à Terra. (...) A Cidade dos Césares se embriagava, cada vez mais, no vinho do ódio e da ambição, contraindo dívidas penosas, entrelaçando os seus sentimentos com o ódio dos vencidos e humilhados, criando negras perspectivas para o longínquo porvir" (219/132).

Os Primeiros Mártires – "As classes mais abastardas não podiam tolerar semelhantes princípios de igualdade. (...) Nenhum instrumento de suplício foi esquecido na experimentação da fé e da constância daquelas almas resignadas e heróicas. O açoite, a cruz, o cavalete, as unhas de ferro, o fogo, os leões do circo, tudo foi lembrado para maior eficiência da perseguição aos seguidores do carpinteiro de Nazaré. E de Nero a Diocleciano, uma nuvem pesada, de sangue e de lágrimas, envolveu a alma cristã (219/134). A doutrina cristã, todavia, encontra nas perseguições os seus melhores recursos de propagação e expansão" (219/135).

Realiza-se o Concílio Ecumênico de Nicéia (325), "para combater o Cisma de Ário. (...) Os primeiros dogmas católicos saem, com força de lei, desse Parlamento eclesiástico de 325. Mas, por volta de 381, surge a figura de Teodósio, que declara o Cristianismo religião oficial do Estado" (219/140).

"O Cristianismo não parecia com aquela massa humilde de outros tempos. Suas cruzes e cálices deixavam entrever a cooperação do ouro e das pedrarias, que mal lembravam (...) a madeira tosca da época gloriosa das virtudes apostólicas. Seus Concílios (...) não eram assembléias que imitassem as reuniões plácidas e humildes da Galiléia. A união com o Estado dera motivos para grandes espetáculos de riqueza e vaidade orgulhosa, em contraposição com os ensinamentos d'Aquele que não possuía uma pedra para repousar a cabeça dolorida (219/14). As autoridades eclesiásticas compreenderam que é preciso fanatizar o povo, impondo-lhe suas idéias e concepções; e, longe de educarem as almas das massas nas sublimes lições do Nazareno, entraram em acordo com a sua preferência pelas solenidades exteriores, pelo culto fácil do mundo externo" (219/141).

Começa a Idade Média – "É que um novo ciclo de civilização começava sob a amorosa proteção do Divino Mestre; e as últimas expressões espirituais do Grande Império, retiravam-se para o silêncio dos santuários e dos retiros espirituais, para chorar, na solidão dos conventos, sobre os cadáveres da grande civilização que não souberam prover ao seu glorioso destino" (219/145).

O Monasticismo Clerical – "Os cristãos (...) não compreenderam, imediatamente, que esses preceitos evangélicos, acima de tudo, significam sacrifícios pelo próximo, perseverança no espírito redentor. Retirados para a vida monástica, povoaram os desertos, na suposição de que se redimiriam, mais rapidamente, para o Cordeiro. Uma ânsia de fugir das cidades populosas fazia então vibrar todos os crentes, originando os erros da Idade Média, quando o homem supunha encontrar nos conventos as antecâmaras do céu (219/136). Só a grande montanha de Nitria chegou a possuir 30 mil anacoretas, exilados do mundo, dos seus prazeres desastrosos" (219/135).

D) O Papado e a Igreja – "Não obstante todos os esforços em contrário, feitos pelos mensageiros de Jesus, Bonifácio III cria o papado em 607, contrapondo-se a todas as disposições de humildade que deveriam reger a vida da Igreja. As forças do mal (...) haviam obtido um triunfo relativo e transitório (219/142). O mesmo espírito de imperia-

lismo que, de longo tempo, trabalhava o organismo do império, dominou igualmente a Igreja de Roma, que se arvorou em suserana e censora de todas as demais do planeta. (...) Trezentos anos lutaram os mensageiros de Cristo, procurando ampará-la no caminho do amor e da humildade, até que a deixaram enveredar pela escada da sombra (...) e tão logo a abandonaram ao penoso trabalho de aperfeiçoar-se a si mesma, eis que o Imperador Focas favorece a criação do papado, no ano 607" (219/138).

"A decisão imperial faculta aos Bispos de Roma prerrogativas e direitos até então jamais justificados. Entroniza-se, mais uma vez, o orgulho e a ambição na cidade dos Césares. Em 610, Focas é chamado ao mundo invisível, deixando no orbe a consolidação do papado. Dessa data em diante, iria começar um período de 1260 anos de amarguras e violências para a civilização que se fundava" (219/138).

"É assim que aparecem novos dogmas, novas modalidades doutrinárias, o culto dos ídolos nas igrejas, as espetaculares festas do culto externo, copiando quase todos os costumes da Roma antecristã. A fraqueza e a impenitência dos homens não lhe deixou compreender que o Cristianismo fora chamado a tarefa do governo tão somente para educar o sentimento dos governantes, preparando-os para levar o esclarecimento e fraternidade aos outros povos da Terra" (219/142).

Culpas e Resgates Dolorosos do Homem Espiritual – "A limitada liberdade de ação dos indivíduos e das coletividades é integralmente respeitada. Cada qual é responsável pelos seus atos, recebendo de conformidade com as suas obras. Foi por isso que Roma teve oportunidade de realizar seus propósitos e desígnios políticos; mas a Justiça Divina acompanhou-lhe todos os passos, nos enormes desvios a que se conduziu, comprometendo-lhe, para sempre, o futuro do homem espiritual, que somente agora conhecerá um reajustamento nas amargurosas transições do século que se passa" (219/133).

"Um laço pesado e tenebroso reuniu a cidade conquistadora aos povos que ela humilhou. O ódio do verdugo e dos seus inimigos fundiu-se em séculos de provações e lutas expiatórias, para demonstrar que Jesus é o fundamento da Verdade, e que só o amor é a sagrada finalidade da vida. Foi por essa razão que o conquistador e os conquistados, unidos pelo ódio, como clacetas algemadas um ao outro, nas galés da amargura, comparecem, periodicamente, nos espaços, ante a misericórdia suprema do Filho de Deus, prometendo a reparação e o resgate recíproco, nos séculos do porvir, fundando a civilização Ocidental no esforço da fraternidade e da regeneração" (219/133).

"Todos os recursos haviam sido prodigalizados a Roma, a fim de que as suas expressões políticas e intelectuais se estendessem pelo orbe, abrangendo todas as gentes no mesmo amplexo de amor e unidade: sua alma coletiva, no entanto, havia deturpado todas as possibilidades sagradas e edificação e regeneração. (...) Advertências penosas não lhe faltaram do Alto, como nos acontecimentos inesquecíveis e dolorosos do Vesúvio, na cidade de Campanha" (219/142).

"Séculos de lutas e ensinamentos haviam se escoado, sem que a alma do império se compenetrasse dos seus deveres necessários. É então que Jesus determina a transformação do Império organizado e poderoso. Suas águias orgulhosas haviam singrado todos os mares: o Mediterrâneo era propriedade sua; e todos os povos se lhe curvavam para homenagem e para a obediência – mas uma força invisível arrancou-lhe todos os diademas, tirou-lhe as energias e lhe reduziu as glórias a um punhado de cinzas. Até hoje,

o espírito que investiga o seu passado, inquire o motivo desses sinistros arrasamentos: mas a verdade é que todos os fundamentos da Terra residem em Jesus" (219/143).

A Invasão dos Bárbaros – "O que Roma deveria fazer com a educação e o amparo perseverante, aqueles povos rudes e fortes vinham reclamar por si mesmos. A grande cidade dos Césares poderia ter evitado a catástrofe do desmembramento, se levasse a sua cultura a todos os corações, em vez de haver estacionado tantos séculos à mesa farta dos prazeres e das continuadas libações" (219/144).

"Maomé, o Islamismo e as "Guerras Santas" – Sua missão era reunir todas as tribos árabes, sob a luz dos ensinamentos cristãos, de modo a organizar, na Ásia, um movimento forte de restauração do Evangelho de Cristo, em oposição aos abusos romanos, nos ambientes da Europa. Maomé, contudo, pobre e humilde no começo de sua vida, que deveria ser de sacrifício e exemplificação, torna-se rico após o casamento com Khandidja, e não resiste ao assédio dos Espíritos. (...) Dotado de grandes faculdades mediúnicas inerentes ao desempenho de seus compromissos (...) mas não conseguiu triunfar das inferioridades humanas. (...) Por esta razão, o Islamismo, que poderia representar um grande movimento de restauração dos ensinamentos de Jesus, corrigindo os desvios do papado nascente, assinalou mais uma vitória... contra a luz, e cujas raízes era necessário extirpar" (219/150).

Depois, tivemos o império de Carlos Magno (800 dC), "deixando as mais belas perspectivas para a posteridade" (219/152).

Os Abusos do Poder Religioso – "Apesar dos numerosos desvios da Igreja Romana (...) nunca o Catolicismo foi de todo abandonado pelas potências do Bem, no mundo Espiritual. Advertências inúmeras lhe foram enviadas em todos os tempos de sua história, pela Misericórdia do Cristo, condoído da impiedade de quantos, sob o seu nome, manchavam o altar dos templos (219/155). Enquanto estava subordinada aos imperadores de Constantinopla, a instituição católica trabalhou para libertar-se de semelhante tutela (...) somente conseguindo depois do papa Estevam II, em 756. A essa época, os vários soberanos dispunham da Igreja de acordo com seus caprichos pessoais. A sede do catolicismo se transforma em vasto mercado de títulos nobiliárquicos de toda espécie" (219/156).

"Algumas tentativas foram feitas, no intuito de controlar os desvios da Igreja; o papa Gregório VII (Hildebrando), ouvindo as inspirações que lhe desciam ao coração, vindas do Plano Invisível, preparou-se para a missão que o esperava no Vaticano. (219/156). Convocando um Concílio em Roma, 1074, ele procurou reprimir a enormidade de tantos abusos referentes ao mercado dos sacramentos e as honras eclesiásticas" (219/157).

"Os apelos do Alto continuam a solicitar a atenção da Igreja Romana em todas as direções. As chamadas "heresias" brotavam por toda parte onde houvesse consciências livres e corações sinceros, mas as autoridades do Catolicismo nunca se mostraram dispostas a receber semelhantes exortações. Havia terminado, em 1229, a guerra contra os hereges, quando alguns chefes da Igreja consideraram a oportunidade da Fundação do Tribunal da Penitência. (...) Mascarar-se-ia o cometimento com o pretexto da necessidade da unificação religiosa; mas a realidade é que a instituição desejava dilatar o seu vasto domínio sobre as consciências" (219/159).

"O negro projeto preocupava igualmente o espaço, onde se apresentavam providências e medidas de renovação educativa. Por isso, um dos maiores apóstolos de Jesus desceu à carne com o nome de Francisco de Assis. Seu sacerdócio foi o exemplo de pobreza e da mais absoluta humildade (219/159). A Ordem dos Franciscanos chegou a congregar mais de 200 mil missionários e seguidores do grande inspirado. Em vez de repousarem à sombra dos claustros, na tranquilidade e na meditação, esses espíritos abnegados reconheciam que a melhor oração para Deus é a do trabalho construtivo, no aperfeiçoamento do mundo e dos corações. (...) A Igreja, todavia, não entendeu que a lição lhe dizia respeito e, ainda uma vez, não aceitou as dádivas de Jesus" (219/160).

A Inquisição Católica – "Muito pouco valeram as lições do Bem, diante do mal triunfante, porque em 1231 o Tribunal da Inquisição estava consolidado (...) com Gregório IX. (...) A processão das "heresias" foi o pretexto de sua consolidação na Europa, tornando-se o flagelo e a desdita do mundo inteiro. A instituição sinistra da Igreja ia cobrir a estrada evolutiva do homem com um sudário de trevas espessas" (219/160).

"Há quem tente justificar esses longos séculos de sombras pelos hábitos e concepções daquele tempo. Mas, a verdade é que o progresso das criaturas poderia dispensar esse mecanismo de crimes monstruosos. Por isso, nos débitos romanos, pesam essa essas irresponsabilidades, tão tremendas quanto dolorosas. A instituição foi obra direta do papado; e cada personalidade, como cada instituição, tem o seu processo de conta na Justiça Divina. Eis por que não podemos justificar a existência desse tribunal espantoso, cuja ação criminoso e perversa entrava a evolução da humanidade por mais de seis longos séculos" (219/161).

A Pobreza Intelectual – "Os Estados se levantavam, organizavam as suas construções à sombra da Igreja, que tinha interesse em não dilatar os domínios da educação individual, receosos de interpretação que não fosse propriamente deles" (212/167).

"O Renascimento Cultural e Religioso – Nos albos do século XV, quando a Idade Medieval estava prestes a se extinguir, grandes assembléias espirituais se reúnem nas proximidades do planeta, orientando os movimentos renovadores que, em virtude das determinações de Cristo, deveriam encaminhar o mundo para uma nova Era (219/171). E a invenção da imprensa faculto o mais alto progresso da vida intelectual" (219/174).

"O fim da Idade Média – (...) as guerras dolorosas assinalaram o fim da Idade Medieval... Uma nova era desponta para a humanidade terrestre" (219/170).

A Renascença Religiosa – "O Plano Invisível determinou, assim, a vinda ao mundo de numerosos missionários, com o objetivo de levar a efeito a Renascença da Religião, de maneira a regenerar os seus relaxados centros de forças. Assim, no século XVI, aparecem as figuras veneráveis de Lutero, de Calvino, de Erasmo, de Lachton e outros vultos notáveis da Reforma (219/175). O Tribunal da Inquisição, com poderes de vida e de morte nos países católicos, fez milhares e milhares de vítimas, assombrando o caminho dos povos" (219/176).

"A Companhia de Jesus, de nefasta memória, não procura conhecer os meios, para cogitar apenas dos fins imorais a que se propunha. Sua ação desdobrou-se por largos anos de trevas, nos domínios da civilização Ocidental, contribuindo amplamente para o atraso moral em que se encontra o homem científico dos tempos modernos" (219/177).

"Na França, os huguenotes se encontravam muito bem organizados, mas surgem

complicações de natureza política, e o gênio despótico de Catarina de Médicis ordena a matança da “Noite de São Bartolomeu”, no intuito de eliminar o almirante Coligny. O movimento sinistro, que durou 48 horas, começou a 24 de agosto de 1572, sofrendo a Reforma um dos seus mais amargos revezes. Somente em Paris e subúrbios foram eliminadas 3 mil pessoas”.

Os Enciclopedistas – “O século XVIII iniciou-se com a reencarnação de elevados espíritos da Filosofia e da Ciência, reencarnados particularmente na França, os quais iam combater os erros da sociedade e da política, fazendo soçobrar os princípios do Direito Divino, em nome do qual se cometiam todas as barbaridades. Vamos encontrar, nessa plêiade de reformadores, os vultos veneráveis de Voltaire, Montesquieu, Rousseau, D’Alembert, Diderot, Quesnay. Suas lições generosas percutem na América do Norte, como em todo o mundo. Foram eles os instrutores ativos do mundo espiritual, para regeneração das coletividades terrestres” (219/185).

O Refúgio na América – “O Plano invisível, sob a orientação de Jesus, conduziu para a América todos os Espíritos sinceros e trabalhadores, que não necessitavam mais de reencarnação no mundo europeu. (...) Muitas dessas personalidades haviam adquirido o senso da fraternidade e da paz, depois de muitas lutas no antigo continente” (219/184).

A Era de Napoleão – “Humilde soldado corso, destinado a uma grande tarefa de organização social do século XIX, não soube compreender as finalidades de sua grande missão. Bastaram as vitórias de Arcole e de Rivoli, com a paz do Compofórmio, em 1797, para que a vaidade e a ambição lhe ensombreassem o pensamento (...) com pouca eficácia do seu esforço, considerando o espírito de orgulho e de imperialismo que predominou nas suas energias transformadoras. Assediado pelos sonhos de domínio absoluto, Napoleão foi uma espécie de Maomé transviado” (219/192).

E) Chega o Momento do “Consolador Prometido”

“A ação de Bonaparte – prossegue Emmanuel – invadindo as searas alheias com o seu movimento de transformação e conquistas, fugindo à finalidade missionária de reorganizar o povo francês, compeliu o mundo espiritual a tomar enérgicas providências contra o seu despotismo e vaidade orgulhosa. Aproximam-se os tempos em que Jesus devia enviar ao mundo o Consolador, de acordo com suas auspiciosas promessas” (219/193).

“Apelos ardentes são dirigidos ao Divino Mestre, pelos gênios tutelares dos povos terrestres. Assembléias numerosas se reúnem e se confraternizam nos espaços, nas esferas mais próximas da Terra. Um dos mais lúcidos discípulos de Cristo baixa ao planeta, compenetrado de sua missão consoladora; e, dois meses antes de Napoleão Bonaparte sagrar-se imperador, obrigando o papa Pio VII a coroá-lo na Igreja de Notre Damme, de Paris, nascia em Lião, aos 3 de outubro de 1804, Allan Kardec, com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus (219/194)”.

O século XIX “desenvolve uma torrente de claridade na face do mundo, encaminhando todos os países para reformas úteis e precisas. As lições sagradas do Espiritismo iam ser ouvidas pela humanidade sofredora. (...) Allan Kardec,

todavia, na sua missão de esclarecimento e consolação, fazia-se acompanhar de uma plêiade de companheiros e colaboradores, cuja ação regeneradora não se manifestaria tão somente nos problemas de ordem doutrinária, mas em todos os departamentos da atividade intelectual do século XIX. A ciência, nessa época, desfez vãos soberanos, que a conduziram às culminâncias do século XX" (219/197).

3.5.4. O Consolador Prometido por Jesus

A) Jesus Havia Prometido Enviar um Consolador

Segundo os capítulos XIV, XV e XVI, do Evangelho de São João, tinha Jesus prometido enviar ao mundo o “Espírito da Verdade” ou “o Consolador”, para ficar eternamente com os homens, ensinando-lhes todas as coisas. Jesus afirmou que ainda tinha muita coisa para ensinar, mas os homens daquele tempo não estavam ainda preparados para compreendê-lo, por isso, ele mandaria o “Espírito da Verdade, o Consolador ou Paráclito”, que não falaria mais por parábolas, mas abertamente, e para ficar eternamente com os homens.

E, entre 1857-1868, depois de rigoroso exame sob diversos pontos de vistas, Allan Kardec publicou a “Doutrina dos Espíritos Superiores”, então chefiados por um espírito que se identificou como “o Espírito da Verdade”. Diversas mensagens espirituais recebidas durante a codificação da Doutrina dos Espíritos trazem a assinatura do “Espírito da Verdade”. Chegava à Terra “o Consolador”, ou a Terceira Revelação do mundo espiritual.

1) A Primeira Revelação do Mundo Invisível Foi Feita por Moisés

Como profeta, Moisés revelara aos homens a existência de um Deus único, soberano Senhor e orientador de todas as coisas; promulgou as Leis do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo, pelo qual a fé primitiva, modificando-se, havia de se espalhar sobre toda a Terra (202/24).

2) A Segunda Revelação, com Jesus

O Cristo, tomando da antiga lei o que é terreno e divino, rejeitando o que é transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a revelação da vida futura, de que Moisés não falara, assim como das penas e recompensas que aguardam o homem depois da morte. A parte mais importante da revelação do Cristo (...) é o ponto de vista, inteiramente novo, sob que considerou a divindade (204/24).

Este já não é o Deus terrível, ciumento e vingativo de Moisés; não é o Deus cruel e implacável que rega a terra com o sangue humano; que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta de seu chefe; que vinga o culpado na pessoa do inocente; que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa o pecador arrependido e dá a cada um segundo suas obras (202/24). Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude; nem o que ordena se retribua “olho por olho, dente por dente”; mas o Deus de misericórdia, que diz “perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; fazei o bem, em troca do mal; não

façais o que não quereis que vos façam”. Enfim, não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado (202/85).

B) A Missão do Espiritismo

Segundo Emmanuel, “a tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa. Competia-lhe reorganizar o edifício desmoronado das crenças, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas. Atento à missão de concórdia e fraternidade da América, o Plano Invisível localizou aí as primeiras manifestações tangíveis do mundo espiritual, no famoso lugarejo de Hydesville, provocando os mais largos movimentos de opinião. A fagulha partira das plagas americanas” (219/199).

No livro “Obras Póstumas”, de Allan Kardec, o espírito Brion Dorgeval esclarece que “O Espiritismo é chamado a desempenhar imenso papel na Terra. Ele reformará a legislação, ainda freqüentemente contrária às leis divinas; retificará os erros da história; restaurará a religião do Cristo; instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem se deter nas franjas de uma sotaina, ou nos degraus de um altar. Extinguirá, para sempre, o ateísmo e o materialismo, aos quais alguns homens foram levados pelos incessantes abusos dos que se diziam Ministros de Deus” (205/290).

Allan Kardec mostrou que “tudo o que está predito nos Evangelhos tem que cumprir-se, e neste momento se cumpre. (...) Todas as Escrituras encerram grandes verdades, sob o véu de alegorias; e por se terem apegado à letra, é que os comentadores se transviaram. Faltou-lhes a chave para compreenderem o verdadeiro sentido. Esta chave está nas descobertas da ciência e nas leis do mundo invisível, que o Espiritismo vem revelar. Daqui em diante, com o auxílio desses novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível. (...) Não vereis milagres, nem prodígios, nem fatos sobrenaturais, no sentido vulgarmente dado a essas palavras. Não olheis para o céu, em busca de sinais precursores, porque nenhum vereis, e os que vo-los anunciarem, estarão a enganar-vos. Olhai em torno de vós, entre os homens; é aí que os descobrireis” (205/321).

Prega Emmanuel, em “A Caminho da Luz”: “Convenhamos que o esforço do Espiritismo é quase superior às suas próprias forças. Mas o mundo não está à disposição dos ditadores terrestres. Jesus é o seu único diretor, no plano das realidades imortais; e agora, que o mundo se entrega a todas as expectativas angustiosas, os espaços mais próximos da Terra se movimentam em favor do restabelecimento da verdade e da paz, a caminho de uma nova era”(219/21).

C) A Terceira Revelação

Ministra Kardec: “O Espiritismo vinha numa época de emancipação e madureza intelectual; em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a apresentar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver para onde o conduzem; quer saber o porquê das coisas – tinha ele que ser, ao mesmo tempo, o produto de um ensino e o fruto de um trabalho de pesquisas e do livre exame. Os espíritos não ensinaram senão e justamente o que é mister para guiá-lo no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter ao cadinho da razão” (202/38).

Para Emmanuel, o campo da filosofia não escapou a essa torrente renovadora.

Aliando-se às ciências físicas, não toleraram as ciências da alma o ascendente dos dogmas da Igreja. (...) A filosofia recolheu-se, então, no seu negativismo transcendente, aplicando às suas manifestações os mesmos princípios da ciência racional e material (219/204).

As Antigas Doutrinas Sociológicas – Grandes idéias florescem na mentalidade de então. ressurgem aí as antigas doutrinas da igualdade absoluta. Aparece o Socialismo propondo reformas viscerais e imediatas. Alguns idealistas tocam a Utopia de Tomás More, ou a República perfeita, idealizada por Platão. Fundam-se alianças de anarquismo, as sociedades de caráter universal. Uma revolução sociológica de conseqüências imprevisíveis ameaça a estabilidade da própria civilização, condenando-a à destruição mais completa (219/204).

Restabelecendo a Verdade – O Espiritismo – adianta Emmanuel – "vinha, desse modo, na hora psicológica das grandes transformações, alentando o espírito humano para que não perdesse o fruto sagrado de quantos trabalharam e sofreram no esforço penoso da civilização. Com a prova da sobrevivência, vinha reabilitar o Cristianismo que a Igreja deturpara, semeando de novo os eternos ensinamentos de Cristo no coração dos homens; com as verdades da reencarnação, vinha explicar o absurdo das teorias igualitárias absolutas, cooperando na restauração do verdadeiro caminho do progresso humano (219/205). Enquadrando o Socialismo nos postulados cristãos, não se ilude com as reformas exteriores, para concluir que a única renovação apreciável é a do homem íntimo, célula do organismo social de todos os tempos, pugnando pela intensificação dos movimentos educativos da criatura, à luz eterna do Evangelho de Cristo. Ensinando a lei das compensações no caminho da redenção e das provas do indivíduo e da coletividade, estabelece o regime da responsabilidade em que cada espírito deve enriquecer a catalogação de seus próprios valores. Não se engana com as utopias da igualdade absoluta, em vista dos conhecimentos da Lei do esforço e do trabalho individual" (219/206).

D) Mas a Igreja o Repeliu

Em vão, o mundo esperou as realizações cristãs iniciadas no império de Constantino. Aliada ao Estado e vivendo à mesa dos seus interesses econômicos, a Igreja não cuidou de outra coisa que não o reino perecível. Esquecida de Deus, nunca procurou equiparar a evolução física à do homem espiritual, prendendo-se a interesses rasteiros e mesquinhos da política temporal. É por isso que agora lhe pairam sobre a fronte os mais sinistros vaticínios (219/207).

A vinda do Cristo ao planeta assinalara o maior acontecimento para o mundo, de vez que o Evangelho seria a eterna mensagem dos céus. Mas a pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta. (...) O assédio das trevas avassalou o coração das criaturas. Decorridos três séculos da lição santificante de Jesus, surgiram a falsidade e a má-fé, adaptando-lhes às conveniências dos poderes políticos do mundo, desvirtuando-lhes todos os princípios. (...) Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias (219/212).

"Aproximando-se o ano de 1870, que assinalaria a falência da Igreja, com a Declaração da Infalibilidade papal, o Catolicismo experimenta provações amargas e dolorosas. (...) Começa com Pio IX a grande lição para a Igreja. O período das grandes

transformações estava iniciado; e ela, que sempre ditara ordens aos príncipes do mundo, na sua sede do domínio, iria agora transformar-se em instrumento de opressão nas mãos dos poderosos" (219/201).

"É por esse motivo que, ao lado dos aviões poderosos e da radiotelefonia, ligando todos os continentes e países da atualidade, indicando os imperativos das leis de solidariedade humana vemos o conceito de civilização insultado por todas as doutrinas de isolamento, enquanto os povos se preparam para o extermínio e para a destruição. É ainda por isso que, em nome do Evangelho, se perpetuam os abusos nos países ditos cristãos " (219/213).

Na nossa opinião, o mal maior foi feito contra a própria humanidade. Enquanto isso, o homem perdia a fé em sua própria religião, os laços de famílias se afrouxam, dissolvem-se os costumes honestos, abalam-se as estruturas das sociedades humanas e da própria Civilização. Tivesse a Igreja permitido que os homens se instruissem pela Doutrina dos Espíritos Superiores, não estaria a humanidade de hoje mergulhada no abismo moral em que se encontra!

E) Tudo Passou, mas Jesus Não Passará

Emmanuel escreveu: "Diante de nossos olhos – diz Emmanuel – de espíritos, passam os fantasmas das civilizações mortas. (...) As almas mudam de indumentária, no curso incessante dos séculos; constroem o edifício milenário da evolução, com suas lágrimas e sofrimentos. O tempo, como patrimônio divino, renova as inquietudes e angústias de cada século, no sentido de acelerar o caminho das experiências humanas. Passam as raças e as gerações, as línguas e os povos, os países e as fronteiras, as ciências e as religiões" (219/14).

"Passaram as gerações de todos os tempos, com sua inquietação e angústia. As guerras ensanguentaram o roteiro dos povos, nas suas peregrinações incessantes para o conhecimento superior (219/15). Caíram os tronos dos reis e desfaleceram-se coroas milenárias. Os príncipes do mundo voltaram ao centro de sua vaidade orgulhosa, na indumentária humilde dos escravos; e, em vão, ditadores conclamaram e conclamam ainda os povos da Terra, para o morticínio e para a destruição. Mas o determinismo do amor e do bem é a lei de todo o Universo. E a alma emerge de todas as catástrofes, em busca de uma vida melhor. Todas as coisas humanas passaram, e todas as coisas se modificarão. Só Jesus não passou, na caminhada dolorosa das raças. (...) Ele é a luz de todas as vidas terrestres, inacessível ao tempo e à destruição " (219/16).

"Das lições inesquecíveis do Cristo decorrem conseqüências para todos os departamentos da existência planetária. Dois mil anos em que os homens se estraçalharam em Seu nome, inventando bandeiras de separatividade e destruição. Incendiaram e trucidaram em nome dos ensinamentos do perdão e do amor, massacrando esperanças em todos os corações. Contudo, o século que passa deve assinalar uma transformação visceral nos departamentos da vida. A dor completará as obras generosas da verdade cristã" (219/109).

"Dois mil anos são transcorridos após o sublime avatar; entretanto, eis que a Humanidade vive agora um novo período de dolorosa expectativa; mais do que nunca, e justamente porque seus conhecimentos se alastraram, crescendo sua responsabilidade, necessita de um Redentor. Porque os ensinamentos maravilhosos de Jesus (...) foram, em grande parte, desprezados e deturpados. O homem desviou-se dos seus

rumos, entronizando a inteligência e desprezando os sentimentos do coração. A ciência produziu frutos em larga messe, no entanto, têm sido amargos, não servindo para alimentar a alma. (...) E o homem, com base nas palavras de Jesus, provará que somente o amor redime para a Eternidade" (219/114).

3.5.5. A Humanidade Terrestre e o Porvir

A) América, a Nova Oficina de Deus

Em 1938, no livro "A Caminho da Luz", o espírito Emmanuel consignou: "embora compelida a participar das lutas próximas, pelo determinismo das circunstâncias de sua vida política, a América está destinada a receber o cetro da civilização e da cultura, na orientação dos povos porvindouros" (219/208).

"Em torno de seus celeiros econômicos, reunir-se-ão as experiências européias, aproveitando o esforço penoso dos que tombara na obra da Civilização do Ocidente para a edificação do homem espiritual, que há de sobrepor-se ao homem físico do planeta, no pleno conhecimento dos grandes problemas do ser e do destino... O esforço sincero de cooperação no trabalho e de reconstrução da paz não é uma utopia, como na Europa saturada de preconceitos multisseculares. Nos campos exuberantes do continente americano estão plantadas as sementes da luz da árvore maravilhosa da civilização do futuro" (219/209).

B) O Crepúsculo de uma Civilização

"Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos. Mas, depois das trevas, surgirá uma nova aurora: luzes consoladoras envolverão todo o orbe, regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico, para a sua marcha gloriosa ao Ilimitado; e o Espiritismo terá retirado das religiões o que os homens perverteram, ligando-as ao abraço acolhedor do Cristianismo restaurado. Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto da consciência" (219/215).

"O século que passa, efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. E o Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo, neste século de declive de sua história; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redívivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição" (219/213).

"Uma nuvem vem-se formando, há muito tempo, nos horizontes da Terra, cheia de indústrias da morte e da destruição. (...) O progresso científico dos povos e as suas mais nobres e generosas conquistas são reclamados pelos banquetes do morticínio e da ambição. Onde estão os valores morais da humanidade? As Igrejas estão amordaçadas pelas injunções de ordem econômica e política. Somente o Espiritismo (...) executa o tremendo esforço de manter acesa a luz das crenças, neste barco frágil do homem ignorante do seu glorioso destino; barco que ameaça voltar à torrente da força e da violência, longe das plagas iluminadas da razão, da cultura e do Direito" (219/210).

"São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres. (...) Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconseqüentes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo. A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício; toda a realidade é a realidade do Espírito, e toda paz é a paz do entendimento do reino de Deus e de sua Justiça (219/214). Como ensinou André Luis, "fora do amor verdadeiro, toda união é provisória; e a guerra será sempre o estado daqueles que insistem em permanecer na retaguarda!"

"Quando, lá fora, se prepara o mundo para as lutas mais dolorosas e mais rudes, devemos agradecer a Jesus a felicidade de nos conservarmos em paz, em nossa oficina, sob a égide do Divino amor!" (219/218).

C) Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho

Também em 1938, o espírito Humberto de Campos publicou algumas tradições do mundo espiritual, referentes ao Brasil, em um livro intitulado "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho". A título de esclarecimento, é importante entender que o Brasil, e não os brasileiros, é o Coração do Mundo, a Pátria do Evangelho; porque nós não estamos vinculados a esta ou à aquela nação, vez que nossa pátria é o universo inteiro.

No prefácio, o autor espiritual informa que o "Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas também a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora da crença e da fé racionada, e de ser o maior celeiro de claridade espiritual no orbe inteiro: se os outros povos atestaram o progresso pelas expressões materiais e transitórias, o Brasil terá a sua expressão imortal na vida do espírito (...) inundando todos os campos das atividades humanas, com uma nova fé" (215/00).

Ainda no prefácio, o autor desencarnado esclarece que Jesus transplantou, da Palestina para a região do Cruzeiro, a árvore magnânima do seu Evangelho, a fim de que os seus rebentos delicados florescessem de novo, frutificando em obras de amor para todas as criaturas. (...) O material a empregar nesse serviço não vem das fontes de produção originalmente terrenas, e sim do plano Invisível, onde se elaboram todos os ascendentes construtores da Pátria do Evangelho".

"**O Coração do Mundo** – Para esta terra maravilhosa e bendita – disse Jesus – será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e de amor. No seu solo dadivoso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal. Sob estes céus serão entoados os hosanas mais ternos à misericórdia do Pai Celestial. (...) Instalaremos aqui uma tenda de trabalho para a nação mais humilde da Europa, glorificando seus esforços na oficina de Deus. Aproveitaremos o elemento simples de bondade, o coração fraternal dos habitantes das terras novas e, mais tarde, ordenaremos a reencarnação de muitos espíritos já purificados no sentimento da humildade e da mansidão entre as raças oprimidas e sofredoras das regiões africanas, para formarem o pedestal de solidariedade do povo fraterno que aqui florescerá no futuro, a fim de exaltar o meu Evangelho, nos séculos gloriosos do porvir. Aqui, Helil, sob a luz misericordiosa das estrelas da cruz, ficará localizado o coração do mundo" (215/24).

"Foi por isso que o Brasil, onde se confraternizam hoje todos os povos da Terra, e onde será modelada a obra imortal do Evangelho de Cristo – esclarece Humberto

de Campos – muito antes do Tratado de Tordesilhas, que fincou as balizas das possessões espanholas, já trazia, em seus contornos, a forma geográfica de Coração do Mundo" (215/25).

"A Pátria do Evangelho – A região do Cruzeiro, onde se realizará a epopéia do meu Evangelho, estará, antes de tudo, ligada eternamente ao meu coração. As injunções políticas terão nela atividades secundárias porque, acima de todas as coisas, em seu solo santificado e exuberante estará o sinal da Fraternidade Universal, unindo todos os espíritos (215/32). Para aí transplantei a árvore de minha misericórdia, e espero que a cultives com a tua abnegação e com o seu sublimado heroísmo (...) Lembra-te, sempre, que estarei contigo no cumprimento dos teus deveres, com os quais abrirás, para a humanidade dos séculos futuros, um caminho novo, mediante a sagrada revivescência do Cristianismo. (...) Ismael, doravante, seja o zelador dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro" (215/37).

"Foi por isso que os negros do Brasil se incorporaram à raça nova, constituindo um dos baluartes da nacionalidade, em todos os tempos. (...) Na Pátria do Evangelho, vivem nos ambientes de mais pura fraternidade. É que o Senhor lhes assinalou o papel na formação da Terra do Evangelho!" (215/70).

E o autor espiritual conta, à luz da espiritualidade, toda a história do Brasil, até o começo deste século. No capítulo referente à "Inconfidência Mineira", ele afirma que Tiradentes entregou seu espírito à Deus, nos suplícios da forca, a 21 de abril de 1792. "Um arrepio de aflitiva ansiedade percorre as multidões, no instante em que seu corpo balança, pendente, nas travas do cadafalso, no Campo da Lampadosa. Mas, nesse momento, Ismael recebia em seus braços fraternos, a alma edificada do mártir: "Irmão querido – exclamava ele – resgatas hoje os delitos cruéis que cometestes quando te ocupavas do nefando mister de inquisidor, nos tempos passados. Redimiste o pretérito obscuro e criminoso, com as lágrimas do teu sacrifício, em favor da Pátria do Evangelho. Passarás a ser um símbolo para a posteridade, com o teu heroísmo resignado aos sofrimentos purificadores" (215/122). No livro "O Senhor da Terra", o autor informa que Tiradentes foi a reencarnação de Gregório IX, criador da Inquisição.

Humberto de Campos revela: A Revolução e as guerras não obedecem ao sagrado determinismo das leis de Deus; mas traduzem o atrito tenebroso das correntes do mal, que conduzem o barco da vida humana ao mar encarpelado das dores expiatórias (215/128). Os espíritos das trevas se reúnem para a chacina e a destruição, como acontece atualmente com a Terra (215/129). Até que a fraternidade deixe de ser uma figura mitológica no coração das pessoas, até que estejam extintas as vaidades patrióticas, para que prevaleçam um só rebanho e um só pastor, que é Jesus Cristo, os seres das sombras terão o poder de arrastar o homem da Terra às lutas fratricidas. Mas, aí daqueles que fomentarem semelhantes delitos. Para suas almas, a noite dos séculos é mais sombria e mais dolorosa. Infelizes de quantos tentaram fechar a porta ao progresso dos seus irmãos, porque, acima da justiça subornável dos homens, há um tribunal onde impera a equidade inviolável (215/129).

"No mundo espiritual, o Senhor falou: A Nova Revelação não é dada para que se opere a conversão de César às coisas de Deus, mas para que César esclareça o seu próprio coração, edificando-se no exemplo dos seus subordinados, e tornando divina

a sua imperfeita obra terrestre (215/212). Na Pátria dos meus ensinamentos, o Espiritismo será o Cristianismo revivido na sua primeira pureza, e faz-se mister coordenar todos os elementos da causa generosa da verdade e da luz, para os triunfos do Evangelho (215/220). Com essas providências levadas a efeito, numa noite memorável de julho de 1895, Bezerra de Menezes assumia a posição de Diretor de todos os trabalhos de Ismael no Brasil" (215/222).

"Dentro dessa ação pacífica de educação das criaturas, aliada à prática genuína do bem, repousam as bases da obra de Ismael, cujo objetivo não é reforma inopinada das instituições, impondo abalo à natureza que não dá saltos; é, sim, a regeneração e o levantamento moral dos homens."(215/229).

D) A Passagem para o III Milênio

No livro "Gênese", já ensinava Allan Kardec: "São chegados os tempos marcados por Deus, em que grandes acontecimentos vão se dar, para a regeneração da humanidade. (...) O nosso globo, com tudo o que nele existe, está submetido à Lei do Progresso (202/401). E ele progride, fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõe, como moralmente, pela depuração dos espíritos, encarnados e desencarnados, que o povoam" (202/402).

"Não sentis – continua Kardec, em "Obras Póstumas" – como que um vento soprando sobre a Terra e agitando todos os espíritos? O mundo se acha na expectativa e como que preso de vago pressentimento de que a tempestade se aproxima. Não acrediteis, porém, no fim do mundo material. A Terra tem progredido desde a sua transformação; ela tem ainda muito que progredir, e não que ser destruída. A humanidade chegou a um dos períodos de sua transformação, e o mundo terreno vai elevar-se na hierarquia dos mundos. O que se prepara, pois, não é o fim do mundo material, mas o fim do mundo moral. É o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do orgulho, do egoísmo e do fanatismo que se esboroa. Cada dia leva consigo mais destroços. (...) De mundo de expiação, a Terra mudará um dia para um mundo ditoso, e habitá-lo será uma recompensa, em vez de ser uma punição. O reinado do bem sucederá o reinado do mal" (205/322).

"Com a geração que se extingue, desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social. O Espiritismo é a senda que conduz à renovação, porque destrói os dois maiores obstáculos que se opõem à renovação: a incredulidade e o fanatismo; porque faculta uma fé sólida e esclarecida; desenvolve todos os sentimentos. Assim, a Nova Era o verá engrandecer-se e prosperar pela força mesma das coisas; tornar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições" (205/326).

"A humanidade tem realizado, até o presente, incontáveis progressos. Os homens, com sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar social. Resta-lhe ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reine a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. Não poderiam conseguí-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, restos de outras idades, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que seriam hoje um entrave ao seu progresso moral. Já não é somente desenvolver a inteligência o de que

os homens necessitam; mas, do elevar o sentimento; e, para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexiste neles – o egoísmo e o orgulho" (202/403).

E) A Terra Durante o III Milênio

Em "Gênese", Kardec escreveu: "Ora, tornando-se adulta, a humanidade tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas; compreende o vazio em que foi embalada e a insuficiência das suas instituições para lhe darem felicidade; já não encontra, no estado das coisas, as satisfações legítimas a que se sente com direito. (...) O passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; a humanidade já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões ou fantasmagorias; sua razão amadurecida reclama alimentos mais substanciosos. Ela sente que mais amplo é o seu destino, e que a vida corpórea é excessivamente restrita para encerrá-lo inteiramente" (202/142).

"Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as más paixões; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reine a concórdia, a paz e a fraternidade (202/414). Um dia, os homens se unirão por uma crença única: a unidade se fará em religião, como já tende a fazer-se socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos; pela assimilação dos usos, dos costumes e da linguagem (202/382). Pressente-se a unidade, e todos a desejam; e ela se fará pela força das coisas, porque há de tornar-se uma necessidade, para que se estreitem os laços da fraternidade entre as nações; far-se-á pelo desenvolvimento da razão humana, que fará compreender a puerilidade de todas as dissidências; far-se-á pelo progresso das ciências, a demonstrar, cada vez mais, os erros materiais sobre que tais dissidências se assentam. Demolindo, nas religiões, o que é obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da Natureza, a ciência não poderá destruir o que é obra de Deus e eterna verdade" (202/382).

"O princípio da imutabilidade, que as religiões têm considerado uma égide convencional, tornar-se-á elemento de destruição, dado que, imobilizando-se, enquanto a sociedade caminha para a frente, os cultos serão ultrapassados (202/383). E quando as religiões se houverem convencidos de que só existe um Deus no Universo, e que – em definitivo – ele é o mesmo que eles adoram sob os nomes de Jeová, de Alá ou Deus; quando se puserem de acordo com os atributos essenciais da Divindade, compreenderão que, sendo um único Ser, uma única tem de ser a vontade suprema! Então, estenderão as mãos, umas às outras, como os servidores de um mesmo mestre e como os filhos de um mesmo pai, e, assim, grande passo terão dado para a unidade". (202/384).

"A regeneração da humanidade, portanto, não exige absolutamente a renovação dos Espíritos; basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos lhe estejam predispostos; desde que sejam subtraídos à influência perniciosa" (202/421).

"Os Tempos São Chegados – São chegados os tempos em que os ensinamentos de Jesus devam receber complemento; em que o véu, lançado propositadamente sobre algumas partes desses ensinamentos, deve ser levantado; em que a ciência, deixando de ser exclusivamente material, deve inteirar-se do elemento espiritual; em que a religião, cessando de menosprezar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, se juntará à ciência. Então, a religião, não recebendo mais o desmentido da Ciência, adquirirá

uma força inabalável, porque estará de acordo com a razão, e não se lhe poderá opor a irresistível lógica dos fatos" (204-I-8).

4.0.0. QUARTA PARTE – (CONCLUSÃO) PROBLEMAS DA HUMANIDADE SEM FÉ

4.1.0. As Mutações do Nosso Código Moral

A) Moralidade e Costumes

Segundo Will Durant, em "Filosofia da Vida", na sua origem, moralidade significava adesão aos costumes considerados essenciais à saúde e à preservação da sociedade; a moralidade está hoje mudada como nuvens batidas de vento. Houve três estágios para a consolidação da moralidade: o estágio da caça ou pastoril, o estágio agrícola e o estágio industrial. Entretanto, duas profundas transformações determinaram essas mudanças morais: uma, a passagem do estágio da caça para o estágio agrícola; e outra, a passagem do estágio agrícola para o estágio industrial.

B) O Estágio da Caça ou Pastoril

"A brutalidade e a voracidade foram, em tempos passados, necessárias à luta pela vida; hoje, não passam de grotescos atavismos. No período pastoril e da caça, o aprovisionamento econômico ainda não existia: o homem primitivo devorava sua presa ao modo dos cães, porque nada sabia quanto à próxima refeição. Nossa crueldade de hoje, a nossa violência ou o gosto pela guerra, ligam-se ao estágio do homem caçador" (121/86).

C) O Estágio Agrícola

"Não sabemos, ao justo – continua Durant – quando o homem passou da face caçadora à agrícola, embora saibamos que esta transição criou a procura de novas virtudes. (...) A industriiosidade passou a valer mais do que a bravura; a paz, mais proveitosa do que a guerra; a poupança, mais desejável do que a violência. E, acima de tudo, mudou a situação da mulher, que passou a ser mais valiosa na agricultura do que na caça. Contratar uma mulher para os serviços caseiros era dispendioso; muito mais barato seria desposá-la. E cada filho que a mulher tivesse, seria, dentro de curto prazo, um trabalhador gratuito, ou que ficaria apenas pela roupa e pelo sustento. No campo, as crianças começam a trabalhar muito cedo, e nenhum dinheiro é despedido em sua educação. Daí, a maternidade tornou-se sagrada, e a restrição à natalidade foi tachada de imoral. Só as famílias numerosas agradavam a Deus". (121/87).

"Foi no campo que nossa moral se codificou. Lá, o homem começa a amadurecer mais cedo, muito cedo... Casa-se cedo... E, para a mulher, a castidade era indispensável, porque – do contrário – adviria a maternidade desprotegida. O Cristianismo impôs a monogamia e a indissolubilidade do casamento. Muito razoável, porque a esposa do camponês lhe dava muitos filhos, e eles permaneciam fiéis uns aos outros, até que os filhos se estabelecessem na vida. O Código dos puritanos, embora duro, mostrou-se praticável, e produziu uma raça forte".(121/87).

"Por uns 1500 anos, este sistema agrícola de castidade, de casamento precoce, de

monogamia sem divórcio e de prole numerosa imperou na Europa e nas colônias européias; pôde-se manter com facilidade, porque a família era a célula de produção: todos, conjuntamente, trabalhavam no solo, repartindo entre si os produtos. Mesmo quando a indústria apareceu, começou no lar, não em fábricas; e as casas encheram de trabalhadores. (...) Concluído o trabalho diurno, a família se reunia, à noite, em torno da mesa ou diante da lareira, para jogar ou ler livros sobre as maravilhas das terras distantes". (121/88)

D) O Estágio Industrial

"Logo no começo — continua o mestre — essa passagem da agricultura para a indústria entra a afetar a conduta humana: súbito, entraram a aparecer fábricas: homens, mulheres e crianças deixavam as suas casas, a sua autoridade, a unidade, para trabalharem como indivíduos, individualmente pagos, dentro de tristes barracões, feitos mais para abrigar máquinas do que para seres humanos. (...) Cidades se expandem. (...) A maturidade chega mais tarde do que no campo. (...) Tanto o prolongamento da adolescência, quanto o prolongamento da educação se tornam necessários para o ajuste do cérebro às novas tarefas". (121/88).

"A maturidade econômica se retarda tanto quanto a mental; somente nas classes de operários manuais é que, aos 20 anos, o moço está apto a ganhar a vida e a casar-se. Acima deste tipo de trabalho, a idade da emancipação é sempre mais dilatada (...) e a maturidade econômica vai se retardando. No comércio e na indústria, mil fatores novos afetam o trabalho do homem, podendo, de um momento para outro, lançá-lo na rua". (121/88).

"**Alteração do Código Moral** – E o homem, assim assoberbado pelas exigências da vida, também vê a mulher ser arrancada de suas velhas funções pelo desenvolvimento das fábricas. Se ele contrai matrimônio, será compelido, pelo código moral industrial, a conservar a esposa em casa, numa casa toda despida de significação e vazia de trabalho (...) todos os trabalhos, que outrora se faziam no lar, passam a ser feitos nas fábricas, e o produto desse trabalho fabril há de ser pago com horas de trabalho do homem. E se, para evitar a ociosidade, a mulher se torna mãe, as dificuldades aumentam: a maternidade aparece como um dispendioso negócio de médicos, enfermeiras, hospitais e instrumentos. E a mulher moderna não pode ter filhos com a facilidade e a naturalidade de suas avós camponesas. E quanto aos filhos, pior: cada filho representa um ônus, em vez de lucro". (121/89).

"Ora, os filhos têm que ser educados, talvez até aos 26 anos; agravam-se as despesas de casa e dos transportes. (...) E logo que os filhos começam a ganhar dinheiro, escapam à autoridade dos pais e iniciam vida própria. (...) Por este motivo, a maternidade, nos centros urbanos, apresenta a forma de uma escravidão, dum absurdo sacrifício à família. (...) A restrição da natalidade começa, então, a impor-se, a ganhar respeito, e os processos de evitar a concepção tornam-se problemas para a Filosofia". (121/89).

"A propagação deste processo vai influir, muito de perto, na reforma do nosso código moral; o velho código moral restringia a experiência sexual ao casamento; a fecundação só podia operar-se dentro do casamento. Mas hoje, que a união amorosa não mais implica reprodução, surge uma situação jamais prevista pelos nossos pais, criadores do antigo código moral: a união do homem à mulher está alterada". (121/89).

"A época do casamento vai-se dilatando. (...) À medida que os campos vão sendo

abandonados e as cidades se enchem, a idade do casamento vai subindo. Mais e mais, o homem da classe média tende a considerar o casamento inadequado para o homem: mil mulheres estão às suas ordens para lhes saciar os desejos. (...) Desse modo, os centros urbanos criam todas as dificuldades para o casamento e todas as facilidades para o amor-livre. O erotismo vem cedo como antes, mas o desenvolvimento econômico vem tardio. (...) A castidade, que era uma virtude, passa-se a motivo de zombaria; o pudor, que fazia a beleza ainda mais bela, desaparece. (...) Resultado: o velho código moral da agricultura cai aos pedaços, e o mundo urbano deixa de julgar de acordo com ele a conduta dos cidadãos".(121/90).

E) Dissolução da Moralidade – "A fonte da dissolução da velha moral, como já vimos, está no retardamento do matrimônio, observável em todas as comunidades modernas. É aos pais, antes que aos filhos, que devemos lançar a culpa; esses pais que, indiferentes ao bem da comunidade e da raça, frustram os sábios conselhos da natureza, e aconselham anos de promiscuidade como preparação para o casamento. Pais dotados de visão mais larga percebem que coisa subalterna é a situação financeira, se a compararmos à felicidade e à saúde do indivíduo e da espécie; pais assim colaboram com a natureza e fazem sacrifícios para facilitar o casamento precoce dos filhos" (121/93 - Will Durant).

Na nossa opinião, o perecimento da fé religiosa e da Moralidade teve, além desses, outros fatores decisivos: ela estava mal edificada, e era falsamente atribuída à Divindade Suprema. Ao ingressar na "Era da Razão", e na "Era da Indústria", o ser humano descobriu a insubsistência dos fundamentos de sua fé.

4.2.0. A Eclosão dos Problemas da Atualidade

A) Dezenove, o Século das Grandes Transformações

A invenção do papel, da imprensa metálica, a descoberta coperniana, o renascimento cultural e o desenvolvimento cultural e científico prepararam a civilização para os grandes acontecimentos que iriam caracterizar o século XIX.

Segundo Emmanuel, "a par dos grandes fenômenos da evolução científica que o abalaram, o século XIX se caracteriza por enormes conquistas, com acontecimentos políticos de suma importância, renovando as concepções políticas e sociais de todos os povos da raça branca" (219/203). E o espírito Francisco Valdomiro Lorenz escreveu que: caem bastiões do fanatismo e da ignorância; aprestam-se os enviados ao campo físico, para o conagraçamento dos homens (217/148)".

B) A Ajuda do Mundo Invisível

Diante da perplexidade em que se encontrava a humanidade, no século XIX, era hora do advento do "Consolador Prometido". A mensagem de Jesus havia sido deturpada e mesclada de opiniões puramente humanas, e suas lições imorredouras deveriam ser novamente aclaradas à mente das criaturas terrenas. O Cristianismo deveria voltar à sua pureza e humildade dos tempos apostólicos. Cumprindo as promessas feitas no Evangelho de São João, Jesus envia à Terra o "Espírito da Verdade, ou Consolador Prometido".

Restabelecendo a verdade – segundo Emmanuel – vinha o Espiritismo na hora das grandes transformações sociais, alertando o pensamento humano, para não perder as grandes conquistas dos sentimentos e da inteligência; com as provas materiais da sobrevivência da alma, vinha ele reabilitar o Cristianismo, deturpado pelas injunções puramente humanas e institucionais; com as verdades da Reencarnação, vinha explicar o absurdo das teorias igualitárias absolutas. Enquadrando o Socialismo dentro dos postulados cristãos, o Espiritismo não se ilude com as reformas exteriores, para concluir que a única renovação apreciável é a do homem interior, ao mesmo tempo em que propugna pela intensificação dos ensinamentos educativos das criaturas.

Allan Kardec afirmou que “assim, o Espiritismo realiza aquilo que Jesus disse do Consolador: conhecimento das coisas, que faz o homem saber de onde vem, para onde vai e porquê está na Terra. É um chamamento aos verdadeiros princípios da Lei de Deus; é a consolação pela fé e pela esperança. (...) Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele se encontram são de origem humana; e nada perece; Jesus é o vencedor do mal; sede os vencedores da impiedade” (204/VI).

C) Mas a Igreja Rejeita o Consolador

“Onde se encontram as forças morais capazes de realizar o grande milagre da educação de todos os espíritos? A Igreja de Roma, que nutria a Civilização Ocidental desde o seu berço, por força das circunstâncias, seria a entidade indicada para resolver o grande problema. Todavia, após as afirmativas do Silabo e depois do famoso discurso do bispo Strossmayer, no Vaticano, em 1870, quando o Papa Pio IX decretou a infalibilidade pontifícia, semelhante equação era difícil por parte da Igreja” (219/205).

A Igreja já havia tomado posicionamento inarredável em relação à “Doutrina dos Espíritos” e iria mover-lhe a mais insidiosa e cruel campanha.

Apenas alguns sacerdotes piedosos se propuseram a conhecer a mensagem trazida pelos “imortais”. Foi assim que um grupo de sacerdotes se reuniu na França e o outro em Lérida, na Espanha, dispostos a conhecer a Doutrina dos Espíritos. Depois de profundos e sérios estudos, o grupo de Lérida testemunhou que “os ensinamentos dos Espíritos, conforme a Codificação feita por Allan Kardec, estão de toda a conformidade com os ensinamentos de Jesus”. Houve sacerdotes que desenvolveram faculdades mediúnicas de ver e conversar com espíritos, tendo recebido mensagens de elevados espíritos, inclusive de José e de Maria. E, em 1874, sob a direção e responsabilidade de Don José Amigó y Pellicer, o grupo de Lérida publicou o resultado de suas experiências no livro “Roma e o Evangelho”. Porém, já em 1840 a 1856, antes da Codificação do Espiritismo, a Igreja já começara a mover-lhe aquela famosa “Campanha Antiespírita”, que analisamos no capítulo 2.5.0.

D) As Expectativas do Século XX

Assim surge o século XX – esclarece Emmanuel – “no horizonte do globo, qual arena ampla de lutas renovadoras. As teorias sociológicas continuam o seu caminho, tocando – muitas vezes – a curva tenebrosa do extermínio. Mas, as revelações do além túmulo, descem às almas, como orvalho imaterial, preludiando a paz e a luz de uma Nova Era. Numerosas transformações são aguardadas, e o Espiritismo esclarece os corações, renovando a personalidade espiritual das criaturas para o futuro que se aproxima” (219/207).

Apesar disso, o século XX já foi o palco de sanguinolentas guerras, feitas pela ambição e pela vaidade do homem sem fé. A partir de 1996, a Central Globo de TV levou ao ar uma das maiores criações da Televisão Brasileira: o "Telecurso 2000", da Fundação Roberto Marinho, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e outros. Nas lições 32 a 36 do curso de História Geral, tomamos conhecimento dos profundos acontecimentos internacionais, que até hoje repercutem na vida cotidiana de cada um de nós.

Nas décadas de 20 a 30 – afirma o "Telecurso 2000" – a Alemanha, a Itália e o Japão viviam sob regimes totalitários, nacionalistas e expansionistas, que não admitiam oposição; e esses países decidiram expandir suas fronteiras, conquistando terras alheias.

A Guerra Civil Espanhola – "Franco havia imposto à Espanha um regime ditatorial; com isso, algumas esquadras espanholas se rebelaram, como os socialistas, os comunistas e os anarquistas. E a Guerra Civil Espanhola veio da reação dessas forças insatisfeitas e rebeldes. Ela deixou um saldo de mais de 700 mil mortos, além de ter causado a emigração de outros 500 mil espanhóis, que tentavam escapar às perseguições do Generalíssimo Franco. Nos tempos daquela guerra, Hitler, Mussoline e Franco eram aliados; e aquela guerra foi usada como laboratório de experimentação para a II Guerra Mundial".

Prenúncio da Segunda Guerra — Em 1938, o mundo dos Espíritos prenuncia, no livro "A Caminho da Luz", a II Guerra Mundial, nos seguintes termos: "As guerras russo-japonesa e a européia de 1914-1918 foram pródromos de uma luta maior, que não vem de muito longe, e dentro da qual o planeta alijará todos os espíritos rebeldes e galvanizados no crime, que não souberam aproveitar a dádiva de numerosos milênios, no patrimônio do tempo. Então, a Terra, como aquele longínquo mundo de Capela, ver-se-á livre das entidades endurecidas no mal, porque o homem da radio-telefonía e do transatlântico precisa de alma e de sentimento, a fim de não perverter as grandes conquistas do progresso. Ficarão no mundo os espíritos que já puderam compreender as lições de amor e de fraternidade, sob a égide de Jesus (219/208). E a II Guerra Mundial aconteceu!

Segundo o "Telecurso 2000", depois de muitos anos de preparação para a guerra, esses países, tornando-se potências militares, decidiram conquistar o mundo. Naquele tempo, o Ocidente muito temia o avanço dos comunistas; por isso, os países fortes tentavam encontrar um meio de impedir o Comunismo Soviético de avançar sobre o resto do mundo. As grandes potências acreditavam que somente uma Alemanha forte poderia impedir o avanço da Revolução Comunista, que tendia a alastrar-se nos países vizinhos.

"Mas a Alemanha também se propôs a conquistar o mundo. Ela não estava apenas testando suas armas de guerra; enquanto ajudava as tropas de Franco, na Espanha, o exército alemão conquistou, para a Alemanha, alguns países, como a Romênia, a Áustria, a Tchecoslováquia, já em 1938. E isso aguçou-lhe, mais ainda, o desejo de expandir-se e de conquistar outros territórios estrangeiros. Então, o líder alemão – Adolf Hitler – aproveitou-se daquela situação e daquele clima anticomunista, para conquistar – ele mesmo – o mundo. Do outro lado do mundo, também o Japão, com sua poderosa arma de guerra, tinha ambições semelhantes".

Começa a Segunda Guerra — "Em 1º de setembro de 1939, as tropas alemãs

invadiram a Polônia e, com isso, a França e a Inglaterra declaram guerra à Alemanha. Aí começa a II Guerra. (...) E só em 2 de setembro de 1945, o governo japonês baixa as armas e se entrega, encerrando oficialmente a II Guerra Mundial. Vastas regiões da Europa, da África e da Ásia tinham sido arrasadas pelas bombas. (...) A guerra deixou feridas por todos os lados, principalmente depois do “Julgamento de Nuremberg”, que revelou, ao mundo inteiro, tudo o que acontecia na Alemanha, durante o regime nazista. Ali, milhares de judeus, de ciganos, de comunistas e oposicionistas em geral, foram cruelmente assassinados, nos campos de concentração”.

A II Guerra Mundial deixou um vergonhoso saldo de 50 milhões de mortos, 35 milhões de feridos e 3 milhões de desaparecidos. E, em consequência da radioatividade, espalhadas pelas bombas, décadas depois ainda nasciam, nas regiões asiáticas, crianças com defeitos congênitos.

E) O Mundo do Após-Guerra – A Guerra Fria

Terminada a II Guerra – continua o “Telecurso 2000” – o mundo político e geográfico sofreu profundas alterações: o Japão e a Itália perderam suas conquistas; a Alemanha foi dividida ao meio, separada pelo famoso “muro de Berlim”, ficando o lado Oriental ocupado pela URSS, e o lado Ocidental pelos EUA, Inglaterra e França.

Começa a Guerra-Fria – “Logo após à II Guerra Mundial, uma nova disputa teve início entre as super-potências vencedoras (EUA e URSS). Embora essas super-potências nunca tenham se enfrentado diretamente, elas se escondiam atrás de todos os conflitos, armados e não-armados; e essas disputas psicológicas ficaram conhecidas como “a guerra-fria”. O que estava em jogo era o controle econômico e militar do mundo. A URSS impôs sua hegemonia sobre os países do Leste Europeu (Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Bulgária, Albânia, Alemanha Oriental), com sistemas de partido único e economia socialista. Os EUA impuseram sua hegemonia sobre o mundo capitalista (Europa capitalista, Japão e América Latina)”.

A Criação da ONU – “Depois de tantas desgraças, os principais países vencedores da II Guerra se reuniram, para criar uma organização que evitasse um novo conflito mundial: a Organização das Nações Unidas – a famosa ONU. Ela foi criada para defender os direitos do homem, promover e manter a paz mundial; assegurar a igualdade de todos os povos, e resolver os problemas que afligem a humanidade, evitando conflitos armados entre os países; mas a rivalidade entre EUA e URSS, no pós-guerra, colocou a ação da ONU em planos secundários”.

A Criação do Estado de Israel – “Em maio de 1948, a ONU patrocinou a criação do Estado de Israel, dentro do território palestino. Mas, imediatamente, explode a guerra entre árabes e israelitas. (...) No mesmo ano, a ONU impôs um armistício, e centenas de milhares de judeus, do mundo inteiro, imigram para o Novo Estado de Israel. Em 1977, tivemos um ataque de Israel, quando ele se apoderou da Península do Sinai, da Faixa de Gaza e Cisjordânia”.

Julgamos oportuno lembrar que Cisjordânia é a região “do lado de cá do Jordão”; que foi na “Península do Sinai” que Moisés teria falado com Deus: que a “Faixa de Gaza” é a região onde teria vivido Sansão. Aquela antiga região do “povo de Deus” é hoje palco de discórdias militares, políticas e religiosas, um verdadeiro “baril de pólvora”. A fé na Bíblia foi insuficiente para se evitarem as guerras.

Os perigos de uma guerra — Durante a guerra-fria, colocaram o mundo à beira de uma destruição total. A qualquer momento poderia surgir uma “guerra-surpresa”, uma invasão inimiga, destruindo todo o planeta. E, durante muitas décadas, vivemos todos marcados pela incerteza, pela expectativa, pelo medo e pela insegurança. Porém, nem a antiga URSS, nem os EUA eram tão fortes, tão poderosos ou ameaçadores, como tentavam fazer-nos crer: ambos conviviam com profundos problemas internos e externos. Na manutenção de suas assustadoras máquinas de guerra, cada qual tentava parecer mais temível e respeitável.

Gorbachev, a Perestroika e a Nova Ordem Internacional — Foi nesse clima — orienta o “Telecurso 2000” que Mikhail Gorbachev subiu ao poder, na antiga União Soviética, prometendo reformas e mudanças profundas e imediatas. Suas reformas receberam o nome de “Perestroika”, e tinham o objetivo de restaurar a economia soviética, além de reformar as instituições governamentais, formadas por milhares de funcionários públicos e controladas pelo Partido Comunista Soviético”.

“Mas Gorbachev havia prometido, também, uma abertura ao capital estrangeiro; e isso ficou conhecido como “Glasnost”. Entretanto, alguns burocratas que controlavam o país, não gostaram das idéias de Gorbachev, principalmente os comunistas da chamada “linha dura”. Por isso, em 1992, eles tentaram dar um golpe militar, para retomarem o poder soviético; mas a tentativa do golpe comunista acabou acelerando, ainda mais, as reformas — e o comunismo, que ainda resistia — caiu de vez”.

Tudo isso, somado à Tecnologia Moderna, à automação, à robotização, à Informática e à Internet conduz a humanidade a uma nova era — a era da globalização das nações.

A Globalização, a Internet e as Barreiras Lingüísticas

A palavra globalização vem de globalizar, de globo (terrestre) e se caracteriza principalmente, pela abertura internacional dos portos; o aumento do intercâmbio industrial, comercial, financeiro e tecnológico entre as nações. São os países subdesenvolvidos e mais pobres os que mais diretamente sofrem as conseqüências desagradáveis da globalização. Grande parte dos problemas não são mais do que a eclosão de antigos erros e deficiências nacionais, que agora dificultam a adaptação do país à nova realidade internacional.

Ora, enquanto não retificarmos nossos vícios do passado, não modernizarmos nossa legislação, profissionalizarmos nossos trabalhadores, facilitar as empresas — não deixaremos de sentir os efeitos desagradáveis desta nova ordem internacional.

Em 1997, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), organismo internacional da ONU, informou que “dos três bilhões de trabalhadores, atualmente existentes no mundo, cerca de um bilhão deles se encontram atualmente desempregados”. Cada vez mais, dependeremos das outras nações e povos. Os países ricos da Europa estão criando uma nova moeda comum européia. Chegou a hora de enxergar o planeta inteiro como nossa pátria, e a humanidade como nossa família.

O Problema das Barreiras Lingüísticas — Ao falarmos em globalização, moeda intercontinental e mercado internacional, surge na mente o problema das barreiras lingüísticas. Há atualmente 2750 idiomas e dialetos.

No começo deste século, Lázaro Luiz Zamenhof, o Criador do Esperanto, escreveu, no seu livro “Essência e Futuro da Idéia de uma Língua Internacional”:

1) Sempre que a humanidade necessita de alguma coisa, em seu benefício, ela luta até atingir aquele objetivo; e a adoção de uma língua internacional é de grande valia para a humanidade inteira: cada povo aprenderá apenas a sua própria língua e mais uma língua auxiliar internacional;

2) A língua a ser adotada por todos os povos, como segunda língua, será uma língua neutra, e jamais uma língua imposta pelo poder econômico, político ou militar, que humilha os povos;

3) A língua a ser adotada será, inequivocamente, uma língua artificial, criada pela inteligência humana, de vez que as línguas nacionais existentes são difíceis, irregulares, imperfeitas, inflexíveis, o que impede a humanidade de aprendê-las, mesmo depois de longos anos de estafantes estudos;

4) Só existem, atualmente, duas línguas artificiais verdadeiramente prontas e completas – o Volapuque e o Esperanto – não passando as outras de meros projetos e tentativas frustradas; mas o Esperanto leva indiscutíveis vantagens sobre a outra língua artificial existente; portanto, o Esperanto é o mais sério candidato a tornar-se a segunda língua de cada povo;

Ele é mais fácil, mais regular, mais lógico, mais acessível; sua gramática compõe-se de 16 regrinhas fixas, invariáveis, sem exceção; seu vocabulário não foi inventado aleatoriamente, mas é formado de palavras já conhecidas e existentes nas línguas vivas da atualidade; sua pronúncia é assimilável por todos os povos. O Esperanto satisfaz a todos os requisitos lingüísticos, morfológicos, fonéticos e culturais da humanidade, atual e futura;

5) O Esperanto será adotado, mais cedo ou mais tarde, como primoroso veículo de intercâmbio cultural entre os diversos povos (Lázaro Luiz Zamenhof).

Sem dúvida, o Esperanto é 50% mais fácil do que qualquer língua viva da atualidade, e pode ser aprendido sozinho, sem professor, através de uma boa gramática e dicionários. A Organização máxima do Esperanto é a “Associação Universal de Esperanto” (Universala Esperanto Asocio – UEA), Rotterdam, na Holanda, mantenedora da Academia Universal de Esperanto, patrocinadora dos Congressos Internacionais e coordenadora de todo movimento esperantista do planeta. No Brasil, a entidade maior é a “Liga Brasileira de Esperanto” (Brazilia Esperanto Ligo-BEL), com sede em Brasília/DF. Entretanto, em todos os Estados e Municípios, há sempre associações esperantistas divulgando, ensinando e falando a língua internacional.

O Esperanto já possui cerca de 50 mil livros, escritos diretamente em Esperanto, ou para ele traduzido da nata das literaturas nacionais; e esperantistas do mundo inteiro se confraternizam através da Web, do rádio, da televisão, do telefone, de cartas e livros.

O Esperanto é uma língua fonética: como se escreve, se pronuncia, e como se pronuncia, se escreve. Toda palavra, com mais de uma sílaba, pronuncia mais forte a penúltima sílaba, sem exceção. As palavras são parentes entre si: trocando-se a vogal final de uma palavra, formam-se novas palavras: todo substantivo, termina, no singular, em “o” e no plural em “oj”; todo adjetivo no singular em “a” e no plural em “aj”; todo advérbio termina em “e”. Só há uma conjugação, daí, todo o verbo no infinitivo termina em “i”; há uma só terminação para todas as pessoas do mesmo tempo, porque só os pronomes e sujeitos variam. O tempo passado se expressa com a terminação “is”; o presente com “as”; o futuro com “os”; o

condicional com “us”; o imperativo, afirmativo ou negativo com “u”.

Além disso, há cerca de 70 prefixos e sufixos que, unidos a um radical, podem formar quase uma centena de palavras derivadas, ligadas à primeira por simples parentesco. Jamais poderíamos encontrar algo mais oportuno e fácil para este mundo de globalização.

4.3.0. A Família, a Juventude e a Moralidade Social

A) Família, a Célula Mater da Sociedade Humana

No livro “Vida e Sexo”, o espírito Emmanuel ensina que de todas as associações existentes na Terra, excetuando naturalmente a própria Humanidade, nenhuma talvez seja mais importante, em sua função educadora e regeneradora, do que a constituição da família. Temos, no instituto doméstico, uma organização de origem divina, em cujo seio encontramos os instrumentos necessários ao próprio aprimoramento, para a edificação de um mundo melhor (221/15). Por isso, devemos identificar no lar a escola via da alma. (...) Decorre daí a importância do conhecimento alusivo à Reencarnação, na base da família, como pleno exercício da Lei do Amor nos recessos do lar, para que ela não se converta, de bendita escola que é, em pouso neuróticos, albergando moléstias mentais dificilmente irreversíveis (221/21).

“Milhões de almas, detidas na evolução primária, jazem no planeta, arraigadas a débitos escabrosos, perante a Lei da Causa e Efeito. (...) Porque ninguém fere ninguém, sem ferir a si mesmo. (...) E não existe, no mundo, conjunções afetivas, sejam elas quais forem, sem raízes nos princípios cármicos, nos quais nossas responsabilidades são esposadas em comum” (221/33).

“Os laços de sangue não estabelecem, necessariamente, os laços entre os espíritos, porque o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não foi o pai quem criou o Espírito do filho; ele não fez senão fornecer-lhe um envoltório corporal, mas deve ajudar o seu desenvolvimento intelectual e moral para fazê-lo progredir. (...) Os verdadeiros laços de família não são os de consangüinidade, mas os de simpatia e de comunhão de pensamento, que unem os espíritos – antes, durante e após a sua encarnação. Disso decorre que dois seres, nascidos de pais diferentes, podem ser mais irmãos, pelo espírito, do que se o fossem pelo sangue; podem atrair-se, procurar-se, podem dar-se bem juntos; enquanto que dois irmãos consangüíneos podem se repelir, odiarem-se – como se vê todos os dias – problemas morais que só o Espiritismo pode resolver, pela pluralidade das existências” (204/XIV).

B) O Código Moral da Família

Há duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais, e as famílias pelos laços corporais. As primeiras, duráveis, se fortalecem pela depuração e se perpetuam no mundo dos Espíritos; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e, freqüentemente, se dissolvem moralmente desde a vida atual (204/XIV).

O espírito Emmanuel revelou que é o espírito que ama, e não o corpo; de sorte que, dissipada a ilusão material, o espírito vê a realidade. Há duas espécies de afeições: a do corpo e a das almas, acontecendo, com freqüência, tomar-se uma pela outra.

Quando pura a simpatia, a afeição é duradoura; efêmera é a do corpo. Daí vem que, muitas vezes, os que julgavam amarem-se com eterno amor, passam a odiarem-se, desde que a ilusão se desfaça (221/60). E o espírito André Luis escreveu: Fora do amor verdadeiro, toda união é provisória.

Emmanuel nos informa que os espíritos a nós vinculados, no âmbito doméstico, estarão não somente a cobrar-nos o pagamento de contas certas, mas – sobretudo – a esmolar-nos compreensão e assistência, tolerância e misericórdia, para que se refaçam perante as Leis do Destino. E a união supostamente infeliz deixa, portanto, de ser um cárcere de lágrimas, para tornar-se um educandário bendito para todos (...) a fim de se quitarem com os princípios da Causa e Efeito (221/44).

O filósofo Will Durant observou, no livro “Filosofia da Vida”, que a família tem sido o veículo dos costumes e das artes, das tradições e da moral. É a primeira unidade social em que o indivíduo aprende a lealdade e a obediência. Mas logo que deixa a terra firme do lar, a criatura mergulha na sociedade maior, e perde a boa-vontade cooperante, adquirida na família (121/94).

"A migração da indústria, do lar e do campo, para as fábricas ou para as estradas, rompeu os liames que prendiam os filhos aos pais, na unidade conservadora do lar. A lealdade familiar e o devotamento filial estão desaparecendo, de modo que as emoções se canalizam para outro rumo. (...) Por toda a parte, a espontânea cooperação da sociedade familiar se enfraquece e encontra precários substitutos nos laços externos da lei e da ordem, da doutrinação e da compulsão. E o individualismo econômico e político se duplicam num individualismo semelhante ao das épocas em que as grandes civilizações do passado dissolveram" (121/95).

C) Vinculações e Desvinculações Afetivas

Significam reaproximação de antigos contendores, para o progresso em comum, ou para acerto de contas passadas. É o reencontro de almas ligadas, no passado.

Há aproximação afetiva ou conjugal com a finalidade de “desvinculação” ou de “descomprometimento” entre duas almas que se entrelaçaram indevidamente nos terrenos do amor. Por isso, algumas vezes, podemos identificar, em um vínculo afetivo, a esposa exercendo as funções de pai, de filho, de irmão, de amigo ou de educador do seu cônjuge, ou vice-versa. A maioria das vinculações atuais são provas e expiações. E nas uniões por prova e expiação encontramos as causas mais próximas, da violência, dos desentendimentos, das lesões e até homicídios. As almas se mostram ainda incapazes de perdoar, de cooperar e amar.

D) A Educação Moral na Juventude

Os jovens de hoje serão os homens de amanhã e a eles cabe a tarefa de administrar a sociedade do III milênio. Cumpre-nos educá-los agora, para que não destruam o progresso da Civilização. Os valores morais do homem e da espécie são os mesmos, desde que o mundo é mundo; somente a avaliação ou apreciação desses valores mudam, no correr dos tempos, atendendo a interesses da época. Entretanto, há valores morais e espirituais que estão sendo negligenciados em nossos tempos.

Mas, como disciplinar a adolescência, neste mundo tão conturbado e esquecido de Deus? Como cuidar de seu futuro espiritual, neste mundo sem fé?

Para Will Durant, os homens perderam a fé e tendem a passar das antigas repressões e cautelas às mais inquietas experimentações; é a pena que a nossa moralidade paga por ter-se baseado em crenças sobrenaturais. O velho código moral punha seus alicerces no medo da punição aqui, no medo do inferno ali; mas a expansão da cultura é desastrosa para o medo. E a cultura se expandiu, e o velho código moral já não podia subsistir. Nossa vida intemperante está a reclamar nova ética, baseada na natureza e nos valores da vida humana (121/96).

"Hoje, já sabemos que a moralidade da repressão e do temor perderam sua força sobre o homem; e agora somos forçados a procurar uma moral natural, que se apóia em alguma coisa aceitável pela inteligência: um código capaz de convencer até aos mais altamente educados" (121/98).

Porém, a juventude de hoje está entregue às influências nocivas: não há segurança, nem respeito, nem exemplos nobilitantes, nem dentro de casa, nem nas ruas. Nossa juventude se vê constantemente insultada pela violência, pela criminalidade, pelas drogas e pelo mau comportamento. Em casa, a telemídia – com honrosas exceções – completa o trabalho de “deseducar a juventude”. No Brasil há, atualmente, programas televisionados que são um verdadeiro “atentado ao pudor”, aulas de “relaxamento dos laços da família”, de “falsas idéias a respeito da responsabilidade do ser pensante”, de “cursos de licenciosidade e irresponsabilidade moral”.

Já vai passando a hora de se reivindicar a educação da juventude, à preservação dos laços da família e à manutenção da moralidade humana”. Não se pode confundir “direito e liberdade de manifestação”, com “licenciosidade e ameaça moral. Talento, criatividade, arte e direito de expressão não se misturam com irresponsabilidade.

E) Como Encontrar uma Nova Ética?

Se a matéria é passageira e só o Espírito é imortal, segue-se que a educação do espírito se torna mais importante do que a própria saúde. E Nietzsche fez notar que “tudo é possível a um mundo que perdeu a crença em Deus”. E não nos parece razoável entregar a educação moral e espiritual da humanidade a pessoas e instituições materialistas, que tentam negar a existência do princípio espiritual nas criaturas humanas.

Infelizmente – opina Will Durant – o único aparelho de que dispomos para harmonizar os interesses da indústria com o bem público é o estado; e o estado não constitui uma entidade moral. Cem vezes melhor que os homens possam criar seus próprios métodos de cooperação e controle, do que tenham de confiar isso a funcionários. Esperamos que o tumulto chegue ao fim e que, por meio do processo de experiência e erro, surja outra ordem social mais nobilitante para o homem. Não podemos satisfazer nossos corações com nenhuma ética que ponha de lado o grupo... (121/99).

A nosso ver, a crença na pluralidade das existências nos levaria à adoção de novo código de ética. Não é mais o “temor de Deus”, mas o conhecimento da “Lei da Causa e Efeito” que fará o homem temer a si próprio.

4.4.0. A Reeducação do Homem Espiritual

A) - O Homem na Era da Razão

Os principais fatores que conduziram o homem medieval à Era da Razão foram: a invenção do papel, a criação da imprensa metálica, o Sistema Heliocêntrico de Copérnico, o Renascimento Cultural e o desenvolvimento das Ciências Experimentais. Mas, tendo aprendido a pensar, o homem descobriu, também, a inconsistência de sua fé, que se fundamentava nos textos bíblicos.

B) Para a Era da Razão, Só uma Fé Raciocinada

Vimos que a “fé cega” acaba levando o crente à dúvida e ao cepticismo; que só uma fé raciocinada pode levar a criatura à coerência, à responsabilidade moral. Mais do que nunca, a Humanidade necessita hoje de uma fé raciocinada, endossada pelo desenvolvimento intelectual e mental do homem.

Os espíritos ensinaram que “Fé inabalável só aquela que pode encarar a razão, face a Deus, em todas as épocas da humanidade”.

O “Evangelho Segundo o Espiritismo” nos ensina: “Tende fé em tudo o que ela tem de bom e de belo, em sua pureza e racionalidade. Não admitais a fé sem controle, filha cega da cegueira. Amai a Deus, mas sabei porque o amais; crede em suas promessas, mas sabei porque nela credes; segui os nossos conselhos, mas interai-vos do fim que vos mostramos e dos meios de que vos trazemos para atingí-los. Crede e esperai, sem jamais fraquejar: os milagres são obras de fé” (204,XIX).

C) Estamos em um Mundo de Provas e Expições

Todos os seres da criação estão submetidos à Lei Universal da Evolução e do Progresso, e nós da Terra nos encontramos ainda em um mundo inferior – mas a vida continua além dela. A terra não é um vale de lágrimas, onde Deus teria colocado seus filhos amados; é uma escola atrasada para as almas principiantes, onde – mediante provas e expiações – o espírito inexperiente e o devedor quitam seus débitos e adquirem experiências indispensáveis. A felicidade ou infelicidade, é relativa ao desenvolvimento mental e espiritual de cada um: nossos sofrimentos são resultados de nossa invigilância, do presente ou do passado. É aqui – e não no purgatório ou no inferno – que sofremos os efeitos de nossas ações impensadas e contrárias às Leis de Deus. E cada qual recebe, aqui, de conformidade com a sementeira. Dos 6 bilhões de espíritos, atualmente encarnados na Terra, cada um é um caso particular, em assunto de Causa e Efeito, perante a Justiça de Deus.

D) Mas a Morte não Mata a Vida

E a “Doutrina dos Espíritos” veio nos provar, com fatos materiais, que a morte não interrompe a vida, que a morte foi derrotada pela imortalidade da alma.

No livro “Memórias de um Suicida”, o autor espiritual relata a observação daquele cirurgião hindu, no Hospital Maria de Nazaré: “Não, meu amigo, não morreste! Não morrerás jamais, porque (...) a morte não existe na Lei que rege o Universo... A vida não residia naquele teu corpo físico-terreno, e sim neste outro que vês e contigo sentes no presente momento, o qual é o que realmente sofre, o que realmente vive e pensa, e traz a qualidade sublime de ser imortal” (209/83). Na mesma obra, outro autor espiritual prossegue: “Já tereis compreendido que jamais haveis de morrer. Jamais

conseguireis desaparecer da frente de vós mesmos, ou da frente do Criador do Universo. E isto acontece porque sois criaturas emanadas do “Fluido Eterno, na Mente Divina”; em vós reside a Vida Eterna daquele que vos concedeu a glória de vos criar para toda a eternidade. Para que, pois, haveis de vos recalçar contra a vossa origem divina?” (209/405).

O medium-orador Divaldo Pereira Franco, em uma de suas palestras, asseverou que o Espiritismo matou a morte; que a morte não ceifa a vida; que morrer é apenas transferir-se de uma realidade para outra, sem que se saia necessariamente da vida... “E a Doutrina Espírita é o anticorpo deste caldo de cultura malicioso que está fomentando desaires e perturbações. (...) É o antídoto contra as calamidades que visitam a Terra. (...) Enquanto lá fora acompanhamos a queda dos valores morais da civilização, sentimos a urgência de levar Jesus de volta, através da mensagem espírita, para que o homem se reencontre consigo mesmo, e a paz e a verdade se restabeleçam em seus corações”.

E) E o Nosso Objetivo é Jesus

O Mundo Invisível nos envia os seguintes lembretes e conselhos:

1) No Livro “Fonte Viva”, do espírito Emmanuel:

“Estamos informados de que o nosso objetivo é Jesus (cap. 3); que somente constrói, sem necessidade de reparação e corrigenda, aquele que se inspira nos padrões de Jesus, para criar o bem (cap. 02); que a vida é um curso adiantado de aprimoramento (cap. 54); que, em assuntos de vida cristã, propriamente considerada, as únicas paixões justificáveis são as de aprender, de ajudar e de servir (cap. 55); que a ignorância é apenas uma grande noite, que cederá ao sol da sabedoria” (cap. 86).

Segundo Emmanuel, “se o homicida conhecesse, de antemão, o tributo de dor que a vida lhe cobrará, no reajustamento do seu destino, preferiria não ter braços para desferir o golpe. Se o ingrato percebesse o fel de amarguras que lhe invadirá, mais tarde, o coração, não perpetraria o delito da indiferença. Se o egoísta contemplasse a solidão infernal que o aguarda, nunca se afastaria da prática infatigável da fraternidade e da cooperação. Se soubéssemos quão terrível é o resultado de nosso desrespeito às Leis Divinas, jamais nos afastaríamos do caminho reto (cap. 138). Não te esqueças de que as circunstâncias se modificam com as horas, e que nem todos os dias são iguais (cap. 152); recorda de que todos nos achamos em processo de educação e reeducação, diante do Divino Mestre (cap. 158); e que o mal, em qualquer circunstância, é a desarmonia frente à Lei, e todo o desequilíbrio redundará em dificuldades e sofrimentos; sem perseverança no bem, não há caminho para a felicidade” (cap. 176).

2) No Livro “Cartas e Crônicas”, do Irmão X:

“Quem diria, no limiar deste século, que o mundo seria conduzido às facilidades que atualmente lhe favorecem a vida?... Entretanto, meu amigo, punge-nos observar o atraso de sentimentos, quando comparado ao raciocínio. (...) Quase sempre, o engenheiro que constrói pontes admiráveis, solucionando aflitivos problemas de trânsito, não sabe caminhar pacificamente dentro de casa. Há cirurgiões exímios, que subtraem úlcera duodenal e extirpam o câncer, ignorando como fazer a oclusão de um desgosto doméstico...”

“Temos estudiosos que analisam a posição das galáxias... mas não conseguem

ver a necessidade de amor na residência que lhes é própria. Encontramos viajantes que excursionam pela terra inteira, dependendo milhões, mas desconhecem como viver em paz no domicílio em que nasceram. Vocês dispõem de especialistas em todos os gêneros... contudo, não se sabe ainda como resolver as desarmonias da parentela, os enigmas das paixões animalizantes, as aflições do tédio, nem as predisposições para o suicídio e as aberrações da vaidade".

"As rixas de marido e mulher, as bocas maldizentes, a desilusão com os amigos, a ingratidão de muitos jovens e a rabugice de muitos velhos são chagas morais tão deprimentes no século XX, como na recuada era dos faraós. E penso, então, como seria importante a criação de máquinas que nos dessem juízo equilibrado, honestidade e paciência, discernimento e vergonha. (...) Assim sendo, não vale subir à estratosfera e descer no abismo oceânico, alardeando o orgulho vão de quem domina por fora, derrotado por dentro" (cap. 10).

3) Finalmente, no Livro "Agenda Cristã", do espírito André Luis:

"Não se esqueça de que Deus é o tema central de nossos destinos; lembre-se de que o mundo não foi feito apenas para você (cap. 02). Procure agir para o bem, enquanto você dispõe de tempo; é perigoso guardar a cabeça cheia de sonhos, com as mãos desocupadas... Ajude o próximo, enquanto as possibilidades permanecem ao seu lado; chegará o momento em que você prescindirá do auxílio dele. Acerte suas contas com o vizinho, enquanto a hora é favorável; amanhã, todos os quadros podem surgir transformados (cap. 14). Não basta que a tua boca esteja perfumada; é indispensável que ela permaneça incapaz de ferir (cap. 22). Evite a impaciência: você já viveu séculos incontáveis e está diante de milênios sem fim" (cap. 30)

"Que Deus está conosco, em todas as circunstâncias, é verdade indiscutível; todavia, se você não estiver com Deus, ninguém poderá prever até onde descera o seu espírito, no domínio da intranquilidade e das sombras" (cap. 50).

"Se você está governado, efetivamente, pelo ideal superior, esqueça o amigo que deserdou, a mulher que fugiu, o companheiro ingrato e o irmão incompreensível. Todos eles estão aprendendo e passando, como acontece a você mesmo... O que importa é a intensificação da luz, o progresso da Verdade e a vitória do Bem" (cap. 44).

Assim caminha a humanidade terrestre!!!

GLOSSÁRIO

Animismo é toda manifestação, todo fenômeno, físico ou inteligente, produzido pela alma humana (anima). inclui a crença na existência, sobrevivência, influência e comunicação dos espíritos; a necromancia ou evocação dos mortos; o aparecimento de espírito ou fantasmas; a magia, o encantamento, as curas espirituais, a revelação de coisas ocultas e futuras. Está conforme as Leis de Deus, expressas na Natureza, por isso mesmo, não constitui privilégio de qualquer pessoa, qualquer tempo ou lugar. Está registrado em todos os livros religiosos do passado e do presente, inclusive na Bíblia judaica.

Anticristo – conceito popular e teológico de um adversário, um inimigo, um Antideus, proposto a desfazer as obras de Deus e a induzir a humanidade à perdição e à condenação eterna. Segundo a cultura popular, já apareceram dois anticristos: Napoleão e Hitler. E há quem aguarde o III anticristo neste final do milênio. Entretanto, no Novo Testamento, a I Epístola de João: II: 18 fala: anticristo é um falso Messias, que virá antes do fim do mundo, para tentar estabelecer uma religião oposta à de Jesus Cristo. IV:3, todo espírito que confessar que Jesus veio em carne, é de Deus; 4) e todo o que divide Jesus, não é Deus, mas um anticristo.

Antítese – é uma proposição ou juízo que mostra a oposição entre duas idéias; esta oposição pode ser contraditória ou simplesmente contrária à tese. Na Lógica Transcendental, de Kant, como – depois dela – na terminologia de Fichte, de Hegel e de nossos filósofos atuais, a antítese é o oposto à tese. Na tese, apresenta-se uma

idéia, um juízo, um ponto de vista; na antítese, opôs-se àquela idéia contida na tese.

Antropomorfismo – do grego (“anthropus”, homem, e “morphê”, forma). É o nome que se dá à idéia filosófica que empresta a Deus, ou aos deuses, a forma ou caracteres humanos. O conceito de Deus, no Antigo Testamento, como ainda nas religiões convencionais, é antropomórfica.

A Posteriori – Diz-se do conhecimento que vem diretamente da experiência feita, ou dela derive. É o contrário de “a priori”, que é um conhecimento ou ponto de vista tirado intuitivamente antes da experiência.

Axioma – É uma proposição ou juízo universalmente válido, por ser evidente, e por constituir uma regra geral para um pensamento lógico a respeito de uma idéia, sem a exigência de demonstração prática.

Céu – Do latim “coelum”, espaço ilimitado onde se movem os astros. Para os antigos, havia diferentes esferas sólidas e diáfanas, concêntricas à terra e – por meio delas – os antigos procuravam explicar os movimentos dos planetas. Para Aristóteles, o primeiro céu era a última esfera, a das estrelas fixas; e chamavam de “ sétimo céu ” à esfera de eterno gozo, o céu da felicidade; e o “céu empíreo” era considerada a “morada dos bem-aventurados”.

Criacionismo – Uma posição filosófica entre o panteísmo e o dualismo. Para o criacionismo, todas as coisas foram criadas por um Ser Todo Poderoso, um Criador que as tirou do “nada”; tendo Deus feito o mundo perfeito, completo e acabado, não admitindo mudanças nem transformações, o criacionismo não admite o Evolucionismo.

Cristo – É uma palavra grega que significa “o unguido, aquele sobre o qual se derramou óleo na unção”. Acreditando ser Jesus o enviado prometido no Antigo Testamento, os gregos aplicaram-lhe o sobrenome de “Cristo”, para qualificá-lo como “o enviado de Deus” mandado para a remissão dos pecados humanos. Cristão (do latim Crhistianus) é o nome atribuído aos seguidores de Cristo, ou daqueles que lhe atribuem uma personalidade crística.

Cristianismo – Não é a doutrina de Jesus (que seria Jesu-ismo), mas, etimologicamente, Cristi-an-ismo significa “a doutrina dos seguidores de Cristo” ou que acreditam ser ele “o Cristo de Deus”. A Cristologia é o conjunto de doutrinas teológicas que tratam da natureza e personalidade de Cristo, discutindo as promessas de um Salvador, a Divindade ou não de Jesus, etc.

Demiurgo – Do grego, significa “artesão, construtor, o Ser Construtor do Universo”, mas que é distinto do Ser Supremo. Para Platão, demiurgo é o Criador do Universo, que organizou a matéria pré-existente – sendo uma criatura intermediária entre a natureza divina e a humana.

Demônio – Do grego “daímon, iluminar, fazer brilhar o fogo, uma chama”. Passou para o latim “demonium”, um espírito maligno, um gênio do mal. Demônios era o nome que se davam às entidades espirituais inferiores aos deuses, mas superiores aos homens. Já no Antigo Testamento, demônio é sinônimo de maligno; e, desde então, empregou-se esta palavra para indicar os “maus espíritos”. Já a palavra “diabo” vem do grego “diabolo” e significa “o que pressiona, o que inspira ódio ou miséria”. No mosaísmo e, depois, no Cristianismo, diabo é o espírito ou gênio do mal, o mesmo que demônio, satã, ou anjo rebelde, expulso do céu por contrariar o poder de Jeová.

Deus – Do grego “theos, o que vê”; é o princípio supremo e superior à natureza; o ser não-criado, a causa primeira de todas as coisas. Deus imanente é o conceito

segundo o qual “Deus imana, permana, permanece no mundo”; é o contrário de “Deus transcendente”, segundo o qual, “Deus transcende, está fora do mundo”.

Dialética – Vem do grego (“dialektike”) e possui diversos significados: pejorativamente, dialética significa “a arte de enganar”, é uma lógica puramente abstrata. Possui, ainda, um sentido eminente “a arte de esclarecer, a arte de descobrir a verdade através das idéias; é a arte da discussão, uma lógica concreta”. Hegel dividiu a dialética em três momentos distintos: a tese, a antítese e a análise – caminhos que nos levam à conclusão.

Diofisitas – Eram aqueles que acreditavam haver em Jesus duas naturezas, uma divina e outra humana; opõem-se aos monofisitas, que admitem haver em Jesus apenas a natureza Divina.

Dualismo – Doutrina filosófica e teológica que afirma a coexistência de dois princípios opostos no universo, os quais são igualmente necessários e eternos, como – por exemplo – a matéria e o espírito, o bem e o mal, Deus e o Adversário. O dualismo religioso surgiu na Pérsia (Deus Ahura-Mazda e o seu Adversário Arihman) e passou para o Judaísmo e o Cristianismo.

Era Cristã – Segundo o padre Raphael Galanti, em História Universal, sabe-se que a Era Cristã foi introduzida por Dionísio, o Pequeno, que faleceu em 540; ele foi monge de origem cita, que fixou o nascimento de Cristo 753 anos depois da fundação de Roma. Parece, porém, que, nesses cálculos, se insinuou um pequeno erro, e que o nascimento de NSJC deve ser colocado, pelo menos, no ano 749 ou 748 depois da fundação de Roma, pois, de um lado, conforme o Evangelho, é certo que Jesus veio ao mundo dois ou três anos antes da morte de Herodes I, O Grande; por outro lado, a História assevera que Herodes I faleceu em março de 750, da fundação de Roma (45/105).

Além desse equívoco, Dionísio não computou o “ano zero”; com isso, a primeira década começou no ano 01 dC, o primeiro século em 001 e o primeiro milênio em 0 001. Isso faz com que o III milênio se inicie em 01-01-2001.

Escatologia – Disciplina filosófica que estuda os fins últimos do homem e do universo, como o “Juízo Final e o Fim do Mundo”.

Espírito – Do latim “spiritus”, etimologicamente significa “sopro, respiração”. É a individualização do princípio inteligente do universo, do mesmo modo que “corpo” é a individualização do princípio material. “Espírito familiar” é o nome atribuído aos parentes e amigos mortos, nas páginas do Antigo Testamento. Espírito Santo seria o espírito de Deus, em forma de uma pomba ou de uma língua de fogo, que se manifesta aos seres humanos e é considerado uma das três naturezas de Deus.

Espiritismo – Significa, etimologicamente, “Doutrina, conjunto de Ensinamentos dos Espíritos”, e só foi codificado por Allan Kardec, na França, entre 1857-1868. Kardec escreveu que “tudo isto foi ensinado e revisado pelos Espíritos, apenas a ordem das matérias foi estabelecida por aquele que recebeu a incumbência de publicá-los”. O padre Boaventura Kloppenburg, escreveu que “em 1857, Allan Kardec publicava, na França, o Livro dos Espíritos e, com essa obra surgia, pela primeira vez na história da humanidade, a palavra Espiritismo”.

Espiritualismo – Doutrina segundo a qual existe, no ser humano, um princípio pensante, inteligente e espiritual, independente da matéria, princípio que sobrevive à decomposição molecular do corpo. O Espiritualismo é o oposto do materialismo, que só reconhece a existência da matéria inerte.

Evolucionismo – Doutrina biológica segundo à qual, “tudo na natureza está em mudanças, transformações, adaptações e evolução”, não ao acaso, mas movendo-se em determinada direção. Em 1859, o cientista inglês Charles Darwin, publicou o livro “As Origens das Espécies”, no qual expôs a “Teoria Geral da Evolução”. O Evolucionismo não nega a existência de Deus, nem o Criacionismo – ele mostra que, no correr dos milênios, os organismos inferiores foram se transformando, se adaptando e evoluindo, até atingirem as formas atuais.

Exegese – É a análise e interpretação de um texto, termo que se aplica mais precisamente aos textos da Bíblia. Exegeta é a pessoa que analisa e interpreta o referido texto.

Geena – Palavra hebraica (“gêhimom”), que veio de (“gêhene” Hinnom”), um vale dos filhos de Enom, situado a sudeste de Jerusalém, onde os israelitas, ao tempo de Ezequias, imolavam crianças ao deus fenício Moloc, degolando-as e passando-as ao fogo. Do hebraico, passou para o grego (“geéna”), que passou para o latim (“gehena”). Renan e Kardec definem a Geena como um monturo, um lugar em Jerusalém, onde, ao tempo de Jesus, se queimava o lixo da cidade.

Hades – Vem do grego “Haidés”, o deus do submundo. O reino por ele dominado se chama Hades – o reino da morte, a morada dos mortos, para onde vão todos, indistintamente.

Herança genética ou cromossômica – Teoria que tenta negar a Reencarnação e a Memória Extra-Cerebral, explicando as experiências de regressão e lembranças, como herança genética ou cromossômica. De acordo com esta teoria, os conhecimentos e experiências que podem aflorar na atualidade não foram vividos por nós mesmos, mas por nossos antepassados, que nos transmitem através dos cromossomos, sua cultura e experiências pessoais. No livro “Muitas Vidas, Muitos Mestres”, o Dr. L. Weiss, do Monte Sinai, nos EUA, analisou e rejeitou a referida teoria, por incapaz de explicar verdadeiramente todos os fatos.

Heterodoxia – É um posicionamento, um juízo ou opinião não-ortodoxa, isto é, contrária a crença oficializada e canonicamente defendida.

Ícones e iconoclastas – Ícones quer dizer imagens de santos; e iconoclastas são os destruidores das imagens. Depois da Reforma Protestante, a Igreja Católica lutou contra os iconoclastas, e declarou lícito o culto das imagens e a adoração dos santos.

Inferno – Do latim “infernum”. Na antiguidade, inferno era considerado um lugar inferior, no centro da terra, a morada dos mortos, a terra da escuridão, para onde iam todos, santos ou ladrões, gênios ou idiotas. Da Suméria até a Pérsia de Zoroastro, este era o conceito de “inferno”. E foi precisamente a reforma religiosa feita por Zoroastro, no século VI aC, que conceituou “inferno” como um lugar de punições e castigos para as almas dos réprobos. E este conceito passou, ainda durante o cativeiro da Babilônia, para a teologia judaica e, posteriormente, para a teologia cristã.

Karma – É um termo sânscrito que significa, para os indianos, “a lei da ação e reação, ou lei do movimento”, Para os hindus é o karma que estabelece as condições, boas ou más, das futuras reencarnações.

Lei da Causa e Efeito – De acordo com os ensinamentos dos Espíritos Superiores, é a Contabilidade Divina que anota todos os débitos e créditos de cada criatura humana, registrando as causas e os efeitos decorrentes dos atos humanos. André Luís escreveu que toda causa produz um efeito, e todo efeito deriva de uma causa anterior; e que a Lei da Causa e Efeito rege tanto o mundo físico quanto o moral e espiritual”.

Chama-se “anacronismo” a inversão ou confusão entre a causa e o efeito. Deus não pune nem se vinga de ninguém; é a Lei da Causa e Efeito que determina as provas e expiações de cada espírito matriculado na escola evolutiva dos seres.

Lei de Talião – Lex Talionis ou “Lei da Equivalente Retaliação” é a aplicação da Lei de Hamurábi e, mais tarde, a lei de Moisés, que a atribuiu a Deus: “olho por olho, dente por dente, quebradura por quebradura... Tal seja o mal praticado por alguém, tal será o que deverá sofrer na própria pele”.

Matéria e Materialismo – Matéria é a individualização do princípio corpóreo do universo. Materialismo é a doutrina filosófica e científica segundo a qual a vida é o resultado de forças e leis físicas e químicas, sem se cogitar da existência do espírito.

Mecanicismo – É uma hipótese científico-filosófica que tenta explicar todos os fatos existentes, inclusive os psicológicos, como resultados das leis mecânicas.

Médium e Mediunidade – A palavra latina “médium” significa “meio, intermediário”, e designa certas pessoas que possuem uma aptidão natural para ser intermediário entre os mortos e os vivos. Há uma centena de modalidades de médiuns, quase todas descritas no Livro dos Médiuns, de Allan Kardec. E Mediunidade é a capacidade que os médiuns possuem de se comunicarem com as inteligências incorpóreas ou invisíveis.

Messias – Do hebraico passou para o latim, como “Messias”, o enviado, o Mensageiro de Deus.

Metafísica – Doutrina filosófica que tem por objeto estudar os princípios do nosso conhecimento, a essência das coisas, as causas primárias de todas as coisas, os primeiros princípios. É também chamada de “transfísica” e surgiu depois da física. Os métodos da Metafísica são: o método “a priori”, o método indutivo ou “a posteriori” e o método concreto ou “dialético”.

Metáfora – É uma figura de linguagem que consiste em tomar um termo por outro, aproveitando-se de sua semelhança, “os dentes do tempo, a foice da morte, a aurora da vida, a parteira da verdade” são figuras de metáfora.

Metapsíquica – É o nome da ciência criada em 1905, por Charles Richet, com a finalidade de estudar o “Ocultismo Científico”, através dos fenômenos físicos e psíquicos que parecem revelar a presença de uma inteligência oculta”. Em 1920, a Metapsíquica se transformou em Parapsicologia; e, desde 1952, a Parapsicologia é conhecida e respeitada como ciência de vanguarda.

Paráclito – Do latim “paracletum”, o Espírito Santo, o Mentor, o Intercessor, o Advogado, o Consolador prometido por Jesus no Evangelho de João.

Paradoxo – Vide “deguste filosófico”, na 1ª página do livro/

Parapsicologia – É o atual nome da Metapsíquica fundada por Richet.

Religião – Antes de Cícero, significava “tratar com zelo, com cuidado”. Depois disso, com a divulgação da crença no “pecado original”, que teria legitimado a expulsão do homem do paraíso e o seu afastamento de Deus, surgiu a palavra “religio”, de relicare, religar, ligar de novo”, como um caminho para “religar” o homem ao seu Criador, do qual foi afastado pelo pecado original.

Sincretismo Religioso – É uma mistura de diversas crenças, dogmas, rituais e cultos religiosos em um mesmo indivíduo; é uma mistura de fés diversificadas e até contraditórias. No atual Sincretismo Religioso Brasileiro, de Umbanda, Quimbanda e Candomblé, encontramos elementos do catolicismo, do fetichismo, da magia e do africanismo.

Bibliografia Geral

1.0. Fontes Textuais da Fé Convencional (tese)

1.1. De 01 a 09, Bíblias e Livros Sagrados

01 – O Baghavad-Gitã Como Ele é, de sua divina graça^a C. Braktivedanta Swami Prabhapãda, do inglês traduziu Hridayãnda dâsa Goscâmi, pela Braktivedanta Book Trust, São Paulo, 3ª edição

02 – Vulgata Latina (texto em latim) (Iuxta Vulgatam Versionem) Deutsche Bibelgesellschaft, Deutschland, 1983;

03 – O Sagrado Alcorão (do árabe “Wur-am”), (a Leitura Excelente), traduziu El Hayer, Tangará Expansão Editorial, SP, 1979;

04 – Bíblia Sagrada, em português, edição católica, da Vulgata Latina, traduziu o padre Matos Soares, Ed. Paulinas, SP, 10ª ed., 1973;

05 – Bíblia Sagrada, em português, edição protestante, traduziu João Ferreira de Almeida, Imprensa Bíblica Brasileira, RJ, 1978;

05ª – La Santa Bíblia, Antiquo y Nuevo Testamento – Antiqua versión de Casidoro de Reina (1569), con todas las revisiones hasta 1960 – Sociedades Bíblicas Unidas, en America Latina, 1960;

06 – La Sainte Bible, edition en Français, traduite d’après les textes Originaux hébreu et grec, par Louis Second, Societé Biblique;

07 – La Sacra Bibbia, edizione in italiano, tradotti da Giovanni Diodati, Libreria Sacre Escripiture, Roma, 1979;

08 – The Bible. english edition, by Bible and Foreign Society, London, 1957;

09 – La Sankta Biblio, eldono en Esperanto, Malnovaj kaj Novaj Testamentoj, tradukitaj el la originalaj lingvoj, de Drº Lazaro Ludoviko Zamenhof, Kreinto de Esperanto, Britaj kaj alilandaj Biblia Societo, Londono, 1978;

1.2. De 10 a 28, Encíclicas Papais e Documentos Conciliares

10 – Pio IX, papa, 1846, Encíclica “Qui Pluribus”, Sobre os Erros Contemporâneos e os Meios de os Combater, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 3ª ed., 1960;

11 – Pio IX, papa, 1854, Bula “Inefábilis Deus”, Sobre a Imaculada Conceição de Maria, Vozes, 3ª ed., 1959;

12 – Pio IX, papa, 1854, Encíclica “Sobre as Doutrinas Errôneas”. Vozes, Petrópolis, 1959;

13 – Pio IX, papa, 1861, Encíclica “Quanta Cura” e “Silabo”, Sobre os Erros do Naturalismo e do Liberalismo, Vozes, 3ª ed., 1959;

14 – Vaticano, Constituição Dogmática do I Concílio Vaticano, em 1870, Sobre a Fé e a Igreja, Vozes, 2ª ed., 1959;

15 – Leão XIII, papa, 1879, Encíclica “Aeterni Patris”, Sobre a Filosofia Cristão, Vozes, 3ª ed., 1956;

16 – Leão XIII, papa, 1884, Encíclica “Humanum Genus”, Sobre a Maçonaria,

Vozes, 4ª ed., 1960;

17 – Leão XIII, papa, 1897, Encíclica “Divinum Illud Múnus”, Sobre o Espírito Santo, Vozes, 2ª ed., 1946;

18 – Pio X, papa, 1904, Encíclica “Ad Diem Illud”, Sobre a Imaculada Conceição de Maria, Vozes, 3ª ed., 1959;

19 – Pio X, papa, 1906, Encíclica “Vehemens Nos”, Sobre as Relações Igreja-Estado, Vozes, 2ª ed., 1957;

20 – Pio X, papa, 1907, Encíclica “Pascendi Dominice Grecis” e Decreto “Lamentábilis”, Sobre as Doutrinas Modernistas, Vozes, 3ª ed., 1959;

21 – Pio X, papa, 1910, Encíclica “Notre Charge Apostolique”, Sobre os Erros de Sillon, Vozes, 2ª ed., 1953;

22 – Pio XI, papa, 1931, Encíclica “Lux Veritatis”, Sobre o Concílio de Éfeso, Vozes, 3ª ed., 1959;

23 – Pio XI, papa, 1937, Encíclica “Divini Redemptori”, Sobre o Comunismo Ateu, Vozes, 8ª ed., 1963;

24 – Pio XII, papa, 1950, Encíclica “Humani Generis”, Sobre Algumas Doutrinas Errôneas, Vozes, 4ª ed., 1961;

25 – Vaticano – Constituição Dogmática “Lumens Gentium”, Sobre o II Concílio Vaticano, Vozes, 4ª ed.;

26 – Boaventura Kloppenburg e frei Frederico Vieira, “Compêndio Vaticano II”, Vozes, 1969;

27 – Jonh Paulus II, pope, 1994, Apostolici Constitution “Fidei Depositum”, about the “Catechism of the Catholic Church”, an Image Book. Doubleday, New York, 1994;

28 – Dom Daniel Baeta Neves, Bispo de Juiz de Fora, MG, autorizou a publicação de “Catecismo da Doutrina Cristã”;

1.3. De 29 a 61, Cadernos Vozes e Autores Católicos

29 – Azzi, Riolando, “Ascensão e Decadência da Igreja”, com imprimatur e nihil obstat, Editora América, s/a, SP, 1962;

30 – Caderno “Vozes em Defesa da Fé e da Moral”, nº 01, “Por que a Igreja Condenou o Espiritismo”, Boaventura Kloppenburg, Vozes, 3ª ed.;

31 – Caderno Vozes nº 04, “A Psicografia e Chico Xavier”, Boaventura Kloppenburg, OFM, Vozes, 1960;

32 – Caderno Vozes nº 06, “O Livro Negro da Evocação”, Boaventura Kloppenburg, 4ª ed., 1960;

33 – Caderno Vozes nº 08, “Resposta aos Espíritas”, Boaventura Kloppenburg, 4ª ed., 1960;

34 – Caderno Vozes nº 13, “A Reforma Luterana”, pelo Secretariado Nacional em Defesa da Fé e da Moral (SND FM), Vozes, 1959;

35 – Caderno Vozes nº 24, “Os Mórmons ou Santos dos Últimos Dias”, padre Dr. L. Rumble, MSC, Vozes, 1ª ed, 1959;

36 – Caderno Vozes nº 32, “Cristo é Realmente Deus”?, padre Dr. L. Rumble, Vozes, 1959;

37 – Caderno Vozes nº 33, “A Inquisição”, padre José Bernardo. Vozes, 1959;

38 – Caderno Vozes nº 49, “Será que a Bíblia Contradiz a Si Mesma?”, pelos

Cavaleiros de Colombo, Vozes, s/data;

39 – Cadernos Vozes nº 50, “Os Primeiros Anos da Igreja Católica”. Cavaleiros de Colombo, Vozes, s/data;

40 – Cadernos Vozes nº 52, “Isto é a Igreja Católica”, Cavaleiros de Colombo, Vozes, s/data;

41 – Cesare Cantu – historiador católico italiano –, “História Universal”, livro didático, vol. I, Editora das Américas, SP, 1967;

42 – Padovani e Castagnola – Luis Castagnola e Humberto Padovani, padres e teólogos italianos –, “História da Filosofia”, Edições Melhoramentos, SP, 4ª ed., 1961;

43 – Diversos autores italianos, do original “Dio è Morto?”, traduziu A. de Araújo “Deus Está Morto?”, Vozes, 1970;

44 – Diversos autores italianos, “Heresias de Nosso Tempo”, traduziu o padre Antonio Marques, Livraria Tavares Editora, Porto, Portugal, ed. de 1956;

45 – Raphael Galanti, padre, “História Universal”, livro didático, Edições Duprat, SP, 4ª, 1907;

46 – Luc H. Grollenberb, “A Nova Imagem da Bíblia”, com imprimatur e nihil obstat, Editora Hélder, SP, 1970;

47 – Henrique Helo, “A Verdade Sobre a Inquisição”, Vozes, 2ª ed., 1951;

48 – Carlos Maria de Herédia, padre, “As Fraudes Espíritas”, traduzido do original mexicano de 1930, Vozes, 1956;

49 – Boaventura Kloppenburg, “Ação Pastoral Perante o Espiritismo”, contendo as decisões da CNBB de 1953, Vozes, 1955;

50 – Boaventura Kloppenburg, “O Espiritismo no Brasil, Vozes, 1950;

51 – Boaventura Kloppenburg, “O Reencarnacionismo no Brasil”, Vozes, s/data;

52 – P. C. Landucci, “Cem Problemas da Fé”, tradução de José H. Queiroz, OP, Edições Paulinas, SP, 1961;

53 – Alfredo Läßle, “As Origens da Bíblia”, tradução de Belchior Cornélio da Silva, Vozes, 1ª ed., s/data;

54 – Cardeal Aléxis Marie Lépicier, “O Mundo Invisível – Uma Exposição da Teologia Católica perante o Moderno Espiritismo”, de 1921, Livraria Tavares Martins, Porto, Portugal, 1957;

55 – Álvaro Negromonte, padre, “A Doutrina Viva”, livro didático para o curso secundário, Editora José Olympio, RJ, 8ª ed., 1951;

56 – Maria de Lourdes Ganzarolli Oliveira, “Você Conhece Deus?”. com imprimatur e nihil obstat, Livraria Agir, RJ, 1972;

57 – Adauto Palmas, frei, “O Católico Perante a Bíblia”, coleção Apologética, Vozes, 2ª ed., 1950;

58 – Francisco Maria de Palmés, “Metapsíquica e Espiritismo”, de 1931, do original espanhol, traduziu e publicou Vozes, 2ª, 1961;

59 – W. H. de Pol, “O Fim do Cristianismo Convencional”, do holandês traduziu Car Laga, com imprimatur e nihil obstat, Editora Hélder, SP, 1969;

60 – Oscar Quevedo, padre, “A Face Oculta da Mente”, traduzido do original uruguaio de 1960;

61 – Max Taurian, “A Fé em Crise”, do original francês, traduziram as monjas do Mosteiro de Cristo Rei, Editora Hélder, SP, 1969;

1.4. De 62 a 76, Obras e Autores Protestantes

62 – R. Martin Achard, “Como Ler o Antigo Testamento”, do suíço, traduziu Wilson R. Guerreiro, Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), SP, 1970;

63 – Afonso Dio Alfonsas Balbachas, “Um Mundo Novo”, Editora Missionária “a Verdade Presente, SP, 1ª ed.;

64 – B. F. Bittencourt, “O Novo Testamento, Cânon, Língua e Texto”, Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos, SP, 1970;

65 – A. R. Brabtree, “Arqueologia Bíblica”, Casa Publicadora Batista, RJ, 1958;

66 – J. Cabral, “Religiões, Seitas e Heresias à Luz da Bíblia”, Universal Produções Ind. e Com., RJ, 6ª ed., 1986;

67 – Clayde R. Francisco, “Introdução ao Velho Testamento”, do original inglês traduziu Antonio Neves Mesquita, Junta de Educação Religiosa e Publicação, RJ, 1ª ed., 1969;

68 – H. I. Hester, “O Livro dos Livros”, Casa Publicadora Batista, RJ, 1963;

69 – Martinho de Lutero, “Catecismo Maior”, Livraria Fittipaldi Editora, SP, 1965;

70 – Smith E. E. Nair, “Pequeno Dicionário Bíblico”, Casa Editora Evangélica, RJ, 4ª ed.;

71 – Myer Pearman, “Através da Bíblia, Livro por Livro”, tradução de N. Lawrence Olson, Editora Vida, Miami, em português, 4ª ed., 1977;

72 – Joseph Smith, “O Livro dos Mórmons”, edição em português, pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Centro Editorial Brasileiro, SP, 1975;

73 – Watchtower Bible and Tract Society of New York inc., edição em português, s/autor e s/data, “A Verdade que Conduz à Vida Eterna”;

74 – Watchtower Bible and Tract Society of New York inc., edição em português, “É a Bíblia a Palavra de Deus”, s/ data e s/ autor;

75 – Watchtower Bible and Tract Society of New York inc., edição em português, “Veio o Homem a Existir por Evolução ou Criação?”, s/ data e s/ autor;

76 – Helen G. White, “O Conflito do Século”, Casa Publicadora Brasileira, Santo André, SP, 13ª ed., 1973;

2.0. Fontes Textuais da Crença Racionalista (antítese)

2.1. De 77 a 191 – História, Ciência, Filosofia e Religião

77 – Hernani Guimarães Andrade, engenheiro, “A Teoria Cospuscular do Espírito”, Ind. Gráfica Bentivegna, SP, 2ª ed.;

78 – Emmanuel de Araújo, Dr., professor da Universidade de Brasília. “O Êxodo Hebreu”;

79 – Edgar Armond, “Os Exilados da Capela”, Editora Aliança, SP, 12ª ed., 1978;

80 – F. Bateman e G. Soal, “Telepatia”, IBRASA, SP, 1968;

81 – Peter Bander, Dr., psicólogo da Universidade de Freiburg, Alemanha, “Os Espíritos se Comunicam por Gravadores”, tradução de Hary Meredig, EDICEL, SP, 3ª ed., 1981;

82 – Jacques Bergier, “Os Livros Malditos”, Hemus Livraria e Editora, SP, 1980;

83 – Ernesto Bozzano, “Xenoglossia”, FEB, RJ, 3ª ed., 1980;

- 84 – Burckhardt, “Reflexões sobre a História”;
- 85 – W. E. Butler, “Introdução à Telepatia”, tradução de Edith Negrais. Hemus Editora Ltda., SP, 1983;
- 86 – André Cailleu, “A Geologia”, tradução de Dr. Evaristo Ribeiro Filho. Difusão Européia do Livro, SP, 1961;
- 87 – Dale Carnegie, do original norte-americano “How to Win Friends and Influence Peoples”, traduziu Fernando Tude de Sousa, “Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas”, CEN, SP, 21ª ed., 1959;
- 88 – G. S. Carter, do Corpus Christi College of Cambridge, “Cem Anos de Evolução, ou Neodarwinismo”, IBRASA, SP, 1959;
- 89 – Gilbert Keith Chesterton, “Ortodoxia”, do inglês traduziu a Livraria Tavares Martins, Porto, Portugal, 3ª ed., 1956;
- 90 – Ismael de Lima Coutinho, “Gramática Histórica”, Livraria Acadêmica, RJ, 5ª, 1962;
- 91 – William Crookes, Sir., “Fatos Espíritos”, tradução de D’Argonnel, FEB, RJ, 6ª ed., 1971;
- 92 – Antônio Geraldo da Cunha, “Dicionário Etimológico”, Editora Nova Fronteira, RJ, 6ª ed., 1994;
- 93 – Erick Van Däniken, “Provas de Däniken”, Editora Melhoramentos, 1977;
- 94 – Gabriel Delane, “A Alma é Imortal”, tradução de Guillon Ribeiro, FEB, RJ, 4ª ed., 1878;
- 95 – Gabriel Delane, “O Fenômeno Espírita”, tradução de Francisco Raimundo Ewerton Quadro, FEB, 3ª ed., 1977;
- 96 – Léon Denis, “Além da Sobrevivência do Ser”, traduziu Guillon Ribeiro, FEB, RJ, 4ª ed., 1981;
- 97 – Léon Denis, “Depois da Morte”, traduziu Torrieri Guimarães. EDICEL, SP, 2ª ed., 1978;
- 98 – Léon Denis, “O Porquê da Vida”, FEB, 15ª ed.;
- 99 – Arthur Conan Doyle, Sir., “A Nova Revelação”, de 1918. traduziu Guillon Ribeiro, FEB, RJ, 3ª ed., 1980;
- 100 – Hernani Donato, “A Palavra Escrita e Sua História”, Editora Melhoramentos, SP, 2ª ed., 1951;
- 101 – Will Durant, “História da Civilização”, em 12 partes – I Parte “Nossa Herança Oriental”, em 3 tomos, CEN, SP, 1957, tomo I;
- 102 – idem, tomo II;
- 103 – idem, tomo III;
- 104 – Will Durant, “História da Civilização”, 2ª parte, “Nossa Herança Ocidental”, em 2 vol., CEN, SP, 3ª ed., 1957, tomo I;
- 105 – idem, tomo II;
- 106 – Will Durant, “História da Civilização”, 3ª parte, “De César a Cristo”, em 2 tomos, CEN, SP, 1957, tomo I;
- 107 – idem, tomo II;
- 108 – Will Durant, “História da Civilização”, 4ª parte, “A Idade da Fé”, em 4 tomos, CEN, SP, 1957, tomo I;
- 109 – idem, tomo II;
- 110 – idem, tomo III;
- 111 – idem, tomo IV;

- 112 – Will Durant, “História da Civilização”, 5ª parte, “A Renascença”, em 3 tomos, CEN, SP, 1957, tomo I;
- 113 – idem, tomo II;
- 114 – idem, tomo III;
- 115 – Will Durant, “História da Civilização”, 6ª parte, “A Reforma”, em 3 tomos, CEN, SP, 1969, tomo I;
- 116 – idem, tomo II;
- 117 – idem, tomo III;
- 118 – Will Durant e Ariel Durant, “História da Civilização”, 7ª parte, “Começa a Idade da Razão”, em 3 tomos, Record, SP, tomo I;
- 119 – idem, tomo II;
- 120 – idem, tomo III;
- 121 – Will Durant, “Filosofia da Vida”, do original norte-americano “There are many Mansions in my Father’s House”, traduziu Monteiro Lobato, CEN, SP, 13ª ed., 1965;
- 122 – Will Durant, “História da Filosofia”, “Story of Philosophy”, traduziram Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, CEN, 10ª ed., 1959;
- 123 – Ferni Editiones, texto revisto por Gerard Oudenot, “Os Segredos da Astronomia”, em 3 volumes, tomo I;
- 124 – idem, tomo II;
- 125 – idem, tomo III;
- 126 – Inácio Ferreira, Dr., “A Psiquiatria Face à Reencarnação”, Federação Espírita do Estão de São Paulo (FEESP), 1ª ed., 1987;
- 127 – Camille Flammarion, “Deus na Natureza”, FEB, 6ª ed.;
- 128 – Japi Freire, “Seleções da História”, Livraria e Editora Waldré, Ltda, Goiânia, 1979, vol. I;
- 129 – Claude B. Gaer, “Homens, Planetas e Estrelas”, traduziu Mário Salgado Filho, Editora Fundo de Cultura, RJ, 1ª, 1963;
- 130 – Joseph Gaer, “A Sabedoria das Grandes Religiões”, Editora Cultrix, Ltda., SP, 1965;
- 131 – Paulo Miranda Gomes, Nelson de Moura e Alaídes Inah, “História Geral da Civilização”, Livraria Lê Editora, Belo Horizonte, MG, 10ª ed., 1977;
- 132 – Pierre Grimal, “A Mitologia Grega”, Difusão Européia de Livro, SP, 2ª ed., 1958;
- 133 – John Hick, “Filosofia da Religião”, da Universidade de Princetow, traduziu Terezinha Alves Canabrava, Zahar Editores, SP, 1970;
- 134 – Jaclson, Enciclopédia Prática, em 13 volumes, vol. I;
- 135 – idem, vol. II;
- 136 – idem, vol. III;
- 137 – idem, vol. VI;
- 138 – idem, vol. XII;
- 139 – idem, vol. XIII;
- 140 – Neils Jacobson, Dr., “Vida Sem Morte”, do original suíço, traduziu Archibaldo Figueira, Editora Nórdica Ltda., RJ, 1971;
- 141 – Justinus Kerner, Dr., “A Vidente de Prévorst”, traduziu Carlos Imbassahy, Editora O Clarim, Matão, SP, 2ª ed., 1979;
- 142 – Fritz Khan, “O Átomo”, Edições Melhoramentos, SP;

- 143 – Werner Keller, “E a Bíblia Tinha Razão”;
- 144 – Daniel Lagache, “A Psicanálise”, Difusão Européia do Livro, SP, 1961;
- 145 – Jonas Landal, “Qual o Motivo da Criação?”, Livraria Freitas Bastos, RJ, 1963;
- 146 – Larousse, Enciclopédia Delta, em 12 vol., Editora Delta, s/a, RJ, vol. II;
- 147 – idem, vol. VI;
- 148 – idem vol. vol. XII;
- 149 – Louis Liard, “Lógica”, CEN, SP, 5ª ed., 1963;
- 150 – D. Lima, “ABC da Filosofia”, Edições de Ouro, RJ, 1969;
- 151 – M. de Oliveira Lima, “História da Civilização”;
- 152 – Ivar Lissner, “Assim Viviam Nossos Antepassados”, 2 vol., numeração ininterrupta, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, MG, 2ª ed., 1961;
- 153 – Oliver Lodge. Sir., “Por que Creio na Imortalidade”, Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP);
- 154 – Francisco Valdomiro Lorenz, “Cabala – Tradição Esotérica do Ocidente”, Editora Pensamento, SP, 1967;
- 155 – John Macy, “História da Literatura Mundial”. traduziu Monteiro Lobato, CEN, SP, 1958;
- 156 – S. F. Mason, “História das Ciências”, Editora Globo, RS, 1962;
- 157 – Aldorema Freitas Medina, “Dicionário de História da Civilização”;
- 158 – Mário Cavalcanti de Melo, “Da Bíblia aos Nossos Dias”. s/nome da Editora, Curitiba, PR, 1972;
- 159 – Hercílio C. Miranda, “A Reencarnação na Bíblia”, Editora Pensamento, SP, 1ª ed.;
- 160 – Raymond Moody Jr., do original norte-americano “Life After Life” (“Vida Depois da Vida”), Editora Nórdica, RJ, 1979;
- 161 – Clóvis Nunes, Transcomunicação – Comunicações Tecnológicas com o Mundo dos Mortos, EDICEL, Sobradinho, DF, 2ª ed., 1990;
- 162 – Don José Amigó y Pellicer, “Roma e o Evangelho”. FEB, RJ, 7ª ed., 1962;
- 163 – Paul Petit, “História Antiga”, Difusão Européia do Livro, traduziu Pedro Moacir Campos, SP, 2ª ed., 1971;
- 164 – Joaquim Pimenta, “Enciclopédia de Cultura”, em 2 vol., numeração ininterrupta, Freitas Bastos, RJ, 1963;
- 165 – J. Herculano Pires, “Agonia das Religiões”, Edições Pandéia, SP, 1ª, 1976;
- 166 – Charles Francis Potter, “História das Religiões”, traduziu J. Sampaio Ferraz, Editora Universitária, SP, 1ª ed.;
- 167 – Ernesto Renan, “A Vida de Jesus”, tradução Eduardo Augusto Salgado;
- 168 – Joseph B. Rhine, Dr. Beto Daer, “A Parapsicologia Atual”, tradução Nair Lacerda, Editora Cultrix, SP, 1968;
- 169 – Joseph B. Rhine, Dr., “Fenômeno Psi e Psiquiatria”, tradução Jacy Monteiro, Hemus Livraria e Editora Ltda., SP, 1966;
- 170 – A. Robert e A. Feulitet, “Introduction à La Bible”, Desclés & Cia, Editeurs, Tournai, Belgique, 1957;
- 171 – Drª Elisabeth Kübler Ross, “Sobre a Morte e o Morrer”, traduziu Paulo Mendes, Martins Pontes Editora, Ltda., SP, 1981;
- 172 – Bertrand Russel, “Porque não Sou Cristão”, traduziu Brenno da Silveira, Livraria Exposição do Livro, SP, 2ª ed.;

173 – Carl Sagan, Astrônomo da Universidade de Cornell, EUA, um dos artífices da Mriner IX, tradução de Jorge Branco, “Cosmo”, Gradiva Publicações Ltda., Lisboa, 1ª ed.;

174 – Mário Ferreira dos Santos, “Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais”, em 4 vol., numeração seguida, Ed. Maltese, 1ª ed., 1964;

175 – Epes Sargent, “Bases Científicas do Espiritismo”, tradução R. Ewerton, FEB, RJ, 3ª ed., 1962;

176 – Scientific American – “O Imenso Universo”, diversos autores, traduziu Jorge Rego Freitas, IBRASA, sp, 1959;

177 – Século XX, Enciclopédia, em 8 vol., Livraria José Olympio, 1973, vol. I;

178 – idem, vol. II;

179 – idem, vol. III;

180 – idem, vol. IV;

181 – idem, vol. V;

182 – idem, vol. VI;

182^a – idem, vol. VII;

182^b – idem, vol. VIII;

183 – Georg Siegmundo, “A Crença do Homem Primitivo”, com imprimatur, Editora Vozes, RJ, 1962;

184 – Gastão Pereira da Silva, “A Psicanálise em 12 Lições”, Edições de Ouro, Tecnoprint, RJ, 2ª ed., 1939;

185 – Malba Tahan (pseudônimo do ex-deputado federal Melo e Sousa), “O Homem que Calculava”, Distribuidora Record, RJ, 35ª ed., 1990;

186 – Mário B. Tamassia e Henrique Rodrigues, “Em Busca da Matéria Psi”, cada Editora O Clarim, Matão, SP, 1ª ed.;

187 – Miguel Timpone, “A Psicografia Ante os Tribunais”. FEB, 4ª ed., 1944;

188 – François Marie Arouet de Voltaire, “Romances e Contos”, traduziu Lívio Teixeira, 2 vol., numeração seguida, Difusão Européia do Livro, SP, 1959;

189 – Karl Weissman, “O Hipnotismo”, Livraria Martins Editora, SP, 2ª ed.;

190 – Brian Weiss, Dr., “Muitas Vidas, Muitos Mestres”, Editora Salamandra, 24ª ed.;

191 – Zeus Wantuil, “As Mesas Girantes e o Espiritismo”, FEB, 2ª ed.;

2.3. De 192 a 222, Obras e Autores Espíritas

192 – Celso Afonso de Almeida, “Impulsos do Coração”, psicografado do espírito Adelino de Carvalho, Editora e Livraria do Centro Espírita Aurélio Agostinho, Uberaba, MG, 2ª ed., 1996;

193 – Walter Barcelos, “Sexo e Evolução”, FEB, 4ª ed., 1995;

194 – Carlos A. Baccelli, “Mediunidade e Doutrina”, psicografado do espírito Odilon Fernandes, IDE, Araras, SP, 1ª ed., 1990;

195 – Divaldo Pereira Franco, “Enfoques Espíritas”, psicografado do espírito Vianna de Carvalho;

196 – Carlos Imbassahy, “A Missão de Allan Kardec”, Federação Espírita do Paraná, Curitiba, 2ª ed., 1988;

197 – Carlos Imbassahy, “Religião”, FEB, 1ª ed.;

198 – Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”, do original francês traduziu Guillon

- Ribeiro, FEB, 63ª ed., 1985;
- 198^a – em Esperanto, “La Libro de la Spiritoj”, esperantigis L. C. Porto Carreiro Neto, Brazila Spiritisma Federacio RJ, II, 1989;
- 199 – Allan Kardec, “O Livro dos Médiuns”, do original francês traduziu Guillon Ribeiro, FEB, 41ª ed., 1979;
- 199^a – “La Libro de la Mediuoj”, esperantigis, L. C. Porto Carreiro Neto e Ismael Gomes Braga, FEB - 1964;
- 200 – Allan Kardec, “O que é o Espiritismo”, do original francês traduziu a FEB, RJ, 19ª ed., 1977;
- 200^a – “Kio Estas Spiritismo”, FEB, Brazila Spiritis ma Federacio”, esperantigis P. Carreiro Neto e Ismael Gomes Braga, 1966;
- 201 – Allan Kardec, “Resumo das Leis que Regem os Fenômenos”, traduziu Salvador Gentile, IDE, Araras, SP, 1ª ed., 1987;
- 202 – Allan Kardec, “A Gênese”, do original francês traduziu Guillon Ribeiro, FEB, 16ª, 1973;
- 203 – Allan Kardec, “O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo”, do original francês traduziu Manuel Justino Quintão, FEB, RJ, 27ª ed. 1978;
- 203^a – em Esperanto, “La Cielo kaj la Infero”, esperantigis A. K. Afonso Costa e Benedito Silva, BSP, i eldono, 1981;
- 204 – Allan Kardec, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, do original francês traduziu Salvador Gentile, Instituto de Difusão Espírita (IDE), Araras, SP, 215ª ed., 1997;
- 204^a – em Esperanto, “La Evangelio Lãu Spiritismo”, esperantigis Ismael Gomes Braga, BSF, RJ, III eldono, 1980;
- 205 – Allan Kardec, “Obras Póstumas”, do original francês traduziu Guillon Ribeiro, FEB, RJ, 16ª ed., 1977;
- 206 – Hercílio Maes, “Missão do Espiritismo”, pelo espírito Ramatis, Livraria Freitas Bastos, SP, 1967;
- 207 – Antonio Corrêa de Paiva, “Fundamentos do Espiritismo”, Editora Ateneu Cultura, RJ, 1994;
- 208 – Carlos Peppe, Prof., “Espiritismo Segundo Século”, 1ª ed., 1995;
- 209 – Yvonne Pereira, pelo espírito C. C. B., “Memórias de Um Suicida”, FEB;
- 209^a – “Memorajoj de Sinmortiginto”, esperantigis Affonso Borges Galego Soares, Spirita Eldona Societo F. V. Lorenz - I - 1998;
- 210 – A. Ranieri, “Materializações Luminosas”, Depoimento de um Delegado de Polícia, Federação Espírita de São Paulo (FEESP), 1ª ed.;
- 211 – Jarbas Leone Varanda, Dr., “Bases do Espiritismo”, vol. I, “Da Atualidade de Kardec”, União Espírita Mineira, Belo Horizonte, MG, 1996;
- 212 – Marilusa Moreira Vasconcelos, “Confidências de um Inconfidente”, psicografado do espírito Dr. Thomas Antônio Gonzaga, Editora Radhu Ltda., SP, 14ª ed., 1987;
- 213 – Francisco Cândido Xavier, psicografado do espírito André Luis, “Ação e Reação”, FEB;
- 213^a – em Esperanto, esperantigis Ago kaj Reago, FEB, I eldono, 1962;
- 214 – Francisco Cândido Xavier, pelo espírito André Luis, “Agenda Cristã”, FEB, 25ª ed.;

214^a – em Esperanto, “Kristana Agendo”, esperantigis ^a K. Afonso Costa, FEB, I eldono, 1962;

215 – Francisco Cândido Xavier, do espírito Humberto de Campos, “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, FEB, 19^a ed.;

216 – Francisco Cândido Xavier, do espírito Irmão X (pseudônimo de Humberto de Campos), “Cartas e Crônicas”, FEB, 6^a ed.;

217 – Francisco Cândido Xavier, do espírito Francisco Valdomiro Lorenz, em português, “Esperanto Como Revelação” e

217^a – em Esperanto, “Esperanto Kiel Revelacio”, esperantigis Benedicto Silva, IDE, Araras, SP, 1^a ed.;

218 – Francisco Cândido Xavier, do espírito Emmanuel, “Libertação”, FEB, 13^a ed.;

219 – Francisco Cândido Xavier, do espírito Emmanuel, “A Caminho da Luz”, FEB, 7^a ed.;

219^a – em Esperanto “Sur la Vojo al la Lumo”. esperantigis A. K. Afonso Costa, FEB, I eldono em Esperanto, 1974;

220 - Francisco Cândido Xavier, do espírito Emmanuel, “Religião dos Espíritos”, FEB, 6^a ed.;

221 – Francisco Cândido Xavier, do espírito Emmanuel, “Vida e Sexo”. FEB;

222 – Francisco Cândido Xavier, do espírito Emmanuel, “O Consolador”, FEB;